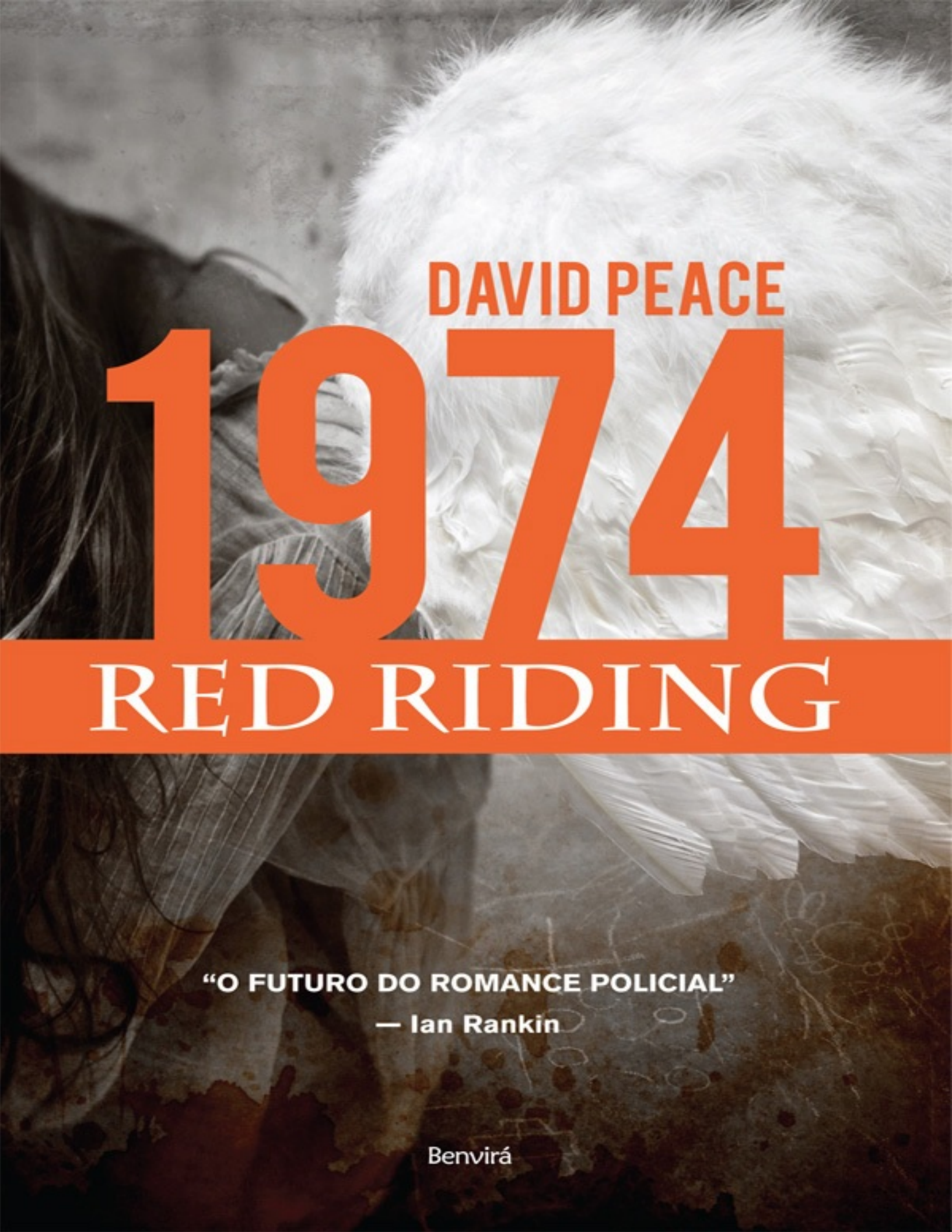

DAVID PEACE
1974
RED RIDING
"O FUTURO DO ROMANCE POLICIAL"
— Ian Rankin
Benvirá

DAVID PEACE

1974
RED RIDING

Tradução
Rodrigo Peixoto

Benvirá

Para Izumi.

Em memória de Michael e Eiki.

Agradeço a minha família e amigos, os de perto e os de longe.

A única coisa nova neste mundo é
a história que não se conhece.

Harry S. Truman

Implorando

Bolas de Natal e Lucky on the Run, Leeds United e o Bay City Rollers, O exorcista e It Ain’t Half Hot Mum.

Yorkshire, Natal de 1972.

Eu cheguei perto.

Escrevi mentiras como verdades e verdades como mentiras, acreditando em tudo.

Fodi mulheres que não amava, e a que amei fodi para sempre.

Matei um homem mau, mas deixei outros vivos.

Matei uma criança.

Yorkshire, Natal de 1974.

Eu cheguei perto.

PARTE 1

YORKSHIRE ME QUER

1

— Tudo o que sempre encontramos é o idiota do Lord Lucan e malditos corvos sem asas — disse Gilman, sorrindo, como se aquele fosse o melhor dia de nossa vida.

Sexta-feira, 13 de dezembro de 1974.

Eu esperava por minha estreia na primeira página do jornal, os meus créditos, finalmente: Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra. Com malditos dois dias de atraso.

Olhei para o relógio do meu pai.

Nove da manhã, e ainda sem passar pela cama. Vindo direto do Press Club, fedendo a cerveja e metido naquele inferno: sala de conferências, delegacia de polícia de Millgarth, Leeds.

Todo o maldito clã sentado, esperando pela atração principal, com as canetas em punho e os gravadores em pausa. Quentes luzes de televisão e fumaça de cigarro naquela sala sem janelas, com ares de ringue de boxe digno de uma *Late Night Fight Night*. O pessoal da televisão sofria nos sets, as rádios paralisadas, numa espera surda:

— Eles pegaram a doce FA.

— Dizem que ela deve estar morta, se envolveram George no assunto.

Khalid Aziz nos fundos, nem sinal de Jack.

Senti uma cotovelada. Era Gilman outra vez, o Gilman do *Manchester Evening News*.

— Sinto muito pelo seu velho, Eddie.

— Tudo bem — respondi, pensando em como as notícias correm.

— Quando vai ser o funeral?

Olhei mais uma vez para o relógio do meu pai.

— Daqui a duas horas.

— Meu Deus. Hadden continuará revirando o seu pedaço de carne ensanguentada até lá.

— É... — eu disse, sabendo que, com ou sem funeral, não deixaria o idiota do Jack

Whitehead tomar conta do assunto.

— Sinto muito.

— Tudo bem — eu disse.

Segundos se passaram.

Uma porta lateral se abriu, tudo ficou quieto, tudo ficou mais lento. Na frente, um detetive e o pai, atrás o detetive-chefe superintendente George Oldman, e por último uma policial com a mãe.

Liguei meu gravador de bolso assim que eles se sentaram atrás das mesas de plástico daquela sala, mexendo em papéis, pegando copos de água, olhando para todos os lados, menos para cima.

Do lado azul do ringue:

O detetive-chefe superintendente George Oldman, uma figura de outros tempos, um grande homem entre os grandes, com seus cabelos pretos penteados para trás a fim de parecerem menos fartos, um rosto pálido sob os holofotes, revelando veias cheias de sangue, como se fossem pegadas roxas de pequenas aranhas correndo por suas bochechas pálidas, sem cor, e seguindo em direção ao seu nariz meio torto.

E eu pensando: “O seu rosto, a sua gente, a sua época”.

E do lado vermelho do ringue:

A mãe e o pai, suas roupas amarrotadas e os cabelos engordurados. Ele espanando a caspa presa no colarinho, ela mexendo na nova aliança de casamento, os dois contraindo o corpo diante do estrondo e da lamúria de um microfone sendo ligado e parecendo, aos olhos de todos, mais os pecadores que as vítimas de um pecado.

Eu pensando: “Vocês fizeram isso com a própria filha?”.

A policial pousou uma das mãos sobre o braço da mãe, que virou o corpo, olhando para ela até o momento em que a policial desviou o olhar.

Primeiro round:

Oldman deu uma batidinha no microfone e tossiu:

— Obrigado por terem vindo, senhores. Foi uma longa noite para todos, especialmente para o senhor e a senhora Kemplay, e será um longo dia também. Então, serei breve.

E tomou um gole de água.

— Por volta das quatro da tarde de ontem, dia 12 de dezembro, Clare Kemplay desapareceu enquanto voltava para casa, vindo da Morley Grange Junior and Infants,

em Morley. Clare saiu da escola com duas colegas de classe quando faltavam quinze para as quatro. Na esquina da Rooms Lane com a Victoria Road, Clare se despediu das amigas e desceu a Victoria Road em direção a sua casa, aproximadamente às quatro da tarde. Foi a última vez que foi vista.

O pai olhava para Oldman.

— Quando notaram que Clare não chegava em casa, a polícia de Morgan iniciou uma busca, na tarde de ontem, com a ajuda dos amigos e vizinhos do senhor e da senhora Kemplay. Mas nem assim foi encontrada pista alguma sobre o paradeiro de Clare. Ela nunca desaparecera antes, e obviamente ficamos muito preocupados com a sua segurança.

Oldman pegou o copo de água mais uma vez, mas não o levou à boca.

— Clare tem dez anos. É loira, de olhos azuis e cabelos longos e lisos. Ontem, vestia uma capa de chuva laranja, um suéter azul-escuro de gola alta, calça jeans desbotada, com uma águia bordada no bolso traseiro esquerdo, e galochas vermelhas. Quando saiu da escola, carregava uma bolsa de plástico do Co-op com um par de tênis de ginástica pretos dentro.

Oldman ergueu a foto ampliada de uma menina sorridente, dizendo:

— Cópias desta foto recente serão distribuídas ao final.

E tomou mais um gole de água.

Cadeiras se arrastaram, papéis foram movidos, a mãe suspirou fundo e o pai olhou para ela.

— A senhora Kemplay gostaria de ler um curto comunicado, na esperança de que algum membro do público tenha visto Clare após as quatro da tarde de ontem ou tenha alguma informação sobre seu paradeiro. Pedimos que, se for o caso, essa pessoa venha até nós, para nos ajudar na investigação. Obrigado.

Gentilmente, o detetive-chefe superintendente Oldman virou o microfone na direção da senhora Kemplay.

Flashes espocaram na sala de conferências, apontados para a mãe e fazendo com que ela piscasse na nossa direção.

Dei uma olhada nas minhas anotações e no mecanismo que fazia girar a fita no gravador.

— Gostaria de fazer um apelo a qualquer pessoa que saiba onde Clare está ou tenha visto minha filha após as quatro da tarde de ontem. Por favor, entre em contato com a

polícia. Clare é uma menina muito alegre, e eu sei que nunca fugiria de casa sem me dizer nada. Por favor, caso a tenham visto ou saibam onde está, por favor, telefonem para a polícia.

Uma tosse reprimida, depois o silêncio.

Ergui os olhos.

A senhora Kemplay tinha as mãos sobre a boca e os olhos fechados.

O senhor Kemplay se levantou, mas voltou a sentar-se ao ouvir Oldman dizer:

— Senhores, já passei toda a informação que temos até o momento, e sinto muito, mas não temos tempo para responder perguntas agora. Uma nova coletiva foi marcada para as cinco, a menos que nada extraordinário seja descoberto até lá. Obrigado, senhores.

Cadeiras sendo arrastadas, papéis sendo movidos, murmúrios se transformando em resmungos, palavras sendo sussurradas.

Nada de extraordinário, porra!

— Obrigado, senhores. Isso é tudo até o momento.

O detetive-chefe superintendente Oldman se levantou e girou o corpo para sair da sala, mas ninguém na mesa se moveu. Ele olhou para trás, para as luzes da televisão, fazendo um gesto com a cabeça para os jornalistas que não conseguia enxergar.

— Obrigado, rapazes.

Eu olhei mais uma vez para minhas anotações, o gravador continuava ligado, e fiquei imaginando o tal *nada de extraordinário* com o rosto virado para uma poça de lama, vestindo uma capa de chuva cor laranja.

Voltei a erguer os olhos, o outro detetive ajudava o senhor Kemplay a caminhar, segurando-o pelo cotovelo, enquanto Oldman mantinha a porta lateral aberta para a senhora Kemplay, murmurando algo para ela, fazendo-a piscar.

— Tome — disse um detetive grandalhão, distribuindo cópias da foto tirada na escola.

Eu senti um cutucão. Era Gilman mais uma vez.

— Nada promissor, certo?

— Não — eu respondi, com o rosto de Clare Kemplay sorrindo para mim.

— Pobrezinha. Imagino o que poderia estar passando.

— É... — concordei, olhando para o relógio do meu pai, com o pulso gelado.

— Melhor você dar o fora daqui, não?

— É...

A M1, Motorway One, em direção ao sul, de Leeds para Ossett.

Eu pisava fundo no acelerador do Viva do meu pai, na chuva, e o rádio tocava *Shang-a-lang*, dos Rollers.

Onze malditos quilômetros, e eu repetindo aquilo como se fosse um mantra:

Uma mãe faz um pedido emocionado.

A mãe de Clare Kemplay, menina de dez anos desaparecida, fez um pedido emocionado.

A senhora Sandra Kemplay fez um pedido emocionado enquanto o medo crescia.

Pedidos emocionados, medos crescentes.

Parei na porta da casa de minha mãe, na Wesley Street, em Ossett, às dez para as dez, tentando imaginar por que os Rollers não tinham feito um cover de *The Little Drummer Boy*, o que poderia ter sido bem melhor.

Ao telefone:

— Certo, sinto muito. Reescreva o parágrafo inicial e fechamos. Assim: *Esta manhã, a senhora Sandra Kemplay fez um pedido emocionado pela sua filha Clare, no exato momento em que cresce o temor diante do desaparecimento da menina de dez anos, em Morley.*

— Novo parágrafo: *No início da tarde de ontem, ao sair do colégio e voltar para sua casa, em Morley, a menina Clare desapareceu. Um intenso cerco policial durante toda a noite não conseguiu encontrar nenhuma pista sobre seu paradeiro.*

— Certo. Mas era assim que estava antes...

— Obrigado, querida...

— Não...

— Nos vemos, Kath. Adeus.

E desliguei, olhando para o relógio de meu pai:

Dez e dez.

Atravessei o hall de entrada em direção à sala dos fundos da casa, imaginando que o trabalho estava feito, e bem-feito.

Susan, minha irmã, estava de pé ao lado da janela com uma xícara de chá nas mãos, olhando para o jardim atrás da casa e para a garoa. Minha tia Margaret estava sentada à mesa, com uma xícara de chá à sua frente. Tia Madge estava na cadeira de balanço,

com uma xícara de chá no colo. Ninguém se sentava na cadeira do meu pai, ao lado do armário.

— Já terminou? — perguntou Susan, sem olhar para mim.

— Sim. Onde está a mamãe?

— Lá em cima, meu querido, se arrumando — respondeu tia Margaret, que se levantou, pegando seu chá e o pires. — Aceita uma xícara?

— Não, eu estou bem. Obrigado.

— Os carros vão chegar em pouco tempo — disse tia Madge, para ninguém em particular.

E eu comentei:

— Melhor eu ir me arrumar.

— Certo, meu querido. Vá se arrumar. Vou preparar uma deliciosa xícara de chá para quando você descer — disse tia Margaret, seguindo para a cozinha.

— Você acha que mamãe já terminou de usar o banheiro?

— Por que não pergunta para ela? — disse minha irmã, olhando para o jardim e a chuva.

Subi, vencendo dois degraus por vez, como fazia antes. Uma cagada, uma barbeada e um banho e eu estaria pronto, mas ao mesmo tempo pensava que uma punheta rápida e um banho seria melhor, embora imediatamente tenha ficado imaginando se meu pai seria capaz de ler meus pensamentos naquele momento.

A porta do banheiro estava aberta, a do quarto da minha mãe, fechada. No meu quarto, encontrei uma camisa branca limpa e recém-passada sobre a cama e a gravata preta do meu pai ao lado. Liguei o rádio em formato de navio.

David Essex cantava, prometendo me transformar numa estrela. Olhei para meu rosto no espelho do armário e vi minha mãe de pé na porta vestindo uma camisola cor-de-rosa.

— Deixei uma camisa e uma gravata na cama, para você.

— Eu vi. Obrigado, mãe.

— Como foi esta manhã?

— Tudo bem, você já sabe...

— Foi a primeira notícia que deram esta manhã no rádio.

— Foi? — eu perguntei, lutando contra as perguntas.

— Não parece nada bom, certo?

— Não — eu respondi, embora quisesse mentir.

— Você viu a mãe?

— Vi.

— Coitada — disse minha mãe, fechando a porta.

Eu me sentei na cama, em cima da camisa, olhando para o pôster de Peter Lorimer pregado atrás da porta.

Eu, pensando: “a cento e quarenta quilômetros por hora”.

A procissão de três carros desceu a Dewsbury Cutting, seguindo as luzes de Natal apagadas do centro da cidade e dirigindo-se lentamente ao outro lado do vale.

O corpo de meu pai seguia no primeiro carro. Minha mãe, minha irmã e eu estávamos no de trás, e o último estava cheio de tias minhas, de sangue e postiças. Não se falava muito nos primeiros dois carros.

A chuva diminuíra no momento em que chegamos ao crematório, embora o vento continuasse me açoitando quando fiquei de pé na porta, conciliando apertos de mão e um cigarro que fora uma merda para acender.

Lá dentro, um substituto fazia os discursos fúnebres, pois o vigário familiar estava muito ocupado com sua própria batalha contra o câncer — e no mesmo local que meu pai deixara na quarta-feira de manhã bem cedo. E o vigário substituto fez um discurso fúnebre para um homem que nem ele nem nós conhecíamos, pois tomou meu pai como um carpinteiro, e não alfaiate. E eu me sentei, indignado com a licença jornalística de tudo aquilo, pensando que aquelas pessoas deveriam ter bichos carpinteiros no cérebro.

Com os olhos voltados para a frente, fiquei olhando para o caixão a poucos passos de distância, imaginando outro, branco e pequeno, com os Kemplay logo atrás, me perguntando se um vigário também pioraria a merda toda quando finalmente a encontrassem.

Olhei para os nós de meus dedos, que ficaram brancos enquanto agarravam o frio banco de madeira, olhei para o relógio de meu pai sob a manga, e senti que alguém pousava a mão em meu braço.

No silêncio do crematório, os olhos de minha mãe pediam calma, dizendo que pelo menos aquele homem estava se esforçando e que os detalhes, no final das contas, nem sempre são tão importantes. Ao seu lado estava minha irmã, com a maquiagem

borrada, quase desfeita.

E pouco depois ele desapareceu.

Eu me ajoelhei para pôr o livro de orações no chão, pensando em Kathryn, e pensando também que eu talvez devesse ter sugerido um drinque quando tivesse terminado de escrever o relato sobre a coletiva daquela tarde. Quem sabe a gente não poderia ir à casa dela de novo. De qualquer forma, não poderíamos ir para a minha, não naquela noite, de jeito nenhum. Depois pensei: “Meu pai morto não poderia estar lendo meus pensamentos, nem fodendo”.

Do lado de fora, fiquei de pé, outra vez entre os apertos de mão e o cigarro aceso, explicando a todos como deveriam fazer para voltar à casa de minha mãe.

Entrei no último carro e sentei-me em silêncio, incapaz de reconhecer rosto algum, de dizer seus nomes. Houve um momento de pânico quando o motorista tomou um caminho diferente de volta a Ossett, e isso me convenceu que tinha me unido à turma errada. Mas em pouco tempo estávamos subindo a Dwesbury Cutting, e os outros passageiros rapidamente sorriram para mim, como se todos estivessem pensando a mesma coisa.

De volta à casa, começando pelo começo:

Ligo para a redação.

Nada.

Nenhuma notícia ruim para os Kemplay sobre Clare, o que era uma boa notícia para mim.

Vinte e quatro horas se aproximando, tique-taque.

Vinte e quatro horas significando que Clare estava morta.

Desliguei, olhei para o relógio de meu pai e fiquei imaginando quanto tempo teria de estar por ali.

Uma hora.

Desci ao hall de entrada, eu era o rapaz cujo nome saía nos créditos da notícia, trazendo mais morte à casa do morto.

— Um sujeito vindo do sul, e seu carro quebra em Moors. Ele volta caminhando à fazenda logo abaixo e bate na porta. Um velho fazendeiro abre, e o homem do sul pergunta: “Você sabe onde fica a oficina mais próxima?”. O velho fazendeiro diz que não. “E o telefone mais próximo?”. O velho fazendeiro diz que não. Então o homem

do sul diz: “Você não sabe muito, certo?”. E o fazendeiro responde que talvez tivesse razão, mas que *não* era ele quem estava perdido por ali.

Aquele era o tio Eric fazendo as honras da casa, orgulhoso ao dizer que a única vez que deixara Yorkshire fora para matar alemães. O tio Eric, que vi matando uma raposa com uma espada quando eu tinha dez anos.

Sentei no braço da cadeira vazia do meu pai, pensando em apartamentos com vista para o mar em Brighton, em garotas do sul chamadas Anna ou Sophie e no sem sentido dever de filho agora meio redundante.

— Posso apostar que você está feliz por ter voltado, certo? — perguntou tia Margaret, colocando mais uma xícara de chá em minhas mãos.

Fiquei ali, sentado no meio daquela sala lotada, nos fundos da casa, com a língua presa no céu da boca, tentando remover o pão que ficara colado, feliz por ter algo que me livraria do gosto de presunto salgado, louco por um uísque e mais uma vez pensando em meu pai; homem que assinou um pacto em seu aniversário de oitenta anos simplesmente porque lhe pediram que fizesse isso.

— E agora você poderia dar uma olhada nisso.

Eu estava muito longe dali quando finalmente notei que todos olhavam para mim.

Minha tia Madge sacudia um jornal ao meu redor, como se estivesse caçando uma mosca varejeira.

Eu estava sentado no braço da cadeira e me sentia a própria mosca.

Alguns dos primos mais jovens tinham saído atrás de doces e trazido de volta o jornal, o meu jornal.

Minha mãe pegou o jornal das mãos de tia Madge, virando as páginas até chegar aos obituários.

Droga, droga, droga.

— Papai está aí? — perguntou Susan.

— Não. Deve aparecer amanhã — respondeu minha mãe, olhando para mim com seus olhos tristes, muito tristes.

— Esta manhã, a senhora Sandra Kemplay fez um pedido emocionado pelo retorno de sua filha — o jornal estava nas mãos de minha tia Edie, de Altrincham.

Que se fodam os pedidos emocionados.

— *Por Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra.*É isso — disse tia Margaret, lendo o jornal por cima dos ombros de minha tia Edie.

Todos na sala ficaram me convencendo de que meu pai estaria orgulhoso e que era uma pena que não estivesse ali, testemunhando aquele grande dia, meu grande dia.

— Li tudo o que você escreveu sobre o Ratcatcher — disse o tio Eric. — Aquele sim era estranho.

O Ratcatcher, páginas internas do jornal, migalhas caídas da mesa do idiota do Jack Whitehead.

— Sei — eu disse, sorrindo e balançando a cabeça de um lado para o outro, imaginando meu pai sentado naquela cadeira vazia ao lado do armário, lendo a última página primeiro.

Seguiram-se alguns tapinhas nas costas, e, por um breve momento, o jornal caiu nas minhas mãos, e eu pude ler:

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra.

E não li mais nada.

O jornal voltou a circular pela sala.

Vi minha irmã na outra ponta, sentada no parapeito da janela, com os olhos fechados e a mão sobre a boca.

Ela abriu os olhos e me viu. Tentei ficar de pé, aproximar-me, mas ela se levantou e saiu da sala.

Quis segui-la, quis dizer: “Sinto muito, sinto muito, sinto muito que tenha acontecido justo hoje”.

— Em pouco tempo estaremos pedindo o autógrafo dele, certo? — perguntou tia Madge, sorrindo e me oferecendo mais uma xícara de chá.

— Para mim, ele sempre será o pequeno Eddie — disse tia Edie, de Altrincham.

— Obrigado — agradeci.

— Não parece nada bom, não é? — perguntou tia Madge.

— Não — menti.

— Já são alguns casos agora, certo? — perguntou tia Edie, com uma xícara de chá numa das mãos, pois com a outra mão tocava uma das minhas.

— Vem acontecendo há anos. Aquela menina de Castleford... — disse minha tia Madge.

— Isso já faz um tempo, sim. E aquele outro, há poucos anos, lá para os nossos lados — disse tia Edie, tomando um bom gole de chá.

— É verdade, em Rochdale. Eu me lembro disso — disse tia Madge, agarrando

firme o pires.

— Nunca a encontraram — suspirou tia Edie.

— Sério? — eu perguntei.

— Nunca encontraram ninguém, na verdade.

— Nem encontrarão... — disse tia Madge, olhando para todos na sala.

— Eu me lembro de um tempo em que nada disso acontecia.

— Thems, em Manchester, foi o primeiro.

— É... — murmurou tia Edie, soltando minha mão.

— Eles são malvados, muito malvados — murmurou tia Madge.

— E pensar que ela caminhava como se nada de errado estivesse acontecendo.

— Algumas pessoas são completamente malucas.

— E têm memória curta — disse tia Edie, olhando para o jardim sob a chuva.

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, hora de ir embora.

Gatos e malditos cachorros.

Motorway One, de volta a Leeds, caminhão pesado e seguindo lentamente. Pisando fundo no Viva, seguia a cem por hora. Na chuva, era o melhor que podia fazer.

Rádio local:

“A busca pela estudante desaparecida, Clare Kemplay, continua, e o medo aumenta...”

Uma espiada no relógio confirmou o que eu já sabia:

Quatro da tarde. O tempo estava contra mim, o tempo estava contra ela, não havia tempo para buscas em relatórios sobre crianças desaparecidas, e não haveria perguntas na coletiva de imprensa das cinco da tarde.

Merda, merda, merda.

Saindo rapidamente da estrada, pesei os prós e os contras de fazer minhas perguntas sem preparação, lá, às cinco horas da tarde, com nada além das informações que recebi de duas senhoras.

Duas crianças perdidas, em Castleford e Rochdale, sem datas, apenas suposições.

Grandes tiros no escuro.

Aperto um botão, uma rádio nacional: “67 demitidos do *Kentish Times* e do *Slough Evening Mail*, jornalistas do interior resolvem entrar em greve a partir do dia 1º de janeiro”.

Edward Dunford, um jornalista do interior.

Os tiros atingem um balde.

Eu vi o rosto do detetive-chefe superintendente Oldman, vi o rosto de meu editor e vi um apartamento no bairro londrino de Chelsea, com uma linda menina do sul chamada Sophie ou Anna fechando a porta.

Você talvez esteja ficando careca, mas não é nenhum Kojak.

Estacionei atrás da delegacia de polícia de Millgarth; estavam abastecendo o mercado, e a rua estava cheia de folhas de repolho e frutas podres. Pensei: “Vou no certo ou no incerto?”.

Apertei o volante com força, fazendo um pedido aos céus:

QUE NENHUM IDIOTA FAÇA A PERGUNTA.

Eu sabia o que era aquilo: uma prece.

Desliguei o motor, fiz outro pedido agarrado ao volante:

NÃO ESTRAGUE A PORRA TODA.

Subi a escada e atravessei as portas duplas, voltando à delegacia de polícia de Millgarth.

Piso turvo e luzes amareladas, vozes misturadas e pavios curtos.

Olhei para minha credencial de jornalista na mesa; o sargento abriu um sorriso amarelo, dizendo:

— Cancelada. A coletiva de imprensa foi cancelada.

— Você está brincando? Por quê?

— Nada de novo. Amanhã de manhã, às nove.

— Ótimo — eu disse, abrindo um sorriso forçado, pensando nas perguntas não feitas.

O sargento se afastou.

Dei uma olhada em volta, abri minha carteira.

— O que significa S.P.?

Ele pegou a carteira da minha mão, tirou uma nota de cinco libras e me devolveu.

— Isso será suficiente, senhor.

— O quê?

— Nada.

— Aquilo era uma nota de cinco libras.

— Então uma nota de cinco diz que ela está morta.

— Pode ficar com a primeira página para você — eu disse, me afastando.

— Já ofereci o melhor para Jack.

— Vai se foder.

— Quem te quer, meu querido?

Cinco e meia da tarde.

De volta à redação.

Barry Gannon atrás das caixas, George Greaves olhando para a própria mesa, Gaz, do "Caderno de Esportes", falando merda.

Nenhum sinal do idiota do Jack Whitehead.

Graças a Deus.

Droga, mas onde ele estaria?

Paranoia:

Eu sou Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, e isso está escrito em todos os exemplares do *Evening Post.*

— Como foi? — perguntou Kathryn Taylor, com roupa de babados e um feio suéter cor de creme, levantando-se atrás de sua mesa, depois voltando a sentar-se.

— Parecia um sonho.

— Um sonho?

— Sim. Perfeito. — Eu não conseguia manter o sorriso forçado no rosto.

Ela franzia a testa.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Nada? — Ela parecia completamente perdida.

— Foi cancelado. Ainda estão fazendo buscas. Não encontraram nada — eu disse, esvaziando meus bolsos na mesa.

— Eu perguntei sobre o funeral.

— Ah. — E peguei meus cigarros.

Os telefones tocavam, máquinas de escrever faziam barulho.

Kathryn olhava para meu bloco de anotações na mesa dela.

— E o que eles acham?

Tirei o paletó, peguei um café para ela e acendi um cigarro, tudo praticamente num

só movimento.

— Ela está morta. Aliás, o chefe está em reunião?

— Não sei. Acho que não. Por quê?

— Quero que ele me consiga uma entrevista com George Oldman. Amanhã de manhã, antes da coletiva de imprensa.

Kathryn pegou meu caderno e ficou brincando com ele entre os dedos.

— Seria muita sorte.

— Você vai falar com Hadden. Ele gosta de você — eu disse, pegando o caderno de suas mãos.

— Está brincando?

Preciso de fatos, preciso da merda dos fatos.

— Barry! — eu gritei, tentando vencer o barulho dos telefones, das máquinas de escrever e de Kathryn. — Quando tiver um minuto, eu gostaria de ter uma conversa rápida com você, tudo bem?

Barry Gannon me respondeu, por trás de sua montanha de pastas:

— Se você me obriga...

— Ótimo — eu disse, notando imediatamente os olhos de Kathryn em cima de mim.

Ela parecia estar com raiva.

— Está morta?

— Quando há sangue, há história — eu disse, caminhando em direção à mesa de Barry, com raiva de mim mesmo.

Girei o corpo.

— Kath, por favor...?

Ela se levantou e saiu da sala.

Droga.

Cara a cara, acendi outro cigarro.

Barry Gannon, magro, solteiro e obcecado, com papéis por todos os lados, repleto de imagens.

Eu me agachei ao lado de sua mesa.

Barry Gannon mordia a caneta.

— Então?

— Crianças desaparecidas. Casos nunca resolvidos. Um em Castleford, outro em

Rochdale... talvez?

— Sim. Esse de Rochdale eu preciso checar, mas o caso de Castleford foi em 1969. O homem na Lua. Jeanette Garland.

Sirenes tocaram.

— E nunca encontraram?

— Não. — Barry tirou a caneta da boca e ficou me olhando.

— A polícia pode ter alguma coisa?

— Duvido.

— Ótimo. Vou dar uma olhada nisso, então.

— Sim, escreva sobre isso — ele disse, abrindo um sorriso amarelo.

Eu me levantei.

— Como vai Dawsongate?

— Eu que sei... — Barry Gannon, sem abrir um sorriso, voltou a seus papéis e fotos, mais uma vez mordendo a ponta da caneta.

Merda.

Eu entendi.

— Até mais, Barry.

Estava na metade do caminho para minha mesa quando Kathryn voltava à sala com um sorriso, e Barry gritou:

— Você vai ao Press Club mais tarde?

— Se conseguir me livrar de tudo isso.

— Caso eu me lembre de algo mais, nos vemos por lá.

Fiquei mais surpreso que grato.

— Obrigado, Barry. Eu agradeceria.

Kathryn Taylor, sem nenhum traço do sorriso anterior:

— O senhor Hadden tem um encontro marcado com o seu repórter policial no norte da Inglaterra às sete em ponto.

— E você, quando terá um encontro com esse repórter policial no norte da Inglaterra?

— No Press Club, eu acho. — Ela sorriu.

— Ótimo — abri um sorriso forçado.

Desci o corredor em direção aos arquivos.

Notícias de antigamente.

Mergulhei nas gavetas de metal, nas caixas.

Centenas de “Ruby Tuesdays”.

Peguei os rolos, tomei assento na frente da tela e comecei a passear pelos microfilmes.

Julho de 1969.

Deixei o filme rolar:

B Specials, Bernadette Devlin, Wallace Lawler e *In Place of Strife*.

Wilson, Wilson, Wilson; como Ted nunca fora.

The Moon e o idiota do Jack Whitehead estavam por todos os lados.

Eu em Brighton, a duzentos anos-luz de casa.

Desaparecida.

Bingo.

Comecei a escrever.

— Então, repassei todos os arquivos, conversei com alguns companheiros, liguei para Manchester e acho que temos algo — eu disse, esperando que meu editor erguesse os olhos da pilha de fotos da merda do *Spot Ball* que tinha em cima da mesa.

Bill Hadden pegou uns óculos magníficos e perguntou:

— Você conversou com Jack?

— Ele não está por aqui. — Graças a Deus.

Mudei de posição na cadeira e olhei pela janela, para dez andares acima, do outro lado de uma Leeds escurecida.

— Então o que você encontrou exatamente? — Hadden acariciava sua barba grisalha, olhando para as fotografias através de seus óculos magníficos.

— Três casos muito similares...

— Sério?

— Três meninas desaparecidas. Uma aos oito anos, duas aos dez. 1969, 1972, ontem. Todas desaparecidas a poucos metros de casa. Porém, a milhas de distância umas das outras. Ótima matéria, mais uma vez.

— Esperemos que sim.

— Estou com os dedos cruzados.

— Eu estava sendo sarcástico, desculpe.

— Ah — disse eu, mudando mais uma vez de posição na cadeira.

Hadden continuou olhando para as fotografias em preto e branco por trás dos óculos.

Olhei para o relógio de meu pai: oito e meia.

— Então, o que você acha? — Não escondia minha irritação.

Hadden segurou no ar uma das fotografias em preto e branco de jogadores de futebol, e um deles era Gordon McQueen, atravessando um campo, sem bola.

— Você já cobriu esse tipo de coisa?

— Não — menti, pois não gostava nada do jogo que estávamos a ponto de iniciar.

— O *Spot Ball* — disse Bill Hadden, o editor — é a razão que faz 39% dos homens da classe trabalhadora comprar este jornal. O que você acha disso?

Diga sim, diga não, mas evite isso.

— Interessante — menti mais uma vez, pensando exatamente o contrário, pensando que 39% dos homens da classe trabalhadora estavam se divertindo com seus repórteres de investigação.

— O que você acha, honestamente? — perguntou Hadden, olhando para outras fotografias, com a cabeça baixa.

Fui pego de surpresa, de forma absurda.

— Sobre o quê?

Hadden voltou a erguer os olhos.

— Você realmente acha que poderiam ter sido feitos pelo mesmo homem?

— Ah. Sim, eu acho.

— Tudo bem — disse Hadden, deixando os óculos magníficos na mesa. — O chefe superintendente Oldman vai vê-lo amanhã. Mas não vai gostar nada disso. A última coisa que ele quer é ver as pessoas alarmadas sobre um sequestrador de crianças sanguinário. Ele vai pedir que não escreva sobre isso, você concordará, e ele parecerá grato. E um detetive-chefe superintendente agradecido é algo que qualquer repórter policial no norte da Inglaterra gostaria de ter.

— Mas... — Fiquei com as mãos erguidas nos ares, sentindo-me estúpido.

— Você deve seguir em frente e preparar todo o material sobre as meninas de Rochdale e Castleford. Entreviste os familiares, caso eles o recebam.

— Mas por quê, se...

Bill Hadden sorriu.

— Interesse humano... há cinco anos, ou algo parecido. Mas, caso você esteja com a razão, não vamos deixar quieto.

— Sei — eu disse, como se tivesse acabado de receber o presente de Natal que sempre quis ganhar, mas com tamanho e cor errados.

— Mas não pegue pesado com Oldman amanhã — disse Hadden, voltando a colocar os óculos no rosto. — Este jornal tem uma relação excelente com a nova Força Policial Metropolitana de West Yorkshire. E gostaria que a mantivesse, especialmente neste momento.

— Claro. — Pensando: “Especialmente neste momento?”.

Bill Hadden reclinou sua enorme poltrona de couro, com os braços postos atrás da cabeça.

— Você sabe tão bem quanto eu que essa merda toda poderia explodir até amanhã. Porém, mesmo que isso não aconteça, quando o Natal chegar já terá sido esquecida.

Eu me levantei, pois entendi o que deveria fazer, mas pensava no quanto ele estava equivocado.

Meu editor voltou a ajeitar os óculos magníficos.

— Continuamos recebendo cartas sobre Ratcatcher. Bom trabalho.

— Obrigado, senhor Hadden. — E abri a porta.

— Você precisa dar uma olhada num desses jogos — disse Hadden, batendo numa das fotos. — É no final da sua rua.

— Irei, obrigado. — E fechei a porta.

Do outro lado, ouvi:

— E não se esqueça de conversar com Jack.

Um, dois, três, quatro, desci a escada em direção à porta.

O Press Club, logo após os dois leões de pedra, no Leeds City Centre.

O Press Club, lotado, movimento de Natal daquela data em diante.

O Press Club, apenas para sócios.

Edward Dunford, sócio, desceu a escada, passando pela porta. Kathryn estava no bar, com um bêbado desconhecido pregado a sua orelha, os olhos pousados em mim.

O bêbado diz:

— E um leão disse ao outro: você é quieto pra caralho, certo?

Olhei para o palco, e uma mulher usando vestido de penas cantava *We’ve Only Just*

Begun. Dois passos para lá, dois passos para cá, no menor palco do mundo.

Uma agitação tomou conta de meu estômago, revirando meu peito, com um uísque e água nas mãos, sob os enfeites de Natal e os holofotes, um bloco de notas, pensando: “É isso aí”.

Longe dos vermelhos e pretos, Barry Gannon ergueu a mão, num gesto gay. Pegando meu drinque e afastando-me de Kathryn, fui em direção à mesa de Barry.

— Primeiro, Wilson é assaltado, dois dias mais tarde o idiota do John Stonehouse desaparece — decreta Barry Gannon à corte tonta e cheia de pose.

— Não se esqueça de Lucky — disse George Greaves, macaco velho.

— E quanto ao maldito Watergate? — sorriu Gaz, do “Esportes”, cansado de Barry.

Roubei um assento. Acenei para todos ali em volta: Barry, George, Gaz e Paul Kelly. O gordo Bernard e Tom de Bradford estavam duas mesas à frente. Eram amigos de Jack.

Barry terminou sua cerveja.

— Tudo está interligado. Mostre-me duas coisas que não estejam interligadas.

— Stoke City e a merda da League Championship — sorriu Gaz mais uma vez. Ele era o senhor dos esportes, e acendeu outro cigarro.

— Jogo importante amanhã, certo? — perguntei, pois era fã de futebol nos tempos livres.

Gaz, com fúria nos olhos, respondeu:

— Vai ser confusão na certa se for como a semana passada.

Barry se levantou:

— Alguém quer alguma coisa do bar?

Acenos e grunhidos de todos os lados, Gaz e George partiam para mais uma noite conversando sobre o Leeds United. Paul Kelly olhava para o relógio, balançando a cabeça.

Eu me levantei, tomando meu uísque.

— Vou te ajudar.

De volta ao bar. Kathryn estava na outra ponta, conversando com o barman e com Steph, o tipógrafo.

Barry Gannon, surgido do nada:

— O que está planejando, então?

— Hadden conseguiu marcar uma entrevista com George Oldman para amanhã de

manhã.

— E por que você não está sorrindo?

— Ele não quer que eu puxe os assuntos sobre os assassinatos não resolvidos com Oldman, só pediu que eu faça pesquisas, entreviste os familiares... isso se eles me atenderem.

— Feliz Natal, senhor e senhora pais da desaparecida, provavelmente morta. Sou Papai Noel, trazendo esse assunto de volta à casa — disse Barry.

Eu entendi perfeitamente.

— Eles vão fazer uma busca por Clare Kemplay. Voltarão a essas casas, de qualquer maneira.

— Na verdade, você os estará ajudando. Uma catarse. — Barry sorriu por um segundo, dando uma olhada ao redor.

— Estão conectados, tenho certeza.

— Como? Duas cervejas e um...

Demorei um pouco, mas disse:

— Um uísque e água.

— Um uísque e água — pediu Barry Gannon, olhando para o outro lado do bar, para Kathryn. — Você é um homem de sorte, Dunford.

Eu, com a culpa e os nervos à flor da pele, com muito uísque ou pouco uísque, a conversa era estranha.

— O que você quer dizer? O que você acha?

— Até onde você captou?

Foda-se, eu estava muito cansado para brincadeirinhas.

— Sim. Eu sei o que você quer dizer.

Mas Barry girara o corpo para conversar com um jovem no bar; o menino usava um folgado terno marrom, cabelos laranja. Notei uns nervosos olhos escuros postos na minha direção, sobre os ombros de Barry.

O idiota e malvado Bowie.

Tentei escutar, mas o Vestido de Plumas no palco começou a cantar *Don’t Forget to Remember.*

Olhei para o teto, olhei para o chão e depois olhei de volta para o bar.

— Está se divertindo? — perguntou Kathryn, com olhos cansados.

Eu pensei, depois disse:

— Você conhece Barry. É um tanto obtuso — murmurei.

— Obtuso? Que vocabulário!

Ignorando aquela isca, caí em outra:

— E você?

— Eu o quê?

— Está se divertindo?

— Ah, eu adoro ficar sozinha num bar, doze dias antes do Natal.

— Você não está sozinha.

— Mas estava, até Steph chegar.

— Poderia ter se unido a nós.

— Não fui convidada.

— Isso é patético — eu disse, sorrindo.

— Certo, eu vou. Já que está convidando... e quero uma vodca.

— Acho que vou te acompanhar.

O ar frio não ajudou muito.

— Eu te amo — eu dizia, incapaz de manter o equilíbio.

— Vamos, querido, tem um táxi ali — dizia uma voz feminina, de Kathryn.

O cheiro de pinheiro do aromatizador também não ajudou muito.

— Eu te amo — eu repetia.

— Espero que ele não vomite — gritou o taxista paquistanês, sem olhar para trás.

Eu sentia o cheiro do suor dele, que vencia o cheiro do aromatizador.

— Eu te amo — eu dizia.

A mãe dela dormia, o pai roncava, e eu estava de joelhos no chão do banheiro.

Kathryn abriu a porta e acendeu a luz, e eu colocava tudo para fora.

Aquilo doía e queimava, mas eu não queria parar. Quando finalmente terminei, fiquei olhando para o uísque e o presunto, para o que estava dentro e fora do vaso.

Kathryn apoiou as mãos em meus ombros.

Tentei controlar a voz na minha cabeça, que dizia: “Tem gente sentindo pena dele, nunca pensei que isso fosse possível”.

Kathryn passou as mãos pelos meus braços.

Eu não queria me levantar nunca mais. E, quando finalmente me levantei, comecei a

chorar.

— Vamos, querido — ela murmurou.

Acordei três vezes aquela noite, vítima do mesmo sonho.

E todas as vezes pensei: “Está tudo bem agora, está tudo bem agora, volte a dormir”.

E todas as vezes o mesmo sonho: uma mulher numa rua de casas geminadas, apertando um cardigã vermelho ao redor do corpo, gritando sem parar na minha cara.

E todas as vezes o mesmo corvo, ou algum tipo de pássaro negro, enorme, que descia do céu em vários tons de cinza, pondo suas garras na linda mulher de cabelos loiros.

E todas as vezes o pássaro a caçava pela rua, tendo como alvo os olhos dela.

E todas as vezes eu ficava gelado, despertando com frio, com lágrimas molhando o travesseiro.

E todas a vezes Clare Kemplay, sorrindo, dependurada no teto escuro.

2

Cinco para as oito da manhã.

Sábado, 14 de dezembro de 1974.

Eu estava sentado na delegacia de Millgarth, posto do detetive-chefe superintendente George Oldman, me sentindo um bosta.

Era uma sala vazia. Sem fotos, sem diplomas, sem troféus.

A porta foi aberta. Cabelos pretos, rosto branco, mão esticada, aperto forte.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor Dunford. Como vão Jack Whitehead e aquele seu chefe?

— Vão bem, obrigado — eu respondi, voltando a me sentar.

Nenhum sorriso.

— Sente-se filho, aceita uma xícara de chá?

Engoli em seco e respondi:

— Sim, obrigado.

O detetive-chefe superintendente George Oldman sentou-se, apertou um botão em sua mesa e disse ao interfone:

— Julie, querida. Traga duas xícaras de chá quando puder.

Aquele rosto e aqueles cabelos, tão perto, eram como um saco plástico preto derretido numa tigela de farinha e banha.

Ajustei a mandíbula e rangi os dentes.

Atrás dele, através das janelas cinzentas da delegacia de Millgarth, um sol pálido banhava o gel sobre seus cabelos.

Eu senti um enjoo.

— Senhor — disse, mais uma vez engolindo em seco — superintendente chefe...

Seus pequenos olhos, com as pupilas dilatadas, estavam postos sobre mim.

— Vá em frente, filho. — E piscou.

— Eu estava pensando se... bem, se temos alguma novidade?

— Nada — ele respondeu. — Trinta e seis horas, e nada, merda nenhuma. Centenas

de policiais, parentes e vizinhos. E nada.

— O que o seu pessoal...?

— Morta, senhor Dunford. A pobre menina está morta.

— Eu fico imaginando o que o senhor...

— Vivemos numa época violenta, filho.

— Eu sei — respondi, com voz fraca, pensando em por que eles sempre prendiam ciganos, loucos e irlandeses.

— O melhor agora será encontrarmos rapidamente o corpo.

Eu voltei a perguntar:

— O que o senhor acha...?

— Não posso fazer nada sem um corpo. E isso ajuda a família também, a longo prazo.

— Então isso vai...

— Dê uma olhada, veja quem saiu mais cedo hoje — ele disse, quase sorrindo, querendo piscar novamente o olho.

Eu reuni fôlego antes de perguntar:

— E quanto a Jeanette Garland e Susan Ridyard?

O detetive-chefe superintendente George Oldman ficou meio de boca aberta, passando sua língua gorda, molhada e em tons púrpura e amarelo sobre seu fino lábio inferior.

Imaginei ter estragado tudo, ali, em plena delegacia.

George Oldman guardou a língua e fechou a boca, seus pequenos olhos negros encaravam os meus.

Seguiu-se uma suave batida na porta, e Julie nos trouxe duas xícaras de chá numa bandeja barata decorada com flores.

George Oldman, sem tirar os olhos de cima de mim, sorriu e disse:

— Obrigado, querida Julie.

Ela fechou a porta ao sair.

Sem saber se ainda seria capaz de falar, comecei a resmungar:

— Jeanette Garland e Susan Ridyard foram...

— Eu sei o que aconteceu, senhor Dunford.

— Mas eu só estava pensando, pensando em Cannock Chase...

— Que merda você sabe sobre Cannock Chase?

— As semelhanças...

Oldman apoiou o punho na mesa.

— Raymond Morris está mofando entre as grades desde 1968.

Fiquei olhando para as duas pequenas xícaras brancas sobre a mesa, vendo como chacoalhavam. Da maneira mais calma e equilibrada que pude, eu disse:

— Sinto muito. O que estou tentando dizer é que, nesse caso, três meninas pequenas foram mortas, e poderia ter sido trabalho de um único homem.

George Oldman curvou o corpo para a frente, com os braços sobre a mesa, e abriu um sorriso de desdém:

— Essas meninas foram estupradas e mortas, que Deus as tenha. E seus corpos foram encontrados.

— Mas o senhor disse...

— Eu não tenho os corpos, senhor Dunford.

Mais uma vez, engoli em seco e disse:

— Mas Jeanette Garland e Susan Ridyard estiveram desaparecidas por mais de...

— Você acha que é o único que conseguiu relacionar tudo isso, querido? — perguntou Oldman, em tom calmo, tomando um bom gole de chá, com os olhos pregados em mim. — Até mesmo a minha velha mãe poderia ter chegado a essa conclusão.

— Eu só estava imaginando o que o senhor pensaria...

O detetive-chefe superintendente Oldman bateu nas próprias coxas e recostou-se.

— Então, segundo você, qual o panorama? — perguntou, sorrindo. — Três meninas desaparecidas. A mesma idade, ou quase. Corpos desaparecidos. Castleford e...

— Rochdale — murmurei.

— Rochdale, e agora Morley. Com três anos de diferença entre cada desaparecimento? — ele perguntou, erguendo uma de suas sobrancelhas finas.

Eu fiz que sim.

Oldman pegou uma folha de papel datilografada que estava sobre a mesa.

— E quanto a isto? — perguntou, jogando o papel no chão, próximo aos meus pés, e começando a recitar de memória: — Helen Shore, Samantha Davis, Jackie Morris, Lisa Langley, Nichola Hale, Louise Walker, Karen Anderson.

Eu peguei a lista.

— Desaparecidas, todas. E isso apenas desde o começo de 1973 — disse Oldman.

— São um pouco mais velhas, isso eu posso garantir. Mas todas com menos de quinze anos ao desaparecerem.

— Sinto muito — murmurei, deixando o papel sobre a mesa.

— Fique com isso. Escreva uma maldita reportagem sobre elas.

Um telefone soou na mesa, uma luz piscava. Oldman suspirou e pegou uma das xícaras brancas, empurrando-a na minha direção.

— Tome, antes que esfrie.

Fiz o que ele disse, tomando a xícara nas mãos e bebendo de um gole.

— Sendo sincero, meu filho, eu não gosto de inexatidão e não gosto dos jornais. Você tem um trabalho a fazer...

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, estava na corda bamba, e ventava.

— Não acredito que encontrem o corpo.

O detetive-chefe superintendente George Oldman sorriu. Eu olhei para minha xícara vazia.

Oldman se levantou, sorrindo.

— Você está vendo essas folhas de chá?

Pousei a xícara e o pires na mesa, pegando a lista de nomes.

O telefone tocou novamente.

Oldman caminhou em direção à porta e a abriu.

— Cave do seu lado, que eu cavo do meu.

Eu me levantei, com as pernas trêmulas e o estômago embrulhado.

— Obrigado por me atender.

Junto à porta, ele agarrou meus ombros com força.

— Sabe, Bismarck disse que os jornalistas eram homens que não tinham percebido sua vocação. Talvez você tenha se enganado, quem sabe não deveria ser policial, Dunford?

— Obrigado — eu disse, com toda a coragem que pude reunir, pensando que pelo menos um de nós dois era policial.

Oldman apertou minha mão com mais força, como se lesse meus pensamentos.

— Já tínhamos nos visto antes, filho?

— Há muito tempo — eu respondi, cansado do esforço.

O telefone voltou a tocar e piscar sua luz, por um bom tempo.

— Não diga nada — pediu Oldman, levando-me para fora. — Nenhuma palavra sangrenta.

— Eles cortaram as asas, mas o maldito cisne continuou vivo — disse Gilman, do *Manchester Evening News*, sorrindo, enquanto eu me sentava no andar de baixo.

— Está brincando? — perguntou Tom de Bradford, curvando o corpo, pois estava sentado na fila de trás.

— Não. Cortaram as asas e deixaram o pobre idiota jogado por lá.

— Merda — disse Tom de Bradford.

Dei uma olhada na sala de conferências, sendo mais uma vez invadido por imagens de uma luta de boxe, mas dessa vez sem televisão, sem rádios. As luzes quentes tinham desaparecido, todos os que quisessem seriam bem-vindos.

Mas os únicos presentes éramos os dos jornais.

Senti um cutucão nas costelas. Era Gilman outra vez.

— Como foi ontem?

— Ah, você sabe...

— Sei...

Olhei para o relógio de meu pai, pensando em Henry Cooper e no marido de minha tia Anne, Dave, que se parecia com Henry, e em por que Dave não esteve por lá no dia anterior, pensando no ótimo cheiro de Brut.

— Leu o texto de Barry sobre aquela menina de Dewsbury?

Quem falava era Tom de Bradford, com hálito de uísque em meu ouvido, e fiquei pensando se meu próprio hálito não estaria ruim também.

Eu era todo ouvidos.

— Que menina?

— Um dos bebês da Talidomida? — sorriu Gilman.

— Aquela que foi parar na maldita Oxford. Tinha oito anos, mais ou menos.

— Sim, sim — eu disse, sorrindo.

— Parece uma desgraçada.

— Barry disse que o pai era pior. — Eu continuava rindo, e todos riram comigo.

— O pai foi com ela, certo? — perguntou Gilman.

Um novato surgiu atrás de nós, ao lado de Tom, também sorrindo.

— Que sorte tem esse idiota. Todas estudantes novinhas.

— Não faça cálculos equivocados — eu murmurei. — Barry disse que o pai só tinha olhos para uma menina, a sua Ruthie.

— Se for jovem o suficiente para...

Todos riram.

— Você está de brincadeira? — perguntou Tom de Bradford, que não ria tanto. — Esse Barry é nojento.

— Barry nojento — eu repeti, sorrindo.

O Novato disse:

— Quem é Barry?

— Barry, o viadinho — disse Gilman.

— Barry Gannon. Trabalha no *Post*, com nosso amigo aqui, Eddie — disse Tom de Bradford ao Novato. — Era sobre ele que eu estava falando.

— Aquela história sobre John Dawson? — perguntou Novato, olhando para o próprio relógio.

— Exatamente. Aliás, falando em idiotas nojentos, sabem algo sobre Kelly? — Foi a vez de Tom fofocar. — Vi Gaz ontem à noite, e ele disse que não apareceu para treinar ontem e que não apareceria amanhã.

— Kelly? — perguntou Novato mais uma vez. Era um repórter nacional, e não local. Idiota sortudo. Meus nervos começaram a pular, a matéria ganharia alcance nacional, a minha reportagem.

— Rúgbi — disse Tom de Bradford.

— Union ou League? — perguntou Novato, que vinha da merda da Fleet Street, sem dúvida.

— Foda-se — disse Tom. — Estamos falando sobre a Grande Esperança Branca de Wakefield Trinity.

— Vi Paul ontem à noite, e ele não disse nada — comentei.

— Ele não pode simplesmente desaparecer, foi o que disse Gaz.

— Que burros, vocês — disse Gilman, do *Manchester Evening News*, que não estava interessado.

— Lá vamos nós — murmurou Novato.

Segundo round: a porta lateral foi aberta, tudo ficou quieto e lento novamente.

O detetive-chefe superintendente George Oldman entrou, seguido de alguns caras com roupa comum e outro uniformizado.

Nenhum familiar.

Todos farejaram: Clare está morta.

Todos pensaram: nada de corpo.

Todos pensaram: nenhuma novidade.

Todos farejaram: fim da história.

O detetive-chefe superintendente Oldman olhava diretamente para mim, raivoso, desafiador.

Eu senti o cheiro de Brut, pensando: TOMOU UM BANHO DE PERFUME.

Os primeiros pingos de uma forte chuva.

Eu me arrastava para oeste de Leeds, no caminho de Rochdale, com anotações sobre os joelhos, olhando para os muros das escuras fábricas e moinhos silenciados.

Pôsteres eleitorais, grude e cola.

Um circo por aqui, um circo mais adiante. De pé hoje, amanhã desaparecido.

O Big Brother te observa.

O medo devora a alma.

Liguei o gravador de bolso, voltando a escutar a coletiva de imprensa enquanto dirigia, procurando detalhes.

Tinha sido uma perda de tempo para todos, e nenhuma novidade seria interessante para Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra. Repórter, estudando palpites.

“A preocupação está aumentando, obviamente...”

Oldman se manteve fiel à sua história: nada, mesmo após os grandes esforços de seus melhores homens.

Os assistentes levantaram informações e possíveis novas visões sobre o caso, mas, como sempre, continuavam sem nada substancial a que se ater.

“Gostaríamos de insistir que qualquer membro do público que tenha qualquer tipo de informação, por mais trivial que seja, deve entrar em contato com a delegacia de polícia mais próxima com urgência, ou telefonar...”

Seguiu-se uma pausa para infrutíferas “perguntas e respostas”.

Eu permaneci calado, *não disse porra nenhuma.*

Oldman respondia a tudo olhando para mim, com os olhos pregados em mim, sem nunca piscar.

“Obrigado, rapazes. Isso é tudo por enquanto...”

Ao se levantar, o detetive-chefe superintendente Oldman deu uma boa piscadela na minha direção.

Seguiu-se a voz de Gilman, no final da gravação: “O que está acontecendo entre vocês dois?”.

Deixando Leeds para trás a toda a velocidade, desliguei o gravador, ligando o ar quente do carro e o rádio, ouvindo o medo crescer nas estações locais e a mesma notícia surgindo nas nacionais.

Comentários cortantes. A história se recusava a morrer.

Porém, caso ficassem mais um dia sem encontrar o corpo, a história perderia o destaque, até que uma reconstituição policial, na sexta-feira seguinte, marcando o intervalo de uma semana desde o dia do crime, garantiria uma rápida volta à primeira página.

E logo chegaria a tarde de sábado, hora dos esportes.

Com um braço sobre o volante, desliguei o rádio e dei uma olhada na folha no meu colo, meticulosamente datilografada por Kathryn. Liguei o gravador e comecei a recitar:

— Susan Louise Ridyard. Desaparecida desde o dia 20 de março de 1972, aos dez anos. Vista pela última vez na porta da Holy Trinity Junior School, em Rochdale, às cinco para as quatro.

“Pesada busca policial e divulgação em âmbito nacional sem qualquer novidade, nada, nada. George Oldman encabeçou a busca, embora fosse um trabalho para os de Lancashire. Pediram que fizesse isso.

“Castleford e...?

“Rochdale”.

Idiota mentiroso.

— A investigação continua oficialmente aberta. Família sólida, dois outros filhos. Os pais continuam distribuindo novos cartazes pela região. A casa novamente hipotecada para cobrir os custos.

Desliguei o gravador, abrindo um sorriso de “foda-se” para Barry Gannon, sabendo que os Ridyard estariam por lá e que eu não lhes traria nada de novo além de renovada exposição.

Cheguei aos arredores de Rochdale, parando ao lado de uma recém-pintada cabine

vermelha de telefone.

Quinze minutos mais tarde, estava na porta da casa praticamente isolada do senhor e senhora Ridyard, num local tranquilo de Rochdale.

Chovia forte.

O senhor Ridyard estava parado na porta.

Eu desci do carro e disse:

— Bom dia.

— O dia hoje está bom para os patos — respondeu o senhor Ridyard.

Apertamos as mãos, e ele me levou, através de um pequeno hall, em direção a uma escura sala na parte da frente da casa.

A senhora Ridyard estava sentada no sofá usando sandálias, com uma moça e um rapaz, cada qual de um lado, abraçada aos dois.

Olhou para mim e murmurou:

— Vão arrumar seus quartos. — E chacoalhou o corpo deles antes de soltá-los.

Os adolescentes deixaram a sala olhando para o chão.

— Sente-se, por favor — disse o senhor Ridyard. — Alguém aceita uma xícara de chá?

— Por favor — eu disse.

— E você, querida? — perguntou, olhando para a esposa ao sair da sala.

A senhora Ridyard estava bem distante.

Eu me sentei no sofá oposto e disse:

— Bonita casa.

A senhora Ridyard, melancólica, piscou, beliscando a pele de suas bochechas.

— Parece uma boa região da cidade — eu disse, embora minhas palavras fossem inúteis.

A senhora Ridyard sentou-se na ponta do sofá, olhando para o outro lado da sala, para a fotografia escolar de uma menina, posta entre dois cartões de Natal, em cima da televisão.

— Tínhamos uma linda vista antes de construírem as novas casas.

Olhei pela janela, para o outro lado da rua, e notei que as novas casas que atrapalhavam a visão já não eram tão novas assim.

O senhor Ridyard chegou com o chá numa bandeja, e eu peguei meu bloco de

anotações. Ele sentou-se no sofá, ao lado da esposa, e disse:

— Aceita um chá?

A senhora Ridyard parou de olhar para a foto e pousou os olhos em meu bloco de anotações.

Eu me inclinei no assento.

— Como disse por telefone, eu e meu editor imaginamos que seria uma boa ideia se... que seria interessante fazer uma correlação e...

— Uma correlação? — perguntou a senhora Ridyard, que continuava olhando para o bloco.

O senhor Ridyard me ofereceu uma xícara de chá.

— Isso tem algo a ver com a menina de Morley?

— Não. Quer dizer, não muito. — A caneta dançava em minhas mãos, quente, e o bloco de notas parecia uma ostentação.

— Tem a ver com Susan? — perguntou a senhora Ridyard, deixando cair uma lágrima na saia.

Eu me sentei melhor.

— Sei que deve ser difícil, mas sabemos quanto tempo dedicaram a... esse tema e...

O senhor Ridyard deixou a xícara na mesa.

— O nosso tempo...?

— Vocês fizeram muito esforço para manter Susan na mente do público, para manter viva a investigação.

Viva, merda!

Nenhum dos dois disse nada.

— E sei o que devem ter sentido...

— Sentido? — perguntou a senhora Ridyard.

— O que sentem...

— Sinto muito, mas você não tem ideia do que sentimos — disse a senhora Ridyard, balançando a cabeça, com a boca ainda em movimento, mesmo sem dizer nada, e as lágrimas caindo com mais rapidez.

O senhor Ridyard olhou para mim, com os olhos tomados de desculpas e vergonha.

— Estamos bem melhor depois de tudo aquilo, não é?

Ninguém disse nada.

Eu olhei para fora da janela, para o outro lado da rua, para as casas novas com suas

luzes ainda acesas, mesmo na hora do almoço.

— Ela estaria em casa neste momento — disse a senhora Ridyard, em tom suave, secando as lágrimas na saia.

Eu me levantei.

— Sinto muito, já ocupei demais o tempo de vocês.

— Sinto muito — disse o senhor Ridyard, acompanhando-me à porta. — Estamos nos saindo bem, estamos mesmo. Mas essa história de Morley trouxe tudo de volta.

Já na porta, eu me virei e disse:

— Eu sinto muito, mas, dando uma lida nos jornais e em minhas anotações, vi que a polícia não encontrou nenhuma conexão real. Fico imaginando se o senhor não teria notado algo mais, algo que eles não notaram?

— Algo mais? — perguntou o senhor Ridyard, quase sorrindo.

— Qualquer indício que...

— Eles ficaram nesta casa por duas semanas. George Oldman e seus homens. Usaram o telefone...

— E nada...

— Uma van branca, foi tudo o que descobriram.

— Uma van branca?

— Caso encontrassem a tal van, encontrariam Susan.

— ...e nunca pagaram a conta — disse a senhora Ridyard, com o rosto vermelho, de pé no outro lado do hall. — O telefone quase foi cortado.

No topo da escada eu podia ver a cabeça dos outros dois filhos observando tudo através do corrimão.

— Obrigado — agradeci, apertando a mão do senhor Ridyard.

— Obrigado, senhor Dunford.

Entrei no Viva pensando: “Meu Deus!”.

— Feliz Natal — disse ao senhor Ridyard.

Peguei meu bloco e anotei duas palavras: *van branca.*

Fiz um aceno ao senhor Ridyard, que estava sozinho na porta de casa, xingando a mim mesmo.

Um pensamento: ligar para Kathryn.

— Foi um terrível pesadelo.

De volta à cabine telefônica vermelha, deixei cair mais uma moeda, movendo o peso do corpo de um pé para o outro, congelando.

— Enfim... então, ele falou sobre essa van branca, mas eu não me lembro de ter lido nada sobre uma van branca. E você?

Kathryn observava as próprias anotações do outro lado da linha, concordando.

— Não aparece em nenhuma petição? — perguntei.

— Não, não que eu me lembre — Kathryn respondeu.

Eu ouvia a barulheira da redação do outro lado da linha. Eu me sentia muito distante. Queria voltar para lá.

— Algum recado? — perguntei, equilibrando o telefone, o caderno de notas, uma caneta e um cigarro.

— Dois. Barry e...

— Barry? Sobre o quê? Ele está aí agora?

— Não, não. E o sargento Craven...

— Sargento quem?

— Craven.

— Não tenho a menor ideia. Craven? Ele deixou recado?

— Não, mas disse ser urgente. — Kathryn soava chateada.

— Caso fosse urgente eu o conheceria. Se ligar novamente, peça que deixe um recado, certo? — E deixei o cigarro cair numa poça de água no chão da cabine.

— Para onde você vai agora?

— Para o bar, para onde mais? Quero ver um pouco da vida local. Depois voltarei direto praí. Adeus.

E desliguei, me sentindo muito mal.

Ela me encarava do outro lado do bar, no Huntsman.

Eu fiquei paralisado. Peguei a cerveja e caminhei na direção dela, hipnotizado pelos seus olhos, pregados próximo ao banheiro e à máquina de venda de cigarro, num extremo do bar.

Naquela fotografia de escola, Susan Louise Ridyard sorria abertamente, com seus dentes grandes e brancos, embora seus olhos estampassem algo incômodo e triste, *como se soubesse o que estava por vir.*

Acima da foto, grandes letras escritas em vermelho diziam: DESAPARECIDA.

Abaixo, um resumo de sua vida e do último dia em que foi vista, duas informações breves.

Por fim, um pedido por informações e três números de telefone.

— Outra cerveja?

Assustado, olhei para o copo vazio e respondi:

— Quero. A mesma.

— Você é repórter? — perguntou o barman, tirando a cerveja.

— É tão óbvio?

— Passaram alguns como você por aqui, sabe?

Paguei 36 centavos, exatos.

— Obrigado. Para onde escreve?

— *Post.*

— Algo novo?

— Estou apenas tentando manter a história viva, sabe? Não queremos que as pessoas se esqueçam.

— Isso é louvável.

— Acabo de me encontrar com o senhor e a senhora Ridyard — eu disse, fazendo um amigo por ali.

— Certo. Derek aparece de vez em quando por aqui. O pessoal diz que ela não está muito bem.

— É verdade — eu disse, concordando. — A polícia parece não saber por onde seguir.

— Muitos costumavam almoçar por aqui quando a história estava viva. — O barman, provavelmente dono, virou-se para atender um cliente.

Atirei minha única carta:

— Existe uma história sobre uma van. Uma van branca.

Lentamente, o barman fechou a gaveta da caixa registradora, franzindo a testa.

— Uma van branca?

— É. A polícia disse aos Ridyard que estava atrás de uma van branca.

— Não me lembro de nada sobre isso — ele disse, tirando outra cerveja, pois era sábado à tarde, e o bar estava cheio. Entregou mais um pedido e disse: — Acho que pensaram tratar-se de ciganos.

— Ciganos — murmurei, pensando: “Aí vamos nós”.

— É. Passaram por aqui uma semana antes, para um banquete. Talvez um deles tivesse uma van branca.

— Talvez — eu disse.

— Outra?

Virei o corpo para o pôster e para os olhos que já conhecia.

— Não. Você tem razão.

— O que você acha?

Eu não girei o corpo. Meu peito e estômago deram um nó, e a cerveja só piorava tudo, lembrando-me que deveria ter comido alguma coisa.

— Acho que nunca encontrarão o corpo — sussurrei.

Queria voltar à casa dos Ridyard e pedir desculpas. Pensei em Kathryn.

O barman disse:

— O quê?

— Você tem um telefone?

— Lá — disse o gordo barman, sorrindo, apontando na direção de meu cotovelo.

Virei as costas novamente.

Ela atendeu ao segundo toque.

— Olha. Sobre ontem à noite, eu...

— Eddie, pelo amor de Deus. Marcaram uma coletiva de imprensa na delegacia de Wakefield às três.

— Está de brincadeira? Por quê?

— Eles a encontraram.

— Merda.

— Hadden estava buscando...

— Porra!

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, na porta do Huntsman.

Delegacia de polícia de Wakefield, Wood Street, Wakefield.

Um minuto para as três da tarde.

Um minuto para o início.

Subi a escada e entrei por uma porta, e o detetive-chefe superintendente Oldman entrou por outra.

A sala de conferências ficou terrivelmente quieta.

Oldman, ladeado por dois homens à paisana, sentou-se atrás de uma mesa com um microfone.

Na frente da sala: Gilman, Tom, Novato e o IDIOTA DO JACK WHITEHEAD.

Eddie Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, nos fundos, atrás das luzes da televisão e das câmeras, com os técnicos sussurrando sobre os malditos cabos.

O idiota do Jack Whitehead metido na minha matéria.

As câmeras foram ligadas.

O detetive-chefe superintendente Oldman, com expressão perdida, parecia um estranho em sua própria delegacia.

Mas aquela era a sua gente, o seu tempo.

Ele engoliu em seco e começou:

— Senhores. Aproximadamente às nove e meia desta manhã, o corpo de uma menina foi encontrado por um trabalhador de Devil's Ditch, aqui em Wakefield.

E tomou um gole de água.

— O corpo foi identificado como sendo de Clare Kemplay, que desapareceu no caminho da escola para casa, em Morley, na quinta-feira à noite.

Anotações, faça as merdas das anotações.

— Neste momento, a causa da morte ainda não foi determinada. No entanto, já foi aberta uma investigação de assassinato em grande escala. Esta investigação está sendo liderada por mim mesmo, aqui em Wood Street.

Outro gole.

— Um exame médico preliminar foi feito, e o doutor Alan Coutts, médico-legista do Home Office, fará a autópsia esta noite, no hospital Pinderfields.

O pessoal dava uma olhada nas notas um do outro.

— Neste estágio da investigação, esta é toda a informação que posso passar a vocês. No entanto, em nome da família Kemplay e de toda a força policial de West Yorkshire, gostaria de renovar nosso apelo diante de qualquer pessoa que tenha alguma informação: por favor, entre em contato com a delegacia mais próxima. Gostaríamos especialmente de conversar com quem tenha estado na área de Devil's Ditch, entre a meia-noite de sexta-feira e seis da manhã de hoje, e que tenha visto qualquer coisa, especialmente carros estacionados. Também disponibilizamos uma linha de telefone especial para que o público possa telefonar ao departamento de Homicídios: Wakefield 3838. Todas as chamadas serão estritamente confidenciais.

Obrigado, senhores.

Oldman ficou de pé, com as mãos erguidas diante de uma barreira de perguntas e flashes. Balançava a cabeça lentamente, de um lado para o outro, murmurando desculpas que preferia não dar, que não sabia usar, como se estivesse preso como o idiota do King Kong no topo do Empire State.

Eu o observei, observei seus olhos passeando pela sala, com o coração a mil, o estômago dando um nó, lendo seus olhos:

OLHE PARA MIM AGORA.

Senti uma cutucada no ombro, fumaça no meu rosto.

— Fico feliz que tenha vindo, Senhor Furo de Reportagem. O nosso chefe quer vê-lo o mais rápido possível.

Estava cara a cara com o pior dos meus pesadelos, o idiota do Jack Whitehead, com hálito de uísque, um sorriso na cara.

O povo passava entre nós dois, correndo em direção aos telefones e carros, xingando pela falta de tempo.

E o idiota do Jack Whitehead piscando para mim, como se fosse um soco no queixo.

— Madrugador...

Porra.

Porra, porra, porra.

Na M1, de volta para Leeds.

Porra, porra, porra.

Os céus cinzentos da tarde de sábado se transformando em noite rodeavam o carro.

Porra, porra, porra.

Olhei para fora, observando o Rover do idiota do Jack Whitehead.

Porra, porra, porra.

Buscando a frequência da Rádio Leeds:

“O corpo da estudante Clare Kemplay, de Morley, foi encontrado por um trabalhador, no início desta manhã, num terreno baldio de Devil’s Ditch, em Wakefield. Numa coletiva de imprensa na delegacia de polícia de Wood Street, em Wakefield, o detetive-chefe superintendente George Oldman lançou uma hipótese de assassinato, pedindo a testemunhas que entrem em contato:

‘Em nome da família Kemplay e de toda a força policial de West Yorkshire, gostaria

de renovar nosso apelo...’”

Porra.

— Alguém te pegou. Algum filho da puta te pegou.

— Você está muito enganado, e agradeceria caso pudesse maneirar a linguagem.

— Sinto muito, mas você sabe quanto estou perto...

As palavras ficaram mais uma vez inaudíveis, e eu desisti de tentar entender o que estava sendo dito. A porta de Hadden era mais grossa do que parecia, e Gorda Steph, a secretária, datilografava muito rápido.

Olhei para o relógio de meu pai.

Dawsongate: dinheiro do governo local para construção de moradias pela iniciativa privada; pouco material para a construção de vivendas pelo governo; greves por todo o lado.

A menina dos olhos de Barry Gannon, sua obsessão.

Steph ergueu mais uma vez os olhos de seu trabalho, sorrindo de forma simpática, pensando: “Você será o próximo”.

Sorri de volta.

A voz de Barry Gannon subiu de tom mais uma vez, vinda de dentro da sala de Hadden.

— Eu só queria ir à casa deles. Ela não telefonaria novamente caso não quisesse falar.

— Ela não está bem, você sabe disso. Isso não é ético. Não é certo.

— Ético!

Merda. Aquilo duraria a noite inteira.

Eu me levantei, acendi outro cigarro e comecei a caminhar, sussurrando: “Porra, porra, porra.”

Steph ergueu os olhos mais uma vez, chateada, mas nem a metade do que eu estava chateado. Nossos olhos se encontraram, e ela voltou a datilografar.

Olhei mais uma vez para o relógio de meu pai.

Gannon argumentava com Hadden sobre o maldito *Dawnsongate*, bobagem para a qual ninguém, exceto Barry, ligava ou queria ler a respeito, enquanto lá embaixo o idiota do Jack Whitehead escrevia a maior reportagem daquele maldito ano.

Uma história que todos queriam ler.

A minha reportagem.

De repente, a porta se abriu, e Barry Gannon saiu, sorrindo. Ele fechou a porta lentamente e piscou para mim.

— Você me deve uma.

Abri a boca, mas ele colocou um dos dedos à frente dos lábios me pedindo silêncio e seguiu pelo corredor, assobiando.

A porta voltou a abrir.

— Sinto ter feito você esperar tanto, entre — disse Hadden, em manga de camisa, com a pele avermelhada so-
bre seus pelos prateados.

Eu o segui para dentro de sua sala, fechando a porta e me sentando.

— Você me chamou?

Bill Hadden sentou-se atrás de sua mesa e sorriu como um Papai Noel idiota.

— Queria me certificar de que não ficamos com nenhum sentimento atravessado depois desta tarde. — E pegou um exemplar do *Sunday Post* para enfatizar o que dizia.

ASSASSINADA.

Dei uma olhada rápida na manchete em letras pretas e garrafais, depois olhei para a frase que vinha logo abaixo, com letras ainda mais grossas, mais escuras, mais pesadas:

POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO.

— Sentimento atravessado? — perguntei, incapaz de dizer se estava sendo instigado ou aplacado, acossado ou recebendo um afago.

— Bem, espero que não se sinta de maneira nenhuma excluído da história — disse Hadden, com seu sorriso de alguma forma empalidecido.

Eu me sentia completamente paranoico, como se Barry tivesse deixado ali toda a sua paranoia, presa nas paredes daquela sala. Não tinha a menor ideia de por que estávamos tendo aquela conversa.

— Então eu estou fora?

— Não. Não mesmo.

— Certo. Mas não entendo o que aconteceu esta tarde.

Hadden não sorria.

— Você não estava por perto.

— Kathryn Taylor sabia onde eu estava.

— Mas não o encontramos. Por isso enviei Jack.

— Entendo. Então agora a história pertence a ele?

Hadden voltou a sorrir.

— Não. Vocês vão cobrir juntos. Não se esqueça que, para este jornal, Jack foi o...

— Repórter policial no norte da Inglaterra por vinte anos. Eu sei. Ele me lembra isso todos os dias. — Eu me sentia mergulhado em desespero e terror.

Hadden se levantou, olhando para a escura cidade de Leeds do lado de fora, de costas para mim.

— Talvez você deva escutar melhor o que Jack está lhe dizendo.

— O que você quer dizer?

— Sabe, no fim das contas, Jack construiu uma excelente relação de trabalho com um certo detetive-chefe superintendente.

Irritado, eu disse:

— Talvez o melhor teria sido nomear Jack diretor do jornal, já que é assim.

Hadden virou o corpo e sorriu:

— Você não parece muito disposto a construir amizades, certo?

Eu sentia um nó no peito.

— George Oldman conversou com você?

— Não, mas Jack conversou.

— Ah, então foi por isso — eu disse, sentindo-me menos no escuro, mas gélido.

Hadden voltou a sentar-se.

— Olhe, vamos nos esquecer disso. A culpa não é minha nem de ninguém. Tenho várias outras coisas de que gostaria que você se ocupasse.

— Mas...

Hadden ergueu uma das mãos:

— Olhe, acho que nós dois concordamos que sua pequena teoria parece se perder diante dos eventos de hoje, então...

Adeus, Jeanette. Adeus, Susan.

Eu murmurei:

— Mas...

— Por favor — sorriu Hadden, baixando a mão. — Podemos mudar o foco.

— Concordo. Mas e quanto a isto? — perguntei, apontando para a manchete em sua

mesa. — E quanto a Clare?

Hadden balançava a cabeça, olhando para o jornal:

— Estarrecedor.

Concordei, sabendo que tinha perdido.

Ele disse:

— Mas é Natal. Terá de ser solucionado amanhã, ou nunca mais. Seja como for, será a morte de uma morte.

— A morte de uma morte?

— Por isso vamos deixar que Jack resolva isso.

— Mas...

O sorriso de Hadden desaparecia.

— Sabe, tenho outras coisas para você. Amanhã, como um favor para mim, quero que vá a Castleford com Barry Gannon.

— Castleford? — Senti um nó no estômago, meus pés perdiam o chão, e não conseguia me concentrar.

— Barry acha que Marjorie Dawson, esposa de John Dawson, irá vê-lo e contar tudo o que desenterrou sobre o marido. Deve ser algo estranho, pois o histórico mental dessa mulher não é normal, mas ele vai de qualquer forma. E eu pedi que o levasse junto.

— Por que eu? — perguntei, fazendo papel de bobo, pensando que Barry, embora estivesse paranoico, talvez tivesse razão.

— Bem, caso cheguem a alguma conclusão, haverá presos, processos e tudo o mais. E você, repórter policial no norte da Inglaterra — sorriu Hadden —, estará envolvido até o pescoço nisso. E, como um favor a mim, quero que garanta que Barry não se desviará das profundezas.

— Profundezas?

Hadden deu uma olhada no relógio e suspirou, dizendo:

— Você sabe o que Barry anda fazendo?

— Dawsongate? É o que todo mundo sabe, não?

— E o que você acha? Aqui, entre nós? — ele me carregava, mas eu não tinha ideia de para onde estávamos indo, nem por quê.

E me deixei ser guiado, respondendo:

— Entre nós dois? Acho que tem algo escondido nessa história. Mas acredito que

seja mais do estilo do *Construction Weekly's* do que do nosso.

— Pensamos parecido, então — disse Hadden, abrindo um sorriso forçado, pegando um envelope pardo grosso e me oferecendo, arrastando-o por cima da mesa. — Este é todo o trabalho, é tudo o que Barry fez até agora e enviou ao departamento jurídico.

— Ao jurídico? — eu me sentia um papagaio idiota, repetindo tudo.

— Sim. E, francamente, os rapazes do jurídico acham que teríamos muita sorte caso conseguíssemos imprimir uma única frase sobre o assunto.

— Certo.

— Não espero que leia tudo, mas Barry odeia gente burra, então...

— Sei — eu disse, batendo com o envelope gordo nos joelhos, louco para perguntar se aquilo significava...

— E, aproveitando que estarão por lá, quero que produza mais um texto sobre o Ratcatcher.

Merda.

— Outro? — Meu coração ficou pequeno.

— É um assunto muito popular. O seu melhor texto. Muitas cartas. E agora que a vizinha...

— A senhora Sheard? — perguntei, mesmo sem querer.

— Sim, ela mesma. A senhora Enid Sheard. Ela telefonou e disse que quer conversar. E deu um preço.

Hadden franziu a testa.

— Claro.

— Filha da puta.

Hadden parecia um pouco chateado, mas seguiu em frente:

— Então eu pensei, após passar por Castleford: "Você poderia aparecer por lá e vê-la. Seria ótimo para o suplemento de terça-feira".

— Certo, tudo bem. Mas, sinto muito, e quanto a Clare Kemplay? — A pergunta nasceu do desespero e do nó em meu estômago, de um homem que não via nada além de edifícios em construção e ratazanas.

Bill Hadden pareceu momentaneamente assustado com a lamúria embutida em minha pergunta, mas logo se levantou e disse:

— Não se preocupe. Como eu já disse, Jack estará por aqui, e ele me prometeu que trabalhará com você. Vá conversar com ele.

— Ele me odeia — eu disse, recusando-me a ir embora.

— Jack Whitehead odeia todo mundo — disse Bill Hadden, abrindo a porta.

Hora do chá, sábado. No andar de baixo, a redação estava felizmente calma, abençoadamente livre do idiota do Jack Whitehead. O *Sunday Post* já estava fechado.

O Leeds United deve ter ganho, mas eu não dava a mínima.

Eu tinha perdido.

— Você viu Jack?

Kathryn estava sozinha em sua mesa, esperando.

— Deve estar no Pinderfields, não? Para a autópsia.

— Merda. — A história desaparecera, eu tinha visões de ondas e mais ondas de ratazanas passeando por quilômetros de prédios em construção.

Desmoronei em cima de minha mesa.

Alguém tinha deixado um exemplar do *Sunday Post* em cima da minha máquina de escrever. E nem precisaria ser o maldito Frank Cannon para descobrir quem fizera isso.

ASSASSINADA — POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO.

Peguei o jornal.

> O corpo nu da menina Clare Kemplay, de nove anos, foi encontrado no início da manhã de ontem por um operário, em Devil’s Ditch, Wakefield.
>
> O exame médico preliminar não foi capaz de determinar a exata causa da morte. No entanto, o detetive-chefe superintendente George Oldman, homem que liderou a busca por Clare, deu início imediato a uma investigação de assassinato.
>
> Espera-se que o doutor Alan Coutts, médico-legista do Home Office, faça a autópsia no final da tarde deste sábado.
>
> Clare foi vista pela última vez na hora do chá da quinta-feira, quando voltava da Morley Grange Junior and Infants. Seu desaparecimento desencadeou uma das maiores operações de resgate do condado, com centenas de locais unindo-se à polícia em busca da menina, em Morley e arredores.

As investigações policiais preliminares se concentrarão em qualquer pessoa que tenha sido vista nas imediações de Devil’s Ditch, entre a meia-noite de sexta-feira e as seis da manhã de sábado. A polícia gostaria de conversar com qualquer pessoa que tenha visto veículos estacionados próximo a Devil’s Ditch nesse período. Quem tiver informação deve entrar em contato com a delegacia mais próxima ou telefonar para o departamento de Homicídios: Wakefield 3838.

O senhor e a senhora Kemplay e seus filhos estão sendo consolados por seus parentes e vizinhos.

Quando há sangue, há manchete.

— Que tal com Hadden? — perguntou Kathryn, de pé ao lado de minha mesa.

— O que você acha? — devolvi, esfregando os olhos, em busca de algo mais ameno.

Kathryn lutava contra as lágrimas.

— Barry pediu para avisar que vai buscá-lo às dez amanhã. Na casa da sua mãe.

— Amanhã, no maldito domingo?

— Por que não pergunta você mesmo a Barry? Eu não sou sua secretária. Sou uma jornalista também, droga.

Eu me levantei e saí da redação, com medo de que alguém pudesse entrar ali.

Na sala da parte da frente da casa, o Beethoven de meu pai soava o mais alto possível.

Minha mãe estava na sala dos fundos, com a televisão ainda mais alta: dança de salão e salto com cavalos.

Malditos cavalos.

Na casa ao lado, o cão latia.

Malditos cães.

Servi o resto do uísque no meu copo e me lembrei do tempo em que eu queria ser um maldito policial, e também do terrível medo que sentia e que me impediu de ao menos tentar.

Malditos porcos.

Tomei um gole do uísque e me lembrei dos livros que queria escrever, e também do terrível medo que sentia, e que me impedia de pelo menos tentar.

Maldito rato de biblioteca.

Tirei um pelo de gato grudado em minha calça, calça feita pelo meu pai, calça que duraria mais do que todos nós. Peguei outro pelo.

Malditos gatos.

Tomei o último gole de uísque, desamarrei os cadarços dos meus sapatos e me levantei. Tirei a calça, depois a camisa. Fiz uma bola com as roupas e atirei para o outro lado da sala, em cima do maldito Ludwig.

Depois me sentei, com minha cueca branca e meu colete, e fechei os olhos, morto de medo de encarar o maldito Jack Whitehead.

Morto de medo de lutar pela minha história.

Morto de medo, sem poder sequer tentar.

Maldito ratinho medroso.

Não ouvi minha mãe se aproximando:

— Tem alguém chamando por você ao telefone, querido — ela disse, fechando as cortinas da frente da casa.

— Alô, aqui é Edward Dunford — atendi, vestindo minha calça e olhando para o relógio de meu pai.

Onze e trinta e cinco da noite.

Um homem:

— O que acha de uma luta no sábado à noite?

— Quem é?

Silêncio.

— Quem é?

Uma risada, e depois:

— Você não precisa saber.

— O que você quer?

— Está interessado no Estilo Cigano?

— O quê?

— Vans brancas e ciganos?

— Onde?

— Hunslet e Beeston, saída da M1.

— Quando?

— Você já está atrasado.

E desligou.

3

Pouco depois da meia-noite. Domingo, 15 de dezembro de 1974.

Saída para Hunslet e Beeston da M1.

Aquilo surgiu da escuridão bem na minha frente, como se eu tivesse passado toda a vida dormindo:

Fortes amarelos e estranhos alaranjados, azuis queimados e vermelhos realistas, tudo isso iluminava a noite escura à esquerda da estrada.

Hunslet Carr estava em chamas.

Estacionei rapidamente, com o pisca alerta aceso, pensando que todo mundo de Leeds deveria ver aquilo.

Peguei meu bloco de notas e desci do carro, tropeçando no acostamento da estrada, evitando as poças e arbustos e seguindo em direção ao fogo e ao barulho; o barulho dos motores acelerando, contínuo, monótono, e o som intenso do passar do tempo.

Chegando ao final do acostamento, fiquei na ponta dos pés e curvei o tronco, olhando para aquele inferno. Lá embaixo, no vale de Hunslet Carr, a quase quinhentos metros, estava a minha Inglaterra, na manhã de sábado de 15 de dezembro, no ano do Nosso Senhor de 1974.

Um acampamento de ciganos em chamas, com cada um dos vinte ou mais trailers ardendo, sem salvação. E eu sempre via o acampamento cigano Hunslet de relance quando seguia para o trabalho. Mas, naquele momento, ele não passava de uma grande bola de fogo e ódio.

Ódio, pois o zumbido no acampamento cigano vinha de um furioso rio de metal de dez vans azuis agitando-se a mais de cem quilômetros por hora num círculo contínuo, bem ao lado da estrada escura, na merda do Belle Vue. E, presos nos círculos barulhentos, estavam cinquenta homens, mulheres e crianças de uma grande família, pessoas que davam apoio umas às outras para defender sua vida. As chamas intensas iluminavam o duro terror estampado em seus rostos, o choro das crianças e o grito das mães, que atravessavam as várias camadas de barulho e calor.

Caubóis e malditos índios, 1974.

Fiquei observando enquanto pais e filhos, irmãos e tios, se afastavam de suas famílias, aproximando-se da área entre as vans, para combater o rio de metal, gritando aos céus enquanto chafurdavam na lama entre os pneus.

Depois, com as chamas se erguendo com ainda mais força, pude ver quem os dois ciganos desesperados tentavam alcançar, e notei em que missão tinham posto seus corações.

Ao redor de todo o acampamento, entre as sombras, logo abaixo de onde eu estava, havia outro círculo, além das vans, com homens batendo com seus cassetetes e avançando com os escudos de proteção.

Era a nova Polícia Metropolitana de West Yorkshire fazendo um pouco de hora extra.

E então as vans pararam.

Os ciganos ficaram paralisados diante das luzes, lentamente voltando a suas famílias, no centro do círculo, arrastando os feridos por entre a imundície.

O barulho dos escudos de proteção aumentava de intensidade, e o círculo de policiais avançava, como uma cobra preta serpenteando entre as vans, até o momento em que o círculo exterior transformou-se em interior, encarando as chamas e as famílias.

Zulu, ao estilo Yorkshire.

E então o barulho cessou.

Os únicos sons eram o do fogo crepitando e o das crianças chorando.

Nada se movia, exceto meu coração saltando no peito.

Depois, saindo do meio da noite, ao longe, à esquerda, notei as luzes de uma van que se aproximava, vencendo os campos ao redor e chegando ao centro do acampamento. A van, que talvez fosse branca, parou repentinamente, e três dos quatro homens que estavam dentro dela desceram. Houve certa gritaria, e alguns policiais avançaram na direção deles, deixando seus postos no círculo.

Os homens tentaram voltar à van, e a van, que sem dúvida era branca, começou a andar para trás.

A van policial mais próxima teve o motor ligado, disparou e atingiu a van branca em cheio na lateral, saindo de zero a cento e dez quilômetros por hora em poucos segundos.

A van parou de repente, e o policial desceu, tirando os homens pelos vidros quebrados, expondo suas carnes brancas.

Seus corpos tinham sido atingidos por gravetos e pedras.

No círculo, um homem deu um passo à frente, com o peito descoberto. Ele baixou a cabeça e acusou, gritando.

Instantaneamente, os policiais se moveram, envolvendo as famílias num mar negro.

Eu ergui o corpo e voltei a caminhar em direção ao meu carro, depois seguindo para a estrada, sempre em frente.

Cheguei ao topo da ribanceira.

Eddie Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, com a mão pousada na porta do Viva, vendo as chamas se refletindo no vidro.

Corri em direção a um dos telefones de emergência da estrada, rezando para que funcionasse, e funcionou. Pedi ao operador que enviasse todos os serviços de emergência disponíveis à saída de Hunslet e Beeston da M1, onde eu, sem fôlego, lhe garanti que um engavetamento de dez carros estava a ponto de causar maiores danos, com um carro de transporte de gasolina em chamas.

Isso feito, voltei à estrada e à ribanceira, olhando para uma batalha sendo perdida e para uma vitória que enchia meu corpo de raiva, pois eu estava numa posição completamente impotente.

A Polícia Metropolitana de West Yorkshire abria as portas traseiras de suas vans e jogava corpos de homens ensanguentados e espancados lá dentro.

No grande círculo de fogo, policiais tiravam as roupas das mulheres e crianças ciganas, lançando os trapos às chamas e passando seus porretes nos corpos nus das mulheres.

De repente, e fazendo um barulho ensurdecedor, tiros aumentaram o terror, explodindo um reservatório de gasolina e atingindo cães ciganos, que morreram, pois a polícia atirava em qualquer coisa que parecesse remotamente selvagem.

No meio daquele inferno, nua e sozinha, vi uma pequena menina cigana, de dez anos, mais ou menos. Com seus cabelos castanhos cortados curtos e o rosto ensanguentado, ela estava de pé no meio daquele círculo de ódio, com um dedo na boca, em silêncio, paralisada.

Onde estariam a droga das ambulâncias e o carro de bombeiros?

Minha raiva se transformou em lágrimas. No topo da ribanceira, busquei uma

caneta nos bolsos, pensando em escrever algo, qualquer coisa, pensando que isso poderia deixar toda aquela visão menos trágica ou um pouco menos real. Mas minhas mãos estavam muito frias para segurar bem a caneta, e fiz uns rabiscos vermelhos no papel, escondido entre aqueles arbustos baixos, o que não ajudava em nada.

E ali estava ele, caminhando em minha direção.

Limpando as lágrimas com a lama, vi um rosto vermelho e preto chorando, saindo do inferno e subindo a ribanceira na minha direção.

Eu meio que levantei o corpo para recebê-lo, mas voltei ao chão quando três policiais agarraram o homem pelos pés e o arrastaram de volta a suas botas e porretes.

Então eu vi, era ELE, a distância, bem lá no fundo.

O detetive-chefe superintendente George Oldman, iluminado logo atrás dos gravetos e dos ossos, como uma maldita pintura contra a lateral da van policial, fumando e bebendo com outros policiais, enquanto a van balançava de um lado para o outro.

George Oldman e seus amigos viraram a cabeça em direção à noite e gargalharam alto e por um bom tempo, até George parar e olhar exatamente para o ponto onde eu estava, a quase quinhentos metros de distância.

Eu enterrei minha cabeça na lama, até ficar com a boca completamente suja e sentir o esfolar das pequenas pedras no meu rosto. De repente, fui arrancado da lama, sendo puxado pela raiz dos cabelos, e tudo o que podia ver era o céu escuro sobre minha cabeça, antes que o rosto gordo e branco de um policial surgisse, como se fosse a Lua, bem à minha frente.

Um punho envolto em couro bateu pesado contra meu rosto, com dois dedos na minha boca, e outros dois cegando meus olhos.

— Feche esses olhos de merda e cale a boca.

Eu fiz o que mandaram.

— Balance a cabeça caso você conheça o Redbeck Café, na Doncaster Road.

Eu fiz que sim.

— Quero conhecer a sua história, apareça por lá às cinco da manhã.

E a luva desapareceu. Eu voltei a abrir os olhos contra o céu escuro, ouvindo o som de centenas de sirenes que gritavam.

Bem-vindo ao lar, Eddie.

Quatro horas dirigindo sem parar, tentando me esquecer das visões das crianças.

Um tour de quatro horas pelo inferno local: Pudsey, Tingley, Hanging Heaton, Shaw Cross, Batley, Dewsbury, Chickenley, Earlsheaton, Gawthorpe, Horbury, Castleford, Pontefract, Normanton, Hemsworth, Fitzwilliam, Sharlston e Streethouse.

Cidades duras para homens durões.

Eu, doce; muito covarde para dirigir por Morley, terra de Clare, ou para dar uma olhadinha em Devil's Ditch, muito medroso para voltar ao acampamento cigano ou mesmo para casa, em Ossett.

Em algum ponto no meio de tudo isso, com o sono fechando meus olhos, tomei a direção de uma área de descanso em Cleckheaton e sonhei com meninas do sul chamadas Anna ou Sophie, e também com minha vida anterior, acordando de pau duro e com os avisos do meu pai:

"O sul vai adoçar o seu sangue, e como vai".

Acordei dando de cara com o rosto de uma menina de cabelos castanhos envolta num anel de fogo e fotografias escolares de meninas que já não estavam neste mundo.

O medo entrou em cena quando esfreguei os olhos e olhei para a paisagem cinzenta, onde em todos os cantos os marrons e verdes surgiam entre poças e lixo, entre as colinas e os campos, as casas e as fábricas. Tudo me enchia de medo, tudo me cobria de barro.

O medo está por todo lado, em casa e fora dela.

Descia a Doncaster Road.

Estacionei o Viva atrás do Redbeck Café & Motel. Parei entre dois caminhões e fiquei sentado, escutando Tom Jones cantar *I Can't Break the News to Myself*, na Rádio 2. Às dez para as cinco, eu caminhava em direção aos banheiros na parte de trás do bar.

O banheiro fedia, o chão estava coberto de mijo escurecido. A lama estava colada à minha pele, deixando-a vermelho-pálida sob a sujeira. Lavei o rosto, fechando os olhos e passando as mãos úmidas pelos cabelos. Uma água turva descia pelo rosto, caindo pela camisa e jaqueta. Mais uma vez, molhei o rosto e fechei os olhos.

Ouvi a porta se abrindo e senti uma brisa de ar mais fresco.

Comecei a abrir os olhos.

Minhas pernas se curvaram para trás.

Minha cabeça atingiu a borda da pia, a bile tomou conta da minha boca.

Meus joelhos bateram no chão, meu queixo na pia.

Alguém agarrou meus cabelos, forçando meu rosto a manter-se afogado na água suja da pia.

— Nem tente olhar para mim. — Era aquele murmúrio assustador outra vez, trazendo-me alguns centímetros para fora da água e segurando minha cabeça no ar.

Eu, pensando: “Vai se foder, vai se foder, vai se foder”.

E perguntando:

— O que você quer?

— Não fale porra nenhuma.

Eu esperei, com a traqueia presa contra a borda da pia.

Seguiu-se mais um mergulho, e eu fechei os olhos, mas antes pude ver o que parecia ser um fino envelope de papel kraft deixado ao lado da pia.

A mão sobre meus cabelos abrandou a força, mas rapidamente voltou a dar um puxão para trás, mergulhando minha cabeça na pia mais uma vez.

Eu titubeei, depois caí de bunda no chão. Senti uma forte dor na cabeça e água escorrendo pela parte de trás da minha calça.

Eu me agarrei à pia, levantei o corpo e virei-me para trás, saindo em direção ao estacionamento.

Nada.

Dois caminhoneiros saíam do café apontando para mim e gritando, rindo alto.

Eu me encostei na porta do banheiro e entrei de novo, com os dois motoristas se dobrando de tanto rir.

O envelope pardo tamanho A4 estava caído numa poça de água ao lado da pia. Peguei e sacudi as gotas de água escura, abrindo-o e fechando os olhos para diminuir a intensidade da dor em minha cabeça.

Abri uma das portas do banheiro e puxei a corrente de descarga, escoando para o encanamento todo o excremento amarelo que restava por ali. Fechei a tampa do vaso e me sentei, abrindo o envelope.

Um verdadeiro inferno.

Havia duas folhas de papel tamanho A4 cobertas por letras datilografadas e três fotografias ampliadas.

Era a cópia da autópsia de Clare Kemplay.

Outro show de horrores.

Eu não podia, não deveria, não olhei para as fotos, apenas li, com o medo crescendo dentro de mim.

A autópsia foi realizada às dezenove horas do dia 14 de dezembro de 1974, no hospital Pinderfields, em Wakefield, pelo doutor Alan Coutts, com a presença do chefe superintendente Oldman e do superintendente Noble.

O corpo media um 1,30 m e pesava 32,6 quilos.

Marcas no rosto, possíveis mordidas na área superior da bochecha direita, bem como no queixo e nas partes de trás e da frente do pescoço. Marcas de cordas e queimaduras no pescoço indicavam a causa de morte: estrangulamento.

Estrangulamento.

A língua fora arrancada pelos próprios dentes ao ser estrangulada. Ficou sugerido que, provavelmente, não estaria inconsciente ao ser aplicada a força final.

Provavelmente não estaria inconsciente.

As palavras 4 LUV foram marcadas no peito da vítima com uma lâmina de barbear. Mais uma vez, a marca parecia ter sido feita antes da morte.

4 LUV.

Marcas de cordas também foram encontradas nos tornozelos e pulsos. Os dois conjuntos de marcas arrancaram sangue em feridas profundas, sugerindo que a vítima lutara contra o opressor por um bom tempo. As palmas de cada uma das mãos também tinham sido perfuradas, provavelmente por uma longa unha ou algum instrumento metálico similar. Uma ferida parecida foi encontrada no pé esquerdo e parecia uma tentativa sem sucesso de causar o mesmo dano ao pé direito, resultando num furo apenas parcial.

A vítima lutara um bom tempo contra seu opressor.

Novos exames serão necessários, no entanto; um exame inicial das partículas retiradas do corpo e das unhas da vítima revela forte presença de poeira de carvão.

Poeira de carvão.

Engoli em seco.

A vagina e o ânus continham rasgos e contusões, internas e externas. Os rasgos internos da vagina foram causados por caule e espinhos de uma rosa metida e deixada ali. Mais uma vez, grande parte daquelas feridas não eram posteriores à morte da menina.

O caule e os espinhos de uma rosa.

Horror dos horrores.

Tentei controlar a respiração.

Eles devem ter girado a menina de costas, deixando-a com o peito para baixo.

As costas de Clare Kemplay eram outro mundo.

Um inferno diferente:

Duas asas de cisne foram costuradas às suas costas.

"ARRANCARAM AS ASAS E DEIXARAM A POBRE JOGADA ALI."

A costura era irregular, e fora usada uma fina linha encerada. Em alguns pontos, pele e músculos foram reduzidos a uma polpa, e a costura interrompida. A asa direita se soltara por completo, pois a pele e os músculos não foram capazes de aguentar o peso da asa ou da costura, deixando uma grande ferida aberta sobre o ombro direito da vítima.

"ELES ARRANCARAM AS ASAS, MAS O MALDITO CISNE CONTINUOU VIVO."

Na conclusão, o médico-legista escreveu:

Causa da morte: asfixia em consequência de estrangulamento.

Através do fino papel eu podia enxergar o contorno e as sombras de um inferno em preto e branco.

Meti tudo de volta no envelope, sem ver as fotos, depois lutei contra o trinco da porta.

Consegui abrir, saindo dali e caindo sobre mais um maldito motorista de caminhão, o mijo quente do homem tocou minha perna.

— Vai se foder, idiota.

Do lado de fora, sentindo o cheiro de Yorshire no ar, notei lágrimas e raiva em meu rosto.

Nenhuma das feridas era posterior à morte.

— Estou falando com você, idiota.

4 LUV.

Minha mãe estava sentada em sua cadeira de balanço na sala dos fundos da casa, olhando para o jardim sob uma chuva fina.

Levei para ela uma xícara de chá.

— Olhe para você — ela disse, sem me encarar.

— E você? Nem está vestida desta vez, você não é assim. — E tomei um bom gole

daquele chá quente e doce.

— Não, meu amor. Hoje não — ela murmurou.

Da cozinha, vinham as notícias das seis, emitidas pelo rádio:

"Dezoito mortos num asilo de Nottingham, o segundo incêndio do mesmo tipo em poucos dias. O Estuprador de Cambridge fez sua quinta vítima."

Minha mãe estava sentada de frente para o jardim, esperando seu chá esfriar.

Coloquei o envelope em cima da cômoda e deitei na cama, tentando dormir, mas não podia, e os cigarros não ajudavam em nada, só pioravam tudo, assim como os grandes goles de uísque que eu não podia nem queria deixar de tomar, e logo comecei a ver ratos com asas, mais parecidos com esquilos e seus rostos peludos e palavras gentis, mas que se transformavam em ratos nos meus ouvidos, murmurando palavras duras, me chamando de vários nomes, quebrando meus ossos com mais força do que qualquer pedaço de madeira ou pedra, até o momento em que me levantei e acendi a luz, mas era de dia, e a luz já estava acesa, e por isso deveria manter a luz do quarto desligada, enviando sinais que ninguém recebia.

— Levante-se!

Merda.

— Tem algum morto no meio desses escombros?

Eu abri os olhos.

— Parece que você teve uma noite horrível — disse Barry Gannon, supervisionando a ruína montada em meu quarto, com uma xícara de chá nas mãos.

— Merda — murmurei, não teria escapatória.

— Você está vivo.

— Meu Deus.

— Obrigado. E bom dia para você.

Dez minutos mais tarde, estávamos na estrada.

Vinte minutos mais tarde, com a dor de cabeça nascendo de um estômago vazio, terminei minha história.

— O cisne foi encontrado em Bretton — disse Barry, tomando o caminho do cenário do crime.

— Bretton Park?

— Por amigos do meu pai, entre eles Arnold Fowler, que contou ao meu pai.

Imagens do passado, número 99: eu, sentado de pernas cruzadas no piso de madeira da escola, enquanto a senhora Fowler falava sobre pássaros. Seu marido era louco por pássaros e fundara um clube de observação desses animais em todas as escolas do West Riding, além de escrever uma coluna que todos os jornais locais publicavam.

— Ele continua vivo?

— E escrevendo para o *Ossett Observer*. Você não lê esse jornal?

Quase rindo, respondi:

— Mas como Arnold descobriu?

— Você conhece o Arnold. Tudo o que acontece por aí, é sempre o primeiro a saber.

Duas asas de cisne costuradas às suas costas.

— Sério?

Barry parecia de saco cheio.

— Certo, Sherlock, acho que aquele pessoal legal de Bretton Park deve ter contado algo a ele. Ele passa todo o tempo que está acordado por lá.

Olhei para fora da janela, para outro domingo silencioso. Barry não parecia chocado nem interessado no acampamento cigano ou na autópsia.

— Oldman tem algo com os ciganos — foi tudo o que disse — e com os irlandeses.

A autópsia gerou uma reação ainda mais frouxa, e acabei ficando com vontade de mostrar as fotos a Barry, ou quis que ele tivesse ao menos passado pelo que eu passei.

— Eles podem ser bem perversos — foi tudo o que eu disse.

Barry Gannon não disse nada.

Comentei:

— Deve ter sido um policial, aquele cara lá no Redbeck.

— É — ele disse.

— Mas por quê?

— Joguinhos, Eddie — ele respondeu. — Estão com essas merdas desses joguinhos para cima de você. Cuidado.

— Já sou um garoto crescido.

— Então deve ter escutado essas histórias — ele disse, sorrindo.

— Os conhecimentos costumam ser compartilhados por aqui.

— Por aqui?

— Você não está envolvido nessa.

Ele parou de sorrir.

— Você ainda acha que existe alguma conexão entre as meninas desaparecidas?

— Eu não sei. Quer dizer, sim. Poderia haver.

— Ótimo.

E então Barry começou a falar sobre o maldito Johnny Kelly mais uma vez, sobre aquele *bad boy* da liga de rúgbi, dizendo que não jogaria naquele dia e que ninguém sabia onde estava.

Olhei para fora da janela pensando: "Quem se importaria com isso?".

Barry saiu da estrada, ainda nos arredores de Castleford.

— Já chegamos? — perguntei, imaginando que a área onde morava Dawson deveria ser bem mais chique que aquela.

— Você chegou.

Eu não entendi e olhei para todos os lados.

— A Brunt Street é a primeira à esquerda, lá atrás.

— Hã...? — Eu estava perdido e virei para aquele lado.

Barry Gannon sorria.

— Quem mora na merda do número 11 da Brunt Street, em Castleford, caro Sherlock?

Eu conhecia o endereço e tentei vencer a dor que sentia na cabeça até concluir:

— Os Garland?

Jeanette Garland, oito anos, desaparecida em Castleford, 12 de julho de 1969.

— Resposta correta!

— Foda-se.

Barry olhou para seu relógio.

— Nos encontramos em algumas horas no Swan, do outro lado da estrada. Vamos intercambiar nossas histórias de horror.

Saí do carro, chateado.

Barry curvou o corpo para fechar a porta.

— Eu te disse, você me deve uma.

— Sim, eu sei.

E ele foi embora, sorrindo.

Brunt Street, Castleford.

De um lado, casas geminadas pré-guerra, do outro, construções mais modernas, independentes.

O número 11 ficava do lado mais antigo, com uma porta vermelha brilhante.

Subi e desci a rua três vezes, pensando em como seria melhor se tivesse minhas anotações por ali, se pudesse ter ligado primeiro, se pudesse não estar bêbado, e finalmente bati na porta vermelha, uma única vez.

Estava de pé naquela rua calma, esperando, e virei as costas.

A porta se abriu.

— Olha, eu não tenho ideia de onde ele está. Quer dar o fora daqui?

A mulher ficou parada, a ponto de bater a porta vermelha na minha cara. Passava uma das mãos nos cabelos loiros sujos e apertava um cardigã vermelho sobre o peito magro.

— Quem é você? — ela murmurou.

— Edward Dunford.

Meu pequeno macaco vermelho agitava as grades de sua jaula.

— Está aqui atrás de Johnny?

— Não.

— Então por que veio até aqui?

— Por Jeanette.

Ela pousou três dedos finos em seus lábios e fechou os olhos azuis.

Lá, no portal da morte, com o céu abrindo um azul de dezembro, peguei minha caneta, algumas folhas de papel e disse:

— Sou jornalista. Do *Post.*

— Então acho melhor que entre.

Entrei e fechei a porta vermelha.

— Sente-se. Vou colocar água para ferver.

Eu me sentei numa poltrona de couro branco, naquela sala pequena, mas bem mobiliada. Grande parte dos objetos e móveis eram novos e caros, alguns ainda envoltos em plástico. Uma televisão em cores estava ligada, mas muda. Começava um programa literário para adultos, com *On the Move* escrito na lateral de uma van branca Ford Transit.

Fechei os olhos por um momento, tentando vencer a ressaca.

Quando tornei a abri-los, ali estava ela de volta.

Em cima da televisão havia uma fotografia, a foto escolar que eu conhecia.

Jeanette Garland, mais jovem que Susan e Clare. Ela sorria para mim, abrindo o sorriso mais bonito que eu já vira na vida.

Jeanette Garland tinha síndrome de Down.

Na cozinha, a água começou a ferver, depois parou de fazer barulho, abruptamente.

Afastei os olhos da foto, observando uma cristaleira com troféus.

— Pronto — disse a senhora Garland, deixando uma bandeja sobre a mesa de centro à minha frente. — Vamos deixar que esfrie um pouco.

— O senhor Garland parece ser bem esportista — eu disse, sorrindo e apontando para a cristaleira.

A senhora Garland voltou a apertar o cardigã vermelho contra o corpo e sentou-se no sofá de couro branco.

— São do meu irmão.

— Ah — eu disse, tentando calcular a idade daquela mulher. Jeanette tinha oito anos em 1969 e, caso sua mãe tivesse 26 ou 27 anos na época, estaria com trinta e poucos, então?

Seu rosto era de quem passara dias sem dormir.

E me pegou observando-a.

— O que posso fazer por você, senhor Dunford?

— Estou escrevendo um artigo sobre pais de crianças desaparecidas.

A senhora Garland arrumou a saia.

Eu continuei:

— É um assunto sempre muito comentado na época, mas depois morre.

— Morre?

— Sim. O artigo é sobre como os pais reagiram, sobre como passaram a viver quando o falatório desapareceu e...

— Sobre como eu reagi?

— Sim. Por exemplo: naquela época, você achava que a polícia poderia ter feito algo mais para ajudá-la?

— Uma coisa, sim — disse a senhora Garland, me encarando.

— O quê? — perguntei.

— Eles poderiam simplesmente ter encontrado minha filha, seu ignorante, seu sem coração, seu babaca! — E fechou os olhos, seu corpo tremendo por completo.

Eu me levantei, com a boca seca.

— Sinto muito, eu não queria...

— Saia daqui!

— Sinto muito.

A senhora Garland abriu os olhos e me encarou:

— Você não sente muito coisa nenhuma. Caso sentisse muito não teria vindo aqui.

Fiquei de pé no centro daquela sala, entre a mesa de centro e a poltrona, pensando em minha mãe e com vontade de abraçar aquela mulher à minha frente. Tentei passar pela mesa e pelo bule de chá, sem saber o que dizer, e disse apenas:

— Por favor...

A senhora Paula Garland se levantou e me encarou, com os olhos azuis pálidos arregalados, cheios de lágrimas e ódio, empurrando meu corpo em direção à porta vermelha.

— Seus jornalistas de merda. Vocês vêm até a minha casa para conversar sobre coisas que não conhecem, como se estivessem falando sobre o tempo ou sobre uma guerra num país estrangeiro. — Ela chorava copiosamente enquanto tentava abrir a porta.

Com o rosto vermelho, eu caminhava de costas, em direção à rua.

— *Isso aconteceu comigo!* — ela gritou, batendo a porta com força na minha cara.

Fiquei parado no meio da rua, desejando estar em qualquer lugar do mundo, menos na Brunt Street, Castleford.

— Que tal?

— Foda-se. — Eu já estava ali havia uma hora e tomara três cervejas até a chegada de Barry Gannon. Já era quase a hora da saideira, pois o Swan estava quase fechando para o descanso de domingo.

Ele se sentou com sua cerveja e pegou um cigarro do meu maço.

— Não encontrou o Johnny escondido debaixo da cama?

— O quê? — Eu estava completamente sem paciência.

Barry falava devagar:

— Johnny Kelly. A Grande Esperança Branca?

— O que tem ele? — Eu estava a ponto de bater em Barry.

— Pelo amor de Deus, Eddie.

Aqueles troféus... merda!

— Ele está relacionado com os Garland?

— Mais uma resposta correta! Ele é o maldito irmão de Paula Garland. Está morando por lá desde a morte do marido dela, quando foi abandonado por aquela modelo.

Meu rosto estava vermelho mais uma vez, meu sangue fervia.

— O marido dela morreu?

— Porra, Dunford. Você tem que saber essas coisas.

— Merda.

— Ele nunca superou o desaparecimento de Jeanette. Ele se matou com um tiro na boca há dois ou três anos.

— E você sabia disso? Por que não disse nada?

— Porra, você tem que fazer a merda do seu trabalho, ou então perguntar. — Barry tomou um bom gole de sua cerveja para espantar o nervosismo.

— Tudo bem, estou perguntando agora.

— O marido se matou mais ou menos na mesma época em que Johnny estava ficando conhecido dentro e fora dos campos.

— Johnny?

— Sim, ele era *o cara* por ali. E se casou com a miss Weston-super-Mare em 1971, mais ou menos. Não durou nada. Então, quando ela o deixou, ele voltou para a casa da irmã.

— A Georgie Best ou a Rugby League?

— Imagino que não deve ter sido comentado lá no sul.

Tentando salvaguardar algo do meu orgulho, disse:

— Não era exatamente um assunto das primeiras páginas por lá.

— Mas aqui, sim, e você deveria saber.

Acendi outro cigarro, odiando-o por insistir naquele assunto e odiando o sorriso que acompanhava sua fala.

Que se foda tanto orgulho.

Eu perguntei:

— E Paul Kelly, ele é o quê?

— Um primo ou algo parecido. Pergunte a ele.

Engoli em seco, jurando que seria a última vez.

— E Kelly não apareceu no jogo de hoje?

— Eu não sei. Mas você vai ter de descobrir, certo?

— É — murmurei, pedindo a Deus que não permitisse que meus olhos ficassem vermelhos.

Uma voz retumbou:

— Hora de fechar, pessoal.

Nós dois terminamos nossas cervejas.

Eu perguntei:

— Que tal com a senhora Dawson?

— Ela disse que minha vida está em perigo — respondeu Barry, sorrindo ao se levantar.

— Está brincando? Por quê?

— E por que não estaria em perigo? Eu sei coisas demais.

Saímos em direção ao estacionamento.

— Você acredita nela?

— Todos têm algo a contar. A questão é quando contarão o que sabem. — E Barry apagou o cigarro.

— Quem são eles?

Barry buscava algo nos bolsos, as chaves do carro.

— Eles não têm nome.

— Puta que o pariu — eu disse, sorrindo, pois as três cervejas e o ar fresco me deixavam mais leve.

— Há esquadrões da morte por aí. Por que um deles não poderia estar atrás de Barry Gannon?

— Esquadrões da morte?

— Você acha que isso só existe entre japoneses ou indianos? Todas as cidades têm o seu esquadrão da morte. Todas as cidades de todos os países.

Virei de costas e me afastei.

— Você está ficando louco.

Barry agarrou meu braço.

— São treinados na Irlanda do Norte. Lá eles têm o gostinho, depois voltam para cá, famintos.

— Porra — eu disse, soltando o braço.

— O quê? Você realmente acha que são gangues de gordos em motos, carregando grandes sacos de fertilizantes e destruindo todos esses pubs?

— É — eu respondi, sorrindo.

Barry olhou para o chão, passando a mão pelos cabelos, e disse:

— Se um homem se aproximar de você na rua e perguntar por um endereço, é por que está perdido ou por que está te interrogando?

— Big Brother? — perguntei, sorrindo.

— Ele está te observando.

Olhei para o céu azul, que estava ficando cinzento, e disse:

— Se você realmente acredita no que ela diz, deveria contar a alguém.

— A quem? Aos homens da lei? *Eles* são a merda da lei. Todas as vidas estão em perigo.

— Então por que seguir em frente? Por que não acabar com a própria vida, como Garland?

— Por que eu acredito no certo e no errado. Acredito que serei julgado, e não por eles. Então eu digo: que se fodam!

Olhei para o cascalho e quis me cortar.

— Você vem ou não, seu merda? — perguntou Barry, abrindo a porta do carro.

— Vou na outra direção — respondi.

— Nos vemos mais tarde, então.

— Sim, nos vemos. — E me virei de costas, caminhando pelo estacionamento.

— Eddie!

Virei para o carro, semicerrando os olhos diante do pálido sol de inverno.

— Quer dizer que você nunca teve vontade de nos livrar dos malvados?

— Não — gritei pelo estacionamento vazio.

— Mentiroso — disse Barry, rindo e fechando a porta do carro, ligando o motor.

Três da tarde.

Tarde de domingo, Castleford, esperando o ônibus para seguir em direção a Pontefract, feliz por ter me livrado da loucura de Barry Gannon. Três cervejas e meia, quase feliz por estar voltando aos meus ratos traidores.

O Ratcatcher: história que tocou o coração dos habitantes de Yorkshire.

O ônibus se aproximava. Dei sinal.

O Ratcatcher: Graham Goldthorpe, o desgraçado professor de música que virou o conselheiro Rat Mand e estrangulou a irmã, Mary, com uma comprida meia fina, dependurando-a na lareira na última Mischief Night.

Paguei ao motorista e segui para a parte aberta na traseira do ônibus de apenas um andar, para fumar.

O Ratcatcher, Graham Goldthorpe, que depois deu um tiro na própria cabeça turbulenta e em suas visões de pragas e mais pragas de ratos imundos.

Puta chupa pau de paquistanês, estava escrito nas costas do assento à minha frente.

O Ratcatcher: história que marcou Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, um ex-inútil nos grandes jornais da Fleet Street transformado em filho pródigo, chocando todo um condado com suas histórias perturbadoras e as visões de uma praga infinita de ratos imundos.

Brancos de Yorkshire, estava escrito no assento ao lado.

O Ratcatcher: minha primeira matéria publicada no *Post*, caída do céu quando meu pai e o idiota do Jack Whitehead estavam no hospital, ao mesmo tempo.

Toquei o sinal do ônibus desejando a morte de Jack Whitehead.

Desci quando a tarde se transformava em noite em Pontefract. Peguei mais um cigarro na antiga carretilha do meu pai e, na terceira tentativa, finalmente consegui vencer o vento invernal.

Estava na área do Ratcatcher.

Finalmente cheguei à Willman Close, e no caminho quase pisei numa bosta de cachorro.

Bosta de cachorro em Willman Close; isso teria deixado Graham Goldthorpe completamente fora de si.

Já era quase noite, e as luzes de grande parte das árvores de Natal da rua estavam acesas.

Mas não na casa de Enid Sheard, aquela miserável.

Nem na dos Goldthorpe.

Xinguei a mim mesmo e bati na porta de vidro da casa de apenas um andar, ouvindo o latido do enorme pastor-alemão, Hamlet.

Já vira tal cena uma centena de vezes, antes mesmo de minha rápida passagem por Fleet Street. As famílias, os amigos, os colegas e vizinhos do morto ou do acusado, todos agindo de forma tão ofendida, insultados, e mesmo raivosos diante da mera

menção de dinheiro em troca de suas histórias.

Eram as mesmas famílias, amigos, colegas e vizinhos do morto ou do acusado, as mesmas pessoas que telefonariam pouco depois, repentinamente raivosas, loucas para ajudar, e felizes ao ouvir a menção de dinheiro em troca de suas histórias.

— Quem é? Quem é? — a miserável nem acendia a luz da entrada, muito menos abria a porta.

Eu gritei:

— Sou Edward Dunford, senhora Sheard. Do *Post*, lembra?

— Claro que me lembro. Hoje é domingo, senhor Dunford — ela gritou, tentando vencer a barulheira de Hamlet.

— O meu editor, senhor Hadden, disse que a senhora telefonou querendo conversar com um de nossos repórteres — gritei através do vidro.

— Telefonei na segunda-feira passada, senhor Dunford, mas eu só trabalho durante os dias comerciais, não no Dia do Senhor, e agradeceria se você e seu chefe fizessem o mesmo, meu caro jovem.

— Sinto muito, senhora Sheard. Estamos muito ocupados. Vim de muito longe e não costumo trabalhar... — Fiquei pensando se Hadden mentira para mim ou confundira as datas.

— Só espero que tenha o meu dinheiro em mãos, senhor Dunford — ela disse, ao abrir a porta.

Sem um puto, entrei no escuro e apertado hall, sentindo o fedor de Hamlet; fedor que esperava nunca mais sentir na vida.

A viúva Sheard, com seus setenta e irritáveis anos, se eu não perdera as contas, levou-me em direção à sala na parte da frente da casa, e eu, mais uma vez, estava sentado naquela penumbra com Enid Sheard, suas memórias e suas mentiras, enquanto Hamlet riscava o chão da cozinha com a pata.

Sentei na ponta do sofá e disse:

— O senhor Hadden disse que você queria conversar.

— Eu nunca falei com o senhor Hadden...

— Mas deve ter algo que queira dividir conosco sobre o que aconteceu na vizinhança? — Eu olhava para a televisão desligada e nela enxergava os olhos mortos de Jeanette Garland, Susan Ridyard e Clare Kemplay.

— Peço que não interrrompa enquanto estou falando, senhor Dunford.

— Sinto muito — eu me desculpei, com o estômago dando um nó sempre que pensava na senhora Garland.

— Você cheira a álcool, senhor Dunford. Acho que prefiro me encontrar com o senhor Whitehead.

— Você conversou com Jack Whitehead?

Ela sorriu.

— Conversei com um tal senhor Whitehead. Ele nunca me disse seu primeiro nome, e eu nunca perguntei.

De repente, aquela sala escura ficou muito quente.

— O que ele disse?

— Disse que eu deveria conversar com o senhor. Que essa história não lhe pertence.

— E o que mais? O que mais ele disse? — Eu tentava recuperar o fôlego.

— Caso me permita terminar...

E me aproximei da poltrona da viúva, movendo-me pelo sofá.

— O que mais?

— Senhor Dunford, ele disse que eu deveria oferecer a chave a você. Mas eu disse...

— Chave? Que chave? — Eu quase caía do sofá, estava perto demais do colo da viúva.

— A chave para a seguinte porta — ela respondeu, orgulhosa.

De repente, a porta da cozinha se abriu, e Hamlet entrou voando na sala, pulando bem ao nosso lado, com sua língua quente e molhada perdida entre nossos rostos.

— Certo, Hamlet, chega. Chega disso.

Do lado de fora já era noite fechada, e a senhora Enid Sheard brincava com a chave da casa dos Goldthorpe na mão. Depois abriu a fechadura, e eu entrei.

Um mês antes, a polícia recusara todos os pedidos de entrada no cenário do crime, e Enid Sheard não parecia a pessoa mais provável a ter acesso, mas deve ter conseguido alguma conexão, e ali estava eu, na cozinha dos Goldthorpe, na toca do Ratcatcher.

Tentei acender a luz da cozinha.

— Devem ter desconectado todas, não é? — murmurou a senhora Sheard, ainda na porta.

Tentei acender mais uma vez.

— É o que parece.

— Eu não ousaria entrar aí sem luz. Vou ficar por aqui.

Entrei na cozinha, que cheirava a mofo.

— Você vai ter de voltar de dia, certo? Eu avisei que não deveria trabalhar aos domingos.

— Sim, você avisou — murmurei debaixo da pia da cozinha, tentando imaginar por que a senhora Sheard era tão desprezível.

— O que está fazendo aí embaixo, senhor Dunford?

— Aleluia! — gritei, saindo debaixo da pia com uma vela, agradecendo a Deus por isso e por aquelas famosas semanas de racionamento.

Enid Sheard disse:

— Como você insiste em explorar na escuridão, vou ver se encontro alguma das antigas lanternas do senhor Sheard. Ele sempre gostou de lanternas e velas. “Temos de estar preparados”, dizia. E com aquele monte de greves... — Ela continuava murmurando enquanto voltava à sua casa.

Fechei a porta atrás de mim e peguei um pires num armário. Acendi a vela e deixei cair um pouco da cera sobre o pires, para prender a base.

Finalmente sozinho na toca do Ratcatcher.

O sangue nos meus pés esfriara.

A vela iluminava as paredes da cozinha em tons vermelhos e amarelos, vermelhos e amarelos que me levavam de volta a um acampamento cigano em chamas, trazendo de volta a imagem do rosto de uma menina com cabelos castanhos, gritando no meio da noite, e de outra, numa maca mortuária, com asas nas costas. Engoli em seco com força, imaginando que merda estaria fazendo ali, abrindo a porta de vidro da cozinha.

A casa era exatamente igual à da senhora Sheard. Um pouco da luz vinda da porta da frente juntava-se à luz da vela, iluminando um diminuto hall com um par de escurecidas paisagens da Escócia e um entalhe de pássaro. As outras cinco portas estavam fechadas. Deixei a vela na mesa do telefone, buscando um pedaço de papel no bolso.

Na toca do Ratcatcher...

Eu não teria qualquer problema para enviar a matéria aos jornais nacionais. Umas poucas fotos, e tudo certo. Talvez desse algum livro. Como disse Kathryn, a história vinha praticamente pronta:

“Número 6, Willman Close, residência de Graham e Mary Goldthorp, irmão e irmã,

assassino e vítima".

No hall do Ratcatcher, peguei minha caneta e abri uma das portas.

O quarto dos fundos era o de Mary. Enid Sheard disse que Graham insistira em que sua irmã mais velha tivesse o quarto maior, para ter mais privacidade. A polícia também confirmou que, nos doze meses anteriores ao acontecimento de quatro de novembro, Graham telefonara duas vezes à delegacia, reclamando de um *voyeur* na janela de sua irmã. A polícia nunca conseguiu confirmar suas reclamações, ou talvez nunca tenha tentado. Toquei nas cortinas pesadas e fiquei imaginando se seriam novas, se Graham as comprara para Mary, para manter o intruso afastado.

Que olhos eram aqueles que rondavam o corpo da sua irmã? Os olhos de um estranho, ou seriam os mesmos olhos que naquele momento o observavam, vindos do espelho?

As cortinas e todo o mobiliário pareciam muito pesados para o quarto, mas a mesma coisa acontecia na casa de Enid Sheard e na de minha mãe. Uma cama de solteiro, um armário e uma cômoda com espelho em cima, tudo grande e de madeira. Deixei a vela ao lado do espelho, entre duas escovas de cabelo, uma escova para roupas, um pente e uma foto da mãe dos Grandthorpe.

Será que Graham foi àquele quarto enquanto ela dormia, para roubar da escova fios do cabelo loiro, cabelos como os de sua mãe, para guardá-los?

Na última gaveta da esquerda havia algo de maquiagem e cremes para a pele. Na gaveta da direita encontrei a roupa íntima de Mary Goldthorpe. Era de seda e fora mexida pela polícia. Toquei numa calcinha branca, lembrando-me que as fotos publicadas eram de uma mulher simples, mas ainda assim atraente. Tinha quarenta anos ao ser morta, e eu e a polícia não descobrimos nenhum namorado. Aquela roupa íntima era bem cara para pertencer a uma mulher que não tinha amantes. Seria um desperdício.

Graham a observava enquanto dormia, com seus cabelos caídos sobre o travesseiro. Em silêncio, ele abriu a gaveta superior direita, a mais íntima de todas, metendo as mãos entre as peças de seda. De repente, Mary se levantou na cama.

O quarto era uma suíte com banheiro e exalava cheiro de desinfetante. Fiquei de pé sobre um capacho rosa e mijei rápido no banheiro de Graham Goldthorpe, ainda pensando em sua irmã. O som da descarga tomou conta da casa.

"Graham? O que você está fazendo?", ela murmurou.

O quarto de Graham era ao lado do banheiro na parte da frente da casa, pequeno e lotado de móveis ainda mais pesados. Na parede acima de sua cama de solteiro havia três fotos emolduradas. Eu apoiei um dos joelhos na cama de Graham e ergui a vela, notando mais três entalhes de pássaros, parecidos com o que havia no hall. O pijama de Graham continuava sob o travesseiro.

Graham ficou paralisado, seu pijama colado ao corpo graças ao suor.

Junto à cama, várias revistas e pastas. Abaixei a vela, pousando-a numa mesa de cabeceira, e peguei algumas revistas. Eram sobre meios de transportes, trens e ônibus. Deixei as revistas por ali e segui em direção à escrivaninha. No tampo havia um grande gravador, com um espaço vazio, de onde a polícia retirara a fita.

Merda.

As fitas do Ratcatcher, desaparecidas, mas não para sempre.

"Ontem à noite ela me surpreendeu em seu quarto enquanto eu a observava", murmurou Graham entre os lençóis, com a fita girando silenciosamente. "Amanhã é Mischief Night, e eles virão."

Peguei um livro grosso da estante, com antigos horários de trens, e fiquei maravilhado com a inutilidade daquilo. Na folha de abertura, Graham Goldthorpe pusera o desenho de uma coruja usando óculos com uma mensagem: ESTE LIVRO PERTENCE A GRAHAM E MARY GOLDTHORPE. NÃO O ROUBE, OU SERÁ PERSEGUIDO E MORTO.

Merda.

Peguei mais um livro da estante e encontrei a mesma mensagem. Depois outros, e a mensagem se repetia.

Que homem mais estranho.

Comecei a colocar os livros no lugar, parando ao notar um exemplar em capa dura do *Guide to the Canals of the North*, que não fechava bem.

Abri o *Guide to the Canals of the North* e fui atirado diretamente no inferno.

Entre fotos de vários canais do norte, encontrei fotos de dez ou doze jovens meninas.

Fotografias escolares.

Com olhos e sorrisos brilhantes à minha frente.

Minha boca ficou seca, meu coração disparou, e eu fechei o livro rapidamente.

Um segundo mais tarde, voltei a abrir, aproximando-o da vela, vendo as fotografias.

Não encontrei Jeanette.

Nem Susan.

Nem Clare.

Apenas dez retratos escolares, ou pouco mais, de meninas entre dez e doze anos.

Sem nome.

Sem endereços.

Sem datas.

Apenas dez pares de olhos azuis e dez sorrisos brancos contra o mesmo fundo azul-céu.

Com a mente e a pulsação a mil, peguei mais um volume da estante, e outro, e outro.

Nada.

Cinco minutos mais tarde tinha aberto todos os livros e revistas.

Nada.

Fiquei parado no centro do quarto de Graham Goldthorpe, olhando o *Guide to the Canals of the North*, com o resto do quarto aos meus pés.

— Não entendo o que poderia ser tão importante, impedindo que venha outro dia. Ai, meu Deus, que confusão! — Enid Sheard apareceu com uma lanterna, iluminando todos os cantos do quarto e balançando a cabeça. — O senhor Goldthorpe ficaria louco caso visse seu quarto assim.

— Você não sabe o que a polícia levou, não é?

Ela colocou a lanterna bem em cima dos meus olhos.

— Isso não é assunto meu, senhor Dunford. E eu não me meto no que não me diz respeito, como o senhor bem sabe.

— Eu sei.

— Eles juraram que deixariam tudo como encontraram. Olhe para essa bagunça. E os outros cômodos, estão iguais?

— Não. Só este — respondi.

— Eu imaginava que se interessariam por ele — disse Enid Sheard, usando sua lanterna para varrer o quarto de ponta a ponta.

— Você poderia dizer o que está faltando aqui?

— Senhor Dunford! Eu nunca coloquei os pés no quarto do senhor Goldthorpe antes. Vocês, jornalistas... têm a cabeça como canos de esgoto, a maioria...

— Sinto muito. Não foi o que eu quis dizer.

— Eles levaram embora todos os desenhos e as fitas, isso eu sei. — E pousou a luz sobre o gravador. — Eu mesma vi quando carregavam tudo isso.

— O senhor Goldthorpe nunca disse o que estava gravado naquelas fitas?

— Alguns anos atrás, Mary me disse que ele mantinha um diário. E eu me lembro de ter perguntando se gostava de escrever, e ela me contou algo sobre um gravador.

— E comentou que tipo de coisas...

A luz atingiu diretamente os meus olhos.

— Senhor Dunford, quantas vezes...? Ela não disse, e eu não perguntei. Eu...

— Você só se importa com o que lhe diz respeito, eu sei. — Com o *Guide to the Canals of the North* escondido sob a camisa, metido no cós da calça, eu peguei a vela. — Obrigado, senhora Sheard.

No hall, Enid Sheard parou à beira da porta do quarto da frente.

— Já entrou aqui?

— Não — respondi, olhando para a porta.

— Mas foi aqui que...

— Eu sei — murmurei, pensando em Mary Goldthorpe enforcada e dependurada na lareira, no cérebro do irmão espalhado pelas paredes. Vi o marido de Paula Garland no mesmo quarto.

— Seria um pouco inútil, caso queira saber minha opinião — murmurou Enid Sheard.

Na cozinha, abri a porta de trás da casa e apaguei a vela, deixando o pires na pia.

— Melhor voltarmos para dentro de casa e tomarmos um chá — sugeriu Enid Sheard, ao trancar a porta de trás e colocar a chave no bolso.

— Não, obrigado. Já tomei muito tempo do seu domingo. — O livro estava penetrando em meu estômago.

— Senhor Dunford, o senhor talvez faça seu trabalho na rua, para que todos vejam, mas eu não.

— Sinto muito, mas eu não entendo — disse, sorrindo.

— O meu dinheiro, senhor Dunford.

— Ah, claro. Sinto muito. Vou ter de voltar amanhã com um fotógrafo. E mandarei um cheque.

— Dinheiro vivo, senhor Dunford. Meu marido nunca confiou em bancos, e eu também não confio. Quero cem libras em dinheiro vivo.

Comecei a caminhar em direção ao jardim:

— Certo, cem libras em dinheiro, senhora Sheard.

— E imagino que desta vez será educado e ligará para saber se sua visita é conveniente — gritou Enid Sheard.

— Claro, senhora Sheard, ou imagina que eu faria de outro modo? — gritei, começando a correr, com o *Guide to the Canals of the North* debaixo da roupa contra as costelas, pois um ônibus estava parado na rua principal.

— Cem libras em dinheiro vivo, senhor Dunford.

— Está se divertindo?

Oito da noite. O Press Club, com seus dois leões de pedra, no centro da cidade de Leeds.

Kathryn e eu pedimos nossas cervejas.

— Há quanto tempo está aqui? — ela perguntou.

— Desde que abriram.

A garçonete sorriu para Kathryn, murmurando *seis* ao oferecer sua bebida.

— Quantas já tomou?

— Não o suficiente.

A garçonete ergueu quatro dedos.

Eu olhei para a garçonete e disse:

— Vamos para uma mesa.

Kathryn pediu mais dois drinques e me seguiu em direção ao canto mais escuro do Press Club.

— Você não está com boa aparência, meu amor. O que andou fazendo?

Suspirei e peguei um cigarro no maço.

— Não sei por onde começar.

Life on Mars começou a tocar no juke-box.

— Vá com calma. Não estou com pressa — disse Kathryn, pondo sua mão sobre a minha.

Afastei minha mão.

— Foi à redação hoje?

— Por poucas horas.

— E quem estava por lá?

— Hadden, Jack, Gaz...

O idiota do Jack Whitehead. Meu pescoço e ombros latejavam de cansaço.

— O que ele estava fazendo por lá num domingo?

— Jack? A autópsia. Aparentemente, é inacreditável. Sério...

Ela ficou sem palavras.

— Eu sei.

— Você falou com Jack?

— Não — respondi, pegando um cigarro do maço, acendendo-o.

Bowie abriu caminho para Elton.

Kathryn se levantou e voltou ao bar.

George Graves ergueu um cigarro de outra mesa, apontando na minha direção. Eu o cumprimentei. Aquele lugar estava começando a ficar cheio.

Recostei o corpo e olhei para cima, para as luzes.

— O senhor Gannon está por aqui?

Rapidamente, voltei a debruçar o corpo, com o estômago revirado e a cabeça girando.

— O quê?

— Barry está por aqui?

— Não — respondi.

Um corpo magro, num terno marrom, virou-se e foi embora.

— Quem era? — perguntou Kathryn, pousando os copos na mesa.

— Sei lá. Um amigo de Barry. Então a autópsia será a manchete?

Ela pousou sua mão sobre a minha mais uma vez.

— Sim.

Novamente retirei minha mão.

— Merda. E o texto é bom?

— É — ela respondeu, pegando seu maço de cigarros, mas estava vazio.

Ofereci o meu.

— Alguma outra notícia importante?

— Um incêndio num asilo matou dezoito.

— E isso não é a manchete?

— Não. A manchete é Clare.

— Merda. Algo mais?

— O estuprador de Cambridge. Futebol. Leeds ganhou do Cardiff.

— Nada sobre o acampamento de ciganos, o que está à beira da M1?

— Não. Não que eu tenha escutado. Por quê?

— Nada. Ouvi falar sobre um incêndio ou algo parecido.

Acendi mais um cigarro e tomei um gole de cerveja.

Kathryn pegou mais um cigarro do meu maço.

— E quanto à van branca? Encontrou alguma coisa? — perguntei, devolvendo o maço de cigarros ao meu bolso, tentando me lembrar que carro dirigia Graham Goldthorpe.

— Sinto muito, querido. Não tive tempo. Mas não acho que descubra nada. A polícia teria mencionado qualquer coisa, e tenho certeza de que não se falou nada sobre isso.

— O senhor Ridyard parecia ter certeza do que dizia.

— Talvez seja apenas um rumor.

— Deviam morrer queimados no inferno.

Os olhos de Kathryn brilhavam, mesmo com a luz tênue, carregados de lágrimas.

— Sinto muito — eu disse.

— Tudo bem. Você se encontrou com Barry? — A voz dela era trêmula.

— Encontrei. E a autópsia, quantos detalhes ele incluiu?

Kathryn terminou seu drinque.

— Nada. Quantos você acha que incluiria?

— Você sabe se Johnny Kelly jogou pelo Trinity hoje?

— Não, não jogou.

— Gaz disse o que aconteceu?

— Ninguém sabe.

— Gaz não disse nada?

— Ninguém sabe. — Kathryn pegou seu copo, mas estava vazio, e voltou a pousá-lo na mesa.

— A coletiva de imprensa vai ser amanhã?

Kathryn pegou seu maço de cigarros vazio.

— Claro.

— A que horas?

— Acho que disseram às dez. Mas não tenho certeza. — E retirou a lâmina de prata

de dentro do maço.

— O que Hadden comentou sobre a autópsia?

— Eu não sei, Eddie. Não sei de nada. — Seus olhos estavam arregalados mais uma vez, seu rosto, vermelho. — Edward, me dá um cigarro?

Estendi o maço.

— Só tenho um.

Kathryn suspirou e disse:

— Esquece. Vou comprar.

— Não seja boba. Pegue.

— Você foi a Castleford? — Ela buscava algo na bolsa.

— Fui.

— E viu Marjorie Dawson, então? Como ela é?

Acendi meu último cigarro.

— Eu não me encontrei com ela.

— Não? — Kathryn buscava moedas para comprar cigarros na máquina.

— Eu me encontrei com Paula Garland.

— Meu Deus, você não deveria... Que merda!

A mãe dela dormia, o pai roncava, e eu estava de joelhos no chão do quarto.

Kathryn me ergueu, levando minha boca à sua, ao mesmo tempo que caíamos na cama.

Eu pensava nas meninas do sul chamadas Sophie e Anna.

A língua de Kathryn tomou a minha com força. Ela sentiu o gosto da própria boceta na boca, e isso a deixou mais excitada. Usei meu pé esquerdo para livrá-la de sua calcinha.

Eu pensava em Mary Goldthorpe.

Ela pegou meu pau com a mão direita e o guiou. Eu me afastei, usando a mão direita para mover meu pau no sentido dos ponteiros do relógio entre os lábios de sua boceta.

Eu pensava em Paula Garland.

Ela cravou as unhas na minha bunda, louca por mim. Eu penetrei com força, e meu estômago de repente virou um nó.

Eu pensava em Clare Kemplay.

— Eddie — ela murmurou.

Eu a beijei com força, descendo da sua boca para o seu pescoço, depois para o queixo.

— Eddie? — sua voz estava alterada.

Eu a beijei com força, descendo do queixo para o pescoço, e finalmente mais uma vez voltando à sua boca.

— Eddie! — Outra mudança, para pior.

Parei de beijá-la.

— Estou grávida.

— O que você está dizendo? — perguntei, sabendo exatamente o que ela estava querendo dizer.

— Estou grávida.

Saí de sua boceta e me deitei de costas.

— O que vamos fazer? — ela murmurou, pousando a orelha em meu peito.

— Livre-se disso.

Merda, eu ainda estava bêbado.

Eram quase duas da manhã quando o táxi me deixou em casa.

“Merda”, pensei, ao girar a chave na porta traseira. Havia uma luz acesa na sala dos fundos.

Merda, preciso de uma xícara de chá e um sanduíche.

Acendi a luz da cozinha e comecei a procurar presunto na geladeira.

Merda, preciso ao menos dizer oi.

Minha mãe estava sentada na cadeira de balanço, olhando para a televisão desligada.

— Quer uma xícara de chá, mãe?

— O seu amigo Barry...

— O que tem?

— Está morto, querido.

— Merda — reagi, automaticamente. — Você está brincando!

— Não, não estou brincando.

— Como? O que aconteceu?

— Acidente de carro.

— Onde?

— Morley.

— Morley?

— A polícia disse apenas isso, Morley.

— A polícia?

— Ligaram há poucas horas.

— Por que ligaram para cá?

— Encontraram seu nome e endereço no carro.

— Meu nome e meu endereço?

Ela tremia.

— Eu estava muito preocupada, Eddie. — E pressionou a roupa contra o corpo, esfregando o cotovelo uma e outra vez.

— Sinto muito.

— Onde você esteve todo esse tempo? — Ela gritava.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que vira minha mãe levantar a voz.

— Sinto muito. — E fui abraçá-la quando a água começou a ferver na cozinha.

Fui até lá e desliguei o fogo.

Voltei com duas xícaras de chá.

— Isso vai fazer com que se sinta melhor.

— Foi ele quem esteve aqui esta manhã, não foi?

— Foi.

— Parecia tão bom!

— E era.

PARTE 2

RELVA SUSSURRANTE

4

— Uma freada. Ele é atirado à parte traseira da van. *Bum!* — Gilman bate com o punho na palma da outra mão.

— A van carregava janelas, certo? — murmurou Novato, sentado ao lado de Tom.

— É. Ouvi dizer que um dos painéis acabou com sua maldita cabeça — disse um outro Novato atrás da gente.

— Merda — dissemos todos.

16 de dezembro de 1974.

Delegacia de polícia de Wakefield, Wood Street, Wakefield.

O negócio de sempre:

Um homem morto e uma menina morta.

Olhei para o relógio de meu pai no pior dia de chuva e na pior segunda-feira de todas.

Já eram quase dez.

Nos encontramos no Parthenon, no topo do Westgate, tomamos café com torrada e vimos as janelas sendo fechadas e a chuva começando a cair.

Falávamos sobre Barry.

Às nove e meia corremos sob a chuva com jornais concorrentes nas mãos, em direção à delegacia de Wood Street e ao Terceiro Round.

Gilman, Tom e eu; duas filas atrás e sem nos importarmos com nada. Os veículos nacionais à frente. Rostos familiares de minha vida anterior não me dirigiam a palavra. Eu cagava para eles. Ou pelo menos um pouco.

— Que merda ele estava fazendo em Morley? — perguntou Gilman mais uma vez, sacudindo a cabeça de um lado para o outro.

— Você conhecia Barry, devia estar procurando Lucky — disse Tom de Bradford, sorrindo.

Uma grande mão tocou meu ombro.

— Bêbado como um gambá, pelo que dizem.

Todos viraram a cabeça.

Era o idiota do Jack Whitehead, que se sentara bem atrás de mim.

— Foda-se — eu disse, baixinho, sem virar a cara.

— E bom dia para você, Senhor Furo. — Senti o hálito de uísque em minha nuca.

— Bom dia, Jack — disse Tom de Bradford.

— Senti falta de um discurso fúnebre esta manhã. Nada na redação após Bill ter terminado. Comovente.

— Sério. Isso... — disse Tom.

Jack Whitehead se aproximou de meu ouvido, mas não baixou o tom de voz.

— Você poderia ter evitado uma viagem, Senhor Furo.

— O quê? — perguntei, com os olhos voltados para a frente.

— O senhor Hadden quer vê-lo de volta à base, Senhor Furo. Agora. O mais rápido possível.

Eu podia sentir o sorriso de Jack atrás de mim, em minha nuca.

E me levantei, sem olhar para Gilman ou Tom.

— Vou telefonar para ele.

— Certo. Ah, Senhor Furo?

Eu me virei, olhando para Jack, sentado em seu banco.

— A polícia está atrás de você.

— O quê?

— Você esteve bebendo com Barry, pelo que escutei.

— Merda.

— Testemunhas... quantas você tem?

— Vai se foder.

— Certo — disse Jack, dando uma olhada na sala à sua volta. — Parece que você está no lugar certo, na hora certa. Finalmente.

Passei por Tom, caminhando o mais rápido possível, em direção aos fundos da sala.

— Ah, Senhor Furo?

Eu não queria me virar nem olhar para aquele sorriso de merda outra vez. Não queria perguntar:

— O quê?

— Parabéns.

— O quê? — perguntei mais uma vez, perdido entre as pernas das cadeiras.

— O que o Senhor tira com uma das mãos, Ele oferece com a outra.

Eu era a única pessoa de pé por ali, fora os técnicos e policiais, a única pessoa que repetia:

— O quê?

— Aquela história de fazer barulho com pés pequeninos, esse tipo de coisa...

— De que merda você está falando?

Toda a sala olhava para mim e para Jack.

Ele pôs as mãos atrás da cabeça e soltou a maior gargalhada que pôde, olhando para o chão:

— Não me diga que acabei de dar um furo, Senhor Furo?

A sala ria com Jack.

— A sua namorada, Dunston?

— Dunford — corrigi, mesmo sem querer.

— Seja lá como for — disse Jack.

— O que tem?

— Disse a Stephanie que está se sentindo um pouco mal esta manhã. Mas ela vai ter de se acostumar com isso.

— Você está de sacanagem? — disse Tom de Bradford.

Gilman olhava para o chão, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Fiquei ali, parado. Edward Dunford, um rosto vermelho do norte da Inglaterra, com os olhos de toda a sala voltados para mim, olhos de todo o país e locais.

— Então? — perguntei, frouxo.

— Ela deve ser uma mulher honesta, imagino?

— Honesta! O que você sabe sobre honestidade?

— Calma, calma...

— Foda-se. — E segui para a última fila. Demorou um século para que eu chegasse lá, o tempo suficiente para que Jack soltasse mais uma gargalhada.

— Os jovens são estranhos hoje em dia.

A sala inteira ria afetada.

— Acho que a senhora Whitehead tem razão.

A sala inteira se divertia com ele.

— A maldita sociedade permissiva, é isso. Eu fico com Keith Joseph. Esterilizar todo mundo!

Todos riram muito, e bem alto.

Um século depois, finalmente cheguei à última fila e ao corredor.

Jack Whitehead gritou:

— E não se esqueça de aparecer por lá.

A sala inteira explodiu.

Eu passei entre os policiais e os técnicos do fundo da sala, todos sorrindo.

Queria morrer.

E seguiu-se um barulho.

A sala ficou muda.

A porta lateral foi fechada com uma batida.

Virei o corpo.

O detetive-chefe superintendente George Oldman e dois outros homens vestindo terno entraram.

Voltei o rosto para uma última olhada.

Oldman parecia cem anos mais velho.

— Obrigado por virem, senhores. Vamos ser o mais breve possível, pois todos sabem onde deveríamos estar. O senhor à minha direita é o doutor Coutts, médico-legista que conduziu a autópsia. À minha esquerda, o detetive superintendente Noble, que, ao meu lado, liderará a busca pelo assassino ou assassinos da pequena Clare Kemplay.

O detetive superintendente Noble olhava diretamente para mim.

Eu sabia o que estava por vir e já tinha visto tudo aquilo muitas vezes.

Virei as costas e saí.

— Estão dizendo que Barry estava bêbado?

A chuva escorria para dentro da cabine telefônica, criando uma piscina ao redor de meus pés. Olhei através dos vidros sujos para as luzes amareladas da delegacia Wood Street, para o outro lado da rua.

Na outra ponta da linha, Hadden parecia decepcionado.

— É o que a polícia está dizendo.

Mexi em meus bolsos.

— É o que Jack está dizendo, também.

Fiquei parado no meio de toda aquela água, com os sapatos molhados, equilibrando

uma caixa de fósforos, um cigarro e o fone.

— Quando voltará à redação?

Acendi o cigarro.

— Esta tarde.

Seguiu-se uma pausa, depois:

— Preciso conversar com você.

— Claro.

Uma pausa ainda mais longa, e:

— O que aconteceu ontem, Eddie?

— Fui ver Enid Sheard. Tudo o que ela tem é uma chave da casa de Goldthorpe.

Hadden, parecendo bem mais distante, disse:

— Sério?

— Sério, mas eu preciso fazer algumas fotos. Poderia pedir a Richard ou Norman que me encontrasse por lá?

— Quando?

Olhei para o relógio de meu pai.

— Ao meio-dia, mais ou menos. Talvez seja melhor que um deles traga o dinheiro.

— Quanto?

Olhei para a Wood Street, para além da delegacia, e as nuvens negras escureciam a manhã.

Respirei fundo, com uma dor fina no peito.

— Aquela vaca quer duzentas libras.

Silêncio.

Depois:

— Eddie, o que aconteceu ontem?

— O quê?

— Com a senhora Dawson. O que aconteceu?

— Eu não me encontrei com ela.

Hadden, com voz nervosa, disse:

— Mas eu pedi que você...

— Fiquei no carro.

— Mas eu pedi...

— Eu sei, eu sei. Barry imaginou que eu a deixaria muito nervosa.

Deixei o cigarro cair na poça a meus pés, quase acreditando na história que contava.

Hadden, do outro lado da linha, parecia suspeitar:

— Sério?

— Sim.

O cigarro dançava na poça de água.

— A que horas estará de volta?

— Entre duas e três.

— Preciso te ver.

— Sim, eu sei.

E desliguei.

Observei enquanto Gilly e Tom saíam da delegacia, com o paletó sobre a cabeça, seguindo em direção a seus carros e redações, com suas luzes amarelas acesas.

Coloquei o paletó sobre a cabeça e me preparei para sair correndo.

Trinta minutos mais tarde, o Viva fedia a bacon.

Abri a janela e olhei para a Brunt Street, Castleford.

Meus dedos estavam repletos de gordura do sanduíche.

A luz estava acesa na porta do número 11, refletindo-se no pavimento escuro e molhado logo à frente.

Tomei um bom gole de chá adocicado e quente.

A luz foi desligada, e a porta vermelha se abriu.

Paula Garland saiu de casa com um guarda-chuva floral. Ela fechou a porta e desceu a rua, em direção ao Viva.

Fechei a janela e inclinei o assento. Podia ouvir suas botas marrons pesadas se aproximando. Fechei os olhos e engoli em seco, imaginando que merda diria.

As botas dirigiram-se para o outro lado da rua.

Eu me levantei e olhei pelo retrovisor.

As botas marrons, a capa de chuva bege e o guarda-chuva florido dobraram a esquina e desapareceram.

Barry Gannon certa vez me disse:

— Os grandes edifícios são parecidos com os crimes.

Em 1970, de acordo com as anotações que Hadden me entregou, John Dawson desenhou e construiu Shangri-lá, e foi aclamado pela comunidade de arquitetos e pelo

público em geral. Televisão, jornais e revistas foram convidados a entrar e conhecer o maravilhoso interior. O custo da mansão foi estimado em mais de meio milhão de libras, um presente do arquiteto mais famoso do pós-guerra britânico a sua esposa, na ocasião das bodas de prata de seu casamento. Recebendo o nome da mítica cidade do filme preferido de Marjorie Dawson, *Horizonte perdido*, Shangri-lá capturou a imaginação do grande público na Grã-Bretanha.

Isso resumidamente.

Meu pai costumava dizer: “Se quiser conhecer o artista, dê uma olhada na sua obra”.

Ele costumava falar sobre Stanley Matthews e Don Bradman ao dizer esse tipo de coisa.

Tenho uma vaga lembrança de meu pai e minha mãe pegando o Viva num domingo especial e saindo de Castleford. O que mais me lembro é dos dois conversando um pouco, mas sobretudo escutando rádio. Eles provavelmente pararam o carro no acostamento e ficaram observando Shangri-lá através do vidro. Teriam levado sanduíches e um cantil? Espero que não. Não, eles provavelmente foram até o Lumbs para tomar um sorvete na volta a Ossett. Podia ver meus pais sentados dentro do carro estacionado na Barnsley Road, tomando sorvete em silêncio.

Quando voltaram à casa, meu pai deve ter se sentado para escrever sua crítica a Shangri-lá. E deve ter ido ver a Town no dia anterior, se estivesse em casa, e deve ter escrito sobre isso antes de dar sua nota à Shangri-lá e ao senhor John Dawson.

Em 1970, um ano antes de sair de Fleet Street, eu estava em meu apartamento com vista para o mar, em Brighton, lendo a carta que semanalmente recebia do norte — área que para as meninas do sul chamadas Anna ou Sophie parecia tão linda — e finalmente jogando a carta ainda não lida por inteiro no lixo, agradecendo aos malditos Beatles por terem vindo de Liverpool, e não de Lambeth.

Em 1974, sentei no mesmo carro, à beira da mesma rua, olhando para o céu chuvoso e para a mesma casa pintada de branco, pensando que seria ótimo lembrar-me da crítica de meu pai sobre Shangri-lá e o senhor John Dawson.

Abri a porta do carro, coloquei o paletó sobre a cabeça e fiquei imaginando que merda teria me levado até ali.

Havia dois carros estacionados na rua, um Rover e um Jaguar, mas ninguém atendia à

campainha.

Voltei a tocar e dei uma olhada no jardim, no lago sob a chuva, no Viva estacionado mais à frente na mesma rua. E imaginei estar vendo dois ou três grandes peixes dourados no lago. Fiquei pensando se eles gostavam da chuva, se a chuva fazia alguma diferença na vida deles.

Voltei à porta mais uma vez e terminei frente a frente com o rosto pesado de um homem bronzeado e vestido para jogar golfe.

— A senhora Dawson está em casa?

— Não — respondeu o homem.

— Poderia me dizer quando volta?

— Não.

— Poderia me dizer onde encontrá-la?

— Não.

— O senhor Dawson está em casa?

— Não.

E me lembrei vagamente daquele rosto.

— Não vou te prender, então, senhor Foster. Obrigado por sua ajuda.

Virei o corpo e fui embora.

No meio do caminho, olhei para trás e notei o movimento de uma cortina. Girei para a direita no gramado e caminhei pela grama macia, em direção ao lago. Os pingos da chuva faziam desenhos bonitos no chão. E lá estavam os peixes dourados, parados.

Virei o corpo e olhei para Shangri-lá sob a chuva. As formas curvas pareciam ostras ou a maldita Ópera de Sidney. Então me lembrei da crítica de meu pai a Shangri-lá e ao senhor John Dawson:

“Shangri-lá parece um cisne adormecido.”

Meio-dia.

Willman Close, Pontefract.

Nós de dedos bateram no vidro fechado do Viva. Voltei à Terra imediatamente, abrindo o vidro.

Paul Kelly se curvou para dentro do carro.

— E Barry? Que merda, não? — Ele estava sem fôlego e não tinha guarda-chuva.

— É — respondi.

— Ouvi dizer que foi atingido na cabeça.

— É o que estão dizendo.

— Que maneira de morrer... E na maldita Morley, hein?

— É, eu sei.

Paul Kelly abriu um sorriso forçado.

— Está fedendo aqui, cara. O que você estava fazendo?

— Comi um sanduíche de bacon. Dá licença — eu disse, subindo a janela, mas não completamente, e saíndo do carro.

Merda.

Paul Kelly, fotógrafo. Primo do famoso John e de sua irmã Paula.

A chuva caía ainda com mais força, juntando-se à minha enorme paranoia.

Por que se chamava Kelly, e não Dicky ou Norm?

Por que hoje?

Coincidência?

— Qual delas?

— Quê? — perguntei, trancando a porta do carro e colocando o paletó sobre a cabeça.

— A de Goldthorpe? — perguntou Kelly, olhando para as casas. — Qual é?

— Número 6. — E atravessamos a rua em direção às casas mais à frente.

Kelly tirou uma enorme câmera japonesa da bolsa.

— A velha está no número 5, então?

— Sim. Hadden lhe entregou o dinheiro?

— Entregou — respondeu Kelly, escondendo a câmera no paletó.

— Quanto?

— Duzentos.

— Em dinheiro?

— Sim — ele respondeu, sorrindo e apalpando o bolso do paletó.

— Meio a meio? — perguntei, batendo no vidro da porta.

— Seria ótimo, senhor — ele respondeu, no exato momento em que a porta se abriu.

— Bom dia, senhora Shear.

— Boa tarde, senhor Dunford e...

— Senhor Kelly — disse Paul.

— Numa hora muito mais civilizada, não acha, senhor Dunford? — perguntou Enid Sheard, sorrindo para Paul Kelly.

— Eu acho — respondeu Kelly, sorrindo para ela.

— Os senhores gostariam de tomar uma xícara de chá?

Rapidamente, respondi:

— Obrigado, mas acho que estamos um pouco atrasados.

Enid Sheard apertou os lábios.

— Vamos por aqui, senhores, por favor.

Ela nos levou por um caminho entre as duas casas. Quando chegamos à porta do número 6, Kelly saltou ao ouvir um latido na porta do número 5.

— Hamlet — eu disse.

— O meu dinheiro, senhor Dunford? — perguntou Enid Sheard, pegando a chave.

Paul Kelly lhe ofereceu um envelope pardo.

— Cem libras, em dinheiro.

— Obrigada, senhor Kelly — agradeceu Enid Sheard, guardando o dinheiro no bolso do avental.

— É um prazer — respondi.

Ela abriu a porta dos fundos do número 6 da Willman Close.

— Vou colocar água para ferver. Quando terminarem, é só bater na porta.

— Obrigado. Muita gentileza sua — disse Kelly enquanto entrávamos.

Fechei a porta na cara dela.

— Você não notou o que estava fazendo? Deixou ela louquinha, espero que saiba como desligar o motor sexual dessa mulher — eu disse, gargalhando.

— Olha quem fala — disse Paul, sorrindo, também, e baixando de repente o rosto.

Parei de gargalhar, olhando para a vela posta sobre a pia e pensando no *Guide to the Canals of the North*, imaginando onde estaria.

Na casa de Kathryn.

— A toca do Ratcatcher — murmurou Kelly.

— Sim. Embora já não reste muita coisa.

— Quantas você quer? — perguntou Kelly, ajustando o flash de uma de suas câmeras.

— Algumas de cada quarto, e um pouco mais da sala da frente.

— Várias de cada quarto?

— Aqui entre nós, acho que vou fazer um livro sobre isso, então vou precisar de algumas fotos extras. Eu poderia incluir você, caso esteja interessado.

— Sim, claro, Eddie.

Saí da frente da luz, enquanto Kelly saía da cozinha em direção ao hall, depois à porta do quarto de Mary Goldthorpe.

— Este era o quarto dela, então?

— Era — respondi, passando à frente de Kelly.

Segui em direção à cômoda e abri a gaveta superior direita. Mexi entre as calcinhas até encontrar o que estava procurando. Uma meia solta no fundo da gaveta, e fiquei com nojo de minha própria coragem.

— Mágica! — disse Kelly, tirando uma foto quando eu saí da frente.

Olhei para o jardim dos fundos da casa, pensando em minha irmã.

— Você acha que eles estavam...?

— Provavelmente — respondi, colocando a meia no lugar e fechando a gaveta de roupa íntima de Mary Goldthorpe.

— Nojentos.

Abri caminho para o quarto de Graham. Peguei um livro da estante e o abri.

— Tente roubar um desses... — disse, apontando para a etiqueta com a coruja e a ameaça nela estampada.

— Este livro pertence a Graham e Mary Goldthorpe, não o roube, ou será perseguido e morto — li para Kelly. — Que merda! Pegue um deles da estante e pronto...

— Verdadeiros *best-sellers* — disse Kelly, sorrindo.

Caminhei pelo pequeno hall escuro e abri a porta que dava para a sala da frente.

A primeira coisa que vi foi a lareira.

Kelly veio atrás de mim, com o flash da câmera espocando pela maldita sala.

— Foi aqui, então?

— Foi.

Nua e estrangulada.

— Na lareira, certo?

— É.

Dependurada na lareira.

— Quer algumas?

— Quero.

Com o cano da arma na boca.

— Isso me deixa arrepiado.

— É — eu disse, olhando por baixo da lareira.

O dedo no gatilho.

— Por que ele fez isso?

— Sei lá...

Kelly bufou.

— Você deveria ter uma noção, pois conviveu com essa história sabe Deus quanto tempo.

— A polícia abafou o caso.

— Ele se saiu bem.

— É.

Olhei para Kelly fazendo suas fotos, o flash refletindo pela sala.

O marido de Paula também se matara.

— Você sabe por que insistem em chaminés hoje em dia? — perguntou Kelly, ainda tirando fotos.

— Têm suas utilidades.

— Para o Papai Noel, claro.

— O quê?

— Esses caras têm dessas coisas. Lembra do estardalhaço sobre eles?

— Sobre o quê?

— Sobre esses bangalôs.

— Não.

Kelly trocava o filme.

— Ah, claro, eu me lembro porque queríamos trazer vovó e papai Kelly para uma delas, ou para outra parecida, em Castleford.

— Não estou entendendo.

— Deveriam ser casas para velhos, por isso têm apenas um andar. Mas o governo as vendeu. Deixe-me lhe dizer uma coisa, os Goldthorpe deviam ter dinheiro.

— Quanto custavam?

— Não me lembro. Mas não eram nada baratas, isso eu garanto. Projetadas pelo maldito John Dawson. Pergunte à velha da casa ao lado. Aposto que ela saberia dizer

exatamente quanto custou.

— John Dawson projetou estas casas?

— Sim. Meu pai acha que foi isso que fez o governo vender todas elas, por conta do estardalhaço causado por sua construção.

— Merda.

— Era uma das coisas que Barry sempre dizia. As casas tinham problemas, todos sabiam disso na época.

— Eu não sabia.

— São notícias antigas por aqui, imagino que não tenham saído lá no sul.

— Não, acho que não. Quando foram construídas?

— Cinco, seis anos atrás. Mais ou menos na mesma época... — Kelly saiu de perto, eu sabia o que ele estivera a ponto de dizer.

Ficamos parados na sala escura e fria, vendo o flash da câmera disparar, e fiquei quieto até ele terminar.

— Aqui está, o seu lote de fotos, a menos que queira mais — disse Kelly, mexendo na bolsa de sua câmera.

— Algumas do lado de fora, pode ser? — perguntei, olhando para a chuva que caía.

Um carro entrava na rua.

Kelly deu uma olhada através do vidro da janela da frente da casa.

— Talvez tenhamos de voltar outro dia, mas vou tentar.

O carro estacionou na frente da casa.

— Merda — eu disse.

— Porra! — disse Kelly.

— Droga — disse, quando dois policiais saíram do carro azul e branco.

Os dois policiais subiam o caminho em direção à casa enquanto saíamos dela. Um deles era alto e barbudo, o outro, baixo, com nariz grande. Poderiam ser atores de comédia, uma dupla cômica, mas nenhum deles sorria, e pareciam muito maus.

Hamlet começou a latir na porta ao lado, fazendo o policial mais baixo xingar. Kelly fechou a porta. Não havia nenhum sinal de Enid Sheard. Estávamos na merda, sem ter onde nos esconder.

— O que está acontecendo, rapazes? — perguntou o mais alto e barbudo.

— Somos do *Post* — respondi, olhando para Kelly.

O mais baixo abriu um sorriso forçado:

— Mas o que isso significa?

Eu abri o paletó em busca de alguma credencial.

— Estamos trabalhando numa matéria.

— Foda-se — disse o mais baixo, pegando seu bloco de anotações e olhando para o céu.

— É verdade — disse Kelly, mostrando sua credencial de imprensa.

O mais baixo segurou as credenciais, e o segundo copiou os dados.

— E como entraram na casa?

O mais baixo não me deixou responder.

— Ah, merda — ele disse. — Vocês vão abrir essa porta. Não vou ficar aqui debaixo dessa chuva. — E amassou o papel encharcado onde tentava escrever, atirando-o ao chão.

— Não posso — eu disse.

O mais alto parara de sorrir:

— Claro que pode, e vai abrir.

— É uma fechadura Yale. E não temos a chave.

— Então vocês são Papai Noel, certo? Como conseguiram entrar?

Eu vacilei e disse:

— Alguém deixou que entrássemos.

— Chega de papo. Quem deixou que entrassem?

— O procurador da família Goldthorpe — disse Kelly.

— Quem...?

Tentei não parecer tão contente com uma saída:

— Edward Clay and Son, Towngate, Pontefract.

— Idiota — disse o mais alto.

— Vocês não têm relação com John Kelly, certo? — Perguntou o mais baixo ao nos devolver as credenciais.

— É meu primo em segundo grau.

— Vocês se reproduzem como coelhos.

— Ele fugiu, certo?

— Eu não sei — foi tudo o que respondeu Kelly.

O mais alto fez um sinal em direção à rua e disse:

— Melhor dar o fora, assim poderiam encontrar esse cara antes do próximo domingo, certo?

— Você, não, Papai Noel — disse o mais baixo, batendo em meu peito.

Kelly virou o corpo. Entreguei a chave do Viva a ele, que deu de ombros e seguiu em direção ao carro, deixando nós três ali, na porta dos fundos, com a chuva escorrendo pelo teto da casa, ouvindo o latir de Hamlet, esperando que alguém dissesse qualquer coisa.

O mais baixo demorou enquanto guardava seu bloco de anotações. O mais alto tirou as luvas, estalou os dedos, moveu a munheca e depois voltou a vestir as luvas. Coloquei as mãos nos bolsos, com a chuva batendo em meu nariz.

Após alguns minutos aguentando aquela merda, eu disse:

— Então?

O mais alto, de repente, esticou os braços e me prendeu contra a porta. Passou uma das mãos com as luvas em meu pescoço e apertou meu rosto contra a pintura da porta com a outra mão. Meus pés não estavam no chão.

— Não fique por aí chateando quem não quer ser chateado — murmurou em meu ouvido.

— Isso não é legal — disse o mais baixo, bem perto do meu rosto, na ponta dos pés.

Com um nó no estômago, esperei o golpe.

Senti que a mão de um deles se aproximava do meu saco, apertando-o gentilmente.

— Você deveria arrumar uma distração.

O mais baixo apertou meu saco com mais força.

— Observação de pássaros, por exemplo. Esse é um hobby tranquilo.

Dedos pressionavam minha calça, aproximando-se do meu traseiro.

Eu queria vomitar.

— Ou fotografia.

Ele soltou meu saco, beijou minha bochecha e se afastou cantando *We Wish You a Merry Christmas and a Happy New Year.* Hamlet voltou a latir.

O policial mais alto pressionou ainda mais minha cabeça contra a porta.

— Lembre-se: o Big Brother está sempre observando você.

Uma buzina de carro soou.

Ele me atirou ao chão.

— O tempo inteiro.

A buzina soou novamente, e, ficando de joelhos sob a chuva, observei enquanto ele se aproximava da viatura.

As rodas giraram, e finalmente a viatura foi embora.

Ouvi uma porta sendo aberta, Hamlet latia mais alto.

Fiquei de pé e corri para a rua, coçando o pescoço e agarrando meu saco.

— Senhor Dunford! Senhor Dunford! — gritou Enid Sheard.

Kelly mantinha o Viva ligado. Abri a porta do passageiro e entrei.

— Porra — disse Kelly, afundando o pé no acelerador.

Girei o corpo, com meu saco e rosto ainda queimando, e vi Enid Sheard gritando muito pela Willman Close.

— Não fique por aí chateando quem não quer ser chateado.

Kelly tinha os olhos pregados na estrada.

— Não é um aviso tão ruim, sabe?

— O que você quer dizer? — perguntei, embora soubesse exatamente.

— Falei com Paula ontem à noite. Ela estava mal, sabe?

— Eu sei, e sinto muito — disse, com os olhos no carro à nossa frente, pensando em por que ele tinha me esperado.

— Você poderia ter me falado antes.

— Eu não sabia. Foi ideia do Barry, na verdade.

— Não diga isso, Eddie. Não é legal.

— É verdade. Eu não tinha ideia de que ela era sua parente. Eu...

— Você estava fazendo o seu trabalho, eu sei. Mas a verdade é que nenhum de nós jamais superou o que aconteceu. E depois veio a história dessa outra menina, e trouxe tudo de volta.

— Eu sei.

— Além de toda a merda com o nosso Johnny. Isso parece não ter fim.

— Você não sabe nada sobre essa história?

— Não, nada.

— Sinto muito, Paul — eu disse.

— Sei que todos apostam que não passa de fofoca ou que ele estaria metido em alguma farra. Eu não sei, mas espero que seja realmente isso.

— Mas não acredita?

— Johnny sofreu muito, sabe, depois de Paula e Geoff. Ele adora crianças. Quero dizer, ele é um criancão. E realmente adorava Jeanette.

— Sinto muito.

— Tudo bem. Eu não queria mencionar isso, mas...

E eu não queria ouvir aquilo.

— Onde você acha que ele está?

Kelly me olhou.

— Caso eu soubesse, não estaria levando você por aí como se fosse um maldito chofer, certo? — E tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Sinto muito — eu disse pela milésima vez.

E olhei para fora da janela, para os campos marrons, com suas árvores solitárias e as cercas vivas queimadas pelo inverno. Estávamos nos aproximando do acampamento cigano.

Kelly ligou o rádio, e os Bay City Rollers cantavam *All of Me Loves All of You*, mas logo mudou de estação.

Olhei para além de Kelly quando passamos pelos trailers queimados e tentei pensar em algo a dizer.

Mas ficamos mudos até chegar a Leeds, onde estacionamos sob os arcos próximos ao edifício do *Post.*

Kelly desligou o motor do carro e pegou sua carteira.

— O que fazemos com isto?

— Meio a meio?

— Certo — disse Kelly, contando as notas.

E me deu a metade.

— Obrigado — agradeci. — O que aconteceu com o seu carro?

— Hadden pediu que eu fosse de ônibus. Disse que você voltaria para cá e que poderia me trazer.

"Merda", pensei.

— Por quê?

— Nada — respondi. — Curiosidade.

"— Vivemos a grande era do jornalismo investigativo, e Barry Gannon foi um dos homens que construíram esta era. Onde via possibilidade de justiça, ele buscava a

justiça. Onde via mentiras, buscava a verdade. Barry Gannon fazia grandes perguntas a grandes homens, pois acreditava que o grande público britânico merecia o grande cenário. Certa vez, Barry Gannon disse que a verdade sempre nos deixa mais ricos. Para todos nós que buscamos a verdade, a morte prematura de Barry nos tornou muito mais pobres."

Bill Hadden, com aparência tão mirrada atrás de sua mesa, pegou seus óculos e ergueu os olhos. Eu fiz que sim com a cabeça, pensando em todas as coisas que Barry Gannon dissera entre tantas cervejas, uma delas sobre algo que aconteceu na Índia, com um elefante, três homens cegos e a verdade.

Após uma pausa, perguntei:

— Está na edição de hoje?

— Não. Vamos ter de esperar até depois do inquérito.

— Por quê?

— Bem, você sabe como é. Nunca sabemos o que eles podem inventar. O que você achou?

— Muito bom.

— Não achou muito panegírico?

— Claro que não — respondi, sem ter a menor ideia do que significava panegírico.

— Ótimo — disse Hadden, deixando a folha A4 com o texto datilografado de lado. — Você se encontrou com Paul Kelly, então?

— Sim.

— E entregou o dinheiro à senhora Sheard?

— Sim — respondi, alegremente, imaginando se aquela puta teria ligado para Hadden para contar sobre a polícia, dizendo besteiras.

— Ele conseguiu tirar as fotos e tudo o mais?

— Conseguiu.

— Você terminou o texto?

— Quase — menti.

— O que mais conseguiu?

— Nada importante — menti mais uma vez, pensando em Jeanette Garland, Susan Ridyard, Clare Kemplay, no acampamento cigano queimado, nos irmãos gêmeos de *Alice no País das Maravilhas* e nas últimas palavras de Barry Gannon.

— Sei — disse Hadden, com a cidade escurecida atrás dele.

— Conversei com os pais de Susan Ridyard no sábado, como queríamos. Você sabe, o interesse humano...

— Esqueça — disse Hadden, levantando-se. — Quero que se concentre na história de Clare Kemplay.

— Mas eu imaginei que você...

Hadden ergueu uma das mãos.

— Vamos precisar de muito mais base se quisermos manter essa história viva.

— Mas imaginei que você tivesse dito que essa história agora pertence a Jack. — A queixa voltava à minha voz.

A expressão de Hadden ficou dura.

— E eu imaginei que você tivesse concordado em cobrir isso com ele.

Eu segui em frente:

— Mas acho que não fizemos muita coisa juntos até agora.

— Sei — disse Hadden, pegando o obituário de Barry. — Hoje é um dia muito difícil para todos nós. Você tem as suas razões, sem dúvida, mas nem sempre esteve presente quando precisamos.

— Sinto muito — eu me desculpei, pensando em como ele era babaca.

Hadden se recostou na cadeira:

— Como eu disse, você teve sua parte de perdas e problemas, eu sei. Mas a verdade é que Jack está cobrindo o assunto no dia a dia, e você está no pano de fundo.

— Pano de fundo?

— É o que você faz melhor. Hoje mesmo, Jack disse que você daria um ótimo romancista — disse Hadden, sorrindo.

Eu podia ver a cena.

— E isso deveria ser um elogio?

Hadden sorria.

— Vindo de Jack Whitehead, sim.

— Sério? — Eu ri e comecei a contar de trás para a frente, de cem a zero.

— Seja lá como for, você vai adorar isso. Quero que vá visitar uma médium.

Oitenta e seis, oitenta e cinco.

— Médium?

— Sim, médium, vidente... — disse Hadden, abrindo uma das gavetas de sua mesa. — Ela diz ter levado a polícia ao corpo de Clare e recebido um pedido para ajudá-los

a encontrar o assassino.

— E você quer que eu a entreviste? — Suspirei. “Trinta e nove, trinta e oito”.

— Quero. Aqui está o endereço: apartamento 5, número 28 da Bleinheim Road, Wakefield. Atrás da Grammar School.

Vinte e quatro. Vinte e três.

— Qual o nome dela?

— Mandy Wymer. Mas se intitula Mystic Mandy.

Eu desisti.

— Vamos molhar a mão dela?

— Infelizmente... mulheres com os dons de Mandy não são nada baratas.

— Quando?

— Amanhã. Já marquei um encontro para você à uma da tarde.

— Obrigado — eu disse, levantando.

Hadden também se levantou.

— Você sabe que amanhã é o dia do inquérito?

— Que inquérito?

— O de Barry.

— Amanhã?

— Sim. E o sargento Fraser quer conversar com você. — Olhou para o relógio. — Dentro de quinze minutos, na recepção.

Mais policiais. Senti meu saco encolher.

— Certo. — E abri a porta pensando que poderia ter sido pior; ele poderia ter mencionado a senhora Dawson, os dois policiais de Ponty ou mesmo a maldita Kathryn Taylor.

— E não se esqueça da Mystic Mandy.

— Como poderia me esquecer? — perguntei, fechando a porta.

— Mantenha-se em seu caminho.

— Sinto muito incomodá-lo, senhor Dunford, especialmente numa hora como esta, mas estou tentando reconstruir o exato caminho percorrido ontem pelo senhor Gannon. — O sargento era jovem, amigável e loiro.

Imaginei que ele estivesse brincando e disse:

— Ele me pegou por volta das dez, talvez...

— Sinto muito, senhor. Mas onde seria isso?

— Número 10 da Wesley Street, em Ossett.

— Obrigado — ele anotou e voltou a erguer os olhos.

— Fomos até Castleford, no carro de Barry, quero dizer, no carro do senhor Gannon. Conversei com a senhora Garland, no número 11 da Brunt Street, Castleford, e...

— Paula Garland?

— É.

O sargento Fraser parou de escrever.

— Da Jeanette Garland?

— É.

— Sei. Estava com o senhor Gannon?

— Não. Ele foi se encontrar com a senhorita Marjorie Dawson, na casa dela. Em Shangri-lá, Castleford. John Dawson.

— Obrigado. E ele deixou você por lá?

— Sim.

— E foi a última vez que o viu?

Eu fiz uma pausa, depois respondi:

— Não. Eu me encontrei com Barry no Swan, um pub de Castleford, entre uma e duas da tarde. Não saberia dizer a hora exata.

— E o senhor Gannon bebeu?

— Uma cerveja, duas, no máximo.

— E depois?

— Fomos para lados opostos. Ele não me disse aonde ia.

— E o senhor?

— Tomei o ônibus para Pontefract. Tinha mais uma entrevista a fazer.

— Então a que horas você viu o senhor Gannon pela última vez?

— Deve ter sido às quinze para as três, no máximo — eu disse, pensando: “Gannon me contou que, segundo Marjorie Dawson, sua vida estava em risco, e eu não liguei, mas não vou falar sobre isso agora”.

— E o senhor não tem ideia de para onde ele poderia ter ido?

— Não. Imaginei que voltaria para cá.

— Por quê?

— Nada em especial. Simplesmente imaginei que faria isso. Para escrever o texto sobre a entrevista.

— O senhor não imaginava que ele poderia estar indo para Morley?

— Não.

— Certo. Obrigado. O senhor deverá estar presente no inquérito amanhã.

Fiz que sim.

— Está sendo bem rápido, não?

— Já temos quase todos os detalhes, e, aqui entre nós, acho que a família está com pressa, você sabe... o Natal e tudo o mais.

— Onde será?

— Na prefeitura de Morley.

— Certo — eu disse, pensando em Clare Kemplay.

O sargento Fraser fechou seu bloco de anotações.

— Vão te perguntar mais ou menos as mesmas coisas. E provavelmente insistirão no detalhe da bebida. Você sabe como são essas coisas.

— Ele estava correndo?

— Acho que sim.

— E os freios?

Fraser deu de ombros.

— Falharam.

— E os demais veículos?

— Parados.

— É verdade que carregava placas de vidro?

— Sim.

— E que um deles saiu voando pelo para-brisa?

— Sim.

— E...

— É.

— Então foi instantâneo?

— Eu diria que sim.

— Merda.

— É.

Nós dois ficamos pálidos. Olhei para fora da recepção, para o trânsito de volta para

casa, sob a chuva, para as luzes dos freios acendendo e apagando, amarelas e vermelhas, amarelas e vermelhas. O sargento Fraser passou as páginas do bloco.

Passado um tempo, ele se levantou:

— Você não sabe onde eu poderia encontrar Kathryn Taylor, sabe?

— Se ela não estiver aqui, deve ter ido para casa.

— Não, eu não consegui encontrá-la aqui nem em casa.

— Duvido que saiba algo. Passou quase a noite inteira ao meu lado.

— Eu sei. Mas nunca se sabe...

Eu não disse nada.

O sargento colocou seu chapéu.

— Caso fale com a senhorita Taylor, por favor, peça que entre em contato, a qualquer hora, na delegacia de Morley.

— Certo.

— Obrigado pelo seu tempo, senhor Dunford.

— Eu é que agradeço.

— Nos vemos amanhã, então.

— Sim.

Observei enquanto ele voltava à recepção, dizendo algo a Lisa, depois saindo para a rua.

Eu acendi um cigarro, com o coração batendo a mil por hora. Fiquei sentado por três horas seguidas, trabalhando.

Não havia tempo morto no único jornal regional com edições matutinas e vespertinas, mas naquele dia o ambiente era o mais parecido possível com uma tumba, todos caindo fora mais cedo. Um adeus aqui, outro adeus ali, e alguns de nós poderiam ser encontrados no Press Club mais tarde.

Menos Barry Gannon.

Então eu datilografei, e muito. Era o primeiro trabalho real que fazia desde a morte de meu pai e o desaparecimento de Clare Kemplay. Lutei para me lembrar da última vez que me sentara na mesa para simplesmente trabalhar e escrever. *Joyriders*, deve ter sido. Mas não conseguia me lembrar se, naquela época, meu pai ainda estava no hospital ou se já tinha sido enviado de volta para casa.

Nada de Ronald Dunford.

Por volta das seis, Kelly trouxe as fotos, e as olhamos juntos, guardando as

melhores na gaveta. Kelly levou as fotos ao subdiretor, depois ao pessoal da diagramação. No processo, perdi cinquenta palavras que, num dia normal, gerariam uma longa conversa com Kathryn no Press Club.

Mas aquele não era um dia normal.

Nada de Kathryn Taylor.

Fui ao encontro da Gorda Steph e pedi que ficasse calada, mas ela não sabia para onde eu estava indo, exceto que Jack Whitehead estava na minha cola. Todos estávamos chateados, claro, mas eu devia entender. Jack tinha razão sobre mim, Stephanie dissera isso várias vezes, centenas de vezes, para mim e para todas as pessoas num raio de vinte quilômetros.

Nada do idiota do Jack Whitehead.

Que falta de sorte.

Em todas as mesas havia exemplares da edição daquela noite.

CAÇA AO MALDITO.

Em letras enormes, que cruzavam toda a extensão da primeira página do *Evening Post.*

POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO, 1968 E 1971.

Merda.

> A autópsia de Clare Kemplay, de dez anos, revelou que a menina foi torturada, estuprada e depois estrangulada. A polícia de West Yorkshire não revelou os detalhes exatos das lesões, mas o detetive-chefe superintendente George Oldman, falando numa coletiva de imprensa hoje de manhã, descreveu a natureza extrema do assassinato como “um desafio à crença” e como sendo “de longe o caso mais horrível que eu ou qualquer outro membro da Força Metropolitana de West Yorkshire já tenha visto”.
>
> O médico-legista, doutor Alan Coutts, que conduziu o exame, disse: “Não temos palavras para descrever com exatidão o horror imposto à menina”. O doutor Coutts, veterano, tendo acompanhado casos de mais de cinquenta assassinatos, parecia visivelmente emocionado e disse esperar “nunca mais ter de passar por tal obrigação”.
>
> O detetive-chefe superintendente Oldman comentou sobre a urgência em

encontrar o assassino, anunciando que o detetive superintendente Peter Noble estará à frente da busca por quem quer que seja o responsável pelo assassinato de Clare.

Em 1968, o detetive superintendente Noble, naquela época na polícia de West Midlands, ganhou fama nacional ao ser o principal responsável por prender o Assassino de Cannock Chase, Raymond Morris. Entre 1965 e 1967, Morris abusou sexualmente e em seguida sufocou três meninas na cidade de Stafford e arredores, antes de ser preso pelo, na época, detetive inspetor Noble.

O detetive superintendente Noble falou sobre sua decisão de encontrar o assassino de Clare Kemplay, apelando à população por ajuda, dizendo: “Devemos caçar esse maldito antes que ele tome a vida de mais uma menina inocente”.

O detetive-chefe superintendente Oldman disse também que a polícia está particularmente interessada em conversar com qualquer pessoa que tenha estado nas vizinhanças de Devil’s Ditch, em Wakefield, na noite de 13 de dezembro, sexta-feira, ou bem cedo na manhã do sábado, 14 de dezembro.

A Polícia Metropolitana de West Yorkshire pede que qualquer pessoa que tenha informações entre em contato direto com o departamento de Homicídios, pelo telefone Wakefield 3838 ou 3839, ou então dirigindo-se à delegacia mais próxima. Todas as ligações serão estritamente confidenciais.

A reportagem era ilustrada por duas fotografias: a foto escolar de Clare, que também acompanhara meu texto sobre seu desaparecimento, e outra foto cinzenta das buscas policiais em Devil’s Ditch, Wakefield, onde o corpo de Clare fora encontrado.

Tirei o chapéu para Jack.

Cortei a primeira página, enfiei no bolso do paletó e fui em direção à mesa de Barry Gannon. Abri a última gaveta e peguei a garrafa de Bells que ele guardava ali, servindo uma dose tripla num copo de café ainda pela metade.

“Para você, Barry Gannon”.

Tinha gosto de merda, mas eu peguei mais um copo de café frio em outra mesa e tomei uma segunda dose.

“E agora para você, Ronald Dunford”.

Cinco minutos mais tarde, baixei a cabeça no tampo de minha mesa e senti o cheiro de madeira, de uísque e do dia de trabalho impregnado em minhas mangas. Pensei em ligar para a casa de Kathryn, mas o uísque deve ter produzido algum efeito com o café, e caí no sono entre as luzes brilhantes da redação.

— Acorde, Senhor Furo.

Abri um olho.

— Acorde para a vida, senhor dorminhoco. O seu namoradinho está na linha dois.

Abri meu segundo olho.

Jack Whitehead estava sentado na cadeira de Barry, na frente da mesa de Barry, fazendo um sinal com um fone nas mãos, apontando na minha direção. Aquele lugar já voltara à vida, preparando-se para a edição seguinte do jornal. Eu me sentei e fiz um sinal com a cabeça. Jack piscou, e o telefone tocou na minha mesa.

Eu atendi.

— Alô.

Uma voz jovem disse:

— Edward Dunford?

— Sim.

Seguiu-se uma pausa, depois um clique, pois Jack demorou um tempo desligando o aparelho. Olhei para ele, que levantou as mãos, como quem diz que não está cometendo nenhum delito.

Todos riram.

Eu estava sem fôlego ao falar ao telefone:

— Quem é?

— Um amigo de Barry. Você conhece o pub Gaiety, na Roundhay Road?

— Conheço.

— Apareça na cabine de telefone do lado de fora, às dez.

E desligou.

Eu disse:

— Sinto muito, mas preciso conversar com meu editor antes. Se quiser, ligue de volta amanhã... Eu entendo. Obrigado. Adeus.

— Outra notícia quente?

— O maldito Ratcatcher. Isso ainda vai me matar.

Todos riram.

Até o próprio Jack.

Nove e meia da noite de segunda-feira, 16 de dezembro de 1974.

Entrei no estacionamento à frente do Gaiety Hotel, na Roundhay Road, em Leeds, e resolvi ficar ali fora por meia hora. Desliguei o motor, as luzes e permaneci sentado no escuro do Viva, olhando para o estacionamento, para as luzes do bar, para a cabine telefônica e para o próprio bar.

O Gaiety, um feio pub moderno com todos os feiosos charmes antigos de qualquer pub entre Harehills e Chapeltown. Um restaurante que não servia comida e um hotel sem camas, isso era o Gaiety.

Acendi um cigarro, abri um pouco a janela do carro e joguei a cabeça para trás.

Cerca de quatro meses antes, logo após a minha volta ao norte, passei um dia inteiro, e parte do dia seguinte, quebrando a cabeça no Gaiety com George Greaves, Gaz do “Esportes” e Barry.

Isso acontecera cerca de quatro meses antes, quando a volta ao norte ainda era uma novidade e passar pelo Gaiety era garantia de risadas e uma espécie de possibilidade de abrir os olhos.

Cerca de quatro meses antes, quando Ronald Dunford, Clare Kemplay e Barry Gannon ainda estavam vivos.

Aquela jornada de dia inteiro não fora realmente de muito riso, mas acabou sendo uma boa introdução para o novo e ainda muito verde repórter policial no norte da Inglaterra.

— Este é o território de Jack Whitehead — murmurou George Greaves quando abrimos as portas e entramos no Gaiety, por volta das onze da manhã daquele dia.

Após cerca de cinco horas eu já queria voltar para casa, mas o Gaiety não seguia as leis locais e, mesmo sem oferecer comida, camas ou pista de dança, podia vender álcool das onze da noite às três da manhã, por ser restaurante, hotel e discoteca, dependendo com qual policial conversávamos. E, ao contrário do que dizia o Queen’s Hotel, no centro da cidade, o Gaiety também apresentava regularmente shows de *striptease* na hora do almoço. Além do mais, em vez de um menu de comidas quentes, o Gaiety também oferecia a oportunidade única de comer qualquer membro de seu

show de *strip* do almoço a preços bem razoáveis. Lanche que Gaz do “Esportes” me garantiu que valia uma nota de cinco libras.

— Ele foi nosso campeão olímpico de salto, nosso Gaz, em Munique — disse George Greaves, sorrindo.

— Embora ninguém se importe muito com isso — acrescentou Gaz.

A clientela do dia e da noite no Gaiety era bem parecida, alterando-se apenas em proporção. Durante o dia havia mais prostitutas e motoristas de táxi paquistaneses, e à noite aumentava o número de operários e homens de negócios. Jornalistas de porre, policiais fora de serviço e latinos também eram presença constante, de dia e de noite, dia após dia.

“Este é o território de Jack Whitehead.”

A última coisa que me lembro desse dia é ter vomitado um pouco mais no carro, pensando que aquele era o território de Jack, não meu.

Esvaziei o cinzeiro do Viva para fora da janela e ouvi que o juke-box do Gaiety, vencendo o barulho que se seguia a mais uma rodada, voltara a tocar The Israelites. Fechei a janela e fiquei imaginando quantas vezes eu devo ter escutado aquele maldito disco, quatro meses antes. Eles nunca se cansavam daquilo?

Às cinco para as dez, quando *Young, Gifted and Black* voltou a soar, saí do carro, abandonei minhas lembranças e fiquei esperando ao lado da cabine telefônica.

Às dez em ponto, atendi o telefone ao segundo toque.

— Alô.

— Quem é?

— Edward Dunford.

— Está sozinho?

— Sim.

— Está dirigindo um Vauxhall Viva?

— Estou.

— Vá até a Harehills Lane, onde ela se cruza com a Chapeltown Road, e pare na frente do hospital.

E desligou.

Às dez e dez eu parei na frente do hospital Chapel Allerton, onde a Harehills Lane e a Chapeltown Road se encontram, formando a grande Harrogate Road.

Às dez e onze alguém tentou abrir a porta do passageiro e bateu no vidro. Eu me inclinei sobre o banco do passageiro e abri a porta.

— Dê a volta e siga mais uma vez para Leeds — disse o Terno Marrom com cabelos laranja, entrando no carro. — Alguém sabe que você está aqui?

— Não — respondi, dando a volta com o carro, pensando no maldito Bowie.

— E a sua namorada?

— O que tem ela?

— Ela sabe que está aqui?

— Não.

O Terno Marrom fungou profundamente, com seu cabelo laranja movendo-se de um lado para o outro.

— Vire à direita no parque.

— Aqui?

— É. E siga a estrada para baixo, em direção à igreja.

No entroncamento ao lado da igreja, o Terno Marrom voltou a fungar com força e disse:

— Estacione por aqui e espere dez minutos, depois caminhe em direção a Spencer Place. Em cerca de cinco minutos chegará a Spencer Mount, deve ser a quinta ou sexta à esquerda. O número 3 está à direita. Não toque a campainha, suba diretamente ao apartamento 5.

E eu repeti:

— Apartamento 5, número 3 da Spencer Mount...

Mas o Terno Marrom com seu cabelo laranja desceu do carro e saiu correndo.

Por volta das dez e meia eu caminhava pela Spencer Place, pensando: “Foda-se aquele homem e toda essa merda. E foda-se mais uma vez por me fazer descer a Spencer Place às dez e meia da noite, como se aquilo fosse uma espécie de jogo”.

— Está só olhando, meu amor?

Das dez da noite às três da manhã, sete noites por semana, a Spencer Place era a rua mais movimentada de Yorkshire, sem contar a área de Manningham, em Bradford. E aquela noite, mesmo com todo o frio, não seria uma exceção. Os carros subiam e desciam a rua, com as luzes de freio acesas, como se estivéssemos em pleno feriado prolongado.

— Está gostando do que vê?

A mulher mais velha sentou-se nas muretas baixas, enquanto as mais jovens caminhavam para cima e para baixo, batendo com as botas no chão para afastar o frio.

— Com licença, senhor Escritório.

Os únicos homens na rua eram latinos, entrando e saindo dos estacionamentos, erguendo pesadas colunas de fumaça e com música de fundo a acompanhá-los, mantendo o olho vivo sobre suas garotas.

— Seu idiota!

A gargalhada me seguiu enquanto eu girava a esquina, na Spencer Mount. Atravessei a rua e subi três lances de escada, até chegar à porta do número 3, sobre a qual fora pintada uma Estrela de Davi no vidro cinzento.

Da Yid Town à Cidade do Lixo, que viagem...

Abri a porta e subi a escada.

— Ótima vizinhança — eu disse.

— Uma merda — reclamou o Terno Marrom, com a porta de entrada do apartamento aberta.

Era uma quitinete com muita mobília, janelas grandes e o cheiro de muitos invernos do norte. Karen Carpenter estava presente em todas as paredes, mas o rei por ali era Ziggy, tocando guitarra dentro de uma pequena Dancette. Havia luzes de Natal, mas nenhuma árvore.

O Terno Marrom tirou algumas roupas de cima de uma cadeira e disse:

— Por favor, Eddie, sente-se.

— Acho que você tem uma vantagem sobre mim... — eu disse, sorrindo.

— Barry James Anderson — disse Barry James Anderson, orgulhoso.

— Outro Barry? — A cadeira cheirava mal.

— É, mas pode chamar este aqui de BJ — ele disse, sorrindo. — Todo mundo me chama assim.

— Certo.

— É isso aí, o meu nome é BJ.

Ele parou de sorrir e correu em direção a um armário no canto do quarto.

— Como você conheceu Barry? — perguntei, imaginando se Barry era veado.

— Nos vimos por aí, você sabe... e conversamos.

— Se viram por aí, onde?

— Por aí. Aceita uma xícara de chá? — perguntou, mexendo nos fundos do armário.

— Não, obrigado.

— Acomode-se.

Acendi um cigarro e peguei um prato sujo para fazer as vezes de cinzeiro.

— Toma — disse BJ, oferecendo-me uma sacola do Hillards, que tirou do fundo do armário. — Ele queria que você ficasse com isto caso acontecesse algo.

— Caso acontecesse algo com ele? — perguntei, abrindo a sacola. Estava cheia de papéis carbonados e envelopes pardos. — O que é isso?

— O trabalho da vida dele.

Apaguei meu cigarro em cima de molho de tomate endurecido.

— Por quê? Quero dizer, por que ele deixou tudo isso aqui?

— Comigo, você quer dizer? — disse BJ, fungando. — Ele esteve aqui na noite passada. Disse que precisava de um lugar seguro para guardar tudo isso. E, caso algo acontecesse com ele, disse que eu deveria entregar tudo a você.

— Ontem à noite?

BJ sentou-se na cama e tirou o paletó.

— É.

— Eu te vi ontem à noite, certo? No Press Club?

— Viu... mas você não estava muito bem, né?

A camiseta dele estava coberta de centenas de estrelinhas.

— Eu estava péssimo.

— Isso faz sentido — ele disse, sorrindo de forma afetada.

Acendi outro cigarro, odiando a visão daquele veadinho com camiseta estrelada.

— Que merda você fazia com Barry?

— Eu vi algumas coisas, sabe?

— Imagino — eu disse, olhando para o relógio de meu pai.

Ele pulou da cama.

— Ouça, não quero te prender aqui.

Eu me levantei.

— Sinto muito. Sente-se, por favor. Sinto muito.

BJ voltou a sentar-se, mas manteve o nariz empinado.

— Eu conheço algumas pessoas.

Eu me levantei, com as mãos erguidas.

— Eu sei, eu sei...

— Ouça, eu já chupei muito pau e lambi o saco de alguns dos mais importantes homens deste país.

— Quem, por exemplo?

— Ah, não. Não vai ser assim tão fácil.

— Certo. Mas por que fez isso?

— Por dinheiro. Por que mais seria? Ou você acha que eu gosto de ser quem sou? Que gosto deste corpo? Olhe para mim! Eu não sou isso. — Ele estava de joelhos, agarrando sua camiseta de estrelinhas. — Eu não sou um veado. Sou uma mulher — gritou, ficando de pé e acariciando uma das fotos de Karen Carpenter, atirando-a na minha cara. — Ela sabe o que é isso. Ele sabe — disse ele, virando o corpo e ligando o som, colocando Ziggy nas alturas.

Barry James Anderson caiu no chão quando a música começou a tocar, enterrando a cabeça no assoalho, tremendo.

— Barry sabia.

Eu me sentei e depois fiquei de pé outra vez. Fui até aquele menino da camiseta estrelada e calça marrom e agarrei o seu corpo, arrastando-o gentilmente à cama.

— Barry sabia — ele murmurou novamente.

Baixei o som, mas a música era depressiva e tive de desligar, voltando a me sentar na cadeira.

— Você gostava de Barry?

Ele secou o rosto e ergueu o corpo, me olhando.

— Sim, mas não o conhecia tão bem.

Os olhos de BJ estavam lacrimejando outra vez.

— Ele gostava de você.

— Por que ele achou que algo aconteceria?

— Pare com isso! Porra, era óbvio.

— Por que era óbvio?

— Isso não poderia continuar assim. Ele estava envolvido com muita gente.

— John Dawson? — perguntei, inclinando o corpo para a frente.

— John Dawson é apenas a ponta do maldito iceberg. Você não leu o que ele

escrevia? — E apontou para a sacola que me entregara.

— Só o que ele publicou no *Post* — menti.

Ele sorriu.

— Está tudo metido aí dentro.

Eu odiava a maneira como ele falava, seus joguinhos, aquele apartamento.

— Para onde ele foi ontem à noite, ao sair daqui?

— Disse que ia te ajudar.

— Me ajudar?

— Foi o que ele disse. Algo a ver com aquela menina de Morley, sobre como ele poderia relacionar tudo aquilo.

Fiquei de pé.

— O que você quer dizer? O que ele disse sobre ela?

— Isso foi tudo o que ele disse...

Tomado por uma visão de asas costuradas às costas, corri para perto de Barry James Anderson, gritando:

— Pense!

— Eu não sei. Ele não disse.

Eu o agarrava pela camiseta de estrelas, pressionando-o contra a cama.

— Ele falou alguma coisa sobre Clare?

— Clare? — Seu hálito fedia tanto quanto aquele apartamento, e eu o sentia bem perto do rosto.

— A menina morta.

— Ele disse que ia a Morley, para te ajudar.

— Mas como poderia me ajudar?

— Ele não disse, porra! Quantas vezes vou ter que repetir?

— Não disse nada?

— Nada. Vai me soltar agora?

Agarrei sua boca e apertei-a com força.

— Não. Quero que me diga por que Barry lhe contou isso — implorei, apertando seu rosto com força antes de soltá-lo.

— Talvez porque eu tenha os olhos abertos. Talvez porque eu veja coisas e me lembre delas. — Seu lábio inferior sangrava.

Olhei para as estrelas preateadas e soltei a camisa.

— Você não sabe de merda nenhuma.

— Acredite no que quiser.

Eu me levantei e corri em direção à sacola do Hillards.

— Certo.

— Você deveria dormir um pouco.

Peguei a bolsa e segui para a porta, que abri, depois voltei a olhar para ele, com uma última pergunta:

— Ele estava bêbado?

— Não, mas tinha bebido.

— Muito?

— Eu senti o cheiro. — Lágrimas rolavam por suas bochechas.

Deixei a sacola no chão.

— O que você acha que aconteceu com ele?

— Acho que o mataram — ele disse, suspirando.

— Eles quem?

— Não sei os nomes, e não quero saber.

Assombrado: “Há esquadrões da morte em todas as cidades, em todos os países.”

Perguntei:

— Quem? Dawson? A polícia?

— Eu não sei.

— Mas por quê, então?

— Por dinheiro, claro. Para ficar com alguma dessas coisas aí da sacola. Para jogá-las no rio.

Olhei para o outro lado do quarto, para o pôster de Karen Carpenter abraçando um Mickey Mouse gigante.

Peguei a sacola.

— Como poderia te encontrar?

Barry James Anderson sorriu:

— 442189. Diga que Eddie ligou, que eu receberei a mensagem.

Anotei o número.

— Obrigado.

— Pode dizer isso.

Desci correndo a Spencer Place e segui acelerado em direção a Leeds, pela M1, rezando para nunca mais encontrar aquele rapaz.

Planeta dos macacos, Terror na escuridão, teorias:

A chuva no para-brisa, a lua roubada.

Corta para a rua Chase:

Conheci um homem que conhecia um homem.

"Ele poderia relacionar tudo aquilo..."

Anjos como demônios, demônios como anjos.

O resumo de tudo aquilo:

AJA COMO SE NÃO ESTIVESSE ACONTECENDO NADA DE ERRADO.

Olhando para minha mãe dormindo na poltrona, tentei relacionar tudo aquilo.

Aqui não.

Lá em cima, esvaziando bolsas e envelopes, buscando entre pastas e fotografias, espalhando-as na minha cama.

Aqui não.

Meti tudo num grande saco de lixo preto, enchendo os bolsos com agulhas e alfinetes do meu pai.

Aqui não.

Desci a escada, dei um beijo na testa de minha mãe e saí.

Aqui não.

Acelerando, chiando no amanhecer de Ossett.

Aqui não.

5

Amanhecia no Redbeck Café & Motel, terça-feira, 17 de dezembro de 1974.

Dirigi toda a noite e voltei para lá, como se tudo voltasse para lá.

Paguei por duas semanas e recebi o correspondente:

Quarto 27, bem na esquina, com dois ciclistas de um lado e uma mulher com quatro filhos do outro. Não havia telefone, banheiro nem televisão. Mas por poucas libras a noite eu tinha direito a uma visão do estacionamento, uma cama de casal, um armário, uma mesa, uma pia e nenhuma pergunta.

Dei duas voltas na tranca da porta e fechei as cortinas úmidas. Deixei a cama nua e prendi o lençol mais pesado nas cortinas, depois apoiei o colchão contra o lençol. Peguei uma camisinha usada e meti dentro de um pacote de batatas fritas pela metade.

Voltei ao carro, parando para mijar num daqueles banheiros onde comprara minha passagem para aquela viagem mortífera.

Fiquei lá, de pé, mijando, sem saber muito bem se estávamos numa terça ou quarta-feira. Balancei o pau e abri a porta com os pés, sabendo que não encontraria nada além de cocô turvo e inscrições obscenas.

Fui ao bar e comprei dois cafés pretos grandes com quilos de açúcar, tudo em copos de isopor sujos. Abri a mala do Viva e peguei o saco de lixo preto, levando para o quarto 27, junto com os cafés.

Tranquei novamente a porta dando duas voltas, tomei um dos cafés, esvaziei o saco de lixo preto no estrado da cama e comecei o trabalho.

Os arquivos de Barry Gannon e todos os envelopes estavam nomeados. Ordenei alfabeticamente numa das metades da cama, depois fiz o mesmo com o grosso envelope pardo de Hadden, colocando as folhas de papel nas pastas relevantes de Barry.

Alguns dos nomes tinham títulos, outros, posições, mas a maior parte dizia simplesmente *mister*. Alguns nomes eu conhecia, outros não me eram estranhos, mas a grande parte não significava nada para mim.

Do outro lado da cama espalhei minhas pastas em três pequenas pilhas e uma maior: Jeanette, Susan e Clare, e à direita Graham Goldthorpe, o Ratcatcher.

No fundo do armário encontrei um rolo de papel de parede. Pegando um punhado dos alfinetes do meu pai, abri o papel e o prendi na parede logo acima da mesa. Com uma caneta vermelha, dividi as costas do papel em cinco grandes colunas. No topo de cada uma delas, em letras maiúsculas e vermelhas, escrevi cinco nomes: JEANETTE, SUSAN, CLARE, GRAHAM e BARRY.

Ao lado do papel de parede prendi um mapa de West Yorkshire que encontrei no Viva. Com minha caneta vermelha, marquei quatro cruzes vermelhas e fiz uma seta em Rochdale.

Bebendo o segundo café, firmei o corpo.

Com mãos trêmulas, peguei o envelope no topo da pilha de Clare. Pedindo perdão, abri o envelope e tirei de lá três grandes fotografias em preto e branco. Meu estômago se revirou, minha boca ficou seca, voltei ao painel feito com papel de parede e, cuidadosamente, prendi as três fotografias ali, logo abaixo dos três nomes.

E me afastei, com lágrimas nos olhos, olhando para o novo papel de parede, para aquela pele tão pálida, aqueles cabelos tão claros, aquelas asas tão brancas.

Um anjo em preto e branco.

Três horas mais tarde, com os olhos vermelhos por conta das lágrimas derramadas após ter lido tudo o que li, levantei do chão do quarto 27.

A história de Barry: três homens ricos: John Dawson, Donald Foster e um terceiro que ele não pôde ou não soube nomear.

Minha história: três meninas mortas: Jeanette, Susan e Clare.

A minha história, a história dele — duas histórias: a mesma época, os mesmos locais, nomes diferentes, rostos diferentes.

Mistério, história: Alguma conexão?

Pousei uma pequena pilha de moedas em cima do telefone que havia na recepção do Redbeck.

— O sargento Fraser, por favor?

A recepção era toda em tons de amarelo e marrom, e cheirava a fumaça. Através das portas de vidro, vi jovens brincando na sala de bilhar e fumando.

— Sou o sargento Fraser.

— Aqui é Edward Dunford. Recebi informações sobre domingo à noite, sobre Barry...

— Que tipo de informação?

Prendi o fone entre o queixo e o pescoço e acendi um fósforo.

— Uma ligação anônima, dizendo que o senhor Gannon foi a Morley por causa de Clare Kemplay — disse, com um cigarro entre os dentes.

— Algo mais?

— Pelo telefone, não.

Ao lado do aparelho, desenhados com uma esferográfica, as palavras *Pau jovem* e um número de telefone de seis dígitos.

— Melhor nos encontrarmos antes do inquérito — disse o sargento Fraser.

Do lado de fora, vi que chovia novamente e que os motoristas de caminhão colocavam casacos sobre a cabeça ao correrem em direção ao bar.

— Onde? — perguntei.

— No Angelo’s Café, em uma hora? Em frente à prefeitura de Morley.

— Certo, mas eu preciso de um favor.

Busquei um cinzeiro, mas tive de usar o chão.

Fraser murmurou do outro lado da linha:

— O quê?

Começaram os apitos, e coloquei mais uma moeda.

— Preciso do nome e endereço dos trabalhadores que encontraram o corpo.

— Que corpo?

— De Clare Kemplay. — E comecei a contar os corações amorosos riscados aqui e ali em volta do telefone.

— Eu não sei...

— Por favor — pedi.

Alguém escrevera “Para sempre” dentro de um dos corações, em vermelho.

Fraser perguntou:

— Por que eu?

— Porque acho que você é um cara decente e porque preciso de um favor e não tenho ninguém mais a quem pedir.

Silêncio, depois:

— Vou ver o que posso fazer.

— Em uma hora, então — eu disse, desligando.

Coloquei o fone no gancho, mas voltei a pegá-lo, introduzindo uma nova moeda e discando.

“Comedor de casadas.”

— Sim?

— Diga a BJ que Eddie ligou e dê a ele este número: 276578. Peça que pergunte por Ronald Gannon, quarto 27.

“Foda-se, Ken!”

Coloquei o fone no gancho, mas voltei a pegá-lo, introduzindo uma moeda nova e discando.

“O amor verdadeiro nunca morre.”

— Aqui é Peter Taylor.

— Oi. Poderia falar com Kathryn, por favor?

— Ela ainda está dormindo.

Olhei para o relógio de meu pai. Depois pedi:

— Quando acordar, poderia dizer que Edward ligou?

— Certo — disse o pai dela, como se estivesse fazendo um enorme favor.

— Até logo.

Coloquei o telefone no gancho, mas depois voltei a pegá-lo, depositei minha última moeda e disquei.

Uma velha passou pela recepção, vinda do bar, cheirando a bacon.

— Ossett 256199.

— Sou eu, mãe.

— Você está bem, querido? Onde está?

Um dos jovens perseguia outro na sala de bilhar, brandindo um taco de sinuca.

— Estou bem, no trabalho — respondi.

A velha sentou-se numa das poltronas marrons da recepção, bem em frente ao telefone, olhando para os caminhoneiros e para a chuva.

— Acho que vou precisar dar uma saída por alguns dias.

— Para onde?

O jovem na sala de bilhar conseguira encurralar o outro.

— Para o sul — respondi.

— Você vai me ligar, não vai?

A velha peidou bem alto, e os meninos pararam de brigar na sala de bilhar, vindo até a recepção.

— Claro...

— Eu te amo, Edward.

Os meninos arregaçaram as mangas, colocaram os braços junto à boca e começaram a imitar o som de peidos.

— Eu também.

A velha olhava para os caminhoneiros e para a chuva, enquanto os meninos dançavam à sua volta.

Coloquei o fone no gancho.

4 LUV.

Angelo’s Café, em frente à prefeitura de Morley, lotado.

Eu tomava meu segundo café, supercansado.

— Quer alguma coisa? — perguntou o sargento Fraser, que estava no balcão.

— Um café, por favor. Preto, com açúcar.

Olhei em volta e pude ler as manchetes nos jornais de quem estava por ali, tomando café da manhã.

Déficit de 434 milhões de libras na balança; Gasolina sobe 12%; Trégua de Natal do IRA; uma foto do novo Doutor Who; e Clare.

— Bom dia — disse Fraser, deixando um copo de café na minha frente.

— Obrigado. — Terminei de tomar o café anterior e experimentei um gole do novo.

— Falei com o médico-legista antes de vir. Ele disse que vai precisar adiar.

— Estavam se precipitando um pouco, de qualquer maneira.

Uma garçonete trouxe um café da manhã completo e deixou-o à frente do sargento.

— É... mas agora vem o Natal, a família, seria legal.

— Merda, claro. A família.

Fraser colocou a metade do prato no garfo.

— Você os conhece?

— Não.

— São adoráveis — disse Fraser, suspirando, movendo os ovos e os tomates e passando tudo sobre uma fatia de torrada.

— Sério? — perguntei, imaginando quantos anos teria Fraser.

— Vão liberar o corpo em pouco tempo, assim poderão fazer o funeral.

— Para livrar-se disso...

Fraser deixou faca e garfo na mesa e afastou o prato para o lado.

— Quinta-feira, eu acho que ouvi.

— Certo. Quinta-feira. — Eu não conseguia me lembrar se cremamos meu pai numa quinta ou sexta-feira.

O sargento Fraser recostou-se na cadeira.

— E quanto à tal ligação anônima?

Inclinei o corpo para a frente, baixando o tom da voz:

— Como eu disse. No meio da maldita noite...

— Vamos, Eddie.

Olhei para o sargento Fraser, para seus cabelos loiros, para os olhos azuis pálidos e para seu rosto avermelhado, notando um leve sotaque escocês e a aliança de casado num dedo. Ele parecia o garoto que se sentava a meu lado no laboratório de química do colégio.

— Posso confiar em você?

— Acho que seria melhor — ele respondeu, oferecendo-me um cigarro.

— Barry tinha uma fonte, você sabe. — E acendi um cigarro.

— O quê?

— Uma fonte.

Fraser deu de ombros.

— Vá em frente.

— Recebi uma ligação na redação, ontem à noite. Sem nomes, apenas disseram que fosse ao Gaiety, na Roundhay Road. Você conhece, certo?

— Não — ele respondeu, sorrindo. — Claro que conheço. Como saber se isso não estava armado?

— Barry tinha muitos contatos, conhecia muita gente.

— A que horas foi isso?

— Por volta das dez. Aliás, eu fui sozinho e me encontrei com o cara...

Fraser estava com os braços apoiados sobre a mesa, o corpo inclinado, sorrindo.

— Quem era ele?

— Um cara negro, sem nome. Disse que esteve com Barry no sábado à noite.

— Como ele era, fisicamente?

— Negro. — E peguei mais um cigarro do maço.

— Jovem? Velho? Baixo? Alto?

— Negro. Cabelos ondulados, nariz grande, lábios grossos. O que você quer que eu diga?

O sargento Fraser sorriu.

— Ele falou sobre Barry ter ou não bebido?

— Eu perguntei, e ele me disse que Barry tinha bebido um pouco, mas que não estava bêbado nem nada parecido.

— Onde foi isso?

Fiz uma pausa, pensando que nesse ponto estragara tudo, e respondi:

— No Gaiety.

— Alguma testumunha por lá? — Fraser pegou seu bloco de anotações e começou a escrever.

— As testemunhas do Gaiety, acho.

— Imagino que você não tenha obrigado nosso amigo negro a relatar qualquer dessas coisas a um membro do corpo policial local?

— Não.

— Então?

— Por volta das onze, mais ou menos, ele disse que Barry fora para Morley. E que isso tinha algo a ver com o assassinato de Clare Kemplay.

O sargento Fraser olhava por cima do meu ombro, observando a chuva e a prefeitura logo em frente.

— Como?

— Ele não sabe.

— Você acreditou nele?

— Por que não?

— Porra, ele está te enganando. Onze da noite de um sábado, após uma passagem pelo Gaiety?

— Foi o que ele disse.

— Certo. O que você acha que Gannon poderia saber para ir até lá, numa hora daquelas, num sábado à noite?

— Eu não sei. Só estou contando o que esse cara me disse.

— E isso é tudo? — perguntou o sargento Fraser, sorrindo. — Imaginei que você

fosse um jornalista. Deveria ter perguntado mais coisas a ele.

Acendi outro cigarro.

— É. Mas estou lhe dizendo, ele não sabia de nada.

— Certo. Mas o que você acha que Gannon descobriu?

— Eu já lhe disse, não sei. Mas isso explica por que ele foi a Morley.

— Brass vai adorar saber disso — suspirou Fraser.

Uma garçonete se aproximou e levou embora os copos e o prato. O homem na mesa ao lado nos escutava, olhando para o retrato falado do Estuprador de Cambridge, que poderia ser qualquer pessoa.

Eu perguntei:

— Você conseguiu os nomes?

O sargento Fraser acendeu um cigarro e inclinou o corpo.

— Isso fica entre nós dois?

— Claro — respondi, pegando uma caneta e um pedaço de papel do meu paletó.

— Dois pedreiros, Terry Jones e James Ashworth. Estão trabalhando nas novas casas atrás da prisão Wakefield. É da Foster's Construction, eu acho.

— Foster's Construction — repeti, pensando em Donald Foster, Barry Gannon, uma conexão.

— Não tenho o endereço deles, e nem lhe daria se tivesse. Isso é tudo.

— Obrigado. Só mais uma coisa.

— O quê? — perguntou Fraser, levantando-se.

— Quem tem acesso às fotos e ao relatório da autópsia de Clare Kemplay?

— Por quê? — ele perguntou, sentando-se novamente.

— Só estou curioso. Quer dizer, um policial envolvido no caso poderia ter visto?

— Estão disponíveis, sim.

— Você viu?

— Eu não estou no caso.

— Mas deve ter formado parte da equipe de busca?

Fraser olhou para o próprio relógio.

— Sim, mas o departamento de Homicídios fica fora de Wakefield.

— Então você não saberia dizer quando tudo isso foi disponibilizado pela primeira vez?

— Por quê?

— Só queria conhecer os procedimentos. Fico curioso.

Fraser voltou a se levantar.

— Não são perguntas pertinentes, Eddie. — Depois sorriu, piscou o olho e disse: — Melhor eu ir embora. Nos vemos do outro lado da rua.

— Certo.

O sargento Fraser abriu a porta do café e depois olhou para trás.

— Não desapareça, certo?

— Ah, claro que não.

— E não escreva nada. — Ele abriu um meio sorriso.

— Nenhuma palavra — murmurei, dobrando o pedaço de papel.

Gaz do "Esportes" subia a escadaria da prefeitura.

Eu fumava meu último cigarro, sentado nos degraus.

— Que merda você está fazendo aqui?

— Isso é muito charmoso, certo? — disse Gaz, abrindo seu sorriso sem dentes. — Eu sou uma testemunha.

— Sério?

O sorriso desaparecera.

— Sério. Eu devia ter me encontrado com Baz no domingo, mas ele não apareceu.

— Isso vai ser adiado, sabe?

— Você está de brincadeira? Por quê?

— A polícia ainda não sabe o que ele estava fazendo no domingo à noite — respondi, oferecendo um cigarro a Gaz e acendendo outro para mim.

Gaz pegou o cigarro solenemente e o acendeu.

— Mas sabem que está morto, certo?

Eu fiz que sim e disse:

— O funeral será na quinta-feira.

— Merda. Tão rápido assim?

— É.

Gaz respirou fundo e depois raspou o pé num dos degraus.

— Viu o chefe?

— Ainda não passei por lá.

Ele jogou o cigarro fora e olhou para o chão.

— Melhor ir rápido.

— Vou esperar por aqui. Caso precisem de mim, saberão onde estou.

— Certo...

— Ouça — eu disse, chamando-o. — Você sabe alguma coisa sobre Johnny Kelly?

— Porra — disse Gaz. — Um cara no Inns, ontem à noite, disse que Foster cortaria um dobrado por conta dele.

— Foster?

— Don Foster. Presidente do Trinity.

Eu me levantei.

— Don Foster é presidente do Wakefield Trinity?

— Claro. Onde você se meteu?

— Que maldita perda de tempo. — Trinta minutos mais tarde, Gaz do "Esportes" descia a escadaria da prefeitura com Bill Hadden.

— Mas essas coisas não podem ser feitas com pressa, Gareth — dizia Hadden, estranho sem a presença de uma mesa à sua frente.

Eu me levantei do degrau frio e cumprimentei os dois.

— Pelo menos poderão seguir em frente com o funeral.

— Bom dia, Edward — disse Hadden.

— Bom dia. Você tem um minuto?

— A família parece estar levando tudo isso bem melhor do que você imagina — disse Gaz, baixando a voz e olhando para os degraus.

— Foi o que escutei — eu comentei.

— É um pessoal bem durão. Você quer conversar? — perguntou Hadden, pousando uma das mãos em meu ombro.

— Nos vemos mais tarde — disse Gaz do "Esportes", descendo dois degraus por vez, aproveitando para dançar um pouco.

— E o Cardiff City? — perguntou-lhe Hadden.

— Vamos acabar com eles, chefe — respondeu Gaz.

Hadden sorria.

— Que entusiasmo!

— É verdade — eu disse.

— O que você queria me dizer, então? — perguntou Hadden, abrindo os braços

contra o ar frio.

— Pensei em falar com os dois homens que encontraram o corpo, amarrar a versão deles com a história da médium, e um pouco com a história de Devil's Ditch — respondi, rapidamente, como se não tivesse mais de trinta segundos para pensar em tudo isso.

Hadden começou a mexer na barba, o que sempre significava más notícias.

— Interessante. Muito interessante.

— Você acha?

— Sim, menos o tom, que me preocupa um pouco.

— O tom?

— Sim. Essa médium, essa cartomante, isso tem mais a ver com pano de fundo. Material para suplemento. Mas os homens que encontraram o corpo, eu não sei...

Olhei bem no rosto dele.

— Mas você disse que ela sabe o nome do assassino. Isso não é pano de fundo, não é história para suplemento, isso é manchete de primeira página.

Hadden, sem levantar a voz, perguntou:

— Quer falar com eles hoje?

— Queria ir agora mesmo, já que tenho de ir a Wakefield de qualquer maneira.

— Certo — disse Hadden, seguindo em direção ao seu Rover. — Quero que me traga tudo isso hoje, às cinco, e amanhã discutiremos.

— Certo — eu gritei, olhando para o relógio de meu pai.

Com um *Leeds e Bradford de A a Z* aberto no colo e minhas anotações no banco do passageiro, dirigia pelas ruas de Morley.

Virei na Victoria Road e desci lentamente, parando bem na interseção da Rooms Lane com a Church Street.

Barry devia estar vindo na outra direção, seguindo para a Wakefield Road ou para a M62. O caminhoneiro devia estar no sinal da Victoria Road, esperando para virar à direita na Rooms Lane.

Dei uma olhada em minhas anotações, rapidamente, e voltei à primeira página.

Bingo.

Liguei o carro, esperando o sinal abrir.

À minha esquerda, do outro lado do cruzamento, uma igreja escura, e ao lado dela a

Morley Grange Junior and Infants.

O sinal abriu, eu ainda lia:

“No cruzamento da Rooms Lane com a Victoria Road, Clare disse adeus a seus amigos e foi vista pela última vez caminhando pela Victoria Road em direção a sua casa...”

Clare Kemplay.

Vista pela última vez.

Adeus.

Atravessei o cruzamento, um caminhão do Co-op esperava para virar à direita na Rooms Lane.

Barry Gannon.

Visto pela última vez.

Adeus.

Desci lentamente a Victoria Road, com os carros buzinando atrás de mim. Clare caminhava a meu lado, na calçada, com sua capa de chuva laranja e suas galochas.

“Vista pela última vez caminhando pela Victoria Road em direção a sua casa...”

Sports Ground, Sandmead Close, Winterbourne Avenue.

Clare estava parada na esquina da Winterbourne Avenue, acenando.

Fiz um sinal para a esquerda e entrei na Winterbourne Avenue.

Era uma rua sem saída, com seis casas geminadas antigas, e outras três casas novas, independentes.

Um policial estava de pé sob a chuva, à frente do número 3.

Parei em frente a uma das casas novas e virei o carro para o outro lado.

Olhei para o número 3 da Winterbourne Avenue.

Cortinas fechadas.

O motor do Viva afogou.

Uma cortina se moveu.

A senhora Kemplay, de braços cruzados, apareceu na janela.

O policial olhou para o relógio.

Eu fui embora.

Foster’s Construction.

O canteiro de obras ficava atrás da prisão Wakefield, a alguns metros de Devil’s

Ditch.

Era a hora de almoço de uma chuvosa terça-feira de dezembro, e aquele local estava silencioso como uma tumba.

Ouvi uma música baixa no ar úmido, *Dreams are Ten a Penny.*

Segui meus ouvidos.

— Oi — disse, abrindo a porta de lona encerada de uma casa ainda sem terminar.

Quatro homens comiam sanduíches e tomavam chá em cantis de plástico.

— Posso ajudar? — disse um deles.

— Está perdido? — perguntou outro.

— Na verdade, estou atrás de...

— Nunca ouvi falar nessa gente — disse um deles.

— Você é jornalista? — perguntou outro.

— Pareço?

— Sim — responderam todos.

— Bem... vocês sabem onde eu poderia encontrar Terry Jones e James Ashworth?

Um homem grandalhão vestindo capa de chuva se levantou, engolindo a metade de um pedaço de pão.

— Eu sou Terry Jones.

Estiquei a mão.

— Eddie Dunford, do *Yorkshire Post.* Podemos trocar uma palavra?

Ele ignorou minha mão estendida.

— Vai me pagar?

Todos riram.

— Podemos conversar sobre isso.

— Pode se mandar caso não esteja disposto — disse Terry Jones, levantando mais risos.

— Estou falando sério.

Terry Jones suspirou e sacudiu a cabeça.

— Ainda tem gente com nervos de aço por aí — disse um dos homens.

— Pelo menos é de um jornal local — disse outro.

— Vamos — disse Terry Jones, antes de abrir a boca para terminar seu chá.

— Garanta que ele vai liberar o dinheiro — gritou um dos homens enquanto seguíamos para o lado de trás.

— Já vieram muitos jornais por aqui? — perguntei, oferecendo um cigarro a Terry Jones.

— Os caras disseram que veio um fotógrafo do *Sun*, mas nós estávamos lá na delegacia de Wood Street.

Havia uma movimentação no ar, e eu apontei para outra casa ainda em construção. Terry Jones fez que sim e seguiu na frente.

— A polícia demorou muito com você?

— Não, não muito. Mas em coisas assim eles não vão se arriscar, certo?

— E James Ashworth?

Ficamos de pé na porta, pois assim não seríamos alcançados pela chuva.

— O que tem ele?

— Ficaram muito tempo com ele?

— A mesma coisa.

— Ele está por aqui?

— Está doente.

— Sério?

— Tem algo aí.

— Sério?

— Sério. — Terry Jones atirou seu cigarro no chão e amassou-o com a ponta da bota, dizendo: — O mestre está fora desde quinta-feira, Jimmy não veio ontem nem hoje, uns dois caras não vieram na semana passada.

— Quem a encontrou, você ou Jimmy?

— O Jimmy.

— Onde ela estava? — perguntei, olhando para a lama.

Terry Jones cuspiu e disse:

— Vou te mostrar.

Caminhamos em silêncio pelo canteiro de obras, em direção à área de dejetos que seguia rente à estrada Wakefield-Dewsbury. Uma fita azul e branca da polícia cercava a vala. Do outro lado, rente à estrada, dois policiais estavam sentados em uma viatura. Um deles olhou para nós e fez um sinal para Terry Jones.

Ele acenou de volta.

— Há quanto tempo isso está assim?

— Não tenho ideia.

— Havia barracas por toda a área até ontem à noite.

Eu olhava para Devil's Ditch, para os carrinhos de bebê destruídos e para as bicicletas, os fogões e as geladeiras. Folhas e lixo por toda parte impossibilitavam que se visse o fundo.

— Você viu? — perguntei.

— Vi.

— Merda.

— Ela estava deitada num carrinho de bebê.

— Num carrinho de bebê?

Ele olhava ao longe, bem longe.

— A polícia levou o carrinho. Ela estava... Porra...

— Eu sei — e fechei os olhos.

— A polícia pediu que não contássemos a ninguém.

— Eu sei, eu sei.

— Mas porra... — Ele lutava contra um nó na garganta, seus olhos estavam marejados.

Ofereci outro cigarro.

— Eu sei. Vi as fotos da autópsia.

Ele apontou, com o cigarro ainda apagado, para uma marca no chão.

— Uma das asas estava ali, próxima ao topo.

— Puta que pariu.

— Eu rezaria para não ter visto nada disso.

Olhei para Devil's Ditch, e as fotos que estavam pregadas na parede do Redbeck Café voltaram à minha mente.

— Se pelo menos fosse outra pessoa — ele murmurou.

— Onde mora Jimmy Ashworth?

Terry Jones olhou para mim.

— Não acho que seria boa ideia.

— Por favor.

— Ele está mal. É apenas um rapaz.

— Poderia ajudá-lo a falar — eu disse, olhando para um carrinho de bebê azul pouco adiante.

— Bobagem — ele disse, fungando.

— Por favor.

— Fitzwilliam — disse Terry Jones, virando-se e se afastando.

Eu me ajoelhei, ficando abaixo da fita policial, inclinando o corpo para dentro de Devil's Ditch, ao lado da raiz de uma árvore morta, e peguei uma pena branca presa num mato.

Uma hora para matar.

Eu passava de carro pela Queen Elizabeth Grammar School, depois estacionei e voltei caminhando para Wakefield, sob a chuva, aumentando a velocidade do passo ao cruzar a escola.

Cinquenta minutos para matar.

Sendo terça-feira, tive de passar pelo mercado de peças de segunda mão, fumando e ficando ensopado por causa da chuva, olhando para os carrinhos de bebê e para as bicicletas das crianças, e também para tudo o que restara das casas dos mortos.

O Indoor Market fedia a roupas molhadas, e ainda estava ali a banca de livros onde antes ficava a Joe's Books.

Olhei para o relógio de meu pai, depois para a pilha de velhos quadrinhos de super-heróis.

Quarenta minutos para matar.

Todos os sábados de manhã, durante três anos, eu e meu pai tomávamos o 126 às sete e meia, na rodoviária de Ossett; meu pai lendo o *Post*, falando sobre futebol e críquete, com as sacolas de compras vazias no colo, enquanto eu sonhava com a pilha de quadrinhos que sempre comprava para ajudar Joe.

Todos os sábados de manhã, até aquele sábado em que o Velho Joe não abriu e eu fiquei lá, de pé, esperando, com meu pai chegando com duas sacolas cheias de compras. Em cima, o queijo embrulhado em papel.

Trinta e cinco minutos para matar.

Na Acrópolis, em Westgate, onde eu antes fantasiava com a garçonete, me forcei a comer um prato de torta Yorkshire e caldo de cebola; logo depois vomitei tudo no banheiro dos fundos — no mesmo banheiro em que eu antes fantasiava finalmente conseguir comer a garçonete chamada Jane.

Vinte e cinco minutos para matar.

Do lado de fora, sob a chuva, segui pela Bullring, passando pelo Strafford Arms, *o*

pub mais duro do norte, depois pelo salão de cabeleireiros onde minha irmã trabalhava meio período e onde conhecera Tony.

Vinte e cinco minutos para matar.

No Silvio's, o café preferido de minha mãe e local onde eu me encontrava secretamente com Rachel Lyons depois da escola, pedi uma bomba de chocolate.

Peguei meu bloco de anotações molhado e comecei a ler as escassas linhas sobre Mystic Mandy:

O futuro, assim como o passado, está escrito. Não pode ser alterado, mas pode ajudar a curar as feridas do presente.

Eu me sentei na janela e fiquei olhando para Wakefield.

Futuro do passado.

Chovia tão forte que toda a cidade parecia sob a água. Eu até gostaria que fosse verdade, que a água pudesse arrastar as pessoas e lavar aquele lugar.

Eu já matara todo o tempo que tinha.

Tomei uma xícara de chá quente, deixei a bomba por lá e segui para St. Johns, com uma folha de chá presa no lábio e uma pena no bolso.

A Blenheim Road era uma das ruas mais bonitas de Wakefield, com árvores grandes e fortes e casas também robustas com seus pequenos jardins.

O número 28 não era uma exceção; era uma casa antiga que fora subdividida em apartamentos.

Caminhei em direção à casa, evitando as poças de água, e entrei. As janelas do hall e da escada eram de vitrô, e tudo ali cheirava a igrejas velhas no inverno.

O número 5 estava no primeiro andar, à direita.

Dei uma olhada no relógio de meu pai e toquei a campainha, que soou como *Tubular Bells*, e fiquei pensando em *O exorcista* quando a porta se abriu.

Uma mulher de meia-idade, vinda das páginas do *Yorkshire Life*, vestindo blusa e saia campestres, esticou a mão.

— Mandy Wymer — ela disse, e apertamos as mãos brevemente.

— Edward Dunford. Do *Yorkshire Post.*

— Entre, por favor.

Ela pressionou o corpo contra a parede enquanto eu passava, deixando a porta entreaberta ao me seguir pelo hall de entrada, cheio de quadros escuros, em direção à

grande sala na penumbra, pois, embora tivesse janelas grandes, elas estavam bloqueadas pelas frondosas árvores da rua. Havia uma bandeja com comida para animais num canto, e a sala cheirava a isso.

— Sente-se, por favor — ela disse, apontando para o grande sofá num canto da sala, forrado com tecido *tie-dye*.

A aparência conservadora daquela mulher não combinava com a decoração oriental-hippie nem com sua profissão. E tal pensamento eu não fui capaz de disfarçar.

— Meu ex-marido era turco — ela disse, rapidamente.

— Ex? — perguntei, ligando o gravador em meu bolso.

— Ele voltou para Istambul.

Eu não resisti.

— Você não *sentiu* que ele faria isso?

— Sou médium, senhor Dunford, não adivinho o futuro.

Eu me sentei numa ponta do sofá, sentindo-me um babaca, incapaz de pensar ou dizer qualquer coisa.

Finalmente, perguntei:

— Não estou dando uma boa impressão, certo?

A senhora Wymer se levantou rapidamente da poltrona:

— Aceita um chá?

— Seria bom, se não for incomodar...

Ela praticamente saiu correndo da sala, parando de repente na porta, como se estivesse a ponto de pisar num chão de vidro.

— Você cheira a lembranças ruins, um cheiro forte — ela disse, em tom calmo, de costas para mim.

— O quê?

— Cheiro de morte — ela disse, parada na porta, tremendo, pálida, com a mão presa no batente da porta.

— Você está bem? — eu perguntei, levantando do sofá.

— Acho que seria melhor se você fosse embora — ela murmurou, caindo.

— Senhorita Wymer...

Corri em sua direção.

— Por favor! Não!

Eu me aproximei, querendo tocá-la.

— Senhorita Wymer...

— Não me toque!

Eu me afastei, ela se encolhia.

— Sinto muito — eu disse.

— É tão forte! — ela gemia, não falava.

— O quê?

— Te envolve por completo.

— O que é? — gritei, com raiva, pensando em BJ e naqueles dias e noites passados em quartos alugados com a mente perturbada. — O que é?

— A morte dela.

De repente o ar ficou pesado e perverso.

— Que merda é essa que você está dizendo? — Eu me aproximava dela, com o sangue esquentando minhas orelhas.

— Não! — ela gritava, arrastando a bunda em direção ao hall, com braços e pernas esticados, a saia subindo. — Deus, não!

— Cala a boca! Cala a boca! — eu gritava, seguindo-a.

Ela se levantou, trêmula, implorando:

— Por favor, por favor, por favor, me deixe em paz!

— Espere!

Ela entrou num quarto e fechou a porta na minha cara, prendendo um dos dedos da minha mão esquerda por um segundo.

— Maldita! — eu gritei, socando e chutando a porta trancada. — Sua puta louca!

E parei, colocando meus dedos latejantes na boca e sugando-os.

O apartamento ficou em silêncio.

Apoiei a cabeça contra a porta e, mais calmo, pedi:

— Por favor, senhorita Wymer...

Mas ouvi soluços assustados do outro lado.

— Por favor, precisamos conversar.

Ouvi o som de móveis sendo arrastados, de uma cômoda e um armário sendo postos atrás da porta.

— Senhorita Wymer?

Uma voz ecoou entre camadas e camadas de madeira e portas, como uma criança que sussurrasse a um amigo embaixo de cobertas:

— Conte a eles sobre os outros...

— O quê?

— Por favor, conte a eles sobre os outros.

Eu me apoiei na porta, com lábios quase encostados à madeira:

— Que outros?

— Os outros.

— Que outros, porra? — gritei, mexendo furioso na maçaneta.

— Todos os outros debaixo desses lindos novos carpetes.

— Cala a boca!

— Sobre a grama que cresce entre as rachaduras e pedras.

— Cala a boca! — Bati com os punhos na madeira, e comecei a sangrar.

— Conte a eles. Por favor, conte a eles onde estão.

— Cala a boca! Cale a boca, porra!

Deixei a cabeça encostada à porta, o barulho desapareceu, o apartamento ficou em silêncio.

— Senhorita Wymer? — murmurei.

Silêncio, silêncio total.

Quando saí do apartamento, chupando o sangue de minhas mãos, vi que a porta se abria lentamente.

— Fique longe disso — gritei, correndo pela escada.

Cento e cinquenta quilômetros por hora, assombrado.

Afundando o pé na M1, exorcizando os fantasmas do passado e do presente em Wakefield.

Pelo espelho retrovisor, um Rover verde seguia na minha cola. Eu, paranoico, pensando que poderia ser um carro de polícia à paisana.

Com os olhos voltados para o céu, dirigindo de maneira insana, dentro da barriga de uma baleia. O céu fazia as vezes de pele cinzenta, as árvores escurecidas fazendo as vezes de costelas, uma prisão úmida.

No espelho retrovisor, o Rover se aproximava.

Peguei a saída para Leeds, bem próxima aos restos do acampamento cigano. As caravanas queimadas formavam uma espécie de círculo pagão para a morte daquele povo.

No espelho retrovisor, o Rover verde seguia para o norte.

Sob os arcos da estação, quando estacionava o Viva, dois corvos pretos comiam algo de um saco plástico preto, arrasando a carne jogada fora, e seus gritos ecoavam no escuro daquela temporada de peste.

Dez minutos mais tarde eu estava em minha mesa.

Disquei o número da Directory Enquiries, depois o de James Ashworth, depois o de BJ.

Ninguém atendeu, todos faziam as compras de Natal.

— Você está com uma aparência terrível — disse Stephanie, cheia de pastas nas mãos, gorda pra caralho.

— Estou bem.

Stephanie ficou de pé ali, na frente de minha mesa, esperando.

Olhei para o único cartão de Natal em minha mesa, tentando evitar as imagens de Jack Whitehead.

— Falei com Kathryn ontem à noite.

— E?

— Você não se importa mesmo? — Ela já estava nervosa.

Então era isso.

— Meus sentimentos não são da sua conta.

Ela não se mexeu, ficou parada ali, movendo o peso de um pé para o outro, com os olhos cheios de lágrimas.

Eu me senti mal e disse:

— Sinto muito, Steph.

— Você é um porco. Um porco nojento.

— Sinto muito. Como ela está?

Ela fazia que não com sua cabeça gorda, movendo seus pensamentos gordos.

— Não é a primeira vez, certo?

— O que Kathryn disse?

— Já aconteceram outras, certo?

Outras, sempre as malditas outras.

— Você sabe, Eddie Dunford — ela continuou falando, inclinando o corpo sobre a mesa, com seus braços que pareciam coxas. — Você sabe.

— Cale a boca — eu disse, em tom baixo.

— Quantas, hein?

— Fique fora disso, sua puta gorda.

Aplausos do outro lado do escritório, punhos batidos contra mesas, pés batendo forte no chão.

Olhei para o cartão de Kathryn.

— Seu porco! — ela xingou.

Ergui os olhos, mas ela já não estava ali, tinha ido embora.

Do outro lado da redação, avistei George Greaves e Gaz erguendo seus cigarros, me saudando, com os dedos para cima.

Eu também ergui o meu, com sangue fresco saindo das juntas.

Cinco em ponto.

— Ainda preciso falar com o outro, com James Ashworth. Foi ele quem encontrou o corpo.

Hadden ergueu os olhos de sua pilha de cartões de Natal. Colocou o maior deles no topo e comentou:

— Isso me parece pouco.

— Ela ficou louca.

— Você conseguiu uma declaração dos policiais?

— Não.

— Talvez seja melhor assim — ele disse, suspirando e voltando a olhar para os cartões.

Eu estava cansado, sem dormir, com fome, sem comida, e aquela sala estava pra lá de quente. Tudo era excessivamente real.

Hadden olhava para mim.

— Algo novo hoje? — perguntei, com a boca repentinamente cheia de água.

— Nada que valha a pena ser impresso. Jack está fora, num dos seus...

Engoli em seco.

— Num dos seus...?

— Ele está escondendo o jogo, vamos dizer assim.

— Tenho certeza de que está fazendo o melhor possível.

Hadden devolveu o rascunho do meu texto.

Abri a pasta que tinha sobre o colo, guardando uma folha e pegando outra.

— E depois tem isto.

Hadden pegou a folha da minha mão e empurrou os óculos para cima no nariz.

Fiquei olhando para fora da janela logo atrás dele, com o reflexo das luzes amareladas do escritório sobre a escura e úmida Leeds.

— Cisnes mutilados, certo?

— Como eu tenho certeza que você já sabe, ocorreram várias mutilações de animais.

Hadden suspirou, suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu não sou estúpido. Jack me mostrou a autópsia.

Eu podia ouvir pessoas rindo em outra parte do edifício.

— Sinto muito — eu disse.

Hadden tirou os óculos e coçou a ponta do nariz.

— Você está se esforçando muito.

— Sinto muito — voltei a dizer.

— Você é como Barry. Ele sempre...

— Eu não ia mencionar a autópsia nem Clare.

Hadden ficou de pé, caminhando pela sala.

— Você não pode simplesmente escrever coisas imaginando tratar-se da maldita verdade.

— Eu nunca faço isso.

— Não sei... — ele dizia, olhando para a noite. — É como se você simplesmente atirasse num arbusto, pois talvez, lá atrás, exista algo interessante a ser eliminado.

— Sinto muito que você pense assim — eu disse.

— Existem várias maneiras de matar um gato, e você sabe.

— Eu sei.

Hadden ficou de costas.

— Arnold Fowler trabalhou vários anos para nós.

— Eu sei.

— Você não vai querer assustar aquele pobre homem com suas histórias de terror.

— Eu nunca faria isso.

Hadden sentou-se e suspirou bem alto.

— Consiga algumas declarações. Dê um tom pessoal e não mencione o maldito

caso Clare Kemplay.

Eu me levantei, a sala ficou escura de repente, mas depois a luz voltou a se acender.

— Obrigado.

— Vamos publicar isso na quinta-feira. Violência contra animais.

— Claro. — E abri a porta, em busca de ar, de apoio e de uma saída.

— Como os pobres pôneis.

Corri para o banheiro, com o intestino revirado.

— Alô. Poderia falar com Kathryn, por favor?

— Não.

A redação estava em silêncio, e eu quase terminara o que tinha a fazer.

— Sabe me dizer quando voltará?

— Não.

Eu desenhava asas e rosas em meu mata-borrão. Deixei a caneta sobre a mesa.

— Poderia dizer que Edward ligou?

E desligaram.

Rabisquei “O meio e a mensagem” no topo do artigo com uma esferográfica, depois um ponto de interrogação e acendi um cigarro.

Após algumas tragadas, arranquei uma folha de meu bloco de anotações e fiz duas listas. Na parte mais baixa da folha, escrevi Dawson e sublinhei.

Eu me sentia cansado, com fome e completamente perdido.

Fechei os olhos contra a luz dura da redação e o ruído que tomava conta de meus pensamentos.

Precisei de alguns instantes para notar que o telefone tocava.

— Alô, aqui fala Edward Dunford.

— Eu sou Paula Garland.

Endireitei o corpo na cadeira, coloquei os cotovelos sobre a mesa, para sustentar o peso do telefone e de minha cabeça.

— Sim?

— Ouvi dizer que esteve com Mandy Wymer hoje.

— Sim, mais ou menos. Como você ficou sabendo?

— Paul.

— Certo. — Eu não sabia o que dizer.

Seguiu-se uma longa pausa, depois ela disse:

— Preciso saber o que ela lhe disse.

Eu estava ereto na cadeira, trocando o fone de mão e limpando o suor em minha calça.

— Senhor Dunford?

— Na verdade, ela não disse muita coisa.

— Por favor, senhor Dunford. Ela não disse nada?

Eu tinha o fone preso entre o ouvido e o queixo, olhava para o relógio de meu pai e metia “O meio e a mensagem” num envelope.

E disse:

— Vamos nos encontrar no Swan. Dentro de uma hora?

— Obrigada.

Desci o corredor, em direção aos arquivos.

Passeei entre as pastas, cruzei indicadores, decifrei tudo.

Olhei para o relógio de meu pai: oito e cinco da noite.

Voltei no tempo:

Julho de 1969, aterrisagem na Lua, pequenos passos, grandes saltos.

12 de julho de 1969, Jeanette Garland, 8, desaparecida.

13 de julho, “Pedido emocionado de uma mãe”.

14 de julho, recurso do detetive superintendente Oldman.

15 de julho, polícia repassa os últimos pequenos passos de Jeanette.

16 de julho, polícia reforça buscas.

17 de julho, polícia se desconcerta.

18 de julho, polícia desmobiliza busca.

19 de julho, “Médium entra em contato com a polícia”.

Pequenos passos, grandes saltos.

17 de dezembro de 1974, um caderno cheio de citações rabiscadas.

Olhei para o relógio de meu pai: oito e meia.

Estava sem tempo.

The Swan, Castleford.

Eu estava no bar, pedindo uma cerveja e um uísque.

O local estava movimentado por conta do Natal, cheio de trabalhadores, todos

cantando junto ao juke-box.

Senti um toque em meu cotovelo.

— Um desses é para mim?

— Qual você prefere?

A senhora Paula Garland pegou o uísque e abriu caminho entre a multidão, seguindo em direção à máquina de vender cigarros. Colocou a bolsa e o copo em cima da máquina.

— Você vem sempre aqui, senhor Dunford? — ela perguntou, sorrindo.

— Edward, por favor. — E coloquei meu copo sobre a máquina. — Não, não muito.

Ela sorriu e me ofereceu um cigarro.

— É a primeira vez?

— Segunda — respondi, pensando na última vez.

Ela acendeu meu cigarro.

— Nem sempre está assim tão cheio.

— Você vem sempre aqui?

— Está tentando me seduzir, senhor Dunford? — Ela sorria.

Soprei a fumaça logo acima do rosto dela e sorri.

— Eu costumava vir muito aqui — ela disse, mas o sorriso desaparecera de repente.

Eu não sabia o que dizer e acabei comentando:

— Parece um lugar legal.

— E é mesmo. — Ela pegou o drinque.

Tentei não olhar, mas sua pele era muito pálida contra o suéter vermelho, e a gola alta fazia sua cabeça parecer muito pequena e frágil.

E, ao tomar o uísque, pontos vermelhos surgiram em suas bochechas, deixando-a com a aparência de quem fora golpeada.

Paula Garland tomou mais um bom gole, esvaziando o copo.

— Sobre domingo. Eu...

— Esqueça. Foi um erro. Mais um? — perguntei, tudo muito rápido.

— Agora não.

— É só pedir.

Elton John tomou o lugar de Gilbert O’Sullivan.

Nós dois demos uma olhada no pub, sorrindo ao ver os chapéus de festa e os arranjos de Natal.

Paula disse:

— Você esteve com Mandy Wymer, certo?

Acendi mais um cigarro, meu estômago revirava.

— Sim.

— Por quê?

— Ela disse ter avisado à polícia onde poderiam encontrar o corpo de Clare Kemplay.

— E você não acreditou nela?

— Dois operários encontraram o corpo.

— O que ela disse?

— Eu não tive tempo de perguntar.

Paula Garland deu uma boa tragada no cigarro, depois perguntou:

— Ela sabe quem foi?

— Ela disse saber.

— Mas não disse nomes?

— Não.

Ela brincava com seu copo vazio, girando-o em cima da máquina.

— Mencionou Jeanette?

— Não sei.

— Você não sabe? — Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Disse algo sobre “os outros”, nada mais.

— O quê? O que foi que ela disse?

Dei uma olhada em volta. Estávamos praticamente murmurando, mas eu não conseguia ouvir mais nada, como se o resto do mundo tivesse sido desligado.

— Ela disse que eu deveria “contar a eles sobre os outros”, depois falou sobre carpetes e grama entre as pedras.

Paula Garland ficou de costas para mim, com os ombros trêmulos.

Coloquei a mão em seu ombro.

— Sinto muito.

— Não, você não sente muito, senhor Dunford — ela disse, olhando para o papel de parede vermelho. — Você foi muito gentil em vir até aqui, mas eu preciso ficar sozinha agora.

Paula Garland pegou a bolsa e os cigarros. Quando virou o rosto, havia linhas

negras dos olhos até a boca.

Estiquei o braço, bloqueando sua passagem.

— Não acho que seja boa ideia.

— Por favor — ela insistiu.

— Pelo menos deixe que eu a leve para casa.

— Não, obrigada.

Ela passou rente ao meu lado, vencendo a multidão e chegando à porta.

Terminei a cerveja e peguei meus cigarros.

Brunt Street, a escura linha de casas geminadas diante das novas casas do lado oposto, mais claras. Poucas luzes dos dois lados da rua.

Estacionei do lado mais novo, em frente ao número 11, e fiquei contando as árvores de Natal enquanto esperava.

Havia uma árvore, mas sem luzes, no número 11.

Nove árvores e cinco minutos mais tarde, ouvi suas altas botas marrons. Observei, do meu assento no carro, Paula Garland abrir a porta vermelha e entrar.

Nenhuma luz foi acesa no número 11.

Eu me sentei no Viva, observando e imaginando o que dizer caso ousasse bater na porta vermelha.

Dez minutos mais tarde, um homem com boné e segurando um cachorro saiu de uma das casas novas e atravessou a rua. Ele girou o corpo e olhou para meu carro, ao mesmo tempo que o cachorro fazia cocô em frente às casas mais antigas.

As luzes do número 11 continuavam apagadas.

Liguei o carro.

Com a boca cheia de óleo por conta de um prato de batatas fritas que comera no Redbeck, coloquei um punhado de moedas em cima do telefone público e disquei.

— Diz.

— Você avisou BJ que liguei?

Via os mesmos jovens brincando na sala de bilhar.

— Ele deixou uma mensagem. Vai te ligar de volta à meia-noite.

Desliguei.

Chequei a hora no relógio de meu pai: onze e trinta e cinco.

Peguei o fone e disquei novamente.

No terceiro toque, desliguei.

Foda-se.

Fiquei sentado numa das poltronas marrons da recepção, esperando. Era a mesma cadeira onde a velha peidara naquela manhã. As batidas dos tacos de sinuca e os gritos dos jovens me mantinham acordado.

À meia-noite em ponto eu estava de pé, ao lado do telefone, antes que um daqueles meninos resolvesse ligar.

— Alô?

— Ronald Gannon? — perguntou BJ.

— Sou eu, Eddie. Recebeu minha mensagem?

— Recebi.

— Preciso da sua ajuda e quero ajudá-lo.

— Você não parecia tão decidido naquela noite.

— Sinto muito.

— Deveria mesmo... Tem uma caneta?

— Tenho — respondi, buscando nos bolsos.

— Talvez queira conversar com Marjorie Dawson. Ela está na Casa de Repouso Hartley, em Hemsworth, desde domingo, desde o momento em que se encontrou com Barry.

— Como você descobriu isso?

— Eu conheço muita gente.

— Quero saber quem lhe contou.

— Assim não vai conseguir...

— Porra, BJ. Eu preciso saber.

— Não posso dizer.

— Porra.

— Mas posso lhe dizer uma coisa: vi Jack Whitehead saindo do Gaiety, ele parecia nervoso. Você deveria tomar cuidado, querido.

— Você conhece Jack?

— A gente se esbarra por aí.

— Obrigado.

— Pode mencionar isso — ele disse, rindo, e desligou.

Acordei três vezes por culpa do mesmo sonho, estava no chão do quarto 27.

Todas as vezes eu pensava: estou seguro agora, estou seguro agora, volte a dormir.

Todas as vezes o mesmo sonho: Paula Garland em Brunt Street, apertando um cardigã vermelho ao redor do corpo, jogando seus dez anos de sofrimento na minha cara, chorando.

Todas as vezes um grande corpo preto surgia do céu cinzento e atacava seus sujos cabelos loiros.

Todas as vezes eu corria atrás dela na rua, atrás dos seus olhos.

Todas as vezes eu ficava paralisado, acordando no chão, congelado.

Todas as vezes a luz da Lua entrava no quarto, com as sombras fazendo as fotos presas à parede recobrar a vida.

Da última vez, escorria sangue nas janelas.

6

Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974.

Sete da manhã, já fora do quarto, ótima notícia.

Uma xícara de chá e uma torrada com manteiga no Redbeck Café.

Caminhoneiros liam as primeiras páginas dos jornais:

Wilson nega espionagem na Stonehouse; *Homem morre por explosão de duas bombas*; *Petróleo sobe: 74%*.

Johnny Kelly na última página, o assunto tomava dimensão nacional: *O Lord Lucan da Liga? Cadê o nosso homem?*

Dois policiais entraram, tirando o chapéu e sentando-se numa mesa ao lado da janela.

Meu coração parou, e eu lia as anotações em meu bloco:

Arnold Fowler, Marjorie Dawson e *James Ashworth.*

Três datas.

De volta à recepção do Redbeck, uma pilha de novas moedas.

— Aqui fala Arnold Fowler.

— Aqui é Edward Dunford, do *Post.* Sinto muito ligar agora, mas estou escrevendo um artigo sobre os ataques a cisnes em Bretton Park.

— Sei.

— Será que poderíamos conversar?

— Quando?

— Esta manhã? Sei que está em cima da hora...

— Estarei no Bretton Park esta manhã. Vou fazer uma caminhada com os Horbury Juniors, mas só a partir das dez e meia.

— Eu poderia chegar às nove e meia.

— Nos encontramos no Main Hall.

— Obrigado.

— Até logo.

Um sol brilhante de inverno entrava pelo para-brisa do carro no caminho para Bretton, com o aquecedor no máximo tanto quanto o rádio: O IRA e Stonehouse, a corrida para ser o número um do Natal, Clare Kemplay morrendo uma e outra vez no cenário nacional.

Chequei o espelho retrovisor.

Com uma das mãos no seletor do rádio, mudei para uma estação local: Clare continuava respirando na Rádio Leeds, com telefonemas pedindo que algo fosse feito em relação à menina, perguntando que tipo de animal faria uma coisa dessas e pedindo que homens assim fossem enforcados.

A polícia, de repente, ficou quieta, sem novidades, sem reuniões com a imprensa.

Eu pensava: “Eis a calmaria que precede a tempestade”.

— Um bom dia para isso — eu disse, todo sorrisos.

— Para uma mudança — disse Arnold Fowler, de 65 anos e roupas combinadas.

O Main Hall era grande e frio, com suas paredes repletas de desenhos feitos por crianças, retratos de aves e árvores.

Acima, um enorme cisne de *papel machê* pendurado nas vigas do teto.

O cheiro do local era como o de qualquer igreja no inverno, e eu pensava em Mandy Wymer.

— Eu conheci seu pai — disse Arnold Fowler, levando-me a uma cozinha pequena com duas cadeiras e uma mesa de tampo azul-claro de fórmica.

— Sério?

— Ah, sim. Um ótimo alfaiate. — E abriu seu paletó para me mostrar a etiqueta que eu vi todos os dias da minha vida: *Ronald Dunford, Alfaiate.*

— Que mundo pequeno — eu disse.

— Sim, mas não como antes...

— Ele ficaria muito orgulhoso.

— Não acredito. Se eu realmente conhecia Ronald Dunford...

— Você tem razão — eu disse, sorrindo, pensando que se passara apenas uma semana.

Arnold Fowler disse:

— Fiquei muito triste ao saber de seu falecimento.

— Obrigado.

— Como vai sua mãe?

— Você sabe... levando. Ela é muito forte.

— Sei. Uma perfeita menina de Yorkshire.

Eu disse:

— Você a conhece, você foi à Holy Trinity quando eu estava lá.

— Devo ter ido. Acho que estive em todas as escolas no West Riding. Você gostou?

— Claro. Eu me lembro muito bem, mas não fui capaz de salvar minha vida.

Arnold Fowler sorriu:

— Você nunca participou do meu clube da natureza, então?

— Não, sinto muito. Eu era do Boy's Brigade.

— Para o futebol?

— É. — E gargalhei pela primeira vez em muito tempo.

— A gente continua perdendo para eles — disse, e me ofereceu uma xícara de chá. — Coloque quanto quiser de açúcar.

Coloquei duas colheres cheias de açúcar e fiquei mexendo por um bom tempo.

Quando ergui os olhos, Arnold Fowler olhava para mim:

— O que despertou o repentino interesse de Bill Hadden pelos cisnes?

— Não é um interesse do senhor Hadden. Eu escrevi um artigo sobre o que fizeram aos pôneis em Netherton, depois ouvi falar no caso dos cisnes.

— Como ouviu falar nisso?

— Conversas no *Post.* Barry Gannon, ele...

Arnold Fowler sacudiu a cabeça.

— Terrível, uma coisa terrível. Eu também conhecia o pai dele. Conhecia muito bem.

— É mesmo? — perguntei, fazendo papel de bobo.

— É. Uma pena. Um jovem muito talentoso... Barry.

Tomei um gole do chá ainda bem quente, depois disse:

— Não conheço os detalhes.

— O quê?

— Sobre os cisnes.

— Ah.

Peguei o bloco de notas.

— Quantos ataques aconteceram?

— Dois este ano.

— Quando?

— Um em agosto, outro há apenas uma semana.

— Este ano, você disse?

— É. Sempre acontecem ataques.

— Sério?

— Sim. É triste.

— Do mesmo tipo?

— Não, não. Os deste ano foram uma barbárie.

— O que você quer dizer?

— Torturados, eles foram...

— Torturados?

— Arrancaram as malditas asas. Com os cisnes ainda vivos.

Fiquei com a boca seca.

— Mas normalmente o que fazem?

— Estilingues, rifles de ar, dardos.

— E a polícia? Vocês sempre avisam?

— Claro.

— E o que eles disseram?

— Na semana passada?

— É — respondi.

— Nada. Quero dizer, o que eles poderiam dizer? — Arnold Fowler, de repente, ficou inquieto, brincando com a colher de açúcar.

— Então a polícia não apareceu aqui desde a semana passada?

Arnold Fowler olhou para fora da janela, para o outro lado do lago.

— Senhor Fowler?

— Que tipo de história você está escrevendo, senhor Dunford?

— Uma história verdadeira.

— Pois bem, pediram que eu mantivesse minhas histórias verdadeiras em segredo.

— O que você quer dizer?

— Pediram que não falasse sobre certas coisas. — E olhou para mim, como se eu fosse um bobo.

Peguei a xícara e terminei de tomar o chá.

— Você teria tempo para me mostrar onde foram encontrados? — perguntei.

— Sim.

Levantamos e caminhamos pelo Main Hall, passando por baixo do cisne.

Na porta principal, eu perguntei:

— Clare Kemplay esteve aqui?

Arnold Fowler caminhou até um desenho feito a caneta na parede, sob o radiador pintado com cores fortes. Era um desenho de dois cisnes se beijando no lago.

Ele acariciou um dos cantos do desenho.

— Que mundo maldito este em que vivemos.

Abri a porta e deixei que a luz do sol entrasse.

Descemos a colina que nascia no Main Hall, seguindo em direção à ponte que cruzava o Lago dos Cisnes.

Do outro lado do lago as nuvens se moviam rapidamente, escondendo o sol, projetando sombras ao pé dos Moors, lançando cores púrpuras e marrons como um rosto machucado.

Eu pensava em Paula Garland.

Já na ponte, Arnold Fowler parou.

— O último, ao que tudo indica, foi jogado de volta aqui, de volta ao lago.

— Onde cortaram as asas?

— Eu não sei. Para dizer a verdade, ninguém procurou saber.

— E o outro, o de agosto?

— Foi enforcado naquela árvore. — E apontou para um grande carvalho do outro lado do lago. — Primeiro o crucificaram, depois cortaram as asas.

— Você está brincando?

— Não, não mesmo.

— E ninguém viu nada?

— Não.

— Quem o encontrou?

— O pendurado na árvore, umas crianças; o último foi encontrado pelos que cuidam do parque.

— E a polícia não fez nada?

— Senhor Dunford, nós criamos um mundo onde crucificar um cisne é visto como

uma brincadeira, não um crime.

Voltamos a subir a colina, em silêncio.

No estacionamento, um ônibus cheio de crianças que se empurravam ao desembarcar. Abri a porta do carro.

Arnold Fowler estendeu a mão:

— Cuide-se, senhor Dunford.

— Você também — eu disse, apertando sua mão. — Foi bom vê-lo novamente.

— É. Pena que tenha sido sob tais circunstâncias.

— Eu sei.

— E boa sorte — ele me disse, caminhando em direção às crianças.

— Obrigado.

Parei no estacionamento vazio de um pub, em algum ponto entre Bretton e Netherton.

A cabine de telefone público estava desbotada e quebrada, e ventava por ali enquanto eu discava.

— Delegacia de Morley.

— O sargento Fraser, por favor.

— Poderia dizer seu nome, senhor?

— Edward Dunford.

Esperei, contando os carros que passavam, imaginando dedos gordos sobre o fone e gritos na delegacia de Morley.

— Sargento Fraser falando.

— Oi. Sou Edward Dunford.

— Imaginei que estivesse no sul...

— Por quê?

— A sua mãe...

— Merda. — Contando carros e contando mentiras. — Você me procurou, então?

— Bem, era sobre um detalhe de nossa conversa de ontem. Meus superiores acham que eu deveria colher um depoimento oficial seu.

— Sinto muito.

— Mas o que você quer?

— Outro favor.

— Está brincando?

— Proponho uma troca.

— O quê? Voltou a ouvir tambores da floresta?

— Você perguntou algo a Marjorie Dawson sobre sábado passado?

— Não.

— Por que não?

— Porque ela está em algum lugar do sul, visitando a mãe, que está no leito de morte.

— Eu não teria tanta certeza.

— Onde ela está, então, Sherlock?

— Perto.

— Não banque o babaca, Dunford.

— Eu disse, vou negociar.

— Vai, sim... — Ele murmurava na linha, sibilante. — Ou você me conta onde ela está ou eu te pego para um depoimento.

— Vamos. Eu só quero que me diga o que vocês sabem sobre cisnes mortos no Bretton Park.

— Você está tomando drogas? Que cisnes mortos?

— Na semana passada, alguns cisnes tiveram suas asas arrancadas em Bretton. Eu só queria saber o que a polícia pensa disso, nada mais.

— Cortadas? — ele perguntou, com a respiração pesada.

— Sim, cortadas. — "Ele deve ter ouvido os rumores", pensei.

— E encontraram? — ele perguntou.

— O quê?

— As asas.

— Você sabe o que eles fizeram, porra.

Um silêncio, e depois:

— Certo.

— Certo, o quê?

— Certo, vou ver o que posso descobrir.

— Obrigado.

— Mas agora me diga onde está a maldita da Marjorie Dawson.

— Na Casa de Repouso Hartley, em Hemsworth.

— Como como você descobriu isso?

— Tambores selvagens.

E deixei o telefone fora do gancho.

Eu, com o pé enfiado.

Sargento Fraser, correndo.

Eu, a dez minutos da Casa de Repouso Hartley.

Sargento Fraser, abotoando o paletó e pegando o chapéu.

Eu, com uma fresta da janela aberta, um cigarro aceso, Rádio 3 e Vivaldi tocando bem alto.

Sargento Fraser, sentado do lado de fora da sala do chefe, olhando para o relógio barato que sua esposa lhe dera de presente no último Natal.

Eu, sorrindo, com pelo menos uma hora na sua frente.

Com flores frescas na mão, toquei a campainha da Casa de Repouso Hartley.

Nunca levei flores ao St. James.

Nunca levei nem uma planta ao meu pai.

O edifício, que mais parecia uma antiga mansão ou um hotel, lançava uma sombra escura em seus pátios abertos. Duas mulheres idosas olharam para mim através de uma janela. Uma delas massageava o seio esquerdo, apertando o mamilo entre os dedos.

Fiquei imaginando por que minha mãe deixara de levar flores ao meu pai.

Uma mulher de meia-idade e rosto vermelho, usando bata branca, abriu a porta.

— Posso ajudar?

— Espero que sim. Estou aqui para ver minha tia Marjorie. A senhora Marjorie Dawson.

— Sério? Por favor, venha por aqui — disse a mulher, deixando a porta aberta para mim.

Eu não me lembrava da última visita que fizera ao meu pai, não sabia se fora numa segunda ou terça-feira.

— Como ela está?

— Bem, nós tivemos que dar algo para acalmar seus nervos. Apenas para tranquilizar. — Ela me levou a uma grande recepção, dominada por uma enorme escadaria.

Eu disse:

— Sinto muito.

— Na verdade, pelo que ouvi, ela estava bem mal quando chegou aqui de volta.

“De volta”, pensei, mordendo a língua.

— Quando vocês se viram pela última vez, senhor...

— Dunston. Eric Dunston — eu disse, estendendo a mão com um sorriso.

— Senhora White — ela disse, apertando minha mão. — Os Hartley estão fora esta semana.

— É um prazer conhecê-la — eu disse, realmente feliz por não encontrar os Hartley.

— Ela está lá em cima. Quarto 102. Um quarto privativo, claro.

Meu pai terminou num quarto privativo, sem flores. Uma pilha de ossos numa caixa de madeira.

A senhora White, em sua bata branca justa, me levou escadaria acima.

O aquecedor estava no máximo, eu ouvia um leve murmurar de televisão ou rádio. O cheiro de cozinha institucional nos acompanhou até lá em cima, assim como acontecia no hospital St. James, em Leeds.

No topo da escada, seguimos por um corredor suarento com grandes radiadores de aço e chegamos ao quarto 102.

Meu coração batia forte, e eu disse:

— Tudo bem, eu já a ocupei por tempo demais, senhora White.

— Ah, não seja bobo — ela disse, sorrindo, batendo na porta e abrindo. — Não é nenhum incômodo.

O quarto era bonito, banhado pelo sol de inverno e cheio de flores, com a Rádio 2 ligada, tocando uma música suave.

A senhora Marjorie Dawson estava deitada, com os olhos fechados, sobre dois travesseiros altos, com o colarinho da camisola por cima dos lençóis. Uma fina camada de suor cobria seu rosto e aplainava seu penteado, deixando-a com aparência mais jovem do que realmente deveria ser.

Parecia a minha mãe.

Olhei para os frascos de Lucozade e Robinson’s Barley Water, vendo o reflexo do rosto abatido de meu pai no vidro.

A senhora White foi arrumar os travesseiros, tocando gentilmente no braço da senhora Dawson.

— Marjorie, querida. Você tem uma visita.

A senhora Dawson abriu os olhos lentamente e olhou pelo quarto.

— Gostaria de um chá? — a senhora White me perguntou, arrumando as flores na mesa de cabeceira.

— Não, obrigado — respondi, com os olhos pregados na senhora Dawson.

A senhora White pegou minhas flores e seguiu em direção à pia num canto do quarto.

— Certo, só vou colocar um pouco de água nessas flores e vou embora.

— Obrigado — eu disse, e pensei: “Merda”.

A senhora Dawson olhava para mim, me atravessando com o olhar.

A senhora White terminou de colocar água no vaso.

— Este é Eric, querida, seu sobrinho — ela disse, depois olhou para mim e murmurou: — Não se preocupe. Às vezes ela demora um pouco para voltar. Aconteceu a mesma coisa ontem à noite, com seu tio e alguns amigos.

A senhora White colocou o vaso com flores frescas na mesa de cabeceira.

— Bem, já terminei. Estarei lá embaixo caso precise de alguma coisa. Adeus por agora — ela disse, sorrindo, piscando o olho para mim e fechando a porta.

De repente, o quarto foi tomado pela Rádio 2.

Incrivelmente quente.

Meu pai desapareceu.

Caminhei até a janela. A maçaneta fora pintada. Passei um dedo sobre a pintura.

— Está trancada.

Eu me virei. A senhora Dawson estava sentada na cama.

— Estou vendo — eu disse.

Fiquei parado ali, ao lado da janela, com o corpo completamente molhado sob as roupas.

A senhora Dawson alcançou a mesa de cabeceira e desligou o rádio.

— Quem é você?

— Edward Dunford.

— E o que está fazendo aqui, senhor Dunford?

— Sou um jornalista.

— E esteve contando mentiras à querida senhora White?

— Privilégios da profissão.

— Como soube que estou aqui?

— Um anônimo.

— Imagino que eu deveria ficar orgulhosa ao ser alvo de fofocas de um anônimo — disse a senhora Dawson, colocando os cabelos atrás das orelhas. — É muito glamoroso, não acha?

— Acho — concordei, pensando em BJ.

A senhora Marjorie Dawson sorriu e disse:

— Mas por que tanto interesse numa velha como eu?

— Meu colega, Barry Gannon, veio vê-la domingo passado. A senhora se lembra?

— Lembro.

— A senhora disse que a vida dele corria perigo.

— Sério? Eu disse muitas coisas. — A senhora Dawson inclinou o corpo e cheirou as flores que eu levei.

— Ele foi morto domingo à noite.

A senhora Dawson ergueu os olhos das flores, eles lacrimejavam e estavam distantes.

— Você veio aqui me dizer isso?

— A senhora não sabia?

— E o que eu deveria saber hoje em dia?

Olhei para o jardim com as árvores secas, para as sombras frias lançadas pelos raios de sol.

— Por que disse a ele que sua vida estava em perigo?

— Ele perguntava coisas perigosas sobre homens perigosos.

— Que tipo de coisas? Sobre seu marido?

A senhora Dawson sorriu, triste.

— Senhor Dunford, meu marido pode ser muitas coisas, mas perigoso ele não é.

— Sobre o que vocês dois conversaram, então?

— Sobre amigos em comum, arquitetura, esportes, esse tipo de coisa. — Uma lágrima rolou sobre sua bochecha em direção ao pescoço.

— Esportes?

— Liga de rúgbi, acredita?

— Mas o que exatamente sobre esse assunto?

— Bem, eu não sou uma fã, então a conversa foi monocórdica.

— Donald Foster é um fã, certo?

— Sério? Imaginei que a esposa dele fosse fã. — Outra lágrima.

— A esposa dele?

— Senhor Dunford, aí vamos nós outra vez. Perguntas perigosas custam vidas.

Eu me virei para a janela.

Um carro de polícia azul e branco estava se aproximando.

— Merda.

Fraser?

Olhei para o relógio de meu pai.

Tinham se passado apenas quarenta minutos desde a minha ligação.

Não era Fraser?

Caminhei em direção à porta:

— Acho que os policiais estão aqui. Talvez queiram conversar com a senhora sobre Barry Gannon.

— Mais uma vez? — suspirou a senhora Dawson.

— Mais uma vez? O que a senhora quer dizer com isso?

Seguiu-se um estampido de botas e gritos pelas escadas.

— Acho que você deveria ir embora — disse a senhora Dawson.

A porta se abriu bruscamente:

— É, acho mesmo que deveria ir embora — disse o primeiro policial, ao aparecer na porta.

O policial barbudo.

Não era Fraser.

Maldito Fraser.

— Acho que já o avisamos sobre chatear pessoas que não querem ser chateadas — disse o outro, mais baixo.

Eram os mesmos, mas a sala parecia repleta de homens vestindo uniforme preto, com botas com detalhes em aço e cassetete nas mãos.

O mais baixo deu um passo em minha direção.

— Aí vem um policial para cortar sua cabeça.

Uma dor profunda, nascida de um chute no meu joelho, fez com que eu caísse no chão.

Eu me atirei sobre o carpete, com os olhos piscando, úmidos. Minhas lágrimas eram quentes, de raiva. Tentei me levantar.

Um par de coxas brancas veio em minha direção.

— Seu maldito mentiroso! — xingou a senhora White.

Um grande par de pés a seguiu.

— Você está morto — murmurou o policial barbudo, me agarrando pelos cabelos e me arrastando para fora do quarto.

Olhei para trás, para a cama.

A senhora Dawson estava deitada de lado, com as costas viradas para a porta, o rádio alto.

A porta se fechou abruptamente.

Eu saíra do quarto.

Aquelas grandes mãos me agarravam com força sob os sovacos, e as garras menores estavam presas aos meus cabelos.

Vi um enorme radiador, pintado com listras.

Merda, calor branco sobre dor negro-amarelada.

Eu estava no topo da escada, com os sapatos lutando para permanecer presos a meus pés.

Logo depois descia a escada, com as mãos pregadas ao corrimão.

Merda, eu estava ficando sem fôlego no peito e nas costelas.

Logo depois estava no sopé da escada, tentando me manter de pé, com uma das mãos apoiada no último degrau e a outra sobre o peito.

Merda, minha cabeça vermelha, dor preta e amarela.

Depois todo o calor desapareceu, e restaram apenas o ar frio e as marcas do caminho percorrido entre os cascalhos nas minhas palmas.

Merda, minhas costas.

Depois todos corríamos pela frente da casa.

Merda, minha cabeça na porta verde do Viva.

Depois eles tocaram em meu pau, com as mãos em meus bolsos, fazendo com que eu soltasse risadinhas nervosas e me contorcesse.

Merda, grandes mãos de couro se esfregavam em meu rosto, dor amarela e vermelha.

Depois eles abriram a porta do meu carro, segurando minhas mãos.

Merda, merda, merda.

Depois tudo ficou preto.

Luz amarela.

Quem amará o nosso Pequeno Eddie Amarelo?

Luz amarela outra vez.

— Ah, obrigado aos céus por isso!

O rosto rosado de minha mãe, balançando de um lado para o outro.

— O que aconteceu, meu querido?

Duas figuras negras e altas atrás dela, como dois corvos.

— Eddie, querido?

Uma sala amarela, cheia de azuis e pretos.

— Você está na Pinderfields Casualty — disse a voz profunda de um homem parado no fundo preto.

Havia algo na extremidade do meu braço.

— Você sente alguma coisa?

Havia uma grande mão, gorda e enfaixada, no final do meu braço.

— Cuidado, meu amor — disse minha mãe, com uma mão gentil sobre minhas bochechas.

Luz amarela, flashes pretos.

— Eles sabem quem eu sou! Eles sabem onde vivo!

— Melhor deixá-lo um momento — disse outro homem.

Flash preto.

— Sinto muito, mãe.

— Não se preocupe comigo, querido.

Um táxi, a rádio paquistanesa em volume alto e cheiro de pinho.

Olhei para minha mão direita, branca.

— Que horas são?

— Pouco mais de três.

— Quarta-feira?

— Sim, querido. Quarta-feira.

Do lado de fora da janela, o centro da cidade de Wakefield.

— O que aconteceu, mãe?

— Eu não sei, querido.

— Quem te ligou?

— Quem me ligou? Fui eu que o encontrei.

— Onde?

Minha mãe, com o rosto colado à janela, suspirou:

— Na rua.

— O que aconteceu com o carro?

— Eu o encontrei no carro. No banco traseiro.

— Mãe...

— Coberto de sangue.

— Mãe...

— Deitado lá.

— Por favor...

— Imaginei que estivesse morto — ela disse, chorando.

Olhei para a minha mão direita, branca, o cheiro das ataduras era mais forte que o do táxi.

— E a polícia?

— O motorista da ambulância chamou. Ele olhou para você e avisou.

Minha mãe colocou uma das mãos em meu braço são, olhos nos olhos:

— Quem fez isso com você, querido?

Minha mão direita, fria, pulsava por baixo das ataduras.

— Não sei.

De volta em casa, Wesley Street, Ossett.

A porta do táxi bateu com força quando saí.

Eu pulei.

Havia marcas marrons na porta do passageiro do Viva.

Minha mãe vinha atrás de mim, fechando a bolsa.

Coloquei a mão esquerda no bolso direito.

— O que você está fazendo?

— Preciso ir.

— Não seja bobo, menino.

— Mãe, por favor.

— Você não está bem.

— Mãe, pare.

— Não, pare você. Não faça isso comigo.

Ela agarrou as chaves do carro.

— Mãe!

— Eu te odeio por fazer isso, Edward!

Mudei o carro de direção, acendendo faróis e lanternas.

Minha mãe, de pé na frente da casa, ficou me observando ir embora.

O motorista de um braço só.

Luz vermelha, luz verde, luz âmbar, vermelha.

Chorando no estacionamento do Redbeck.

Mais dor preta, dor branca, dor amarela.

Quarto 27, intocado.

Uma das mãos pondo água gelada sobre minha cabeça.

Um rosto no espelho ficando amarronzado com sangue velho.

Quarto 27, só sangue.

Vinte minutos mais tarde, lentamente a caminho de Fitz- william.

Dirigindo com uma das mãos no espelho retrovisor, mordendo a tampa de um frasco de paracetamol, engolindo seis para vencer a dor.

Fitzwilliam à vista, uma empoeirada e escura cidade mineira.

Minha mão direita, gorda e branca sobre o volante, a esquerda mexendo nos bolsos. Minha mão sã e meus dentes abrindo uma página da lista telefônica do Redbeck:

Ashworth, D., número 69, Newstead View, Fitzwilliam.

Circulado e sublinhado.

FODA-SE O IRA, estava escrito na ponte de ferro na entrada da cidade.

— Ei, meninos, onde fica Newstead View?

Três adolescentes com calças verdes frouxas, dividindo um cigarro, cuspindo grandes quantidade de catarro no vidro de uma parada de ônibus.

Eles disseram:

— O quê?

— Newstead View?

— À direita na loja de bebidas. Depois, esquerda.

— Obrigado.

— Deveria mesmo agradecer...

Lutei para subir o vidro do carro e estalei a língua ao ir embora, enquanto as três calças verdes largas acenavam para mim com seus dedos médios erguidos.

Debaixo da atadura, meus quatro dedos se uniram num punho.

À direita na loja de bebidas sem licença para funcionar, depois à esquerda, caminho para Newstead View.

Estacionei e desliguei o carro.

Newstead View era uma única linha de casas geminadas de frente para uma charneca empoeirada. Pôneis trotavam entre tratores e pilhas de dejetos. Cães iam atrás de uma sacola plástica de compras, descendo a rua. Em algum ponto, bebês choravam.

Mexi nos bolsos do meu paletó.

Peguei minha caneta, com o estômago vazio, os olhos cheios de água.

Olhei para minha mão direita, branca, que não se fechava, não poderia escrever.

A caneta rolou entre a atadura, caindo no chão do carro.

Número 69 da Newstead View, um jardim limpo e molduras de janelas.

Televisão ligada.

Bati, bati.

Liguei o gravador no bolso direito do paletó, mas usando a mão esquerda.

— Oi, meu nome é Edward Dunford.

— Sim? — disse uma mulher prematuramente grisalha, com sotaque irlandês.

— James está em casa?

Com as mãos metidas num casaco azul, ela disse:

— Você é o tal do *Post*, certo?

— Sim, sou eu.

— O mesmo que esteve conversando com Terry Jones?

— Sim.

— O que você quer com o nosso Jimmy?

— Apenas uma conversa rápida, nada mais.

— Ele já conversou muito com a polícia. Não deveria continuar falando sobre isso. Especialmente com tipos como...

Tentei me equilibrar, apoiando uma das mãos no batente da porta.

— Você esteve envolvido em algum tipo de acidente?

— É.

Ela suspirou e murmurou:

— Melhor que entre e se sente. Você não parece estar muito bem.

A senhora Ashworth fez com que eu entrasse pela porta principal e apontou para uma cadeira próxima à lareira.

— Jimmy! Está aqui aquele senhor do *Post.*

Minha bochecha esquerda fervia, ouvi dois ruídos altos no andar de cima.

A senhora Ashworth desligou a televisão, deixando a sala numa escuridão alaranjada.

— Você deveria ter chegado mais cedo.

— Por quê?

— Bem, eu mesma não vi, mas dizem que estava repleto de policiais.

— Quando?

— Por volta das cinco horas desta manhã.

— Onde? — perguntei, olhando para a foto escolar sobre a televisão. Um jovem de cabelos longos sorria para mim, com um nó de gravata quase tão gordo quanto seu rosto.

— Aqui. Nesta rua.

— Às cinco da manhã?

— Sim, às cinco. Ninguém sabe por quê, mas todos imaginam que...

— Cale a boca, mãe!

Jimmy Ashworth estava de pé na porta, vestindo uma camiseta de colégio antiga e moletom púrpura.

— Ah, você está de pé. Uma xícara de chá? — perguntou sua mãe.

— Por favor — eu respondi.

— Quero — disse o jovem.

A senhora Ashwotrh saiu da sala, murmurando.

O rapaz sentou-se no chão, com as costas contra o sofá, tirando os fios de cabelo da franja de cima dos olhos.

— Jimmy Ashworth?

Ele fez que sim.

— Você é o cara que conversou com Terry?

— Sim, sou eu.

— Terry me disse que soltaria uma grana para nós?

— Talvez. — Eu estava desesperado para mudar de assento.

Jimmy Ashworth pegou um maço de cigarros que estava no braço do sofá. O maço caiu no carpete, e ele pegou um cigarro.

Inclinei o corpo para a frente e perguntei, tranquilamente:

— Você quer me contar o que aconteceu?

— O que houve com sua mão? — ele perguntou, acendendo o cigarro.

— Ficou presa na porta de um carro. E o seu olho?

— Dá pra ver, certo?

— Só quando você pisca. Os policiais te bateram?

— Talvez.

— Eles foram duros com você, não é?

— Pode-se dizer que sim.

— Por que não conta o que aconteceu?

Jimmy Ashworth deu uma boa tragada no cigarro, depois expirou lentamente.

— Estávamos esperando por Gaffer, mas ele não apareceu, e chovia, então ficamos ali, à toa, você sabe, tomando chá, essas coisas. Fui até o Ditch para mijar, e foi então que a encontrei.

— Onde ela estava?

— No Ditch, próximo ao topo. Era como se tivesse rolado ou algo parecido. Depois eu vi as... as...

A água começou a ferver na cozinha.

— As asas?

— Você sabe disso?

— Sei.

— Terry lhe contou?

— Contou.

Jimmy Ashworth tirou os cabelos do rosto, chamuscando-os de leve com a ponta do cigarro.

— Merda.

O cheiro de cabelo queimado tomou conta da sala.

Jimmy Ashworth olhou para mim.

— Estavam presas.

— E o que você fez?

— Nada. Eu fiquei paralisado. Não podia acreditar que era ela. Parecia muito diferente, muito branca.

A senhora Ashworth voltou com uma bandeja de chá e deixou-a por ali.

— Sempre diziam que era uma menina adorável — ela murmurou.

Senti como se o sangue tivesse deixado de circular pelo meu braço direito.

— E você estava sozinho? — perguntei.

— Sim.

A mão latejou mais uma vez, o curativo suava e coçava.

— E Terry Jones?

— O que tem ele?

— Obrigado. — Peguei a xícara que a senhora Ashworth me oferecia. — Quando Terry a viu?

— Eu voltei para contar a eles.

— Quando?

— O que você quer dizer?

— Você disse que ficou paralisado, e eu gostaria de saber quanto tempo se passou antes que contasse aos outros?

— Sei lá, porra.

— Jimmy, por favor. Nesta casa não... — disse sua mãe, em tom calmo.

— Mas ele é exatamente como os malditos policiais. Eu não sei quanto tempo se passou.

— Sinto muito, Jimmy — eu me desculpei, deixando a xícara de chá sobre a lareira para coçar a atadura.

— Voltei ao galpão imaginando que Gaffer estaria por lá, mas...

— O senhor Foster?

— Não, não. O chefe do senhor Foster. Gaffer é o senhor Marsh.

— George Marsh. Um homem bom — disse a senhora Ashworth.

Jimmy Ashworth olhou para a mãe, suspirou e disse:

— Enfim, Gaffer não estava por lá, apenas Terry.

— E os outros?

— Tinham ido não sei para onde.

— Então você contou a Terry Jones, e voltaram a Devil’s Ditch, certo?

— Não, não. Eu fui ligar para a polícia. Não queria voltar a ver aquilo.

— Então Terry foi lá sozinho, dar uma olhada, enquanto você ligava?

— É.

— Sozinho?

— Sim, foi o que eu disse.

— E..?

Jimmy Ashworth olhou para a lareira alaranjada.

— E a polícia veio e nos levou à delegacia de Wood Street.

— Foi isso o que eles fizeram, e você sabe — disse a senhora Ashworth, coçando os olhos.

— Mãe, cale a boca!

— E quanto a Terry Jones? — perguntei, com a mão latejando bem forte, depois ficando sem tato, como se algo estivesse perdido.

— Ele não é um bom rapaz...

— Mãe, você pode calar a boca!

Minha mão estava quente, formigando e cansada.

Perguntei:

— A polícia o interrogou?

— Sim.

Eu suava e coçava, estava louco para sair daquele forno.

— Mas não pensaram que foi culpa dele, certo?

— Não sei, pergunte a eles.

— Por que eles pensaram que você poderia ter feito aquilo, Jimmy?

Ele ergueu os olhos, surpreso.

— Por que não pergunta isso a eles?

Eu me levantei.

— Você é um cara esperto, Jimmy.

Ele ergueu os olhos, surpreso:

— O quê?

— Por ficar calado.

— Ele é um bom rapaz, senhor Dunford. Não fez nada — disse a senhora Ashworth, levantando-se.

— Obrigado por me deixar entrar, senhora Ashworth.

— O que você vai escrever sobre ele? — ela perguntou, de pé na porta, com as mãos enterradas nos bolsos azuis.

— Nada.

— Nada? — perguntou Jimmy, descalço.

— Nada — eu repeti, com minha mão branca e gorda suspensa no ar.

Dirigi lentamente de volta a Redbeck, tomando pílulas e deixando cair várias delas pelo chão, vendo luzes e árvores de Natal, como fantasmas saídos da escuridão.

Tinha lágrimas nas bochechas, e não eram causadas pela dor que eu sentia.

"Que mundo maldito este em que vivemos."

Crianças eram assassinadas, e ninguém dava a mínima. O rei Herodes estava vivo.

Na recepção, com sua brilhante luz amarela, peguei mais um punhado de moedas e disquei para Wesley Street, deixando tocar cinco vezes.

"Eu te odeio por isso, Eddie."

Pensei em ligar para a casa de minha irmã, mas mudei de ideia.

Fui comprar um *Evening Post* e tomei uma xícara de café no Redbeck.

O jornal estava cheio de matérias sobre a subida dos preços e sobre o IRA. Havia um pequeno texto sobre a investigação da morte de Clare Kemplay, com os comentários insossos do detetive superintendente Noble, na página dois e sem créditos.

Que merda estaria fazendo Jack?

"Eu vi Jack Whitehead saindo do Gaiety, ele parecia nervoso."

As últimas páginas estavam recheadas de notícias sobre o Leeds United, pois o futebol gerava mais interesse que a Liga de Rúgbi.

Nada sobre Johnny Kelly, nada sobre a Wakefield Trinity, apenas sobre os sete pontos do St. Helens.

"Sério? Imaginei que fosse sua esposa."

Eu fazia círculos com a colher de café, que estava seca.

Menina desaparecida: Clare Kemplay...

O corpo de Clare Kemplay encontrado por James Ashworth...

James Ashworth, empregado da Foster's Construction...

Foster's Construction, cujo dono era Donald Foster...

Donald Foster, presidente da Wakefield Trinity Rugby League Club...

O jogador-estrela da Wakefield Trinity, Johnny Kelly...

Johnny Kelly, irmão de Paula Garland...

Jeanette Garland: menina desaparecida.

"Tudo está interligado. Mostre-me duas coisas que não estejam interligadas."

Barry Gannon, como se estivesse sentado bem ali, do outro lado da mesa:

"Qual o seu plano, então?"

De volta à recepção amarelo-brilhante, pouco depois das seis, eu virava as páginas da agenda de telefones.

— Sou Edward Dunford.

— Sim?

— Preciso conversar com você.

— Melhor que entre.

A senhora Paula Garland, de pé na porta do número 11, Brunt Street, Castleford.

— Obrigado.

Entrei em mais uma sala quente de casa geminada. Começava mais um capítulo de *Coronation Street*, eu mantinha a mão direita no bolso.

Uma mulher baixinha, gorda e de cabelos vermelhos saiu da cozinha:

— Olá, senhor Dunford.

— Esta é Clare, a escocesa, mora duas casas mais abaixo. Ela está de saída, certo?

— Sim. Foi um prazer conhecê-lo — disse a mulher, apertando minha mão esquerda.

— O prazer foi todo meu.

— Ah, esse menino tem umas maneiras, não? — sorriu Clare, caminhando em direção à porta vermelha, brilhante.

Paula Garland continuava segurando a porta aberta.

— Nos vemos amanhã, querida.

— Certo. Bom vê-lo, senhor Dunford. Quem sabe não nos encontraremos novamente para um rápido drinque natalino?

— Pode me chamar de Eddie, por favor. Seria ótimo — eu respondi.

— Nos vemos então, Eddie. Feliz Natal — disse Clare, sorrindo.

Paula Garland saiu para a rua com Clare.

— Nos vemos, então — ela disse do lado de fora, sorrindo.

Fiquei um tempo sozinho e de pé na sala da parte da frente da casa, olhando para a fotografia em cima da televisão.

Paula Garland voltou e fechou a porta vermelha.

— Sinto muito por isso.

— Não, eu é que deveria pedir desculpas, simplesmente liguei...

— Não seja bobo. Sente-se, por favor.

— Obrigado — eu disse e me sentei no sofá de couro branco.

Ela começou a falar:

— Sobre ontem à noite, eu...

Levantei as mãos.

— Esqueça isso.

— O que aconteceu com sua mão? — perguntou Paula Garland, que tinha as próprias mãos sobre a boca, olhando para minhas ataduras cinzentas.

— Alguém fechou a porta de um carro com ela no meio.

— Você está brincando?

— Não.

— Quem?

— Dois policiais.

— Está brincando...?

— Não.

— Por quê?

Ergui os olhos e tentei sorrir.

— Imaginei que você poderia me dizer.

— Eu?

Paula tinha um fio de algodão vermelho pendurado em sua blusa marrom, e eu queria parar para avisá-la.

Mas, em vez disso, falei:

— Os mesmos dois policiais que me cercaram quando eu saí daqui no domingo.

— No domingo?

— Na primeira vez que vim aqui.

— Eu não disse nada à polícia.

— E para quem contou?

— Para Paul, só.

— E para quem mais?

— Ninguém.

— Quero que me diga, por favor.

Paula Garland estava de pé entre os móveis, cercada de troféus, fotografias e cartões de Natal, apertando bem firme seu cardigã de listras amarelas, verdes e marrons ao redor do corpo.

— Por favor, senhora Garland...

— Paula — ela murmurou.

Eu queria parar, me aproximar, pegar o pedaço de algodão vermelho e agarrá-la o mais forte possível.

Mas eu disse:

— Paula, por favor, eu preciso saber.

Ela suspirou e sentou-se na poltrona de couro branco bem na minha frente.

— Quando você foi embora, eu fiquei chateada e...

— Por favor...

— Bem, os Foster vieram...

— Donald Foster?

— E a esposa.

— Por que vieram aqui?

Os olhos de Paula Garland, azuis, ficaram frios.

— Eles são amigos, você sabe.

— Sinto muito. Eu não queria dizer isso.

Ela suspirou.

— Vieram saber se eu tinha notícias de Johnny.

— Quando?

— Dez ou quinze minutos depois que você foi embora. Eu ainda chorava e...

— Sinto muito.

— Não foi só você. Eles telefonaram o fim de semana inteiro, querendo falar com Johnny.

— Quem?

— Os jornais. Seus colegas. — Ela falava olhando para o chão.

— E você contou a Foster sobre mim?

— Não disse o seu nome.

— O que contou a ele?

— Que o mesmo maldito jornalista estivera por aqui, perguntando sobre Jeanette — disse Paula Garland, olhando para cima, para minha mão direita.

— Por que não me conta algo sobre ele? — pedi, sentindo que minha mão morta voltava a despertar.

— Sobre quem?

A dor crescia, palpitando.

— Donald Foster.

Paula Garland, com seus bonitos cabelos loiros presos atrás da cabeça, perguntou:

— O que poderia lhe contar?

— Tudo.

Ela engoliu em seco.

— Ele é rico e gosta de Johnny.

— E...?

Paula Garland, com os olhos piscando rapidamente, murmurou:

— E foi muito bom quando Jeanette desapareceu.

Minha boca ficou seca, minha mão pegava fogo. Eu olhava para o fio vermelho pendurado e perguntei:

— E...?

— Pode ser um idiota se você cruzar o caminho dele.

Levantei minha mão direita branca e perguntei:

— Você acha que ele faria algo assim...?

— Não.

— Não?

— Não sei.

— Não sabe?

— Não, eu não sei. Por que ele faria uma coisa dessas?

— Por conta de tudo o que eu sei.

— O que você quer dizer? O que você sabe?

— Sei que tudo está interligado, e sei que ele é a conexão entre tudo isso.

— Ligados a quê? Sobre o que você está falando? — Paula Garland estava arranhando seu antebraço.

— Donald Foster conhece você e Johnny, e o corpo de Clare Kemplay foi encontrado em um de seus canteiros de obras em Wakefield.

— Só isso?

— Ele é a ligação entre Jeanette e Clare.

Paula Garland ficou branca e tremia, lágrimas caíam em seus braços.

— Você acha que Donald Foster matou aquela menina e tirou minha Jeanette de mim?

— Não estou dizendo isso, mas ele sabe.

— Sabe o quê?

Fiquei de pé, agitando a mão com a atadura, gritando:

— Tem um homem aí fora raptando e matando meninas, e ele vai continuar raptando e matando, pois ninguém o deterá... Na verdade, ninguém dá a mínima.

— Eu dou.

— Eu sei, mas eles não dão a mínima. Eles só se importam com suas próprias mentiras e seu dinheiro.

Paula Garland se levantou imediatamente, beijando minha boca, meus olhos, minhas orelhas, e me abraçando com força, dizendo mil e uma vezes:

— Obrigada, obrigada, obrigada.

Minha mão esquerda ficou presa aos ossos de suas costas, e a direita pendia sem paradeiro, roçando sua blusa, fazendo com que o fio vermelho terminasse preso na atadura.

— Aqui não — disse Paula, segurando minha mão direita gentilmente, levando-me para o andar superior da casa.

Havia três portas no final da escadaria, duas fechadas e uma aberta: a do banheiro. As duas portas fechadas tinham placas cafonas dizendo: *Quarto da mamãe e papai* e *Quarto de Jeanette.*

Entramos no *Quarto da mamãe e papai*, com Paula me beijando cada vez mais profundamente, falando cada vez mais rápido:

— Você se importa e acredita. Você não sabe quanto isso significa para mim. Há muito tempo que ninguém se importa.

Fomos para a cama, e a luz do andar de baixo lançava sombras aconchegantes sobre o armário e a penteadeira.

— Você sabe quantas vezes eu ainda acordo pensando nisso, pensando que tenho de

preparar o café da manhã de Jeanette, que tenho de acordá-la?

Eu estava em cima dela, beijando-a, ouvindo o som dos nossos sapatos batendo contra o chão do quarto.

— Eu só queria poder dormir e acordar como todo mundo.

Ela se levantou e tirou o cardigã de listras amarelas, verdes e marrons. Tentei ajustar minha mão esquerda, ao mesmo tempo que tirava sua blusa de flores pequeninas com a esquerda.

— Isso era muito importante para mim, sabe, como se ninguém nunca a tivesse esquecido, como se ninguém falasse sobre ela como se estivesse morta ou fosse algo do passado.

Minha mão esquerda abria o zíper de sua saia, enquanto ela estava com a mão em minha braguilha.

— Não éramos felizes, sabe, eu e Geoff. Mas, após o nascimento de Jeanette, era como se tudo valesse a pena.

Senti gosto de água salgada na boca, eram as lágrimas de Paula, e suas palavras jorravam como uma chuva incessante.

— Mesmo naquela época, mesmo quando ela era apenas um bebê, eu ficava acordada à noite, imaginando o que faria caso algo acontecesse com ela, caso ela morresse... Eu ficava acordada, vendo-a morta.

Ela apertava meu pau com força, e eu enfiava minha mão dentro da sua calcinha.

— Normalmente atingida por um carro ou caminhão, e ficava lá, deitada na rua, com seu pequeno casaco vermelho.

Eu beijava seus seios, movendo-me por seu ventre. Ia das suas palavras aos seus beijos, chegando à sua boceta.

— Algumas vezes a via estrangulada, estuprada e assassinada, e corria ao seu quarto, despertando-a, abraçando-a.

Ela corria os dedos entre meus cabelos, com meu sangue correndo logo abaixo de suas unhas.

— E quando ela não voltou para casa, tudo o que eu sempre imaginava, todas aquelas coisas horríveis, tudo se transformou em realidade.

Minha mão estava em brasa, a voz de Paula era um barulho distante.

— Tudo se transformou em realidade.

Eu, com meu pau duro movendo-se rapidamente em seu quarto morto.

Ela, gritos e sussurros no escuro.
— Nós enterramos nossos mortos-vivos, não é?
Eu acariciava seu mamilo.
— Sobre pedras, sobre grama.
Mordia o lóbulo de sua orelha.
— Nós os ouvimos todos os dias.
Chupava seu lábio inferior.
— Eles falam conosco.
Movia sua cintura.
— Eles nos pergutam por quê, por quê, por quê?
Eu, cada vez mais rápido.
— Eu a escuto todos os dias.
Mais rápido.
— E ela me pergunta: por quê?
Mais rápido.
— Por quê?
Pele ferida sobre pele ferida.
— Por quê?
Eu pensava em Mary Goldthorpe, em suas calcinhas de seda e suas meias finas.
— Ela bate nesta porta e quer saber por quê.
Mais rápido.
— Ela quer saber por quê.
Lâmina seca contra lâmina seca.
— E escuto quando ela pergunta: por quê, mamãe?
Eu pensava em Mandy Wymer, em sua saia campestre escorregando para cima.
— Por quê?
Rápido.
Seco.
Eu pensava na Garland errada.
Extenuado.
— Não posso ficar sozinha novamente.
Meu pau estava seco e dolorido, e eu a escutava falando em meio à escuridão.
— Eles a tiraram de mim. Depois, Geoff...

Abri os olhos, pensando em tiros de pistola, em Geoff Garland e Graham Goldthorpe, em tipos de sangue.

— Ele era um covarde.

Faróis que passavam pela rua lançaram sombras no teto, e fiquei imaginando se Geoff arrebentara seus miolos dentro daquela casa, naquele quarto, ou em outro lugar qualquer.

Ela dizia:

— Sempre fomos um casal um pouco frouxo, de qualquer maneira.

Estava deitado na cama de uma viúva e de uma mãe, pensando em Kathryn Taylor, esfregando os olhos, como se na verdade não estivesse ali.

— E agora Johnny...

Contei apenas dois quartos e um banheiro. Fiquei imaginando onde o irmão de Paula Garland dormiria, pensando se ele dormia no quarto de Jeanette.

— Não posso continuar vivendo assim.

Eu coçava meu braço direito lentamente, seu travesseiro me sussurrava coisas, eu estava quase caindo no sono.

Era noite da véspera de Natal. Havia uma nova cabana feita de troncos no meio de um bosque escuro, com velas queimando em tons amarelos nas janelas. Eu caminhava no bosque, com neve fresca sob os pés, voltando para casa. Na entrada da cabana, tirei o excesso de neve das botas e abri a pesada porta de madeira. Uma lareira estava acesa no coração da sala, senti o cheiro de comida boa. Aos pés de uma árvore de Natal perfeita, caixas de presentes lindamente embrulhados. Fui ao quarto e a encontrei. Estava dormindo sob uma colcha feita em casa, seus cabelos dourados espalhados pelos travesseiros, seus olhos fechados. Eu me sentei na ponta da cama, desabotoando minhas roupas. Sem fazer barulho, eu me meti debaixo da colcha, aninhando-me bem perto dela. Ela estava fria e molhada. Busquei seus braços e pernas. E me sentei, abrindo a colcha e os lençóis, tudo estava vermelho. Encontrei apenas sua cabeça e seu peito, abertos. Seus braços e pernas tinham desaparecido. Eu me perdi entre os lençóis, e o coração dela caiu no chão, fazendo um barulho seco. Peguei-o de volta com a mão enfaixada, com poeira e pena presas ao sangue. Pressionei o coração para dentro de seu peito, acariciando seus cachos dourados. Seus cabelos caíam em minhas mãos, soltando-se da cabeça, deixando-me deitado numa cama completamente coberta de penas e sangue, na noite anterior ao

Natal, e alguém batia na porta.

— O que foi isso? — Eu estava completamente acordado.

Paula Garland saía da cama.

— O telefone.

Ela pegou seu cardigã amarelo, verde e marrom, que vestiu enquanto descia a escada com a bunda de fora e cores que não a ajudavam em nada.

Eu me deitei na cama, ouvindo o barulho de ratos ou pássaros no telhado.

Após dois ou três minutos me sentei na cama, depois me levantei e vesti minhas roupas, para finalmente descer.

A senhora Paula Garland se balançava para a frente e para trás, em sua poltrona de couro branco, agarrada à foto escolar de Jeanette.

— Quem era? O que aconteceu?

— Era o nosso Paul...

— O quê? O que aconteceu? — Eu pensava: “Merda, merda, merda”. Visões de carros arrasados e para-brisas banhados em sangue.

— A polícia...

Eu estava de joelhos, sacudindo o corpo de Paula.

— O quê?

— Eles encontraram.

— Quem? Paul?

— Um rapaz de Fitzwilliam.

— O quê?

— Estão dizendo que foi ele.

— Que foi ele o quê?

— Estão dizendo que ele matou Clare Kemplay e...

— O quê?

— E as outras.

Tudo pareceu ficar repentinamente vermelho, vermelho sangue.

Ela dizia:

— Disse que matou Jeanette.

— Jeanette?

Sua boca e olhos estavam abertos, sem som, sem lágrimas.

Eu subi correndo a escada, com a mão pegando fogo.

Voltei a descer, com os sapatos na mão.

— Aonde vai?

— À delegacia.

— Por favor, não.

— Eu preciso ir.

— Eu não posso ficar sozinha.

— Mas eu preciso ir.

— Volte.

— Claro.

— Jura pela sua vida?

— Juro pela minha vida.

Dez da noite. Quarta-feira, 18 de dezembro de 1974.

A estrada, escorregadia, escura e molhada.

Um braço no volante, pisando fundo no pedal, um vento gélido cortando o Viva, pensando em Jimmy James Ashworth.

"Foi isso o que eles fizeram, e você sabe."

Olhei o espelho retrovisor, a estrada estava vazia apenas para caminhões, amantes e Jimmy James Ashworth.

"Mãe, cale a boca!"

Passando pelo acampamento de ciganos, onde a escuridão escondia os estragos, eu balançava o sangue quente em minha mão direita, pensando em Jimmy James Ashworth.

"Por que pensaram que você fez aquilo, Jimmy?"

Passsando pelas luzes de Natal do centro da cidade de Leeds, escrevendo em minha cabeça, pensando em Jimmy James Ashworth.

"Por que não pergunta isso para eles?"

O edifício do *Yorkshire Post*, luzes amareladas nos dez andares. Estacionei bem embaixo, abrindo um sorriso forçado e pensando: "Jimmy James Ashworth".

"Você é um cara esperto, Jimmy."

Uma enorme árvore de Natal na entrada, portas duplas de vidro, onde, com *spray*, tinham escrito boas-festas. Apertei o botão do elevador, pensando: "Jimmy James Ashworth".

“Ele é um bom menino, senhor Dunford. Não fez nada.”

As portas do elevador se abriram no décimo andar, a redação estava viva, agitação espalhada por todos os cantos. O olhar de todos, gritos: PEGAMOS!

Eu agarrei o gravador com a mão esquerda, pensando: “Jimmy James Ashworth”, agradecendo: “Jimmy James Ashworth”.

“O que você vai escrever sobre ele?”

Pensando: “Furo”.

Sem bater, entrei no escritório de Hadden.

A sala ainda era o olho do furacão.

Jack Whitehead olhava para cima, com barba de dois dias e olhos tão grandes quanto pratos de jantar.

— Edward... — disse Hadden, com os óculos no meio do nariz.

— Eu o entrevistei esta tarde. Eu o entrevistei, porra!

Hadden piscou os olhos:

— Quem?

— Não, não entrevistou — disse Jack, abrindo um sorriso forçado, com cheiro de bebida no ar.

— Eu me sentei na sala da casa dele, e ele me contou praticamente tudo.

— Sério? — perguntou Jack, zombando.

— Sim, sério.

— Sobre quem estamos falando, Senhor Furo?

— James Ashworth.

Jack Whitehead olhou para Bill Hadden, sorrindo.

— Sente-se — disse Hadden, apontando para uma cadeira ao lado de Jack.

— O que é isso?

— Edward, eles não prenderam James Ashworth — ele disse, da maneira mais gentil que pôde.

Jack Whitehead fingia olhar para algumas anotações, arqueando uma sobrancelha ainda mais alto, incapaz de resistir e dizendo:

— A menos que ele também se chame Michael John Myshkin.

— Quem?

— Michael John Myshkin — repetiu Hadden.

— Os pais são poloneses. Não sabem nem uma palavra de inglês. — Jack riu, como se isso fosse engraçado.

— Que sorte — eu disse.

— Tome, Senhor Furo, dê uma lida — disse Jack Whitehead, jogando o jornal daquela manhã em cima de mim. O jornal caiu no chão. Eu o peguei.

— O que aconteceu com sua mão? — perguntou Hadden.

— Ficou presa numa porta.

— Espero que não cause estragos ao seu estilo, Senhor Furo.

Fiquei com o jornal na mão esquerda.

— Precisa de uma mãozinha? — perguntou Jack, sorrindo.

— Não.

— Primeira página — ele disse, sorrindo.

ENCONTRADO, gritava a manchete.

Caso Clare: Departamento de Homicídios prende homem que vive na área, logo abaixo da manchete.

POR JACK WHITEHEAD, REPÓRTER POLICIAL DO ANO, nos créditos.

Continuei a ler:

> No início da manhã de ontem, a polícia prendeu um homem de Fitzwilliam relacionado ao assassinato de Clare Kemplay, de dez anos.
>
> De acordo com fontes policiais, que falaram com exclusividade a este jornal, o homem confessou o assassinato e foi acusado formalmente. Permanecerá em custódia na corte de magistrados de Wakefield até o final desta manhã.
>
> A fonte policial também revelou que o homem confessou vários outros assassinatos, e acusações formais deverão ser feitas em pouco tempo.
>
> Detetives-sênior de todo o país são esperados a qualquer momento em Wakefield para interrogar o homem, pois querem fazer perguntas sobre casos similares que não foram solucionados.

Deixei o jornal cair no chão.

— Eu tinha razão.

— Sério? — perguntou Jack.

Eu me virei para Hadden:

— Você sabe que eu tinha razão. Eu disse que tudo estava conectado.

— Sobre quem vocês estão falando, Jack? — perguntou Hadden.

— Jeanette Garland e Susan Ridyard — respondi, com lágrimas nos olhos.

— Coisa de principiantes — disse Jack.

— Eu te disse, porra.

— Cuidado com a linguagem, Edward — murmurou Hadden.

— Eu me sentei nesse escritório, no escritório de Oldman, e disse a vocês dois.

Mas eu sabia que tudo se acabara.

Fiquei sentado lá, no fim da linha, com Hadden e Jack Whitehead, com a mão paralisada de dor. Olhei de um lado para o outro. Jack mantinha um sorriso forçado, Hadden brincava com os óculos. A sala, toda a redação, as ruas lá fora, de repente tudo ficou em silêncio. Por um momento, imaginei que estivesse nevando nas ruas.

Mas isso foi por um momento, depois tudo voltou:

— Conseguiu algum endereço? — perguntei a Hadden.

— Jack?

— Newstead View, número 54.

— Newstead View! É a mesma rua, porra!

— O quê? — Hadden estava ficando sem paciência.

— James Ashworth, o cara que encontrou o corpo, ele mora na mesma rua.

— E daí? — perguntou Jack, sorrindo.

— Foda-se, Jack.

— Por favor, modere seu linguajar na minha sala.

Jack Whitehead ergueu os braços, como quem se rende, zombando.

Eu vi tudo vermelho, vermelho, apenas vermelho, e minha cabeça ficou completamente dolorida.

— Eles moram na mesma maldita rua, na mesma cidade, a dezesseis quilômetros de onde foi encontrado o corpo.

— Coincidência — disse Jack.

— Você acha?

— Acho.

Eu me recostei, com a mão direita cheia de sangue, sentindo o mesmo peso

tomando conta de todo o meu corpo, como se nevasse ali dentro, naquela sala, dentro do meu cérebro.

Jack Whitehead disse:

— Ele confessou tudo. O que mais você quer?

— A porra da verdade.

Jack sorria, gargalhava, gargalhadas altas que faziam sua barriga balançar.

Estávamos testando a paciência de Hadden.

Com calma, perguntei:

— Como o pegaram?

— Luzes de freio com defeito — disse Hadden.

— Você está brincando?

Jack parou de gargalhar.

— Ele não parou. O Panda correu. Eles o encurralaram, e acabou confessando tudo isso.

— Que carro era?

— Uma van — respondeu Jack, evitando meus olhos.

— De que cor?

— Branca — respondeu Jack, sorrindo e me oferecendo um cigarro.

Eu aceitei, pensando na senhora Ridyard e em seus pôsteres, pensando nela sentada em seu canto, na sala da parte da frente de sua casa, com sua visão deteriorada.

— Quantos anos ele tem?

Jack acendeu um cigarro e respondeu:

— Vinte e dois.

— Vinte e dois? Então teria 16 ou 17 em 1969.

— E daí?

— Porra, Jack!

— O que ele faz? — perguntou Hadden a Jack, mas olhando para mim.

— Trabalha num laboratório fotográfico. Revelando fotos.

Minha mente ficou inundada, nadando entre fotos de meninas em idade escolar.

Jack perguntou:

— Parece estranho, certo?

— Não — murmurei.

— Você não queria que fosse ele, eu sei.

— Não.

Jack inclinou o corpo para a frente:

— Eu também era assim. Todo esse trabalho duro, todas essas suposições, e nada se encaixava direito.

— Não — eu murmurei, à deriva, numa van branca com fotografias de meninas mortas, sorridentes, com cabelos lindos.

— Foi duro, mas eles o pegaram.

— É.

— Você vai se acostumar — disse Jack, piscando o olho para mim e ficando de pé, cambaleante. — Nos vemos amanhã.

— Certo, obrigado, Jack — disse Hadden.

— Grande dia, não? — perguntou Jack, fechando a porta ao sair.

— Sim — eu respondi, sem expressão.

A sala ficou em silêncio e ainda cheirava à bebida de Jack.

Após alguns segundos, perguntei:

— O que vai acontecer agora?

— Quero que você cubra esse Myshkin. Tecnicamente, tudo está sob sigilo judicial, mas, caso ele confesse, estaremos certos.

— Quando vai publicar o nome dele?

— Amanhã.

— Quem vai cobrir os próximos passos?

— Jack. E também a coletiva de imprensa.

— Ele vai fazer tudo isso?

— Bem, você poderia ir, mas com o funeral e tudo o mais, eu pensei...

— Funeral? Que funeral?

Hadden me olhou por cima dos óculos:

— O funeral de Barry, amanhã.

Eu olhava para um cartão de Natal sobre a mesa dele. Era o desenho de uma aconchegante casa de campo no meio de um bosque nevado.

— Merda, eu tinha me esquecido — murmurei.

— Talvez seja melhor Jack cuidar disso amanhã.

— A que horas vai ser o funeral?

— Às onze, no crematório Dewsbury.

Eu me levantei, com as pernas fracas por conta do peso do sangue ali acumulado. Caminhei em direção à porta.

Hadden ergueu os olhos de sua floresta de cartões e disse, em tom calmo:

— Por que você tinha tanta certeza que seria obra de James Ashworth?

— Eu não tinha — respondi, e fechei a porta ao sair.

Paul Kelly estava sentado na beirada da minha mesa:

— Paula te ligou.

— E daí?

— O que está acontecendo com meu amigo Eddie?

— Nada.

— Nada?

— Ela me ligou. Disse que você esteve com aquela tal Mandy Wymer.

— Deixe-a em paz, Eddie.

Duas horas de puro trabalho de merda, datilografando com uma só mão. Transcrevi minhas anotações de Ridyard para a grande matéria de Jack Whitehead, maquiando meus encontros com a senhora Paula Garland:

Jack — A senhora Garland é relutante ao conversar sobre o desaparecimento de sua filha. Paul Kelly, empregado deste jornal, é primo dela. E ele pediu que respeitássemos sua vontade e a deixássemos em paz.

Peguei o telefone e disquei.

No segundo toque:

— Oi, Edward.

— Oi.

— Onde você está?

— No trabalho.

— Quando vai voltar?

— Fui avisado mais uma vez.

— Por quem?

— Paul.

— Sinto muito. Ele fez por bem.

— Eu sei, mas ele tem razão.

— Edward, eu...

— Vou te ligar amanhã.

— Vai ao tribunal?

Sozinho na redação, eu respondi:

— Sim.

— É ele, não é?

— Sim, parece que sim.

— Por favor, apareça aqui!

— Não posso.

— Por favor!

— Vou ligar amanhã, eu prometo. Preciso ir.

Desliguei, e me deu um nó no estômago.

Tinha a cabeça entre as mãos, a boa e a machucada, com o cheiro de hospital e de Paula nas duas.

Deitei no chão escuro do quarto 27, pensando nas mulheres.

Os caminhoneiros do estacionamento iam e vinham, com suas luzes lançando sombras, como esqueletos pelo quarto.

Deitei com as costas viradas para a parede, os olhos fechados e as mãos nas orelhas, pensando nas mulheres.

Do lado de fora, no meio da noite, ouvi bater uma porta de carro.

Eu saltei, saí de minha pele, gritando.

7

Seis da manhã. Quinta-feira, 19 de dezembro de 1974.

Minha mãe estava sentada em sua cadeira de balanço, na sala dos fundos da casa, olhando para o jardim com seu manto cinzento de granizo.

Eu lhe ofereci uma xícara de chá e disse:

— Voltei para pegar meu terno preto.

— Deixei uma camisa limpa na sua cama — ela disse, ainda olhando através da janela, sem tocar no chá.

— Obrigado — respondi.

— Que merda aconteceu com sua mão? — perguntou Gilman, do *Manchester Evening News*.

— Ficou presa — eu respondi, sorrindo, tomando um lugar à frente.

— Não foi o único, hein? — piscou Tom de Bradford.

Quartel-general da Polícia Metropolitana de West Yorkshire, Wood Street, Wakefield.

— É, e como vai? — perguntou Gilman, sorrindo.

— Cale a boca — eu murmurei, com o rosto vermelho, olhando para o relógio de meu pai: oito e meia.

— Alguém morreu? — perguntou Novato, sentado atrás de três ternos pretos.

— Sim — eu respondi, sem virar o corpo.

— Merda, sinto muito — ele balbuciou.

— Seu punheteiro do sul — murmurou Gilman.

Olhei para trás, para todas aquelas luzes de televisão.

— Porra, que calor.

— De onde você veio? — perguntou Tom de Bradford.

O Novato respondeu:

— Da entrada principal.

— Muita gente lá fora?

— Centenas.

— Merda.

— Conseguiu um nome? — murmurou Gilman.

— Sim — respondi, sorrindo.

— Endereço? — perguntou Gilman, sorrindo, orgulhoso.

— Sim — respondemos em uníssono.

— Merda.

— Bom dia, senhoras — disse Jack Whitehead, sentando-se bem atrás de mim, batendo com força em meu ombro.

— Bom dia, Jack — disse Tom de Bradford.

— Mantendo-se por perto, Senhor Furo? — ele me perguntou, sorrindo.

— Para o caso de você deixar escapar algo, Jack.

— Agora, meninas — disse Gilman, piscando.

A porta lateral foi aberta.

Três grandes sorrisos em três grandes ternos.

O delegado Ronald Angus, o detetive-chefe superintendente George Oldman e o detetive superintendente Peter Noble.

Três gatos gordos, bem alimentados.

Uma batidinha no microfone.

O delegado Angus pegou um pedaço de papel A4 branco e abriu um sorriso largo.

— Senhores, bom dia. Um homem foi preso no início da manhã de ontem, na Doncaster Road, Wakefield, após uma curta perseguição policial. O sargento Bob Craven e o policial Bob Douglas fizeram um sinal para o motorista de uma van Ford branca para que estacionasse, tudo por causa de uma luz de freio que não funcionava. Mas o motorista não parou, e os policiais tiveram de persegui-lo, forçando o veículo a sair da pista.

O delegado Angus, com cabelos ondulados como um creme de nozes cinzento, fez uma pausa, ainda radiante, como se esperasse aplausos.

— O homem foi trazido aqui para Wood Street, onde foi interrogado. Num interrogatório preliminar, ele deu indícios de ter informações sobre assuntos mais sérios. Então, o detetive superintendente Noble começou um interrogatório sobre o sequestro e assassinato de Clare Kemplay. Às oito da noite de ontem, o homem

confessou. Ele foi formalmente acusado e aparecerá no tribunal, diante dos magistrados de Wakefield, no final da manhã de hoje.

Angus recostou-se na cadeira, como um homem que acabara de se refestelar com um pudim de Natal.

A sala explodiu numa série de perguntas e nomes.

Os três homens morderam a língua e abriram ainda mais o sorriso.

Eu olhei nos olhos de Oldman.

"Você acha que é o único que conseguiu relacionar tudo isso?"

Os olhos de Oldman estavam pregados nos meus.

"Até a minha mãe poderia ter chegado a essa conclusão."

O detetive-chefe superintendente olhou para o seu delegado; ambos trocaram um aceno e um piscar de olhos.

Oldman ergueu uma das mãos.

— Senhores, senhores! Sim, o homem em custódia está sendo interrogado sobre crimes similares. No entanto, neste momento, essa é toda a informação que posso passar. Mas, em nome do delegado, do detetive superintendente Noble e de todos os envolvidos nesta investigação, gostaria de explicitar nosso agradecimento ao sargento Craven e ao policial Douglas. Eles são ótimos policiais e merecem nosso agradecimento sincero.

Mais uma vez, a sala entrou em erupção, com perguntas sobre datas e nomes.

Jeanette, 1969, e Susan, 1972, sem respostas.

Os três homens e seus sorrisos se levantaram.

— Obrigado, rapazes — gritou Noble, deixando a porta aberta para seus superiores.

— Foda-se! — eu disse, vestindo meu terno preto, minha camisa limpa e a atadura cinzenta.

ENFORQUEM O MALDITO!

ENFORQUEM O MALDITO!

ENFORQUEM O MALDITO, AGORA!

Wood Street, a trindade governamental de Wakefield.

A delegacia, o tribunal e a prefeitura.

Pouco mais que nove horas, e uma grande concentração de gente.

COVARDE, COVARDE, MYSHKIN É UM COVARDE!

Duzentas donas de casa e seus filhos desempregados.

Gilman, Tom e eu, no meio de tudo.

Duzentas vozes roucas e seus filhos.

Um *skinhead* com sua mãe, um *Daily Mirror* e uma forca feita em casa.

Provas suficientes.

COVARDE, COVARDE, MYSHKIN É UM COVARDE!

Mãos feias se agitando, agarrando, empurrando.

Para lá e para cá, para cá e para lá.

Fui alcançado, meu colarinho foi agarrado pelo longo braço da lei.

Sargento Fraser ao resgate.

FORCA!

FORCA!

ENFORQUEM O MALDITO!

Atrás das paredes de mármore e das grossas portas de madeira do Tribunal de Magistrados de Wakefield reinava uma breve calma, mas não por culpa minha.

— Preciso conversar com você — murmurei, girando o corpo e arrumando a gravata.

— Certo — disse Fraser. — Mas aqui não, agora não.

O policial baixinho descia o corredor.

Eu entrei na sala número 2, lotada e em silêncio.

Todos os assentos tomados, restavam apenas lugares em pé.

Nada de familiares, apenas os homens da imprensa.

Jack Whitehead à frente, apoiado na cerca de madeira, sorrindo com o porteiro.

Olhei para as janelas com vitrais e suas cenas de colinas e carneiros, moinhos e Jesus, com a luz do lado de fora tão fraca que os vidros refletiam apenas as luzes elétricas sobre nossas cabeças.

Jack Whitehead virou-se, franziu a testa e me cumprimentou.

Além dos mármores e madeiras, os gritos da multidão do lado de fora pareciam desvanecer entre nossos murmúrios, como se viajássemos numa antiga cozinha de navio.

— Está uma loucura lá fora — disse Gilman.

— Pelo menos conseguimos entrar — comentei, recostando-me na parede dos

fundos.

— É. Sabe Deus o que aconteceu com Tom e Jack.

Eu apontei para a frente.

— Jack está lá.

— Como conseguiu entrar tão rápido?

— Deve haver algum túnel subterrâneo, sei lá. Algo ligando esta sala à rua.

— É. E Jack deve ter a maldita chave — disse Gilman.

— É o nosso Jack.

De repente, olhei para as janelas, no exato momento em que uma forma escura ergueu-se do lado de fora, depois caindo, como um pássaro gigante.

— Que merda foi essa?

— Um cartaz ou algo parecido. O povo está ficando impaciente.

— Não são os únicos.

E lá estava ele.

Um grupo de homens com roupas bem passadas tomou assento num banco, um dos homens algemado a ele.

Michael John Myshkin de pé à frente do banco, usando macacão azul sujo e paletó preto, gordo pra caralho, com uma cabeça enorme.

Engoli em seco com força, meu estômago se revirava.

Michael John Myshkin piscou e fez uma bola com baba entre os lábios.

Busquei minha caneta, sentindo uma dor da ponta do dedo ao ombro, e tive de recostar-me junto ao muro.

Michael John Myshkin, parecendo ter muito mais do que 22 anos, sorria para nós, com o sorriso de um menino bem mais novo que ele.

O presidente do júri se levantou, tossiu uma vez e disse:

— O senhor é Michael John Myshkin, morador da Newstead View, número 54, em Fitzwilliam?

— Sim — respondeu Michael John Myshkin, dando uma olhada em todos os detetives ali presentes.

— O senhor foi acusado de, entre os dias 12 e 14 de dezembro, ter assassinado Clare Kemplay, violando a paz de Nossa Majestade, a Rainha. Além disso, foi acusado de, no dia 18 de dezembro, em Wakefield, estar dirigindo sem nenhum cuidado ou atenção.

Michael John Myshkin, um verdadeiro monstro de Frankestein, pousou sua mão livre na frente do júri e suspirou.

O chefe do júri e a corte fizeram um sinal para um homem sentado no lado oposto.

O homem se levantou e anunciou:

— William Bamforth, procurador do condado. O senhor Myshkin não tem representação legal neste momento. Em nome da Polícia Metropolitana de West Yorkshire, peço que o acusado permaneça sob custódia por mais oito dias, para que possa continuar sendo interrogado sobre crimes de natureza similar. Também gostaria de lembrar aos presentes neste tribunal, especialmente aos membros da imprensa, que o caso permanece sob sigilo. Obrigado.

O presidente do júri levantou-se novamente.

— Senhor Myshkin, o senhor tem alguma objeção ao pedido que acaba de ser feito, de que seja mantido sob custódia por mais oito dias?

Michael John Myshkin ergueu os olhos e respondeu:

— Não.

— Gostaria que fossem decretadas restrições de relatos?

Michael John Myshkin olhou para um dos detetives.

O detetive balançou a cabeça lentamente, e o senhor Michael John Myshkin murmurou:

— Não.

— Michael John Myshkin, o senhor permanecerá sob custódia por oito dias. As restrições para reportagens permanecem.

O detetive virou de costas, e Myshkin foi atrás.

O público inclinou-se para a frente.

Michael John Myshkin parou no topo da escadaria, voltando a olhar para o júri, depois quase escorregou e teve de ser escorado por um dos policiais.

A última imagem que vimos dele foi uma grande mão desaparecendo, descendo a escada, dando adeus.

“Foi aquela a mão que acabou com algumas vidas”, pensei.

E o maldito fora embora.

— O que você acha?

— Parece ser o cara — respondi.

— Sim — disse Gilman, piscando um olho.

Já eram quase onze horas quando o Viva, seguido pelo carro de Gilman, entrou no crematório Dewsbury.

A chuva diminuíra de intensidade, transformando-se em uma fria garoa, mas o vento era tão cortante quanto há uma semana, e não havia maneira de acender um cigarro usando apenas uma das mãos.

— Mais tarde — murmurou o sargento Fraser, na porta.

Gilman olhou para mim, mas não disse nada.

Lá dentro, o crematório estava em silêncio, repleto de gente.

Uma família e o pessoal da imprensa.

Tomamos assento na parte de trás da capela, arrumando a gravata e os cabelos molhados, cumprimentando com a cabeça representantes de metade das redações de jornais do norte da Inglaterra.

O maldito Jack Whitehead lá na frente, curvado em seu assento, conversando com Hadden, sua esposa e os Gannon.

Olhei para outra parede com vitrais cobertos de imagens de colinas e carneiros, moinhos e Jesus, rezando para que o funeral de Barry fosse melhor que o de meu pai.

Jack Whitehead olhou para trás, franziu a testa e acenou para mim.

Do lado de fora, o vento açoitava o edifício, como os gritos do mar e as gaivotas, e eu me sentei, imaginando se os pássaros eram ou não capazes de falar.

— Gostaria que começassem logo — murmurou Gilman.

— Onde está Jack? — perguntou Tom de Bradford.

— Lá na frente — respondi, sorrindo.

— Não fode. Outro túnel? — sorriu Gilman.

— Modere sua linguagem — murmurou Tom.

Gilman olhou para seu livro de orações.

— Droga, sinto muito.

Eu me virei em direção aos vitrais quando Kathryn Taylor, toda vestida de preto, descia o corredor, de braço dado com a Gorda Steph e Gaz do “Esportes”.

Gilman acenou sério e piscou um dos olhos.

— Seu amuleto da sorte.

— Vai se foder — eu disse, com o rosto vermelho, observando os nós dos dedos de minha mão ficando brancos ao agarrar com força o assento de madeira.

De repente, o organista tocou todas as teclas ao mesmo tempo.

Todos se levantaram.

E lá estava ele.

Olhei para o caixão na frente da sala, incapaz de me lembrar se o do meu pai era de madeira mais clara ou mais escura que o de Barry.

Olhei para o livro de orações no chão, pensando em Kathryn.

Ergui os olhos, imaginando onde ela se sentara.

Um homem gordo, com casaco de caxemira marrom, olhava pra mim do outro lado do corredor.

Nós dois desviamos o olhar para o chão.

— Onde você esteve?

— Manchester — disse Kathryn Taylor.

Estávamos do lado de fora do crematório, de pé na ladeira entre a entrada e os carros, com o vento e a chuva mais fortes que antes. Ternos pretos e casacos voavam, as pessoas tentavam acender seus cigarros, abrir guarda-chuvas, apertar mãos.

— O que estava fazendo em Manchester? — perguntei, sabendo exatamente o que fazia por lá.

— Não quero falar sobre isso — ela disse, seguindo em direção ao carro da Gorda Steph.

— Sinto muito.

Kathryn Taylor continuava a caminhar.

— Posso te ligar hoje à noite?

Stephanie abriu a porta do passageiro, e Kathryn curvou o corpo, pegando algo sobre o assento.

Ela girou o corpo e atirou um livro em mim, gritando:

— Toma, você se esqueceu da última vez que me comeu!

O *Guide to the Canals of the North* voou pelo estacionamento do crematório, espalhando fotos de meninas em idade escolar pelo chão.

— Merda — eu disse, pegando as fotos.

O pequeno carro branco da Gorda Steph deu marcha a ré no estacionamento do crematório.

— Vejo que temos muito mais peixes no mar...

Ergui os olhos. O sargento Fraser me entregava a foto de uma menina loira e

sorridente de dez anos de idade.

— Merda — eu disse.

— Não há necessidade disso.

Peguei a foto.

— De quê?

Hadden, Jack Whitehead, Gilman, Gaz e Tom estavam todos na porta, olhando para nós.

Fraser disse:

— Sinto muito pela sua mão.

— Sente muito? Foi você quem me meteu nessa.

— Você não sabe o que está falando.

— E aposto que você também não.

— Espere — disse Fraser. — Preciso conversar com você.

— Não tenho nada a dizer.

Ele colocou um papel no bolso do meu paletó.

— Quero que me ligue hoje à noite.

E caminhei em direção ao meu carro.

— Sinto muito — gritou Fraser, contra o vento.

— Cale a boca — eu disse, pegando as chaves.

Ao lado do Viva, dois homens grandalhões estavam de pé, conversando junto a um Jaguar vermelho. Destranquei meu carro, tirei a chave e abri a porta por completo, tudo com a mão esquerda. Depois entrei no carro, deixei o maldito livro com as fotos no banco traseiro e coloquei a chave na ignição.

— Senhor Dunford — disse o homem gordo com casaco de caxemira marrom, que estava de pé do outro lado do Viva.

— Sim?

— Aceita um almoço?

— O quê?

O homem gordo sorriu, esfregando as mãos, vestidas com luvas de couro.

— Estou convidando você para um almoço.

— Por quê?

— Quero conversar com você.

— Sobre o quê?

— Vamos dizer que... não se arrependerá.

Olhei para a porta do crematório.

Bill Hadden e Jack Whitehead conversavam com o sargento Fraser.

— Certo — eu disse, pensando: “Foda-se o Press Club”.

— Conhece o Karachi Social Club, na Bradford Road?

— Não.

— Fica ao lado do Variety Club, pouco antes da entrada para Batley.

— Certo.

— Em dez minutos? — perguntou o homem gordo.

— Vou atrás de você.

— Perfeito.

Cidade dos Paquistaneses, a única cor restante.

Tijolos escuros e sáris, homens morenos jogando críquete no frio.

A Mesquita e o Moinho. Yorkshire, 1974:

Curry e Boné.

Tendo perdido o Jaguar de vista no último sinal de trânsito, estacionei próximo ao Batley Variety Club, ao lado de um carro vermelho.

Shirley Bassey fazia o Show de Natal logo ao lado, e eu podia ouvir sua banda ensaiando enquanto tentava escapar das poças de água, cheias de pontas de cigarro e sacos atirados ao chão.

O Karachi Social Club era um edifício de três andares que antes devia ter algo a ver com o comércio de roupas.

Subi os três degraus de pedra que levavam ao restaurante, liguei o gravador e abri a porta.

Lá dentro, o Karachi Social Club era uma sala vermelha, cavernosa, com pesado papel de parede floral e sons do Oriente.

Um alto paquistanês, vestindo uma túnica branca impecável, apontou para a única mesa com clientes.

Dois homens gordos sentados lado a lado, olhando para a porta, com dois pares de luvas de couro à frente deles.

O mais velho, o que me convidou para almoçar, ficou de pé com a mão estendida e disse:

— Derek Box.

Apertei sua mão por cima da mesa usando minha mão esquerda e me sentei, olhando para o homem mais novo, com seu rosto bem talhado.

— Este é Paul. Ele me ajuda — disse Derek Box.

Paul acenou com a cabeça, mas não disse nada.

O garçom trouxe uma bandeja de prata com tira-gostos.

— Queremos o prato do dia, Sammy — disse Derek Box, quebrando um *papadum*.

— Certo, senhor Box.

Box sorriu para mim:

— Espero que goste de curry picante.

— Só comi uma vez — respondi.

— Então deve estar disposto a experimentar.

Olhei para a sala enorme, com suas toalhas de mesa brancas e talheres de prata pesados.

— Toma — disse Derek Box, colocando um pouco de picles e iogurte sobre um pedaço de *papadum*.

Eu comi.

— Sabe por que gosto deste lugar?

— Não?

— Porque é reservado. Somos só nós e os asiáticos.

Peguei meu *papadum* com a mão esquerda e o enfiei na boca.

— Eu gosto das coisas assim — disse Box. — Reservadas.

O garçom voltou com três canecas de cerveja.

— E a comida não é nada ruim, não é, Sammy? — sorriu Box.

— Muito obrigado, senhor Box — disse o garçom.

Paul sorriu.

Derek Box ergueu uma caneca e disse:

— Saúde.

Paul e eu o acompanhamos na bebida.

Peguei meus cigarros. Paul me ofereceu um pesado isqueiro Ronson.

— Bonito, né? — perguntou Derek Box.

Eu sorri.

— Muito civilizado.

— É... Nada a ver com aquelas porcarias — disse Box, apontando para a minha mão enfaixada posta sobre a toalha branca da mesa.

Olhei para minha mão, depois para Box.

Ele disse:

— Eu era um grande admirador do trabalho do meu amigo, senhor Dunford.

— Você o conhecia bem?

— Ah, sim. Tínhamos uma relação bem especial.

— Sério? — perguntei, tomando um gole.

— Sim. Troca de favores, na verdade.

— Em que sentido?

— Sabe, eu tenho uma posição privilegiada, posso oferecer informações que ocasionalmente cruzam meu caminho.

— Que tipo de informação?

Derek Box deixou seu copo sobre a mesa e olhou para mim.

— Não estou em busca de dinheiro, senhor Dunford.

— Eu sei.

— Mas também não sou nenhum anjo, sou um homem de negócios.

Tomei um bom gole de cerveja e, num tom tranquilo, perguntei:

— Que tipo de negócio?

Ele sorriu.

— Motores de carros, embora tenha ambições no terreno das construções.

— Que tipo de ambição?

— Só planos — sorriu Derek Box. — Por enquanto.

— Como você e Barry se conheceram?

— Como eu disse, não sou um anjo e nunca fingi ser. No entanto, existem homens neste país, neste condado, que recebem mais do que deveriam, para o meu gosto.

— Na construção, você quer dizer?

— É.

— Então você oferecia a Barry informações sobre certas pessoas e suas atividades no mundo da construção?

— Sim. Barry demonstrou interesse especial nisso, na atividade de certos senhores.

O garçom voltou com três pratos de arroz amarelo e três tigelas de molho alaranjado. Deixou um prato na frente de cada um de nós.

Paul pegou sua tigela e jogou seu conteúdo no prato de arroz, misturando tudo.

O garçom disse:

— Mais, senhor Box?

— Sim, Sammy. Mais uma rodada.

— Ótimo, senhor Box.

Peguei a colher da minha tigela de curry e coloquei um pouco ao lado do arroz.

— Vá em frente, cara. Nada de cerimônias por aqui.

Comi uma boa garfada de curry com arroz, sentindo minha boca queimar, e esvaziei a cerveja.

Após um minuto, disse:

— É muito bom isso.

— Muito bom? É delicioso, maravilhoso, isso sim — sorriu Box, com sua boca aberta vermelha.

Paul fez que sim, também abrindo um sorriso alaranjado de curry.

Dei mais uma garfada no curry com arroz, observando os outros dois quase esvaziando o prato a cada nova garfada.

E me lembrei de Derek Box, ou pelo menos das histórias que as pessoas costumavam contar sobre ele e seus irmãos.

Comi outra garfada de arroz amarelo, olhando para a cozinha, querendo pedir mais cerveja.

Lembrei-me das histórias dos irmãos Box praticando suas entradas a toda a velocidade pela Field Lane, de como as crianças desciam para observá-los nos domingos de manhã, de como Derek era sempre o motorista, e Raymond e Eric subiam e desciam dos carros em alta velocidade pela Church Street.

O garçom voltou com outra bandeja de prata, com cerveja e três pães *nan* achatados.

Eu me lembrei dos irmãos Box sendo acusados de roubo no Edinburgh Train Mall, de como clamaram ter sido enrolados, e me lembrei também que Eric morreu três semanas antes de serem libertados, Raymond se mudou para o Canadá ou Austrália, e Derek tentou se alistar para o Vietnã.

Derek e Paul cortaram seus pães e limparam o que restava nas tigelas.

— Toma — disse Derek Box, oferecendo-me um pedaço de pão.

Após terminar de comer, ele sorriu, acendeu um cigarro e afastou sua cadeira da

mesa. Deu uma boa tragada no cigarro, examinando-o, expirou e disse:

— Você era um admirador do trabalho de Barry?

— Sim.

— Que desperdício.

— É... — concordei, com as luzes acentuando o suor na testa de Derek Box.

— É uma pena que tudo acabe antes de terminar, tanta coisa não publicada, não acha?

— É. Quero dizer, eu não sei...

Paul me ofereceu o Ronson.

Eu inalei profundamente e tentei apertar meu punho direito. Doía muito.

— Caso não se importe que eu pergunte, no que está trabalhando agora, senhor Dunford?

— No assassinato de Clare Kemplay.

— Estarrecedor — disse Derek Box, suspirando. — Simplesmente estarrecedor. Não tenho palavras. E...?

— Nada mais.

— Sério? Então você não pretende levar adiante a cruzada de seu falecido amigo?

— Por que está perguntando isso?

— Fui levado a crer que você recebeu as pastas de um grande homem...

— Quem lhe contou isso?

— Não estou atrás de dinheiro, senhor Dunford.

— Eu sei, não estou dizendo isso.

— Escuto coisas e conheço pessoas que escutam coisas.

Olhei para a faca cheia de arroz dentro do meu prato.

— Quem?

— Você nunca bebe no Strafford Arms?

— Em Wakefield?

— É — respondeu Box, sorrindo.

— Não.

— Deveria, eu acho. Na parte de cima é um clube privado, parecido com o seu Press Club. Um lugar onde homens de negócios como eu e um agente da lei podem se encontrar num ambiente menos formal. Relaxar, deixar a conversa fluir.

De repente, eu me vi no banco de trás de meu próprio carro, com o estofamento

manchado de sangue, um homem alto com um motorista barbudo dirigindo e escutando Rod Stewart.

— Você está bem? — perguntou Derek Box.

Eu balancei a cabeça.

— Não estou interessado.

— Mas vai ficar — ele disse, piscando seus olhos pequenos, sem cílios.

— Acho que não.

— Entregue a ele, Paul.

Paul esticou a mão por baixo da mesa e pegou um envelope pardo, atirando-o entre os pratos sujos e canecas vazias.

— Abra — disse Box, me desafiando.

Peguei o envelope pardo e meti minha mão esquerda lá dentro, sentindo o tato familiar de ampliações fotográficas.

Olhei para a mesa, para a toalha branca, para Derek Box e Paul, e tive visões de meninas com asas pretas e brancas amarradas à pele, nadando na hora do almoço.

— Dê uma olhada, porra.

Segurei o envelope com a mão enfaixada e, lentamente, tirei as fotos com a mão esquerda. Afastei os pratos e tigelas e coloquei as três fotos em preto e branco sobre a mesa.

Dois homens nus.

Derek Box sorria, a ponto de abrir um sorriso ainda maior.

— Ouvi dizer que você é muito homem, senhor Dunford. Então peço desculpas pelo terrível conteúdo destas fotos.

Eu afastei as fotos.

Barry James Andersen, chupando o pau e lambendo o saco de um homem mais velho.

— Quem é? — perguntei.

— São bem conhecidos — disse Derek Box, suspirando.

— Não são muito nítidas.

— Mas logo descobrirá que parecerão bem nítidas aos olhos do conselheiro e ex-vereador William Shaw, irmão do ainda mais famoso Robert Shaw, caso lhe entregue algumas cópias para que as inclua em seu álbum de família.

O corpo do homem mais velho entrou em foco, a barriga flácida e as costelas

visíveis, os cabelos brancos e a pinta.

— William Shaw?

— Acho que sim... — disse Box, sorrindo.

Meu Deus.

William Shaw, chefe do novo Conselho Metropolitano Distrital de Wakefield e da Autoridade Policial de West Yorkshire, ex-organizador regional do Sindicato de Trabalhadores do Transporte, representando-os no Comitê Executivo Nacional do Partido Trabalhista.

Olhei para os testículos sendo lambidos, para as silhuetas das veias inchadas de seu pau, para os pelos púbicos grisalhos.

William Shaw, irmão do mais famoso Robert.

Robert Shaw, ministro de Estado do Home Office, homem que todos diziam que seria forte candidato à sucessão.

O conselheiro Shaw, o homem a ser chupado.

Porra.

Shaw era o Terceiro Homem de Barry?

Dawsongate.

Eu perguntei:

— Barry sabia?

— Sim, mas não tinhas as ferramentas, por assim dizer.

— Você quer que eu chantageie Shaw com isso?

— Chantagem não é a palavra que tenho em mente.

— E qual é a palavra?

— Persuadir.

— Persuadi-lo a fazer o quê?

— Persuadi-lo, dizer que deveria abrir mão de todas as coisas erradas que faz no âmbito público, e que assim os dados de sua vida privada permanecerão exatamente assim, privados.

— Por quê?

— O grande público britânico poderia ter acesso à verdade que merece.

— E...?

— E assim a gente... — disse Box, piscando um olho. — A gente conseguirá o que quer.

— Não.

— Então você não é o homem que eu imaginava ser.

Olhei para as fotos em preto e branco em cima da toalha branca da mesa.

— E que tipo de homem você imaginava que eu fosse? — perguntei.

— Um bravo.

— Você chama de bravo esse tipo de homem? — perguntei, afastando as fotos com a mão direita.

— Nos dias de hoje, sim.

Peguei um cigarro do maço, e Paul esticou o braço com o seu Ronson.

Eu perguntei:

— Ele não é casado, certo?

— Sem chance — sorriu Box.

O garçom voltou com uma bandeja vazia.

— Sorvete, senhor Box?

Box atirou o cigarro em minha direção.

— Só para o meu amigo aqui.

— Certo, senhor Box.

E o garçom começou a tirar os pratos sujos e os copos da mesa, deixando apenas o cinzeiro e as fotos.

Derek Box deixou o cigarro no cinzeiro e inclinou o corpo sobre a mesa.

— Este país está em guerra, senhor Dunford. O governo e os sindicatos, a esquerda e a direita, os ricos e os pobres. E também os nossos policiais, os asiáticos, os negros, os veados e os pervertidos, até mesmo as malditas mulheres; estão todos tentando conseguir algo. Logo não vai sobrar nada para os homens brancos trabalhadores.

— E esse é você?

Derek Box se levantou:

— O vencedor leva tudo.

O garçom voltou com uma taça de prata com sorvete.

Paul ajudou Derek Box a vestir seu casaco de caxemira.

— Amanhã, na hora do almoço, no andar de cima do Strafford Arms.

Ele agarrou meu ombro com força e foi embora.

Fiquei olhando para o sorvete à minha frente, no meio das fotos em preto e branco.

— Espero que goste do sorvete — gritou Derek Box, na porta.

Fiquei olhando para aqueles paus e sacos, para as mãos e as línguas, para as salivas e porras.

Afastei o sorvete.

Uma ligação com uma única moeda no Hanging Heaton, com cheiro de curry no fone.

Ninguém atendeu.

Do lado de fora, um peido ao caminhar.

O motorista de um só braço a caminho de Fitzwilliam, o rádio ligado, baixinho:

Michael John Myshkin dominava as notícias locais das duas da tarde, depois algo sobre o cessar-fogo natalino do IRA nas notícias nacionais.

Olhei para o envelope no banco do passageiro e o peguei.

Dois minutos mais tarde, o motorista de um braço só estava de volta à estrada, com os pecados de William Shaw escondidos sob o banco do passageiro.

Chequei o espelho retrovisor.

Já era quase noite, e ainda não eram três da tarde.

Newstead View, outra vez.

Mais uma vez entre os pôneis e os cães, as ferrugens e sacolas plásticas.

Dirigi devagar pela rua escura.

A televisão estava ligada no número 69.

Estacionei em frente ao que restara do número 54.

Enforquem o pervertido e *Leeds United* estavam escritos com tinta branca acima da janela da frente da casa.

Uma porta marrom entre uma floresta de madeiras de móveis quebrados e chamuscados, arrasados em meio ao pequeno gramado à frente da casa.

Dois cães entravam e saíam da residência da família de Myshkin.

Subi pelo jardim, entre abajures sem lâmpada e almofadas rasgadas, passando ao lado de um cão que lutava com um panda gigante de pelúcia, atravessando a porta estilhaçada.

Cheiro de fumaça e som de água corrente.

Uma lixeira de metal num mar de vidros quebrados no centro da sala, na parte da frente da casa. Não havia televisão nem aparelho de som, apenas os espaços vazios antes ocupados por eles e uma árvore de Natal de plástico partida em duas. Sem presentes nem cartões.

Pulei uma pilha de cocô humano no primeiro degrau e subi as escadarias encharcadas.

O banheiro estava cheio de água, que jorrava para fora.

O vaso e a pia tinham sido estilhaçados, inundando o carpete azul. Uma diarreia amarela se espalhava para fora do banheiro, e as letras *NF* pintadas com spray pelo chão.

Desliguei os registros e arregacei as mangas da camisa com a mão enfaixada. Meti a mão esquerda na água marrom congelada e notei uma tampa. Minha mão roçou contra algo sólido no fundo do banheiro.

Havia algo ali.

Minha mão ficou gelada, puxei rapidamente a tampa e afastei a mão.

Fiquei vendo a água escorrer, secando minha mão na calça, e uma forma escura surgia sobre as águas marrons.

Coloquei as duas mãos debaixo dos braços e arregalei os olhos.

Havia uma bolsa esportiva Slazenger de couro azul no fundo do banheiro.

Estava fechada e caída de lado.

Foda-se, deixa pra lá, você não quer saber.

Com a boca seca, eu me ajoelhei e virei a bolsa para cima.

Era pesada.

A água terminou de descer, deixando apenas a sujeira por ali, uma escova de unhas e a bolsa Slazenger de couro azul.

Foda-se, deixa pra lá, você não quer saber.

Usei a mão enfaixada para estabilizar a bolsa e comecei a abri-lá com a mão direita.

O zíper estava emperrado.

Merda.

Ela caiu novamente.

Esquece.

Cheiro de merda fresca.

Você não quer saber.

Pelos, o que eu via eram pelos.

Um gato gordo e morto.

Um frio na espinha e a boca aberta.

Uma coleira azul com um nome, mas eu não tocaria nela.

Lembranças de funerais de animais de estimação, Archie e Socks enterrados no jardim de Wesley Street.

Foda-se, deixa pra lá, você não quer saber.

Saí do banheiro, vendo duas outras portas.

O quarto principal, o da esquerda, com duas camas, cheiro de mijo e fumaça. O colchão fora arrasado, e as roupas, espalhadas. Havia marcas de fogo pelas paredes.

Mais uma vez, em vermelho: *Fora estrangeiros, foda-se o IRA.*

Caminhei em direção à porta do outro quarto, que dizia: *Quarto de Michael.*

O quarto de Michael John Myshkin não era maior que uma cela, as cortinas tinham sido arrancadas, a janela quebrada pelo guarda-roupa atirado ao chão. Pôsteres arrancados das paredes e até pedaços do papel de parede de magnólias arrasado pela fúria, tudo jogado no chão, junto a quadrinhos americanos e ingleses, blocos de desenho e giz de cera.

Peguei um exemplar de *Hulk*. As páginas estavam molhadas e cheiravam a mijo. Joguei-o no chão e usei meu pé para dar uma olhada entre as pilhas de quadrinhos e papel.

No fundo, um livro sobre kung fu e um bloco de desenho aparentemente intocado. Eu me abaixei e o abri.

Uma página coberta de quadrinhos me encarou. Fora desenhada com canetinha e giz de cera:

Homem-rato, príncipe ou peste?

Por Michael J. Myshkin.

Em mãos infantis, um rato gigante com mãos e pés humanos, estava sentado num trono, com uma coroa, cercado de centenas de ratos menores.

O Homem-Rato sorria, dizendo: *"Os homens não são nossos juízes. Nós julgamos os homens!"*

Logo abaixo do logo do Homem-Rato, com caneta esferográfica, estava escrito:

Volume 4, 5 páginas, MJM Comics.

Virei a página. Em seis quadrinhos, o Povo-Rato pedia ao Homem-Rato, seu príncipe, que subisse à terra para salvá-la dos humanos.

Na página dois, o Homem-Rato estava na terra, sendo caçado por soldados.

Na página três, o Homem-Rato escapara.

E tinham crescido asas em seu corpo.

Malditas asas de cisne.

Meti o bloco em meu paletó e fechei a porta do quarto de Michael.

Desci a escada, ouvindo vozes de crianças vindo da porta da frente.

Um menino de dez anos, vestindo suéter verde com três estrelas amarelas, estava de pé numa cadeira da sala de jantar, pregando algo na moldura acima da porta.

Seus três amigos o cercavam, um deles com uma corda nas pequenas mãos.

— O que você está fazendo? — perguntou um dos meninos enquanto eu descia a escada.

— Quem é você? — perguntou outro.

Lancei um olhar chateado e perguntei:

— O que vocês estão fazendo?

— Nada — disse o menino com o martelo na mão, pulando da cadeira.

O menino com a corda disse:

— Você é policial?

— Não.

— Podemos fazer o que queremos, então? — disse o menino do martelo.

Peguei algumas moedas e perguntei:

— Onde está a família dele?

— Fugiu — disse um deles.

— Eles não voltarão... se quiserem se sair bem dessa — disse o menino com o martelo.

Chacoalhei as moedas e perguntei:

— O pai é aleijado?

— É — responderam, sorrindo, fazendo sons ofegantes.

— E a mãe?

— Ela é uma maldita, é o que ela é — disse o menino com a corda nas mãos.

— Ela trabalha?

— Limpa a escola.

— Que escola?

— Fitz Junior, na estrada principal.

Afastei a cadeira que estava embaixo da porta e saí, olhando para as casas geminadas do outro lado da rua.

— Vai nos dar algum dinheiro? — gritou o mais jovem.

— Não.

O menino com o martelo nas mãos colocou a cadeira novamente no lugar, pegou a corda das mãos do amigo e ficou de pé em cima da cadeira, pendurando a corda no prego.

— Para que isso? — perguntei, abrindo a porta do carro.

— Pervertidos — gritou um dos meninos.

— Ei — disse o menino com o martelo, em cima da cadeira. — Melhor que você não seja um deles.

— Tem um gato morto lá em cima, no banheiro — eu disse, entrando no carro.

— A gente sabe — disse o mais jovem. — Nós matamos o gato, certo?

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, todas as crianças boas vão pro céu.

Eu estava sentado em meu carro, no caminho para a Fitzwilliam Junior and Infants.

Já eram quase cinco da tarde e as luzes da escola continuavam acesas, iluminando paredes internas com desenhos de Natal.

Havia crianças jogando futebol no escuro playground, correndo atrás de uma bola laranja barata e vestindo calças largas e suéteres de lã pretos com grandes estrelas amarelas.

Eu estava sentado no Viva, congelando, com a mão envolvida em ataduras sob o braço, pensando no Holocausto e imaginando se Michael John Myshkin frequentara aquela escola.

Após dez minutos, mais ou menos, algumas das luzes foram apagadas, e três mulheres brancas gordas saíram do edifício junto a um homem magro com macacão azul. As mulheres deram adeus ao homem enquanto ele caminhava entre as crianças, tentando agarrar a bola. Elas sorriam ao atravessar o portão da escola.

Eu saí do carro e corri em direção às mulheres, do outro lado da rua.

— Por favor, senhoras.

As três mulheres gordas giraram o corpo e pararam.

— Senhora Myshkin?

— Você está brincando? — disse a mais gorda de todas.

— Você é da imprensa, querido? — perguntou a mais velha.

Eu sorri e respondi:

— *Yorkshire Post.*

— Um pouco tarde, não? — disse a mais gorda.

— Ouvi dizer que ela trabalhava aqui.

— Até ontem, sim — disse a mais velha.

— Para onde foi? — perguntei à mulher que ainda não dissera nada.

— Não olhe para mim, eu sou nova aqui — ela disse.

A mulher mais velha interveio:

— Kevin disse que um colega seu a colocou num hotel de luxo, em Scarborough.

— Isso não é verdade — replicou a mais nova.

Fiquei parado, pensando: “Merda, merda, merda”.

Surgiram gritos no pátio e o barulho de botas.

— Eles vão acabar com a droga dessa janela — disse a mais gorda de todas.

Eu perguntei:

— Vocês duas trabalharam com a senhora Myshkin, certo?

— Por mais de cinco anos — respondeu a mais velha.

— Como ela era?

— Tinha uma vida dura, isso é verdade.

— Como assim?

— Bem, ele ficou doente por causa da fuligem...

— O marido era mineiro?

— Era. Trabalhava com Pat — disse a mais gorda.

— E Michael?

Elas se entreolharam, com sorrisos amarelos.

— Ele não bate muito bem — murmurou a mais nova.

— O quê?

— Um pouco lento, dizem.

— Ele tem amigos?

— Amigos? — perguntaram duas das mulheres, ao mesmo tempo.

— Ele brinca com alguns dos meninos mais novos da rua, eu acho — disse a mais velha, dando de ombros. — Mas não são amigos.

— Isso não é estranho? — perguntou a nova.

As outras duas mulheres fizeram que concordaram com a cabeça.

— E as pessoas do trabalho?

A mais gorda balançou a cabeça, dizendo:

— Ele não trabalha por aqui? No caminho para Castleford?

— É. Kevin disse que trabalha com um certo fotógrafo.

— Álbuns sujos, dizem — comentou a mais nova.

— Você está brincando? — perguntou a mais velha.

— Foi o que ouvi.

O homem de macacão azul estava de pé atrás dos portões da escola, com um cadeado e uma corrente nas mãos, gritando para as crianças.

— Como são malvadas as crianças de hoje em dia — disse a mais gorda.

— São uns chatos, isso sim.

Eu disse:

— Obrigado pelo seu tempo, senhoras.

— De nada, meu querido — sorriu a mais velha.

— Quando quiser... — disse a mais gorda de todas.

E sorriram ao se afastar. A mais nova na escola chegou a olhar para mim mais uma vez, e acenou:

— Feliz Natal — ela disse.

— Feliz Natal — eu respondi.

Peguei um cigarro e mexi nos bolsos em busca de isqueiro, encontrando o Ronson, de Paul.

Peguei o isqueiro com a mão esquerda e acendi o cigarro, tentando me lembrar de quando o pegara.

As crianças passaram correndo por mim, chutando a bola laranja barata e xingando o zelador da escola.

Eu me aproximei do portão.

O zelador de macacão azul seguia para o pátio, voltando ao edifício principal.

— Por favor — gritei, acima dos portões pintados de vermelho.

O homem continuou a caminhar.

— Por favor!

Na porta da escola, ele virou o corpo e olhou diretamente para mim.

Eu ergui as mãos.

— Por favor. Podemos conversar um minuto?

O homem girou o corpo novamente, destrancou a porta e entrou no edifício escuro.

Apoiei a testa no portão.

Alguém escrevera *foda-se* na pintura vermelha.

No meio da noite, rodas giravam.

Adeus, Fitzwilliam, onde a noite chega mais cedo e nada parece certo, onde as crianças matam gatos e os homens matam crianças.

Eu voltava a Redbeck, dobrando à esquerda na A655, quando um caminhoneiro furou o sinal, pisando fundo no freio.

Eu também pisei no freio, tocando a buzina, tentando parar, com o caminhão a centímetros da minha porta.

Olhei pelo espelho retrovisor, com o coração pulando, as luzes dançando.

Um homem grande e barbudo saltou da cabine do caminhão e caminhou em minha direção. Ele carregava um maldito bastão preto.

Eu liguei o carro, pisando fundo no acelerador, pensando: “Barry, Barry, Barry”.

O Golden Fleece, Sandal, pouco depois das seis, quinta-feira, 19 de dezembro de 1974, o dia mais longo de uma semana de dias longos.

Pedi uma cerveja, depois um uísque, e por fim uma moeda.

— Gaz? Sou eu, Eddie.

— Para onde você foi, porra?

— Não estive no Press Club, você sabe.

— Perdeu um ótimo show.

— Sério?

— Sério. Jack perdeu a cabeça, chorou...

— Escuta, você sabe qual é o endereço de Donald Foster?

— Para que você quer essa merda?

— É importante, Gaz.

— Isso tem a ver com Paul Kelly e Paula?

— Não. Olha, eu sei que é em Sandal...

— Sim, na Wood Lane.

— Que número?

— Não existem números na Wood Lane. Chama-se Trinity Towers, ou algo assim.

— Obrigado, Gaz.

— Certo... Mas nada de dizer o meu nome.

— Não vou dizer — prometi, desligando e imaginando se ele estaria comendo a

Kathryn.

Outra moeda, outra ligação.

— Preciso falar com BJ.

Uma voz do outro lado da linha, murmurando do outro lado do mundo.

— Quando virá vê-lo? É importante.

Um suspiro das profundezas da terra.

— Diga que Eddie ligou e que é urgente.

Voltei ao bar e pedi mais uma cerveja.

— Aquela sacola é sua? — perguntou o dono do bar, fazendo um sinal para a sacola plástica da Hillards logo abaixo do telefone.

— Ah, sim. Obrigado — eu disse, terminando de tomar a cerveja.

— Não deixe sacolas plásticas por aí, pelo menos não nos bares.

— Sinto muito — eu me desculpei, voltando ao telefone e pensando: "Foda-se".

— Eu fico pensando que poderia ser uma bomba ou algo assim.

— Sei, sinto muito — murmurei ao pegar o livro de Michael John Myshkin e as fotos de William Shaw e Barry James Anderson, pensando que aquela merda era uma poderosa bomba.

Estacionei na porta do Trinity View, Wood Lane, Sandal.

Coloquei a sacola debaixo do banco do motorista, junto ao *Guide to the canals of the North,* depois peguei um cigarro, dois analgésicos e saí do carro.

A rua estava quieta e escura.

Caminhei em direção a Trinity View, evitando os refletores. Havia um Rover parado na porta e luzes acesas na parte de cima da casa. Fiquei pensando se fora desenhada por John Dawson.

Toquei a campainha e a ouvi soar dentro da casa.

— Sim? Quem é? — perguntou uma mulher, atrás da porta artificialmente antiga.

— *Yorkshire Post.*

Seguiu-se uma pausa, e depois a porta foi aberta.

— O que você quer?

A mulher tinha quarenta e poucos anos, cabelos pretos com caro permanente. Vestia calça preta e uma blusa de seda da mesma cor, além de um colar cervical.

Ergui minha mão enfaixada e disse:

— Parece que estivemos na mesma guerra.

— Eu perguntei o que você quer.

O senhor *Long Shot Kick the Bucket* disse:

— É sobre Johnny Kelly.

— O que tem ele? — perguntou Patricia Foster, rapidamente.

— Fiquei pensando se você ou seu marido poderiam ter alguma informação sobre ele.

— Por que teríamos informação sobre ele? — ela perguntou, com uma das mãos sobre a porta e a outra no colar cervical.

— Bem, ele joga no time do seu marido e...

— Não é o time do meu marido. Ele é apenas o diretor.

— Ah, desculpe. Você não sabe nada sobre ele, então?

— Não.

— E não tem ideia de onde poderia estar?

— Não. Olhe, senhor...

— Gannon.

— Gannon? — perguntou Patricia Foster, lentamente, com seus olhos pretos e seu nariz aquilino olhando diretamente sobre mim.

Engoli em seco e perguntei:

— Será que eu poderia entrar e conversar com o seu marido?

— Não. Ele não está em casa, e eu não tenho mais nada a dizer — disse a senhora Foster, fechando a porta.

Tentei detê-la.

— O que você acha que está acontecendo com ele, senhora Foster?

— Vou chamar a polícia, senhor Gannon, e também o meu bom amigo Bill Hadden, o seu chefe — ela disse por trás da porta, trancando-a.

— E não se esqueça de ligar também para o seu marido — eu gritei, depois me virei e desci correndo, praguejando aquelas malditas casas.

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, numa cabine telefônica da Barnsley Road, olhando para o chão, desafiando as cobras.

— Câmara de Wakefield, por favor?

— 361234.

Olhei para o relógio de meu pai, pensando: “Meio a meio”.

— Conselheiro Shaw, por favor?

— Sinto muito, mas o senhor Shaw está numa reunião.

— É uma emergência familiar.

— Poderia me dizer seu nome, por favor?

— Sou um amigo da família. É uma emergência.

Olhei para o outro lado da rua, para as fachadas aconchegantes com suas luzes amareladas e árvores de Natal.

Uma voz diferente disse:

— O senhor Shaw está na prefeitura. O número é 361236.

— Obrigado.

— Não é nada sério, espero?

Desliguei, voltei a pegar o fone e disquei novamente.

— Conselheiro Shaw, por favor?

— Sinto muito, o senhor Shaw está numa reunião.

— Eu sei. Mas é um assunto de urgência familiar. No seu escritório me passaram este número.

Numa das salas do outro lado da rua, uma criança me observava de um quarto escuro. No andar de baixo, um homem e uma mulher assistiam televisão, com as luzes desligadas.

— Aqui é o conselheiro Shaw.

— O senhor não me conhece, mas é muito importante que se encontre comigo.

— Quem é? — perguntou uma voz, nervosa e com raiva.

— Precisamos conversar, senhor.

— Por que eu conversaria com você? Quem é você?

— Acho que alguém está a ponto de chantegeá-lo.

— Quem? — a voz implorava, com medo.

— Precisamos nos ver, senhor Shaw.

— Como?

— O senhor sabe.

— Não, não sei — a voz tremia.

— O senhor tem uma cicatriz de apendicite, que foi beijada por um amigo em comum, uma pessoa de cabelo laranja.

— O que você quer?

— Qual é o seu carro?

— Um Rover. Por quê?

— De que cor?

— Marrom, púrpura.

— Apareça no estacionamento de longo período da Westgate Station às nove, amanhã de manhã. Sozinho.

— Não posso.

— Mas encontrará uma maneira.

E desliguei, com meu coração a mil por hora.

Olhei para a janela em frente, mas a criança desaparecera.

Edward Dunford, repórter policial no norte da Inglaterra, jogando uma praga em todas aquelas casas.

— Onde você esteve?

— Por todos os lados.

— Você o viu?

— Posso entrar?

A senhora Paula Garland abriu a porta vermelha, abraçando o próprio corpo.

Um cigarro queimava num cinzeiro pesado de vidro. *Top of the Pops* na televisão, baixinho.

— Como ele é?

— Feche a porta, meu amor. Está frio.

Paula Garland fechou a porta e ficou olhando para mim.

Na televisão, Paul Da Vinci cantava *Your baby ain't your baby anymore.*

Uma lágrima rolou do olho esquerdo de Paula, caindo em sua bochecha branca como leite.

— Ela está morta, então.

Eu me aproximei e abracei Paula, sentindo sua espinha sob o fino cardigã vermelho.

Estava de costas para a televisão e não ouvi os aplausos nem o início de *Father Christmas do not touch me.*

Paula ergueu a cabeça, e eu beijei o canto de seu olho, sentindo o gosto de sal em sua pele molhada.

Ela sorria para a televisão.

Eu me virei de lado e vi quando Pan’s People, vestido de Papai Noel Sexy, brincava entre os Goodies, com os cabelos brilhando por conta dos enfeites.

Ergui o corpo de Paula, deixando seus pés pequeninos em cima dos meus sapatos, e começamos a dançar, batendo a parte de trás de nossas pernas nos móveis, até ela começar a sorrir, chorando e me abraçando com força.

Acordei de repente, na cama de Paula.

No andar de baixo, a sala estava quieta e cheirava a fumaça velha.

Não acendi a luz, mas me sentei no sofá vestindo cueca e colete e peguei o telefone.

— Posso falar com BJ? — murmurei.

O barulho do relógio tomava conta da sala.

— Que sorte — murmurou BJ do outro lado da linha.

— Você conhece Derek Box?

— Infelizmente, ainda não tive o prazer.

— Mas ele te conhece, e conhecia Barry.

— O mundo é pequeno.

— Sim, e não é nada bonito. Ele me deu algumas fotos.

— Que legal.

— Chega de brincadeira, BJ. São fotos de você chupando o pau do conselheiro William Shaw.

Silêncio. Apenas *Aladdin sane*, e do outro lado do mundo.

Perguntei:

— O conselheiro Shaw é o Terceiro Homem de Barry, certo?

— Resposta correta.

— Vai se foder.

A luz foi acesa.

Paula Garland estava de pé no último degrau, o cardigã vermelho mal cobria seu corpo.

Eu sorri e murmurei desculpas, com o fone suado na mão.

— O que você vai fazer? — perguntou BJ, do outro lado da linha.

— Vou perguntar ao conselheiro Shaw coisas que Barry nunca perguntou.

BJ suspirou.

— Não se envolva nisso.

Eu olhava para Paula quando disse:

— Não deveria me envolver? Já me envolvi. E foi você o babaca que me envolveu nisso.

— Você não está envolvido com Derek Box, Barry também não estava.

— Segundo o próprio Derek Box, estou envolvido, sim.

— Isso é entre ele e Donald Foster. Essa merda de guerra é entre eles dois, deixe-os pra lá.

— Você mudou de tom. O que está dizendo?

Paula Garland olhava para mim, puxando a barra do cardigã.

Levantei as sobrancelhas, pedindo desculpas.

— Que se foda Derek Box. Queime as fotos ou fique com elas para você. Talvez encontre algum uso — disse BJ.

— Vai se foder. Isso é sério.

— Claro que é sério, Eddie. O que você acha? Barry está morto, e eu nem pude ir ao funeral, pois estou morrendo de medo.

— Você é um mentiroso — eu disse, e desliguei.

Paula Garland continuava me olhando.

Eu, perdido.

— Eddie?

Eu me levantei, o sofá de couro machucava minhas pernas nuas.

— Quem era?

— Ninguém — respondi, passando por ela na escada.

Fui ao banheiro e peguei um analgésico no bolso de meu paletó.

— Você não pode continuar me deixando de fora assim — ela disse, subindo a escada.

Peguei minha calça e a vesti.

Paula Garland estava na porta do quarto, dizendo:

— A minha menina morreu, o meu marido se matou, o meu irmão foi embora.

Eu lutava com os botões da camisa.

— E você se envolveu em toda essa maldita confusão — ela disse, com lágrimas caindo dos olhos no carpete do quarto.

Sem fechar todos os botões da camisa, vesti o paletó.

— Ninguém te obrigou — ela disse.

Aproximei a mão enfaixada do rosto dela e perguntei:

— E isso? O que você acha disso?

— Foi a melhor coisa que já aconteceu com você.

— O quê?

— Por quê? O que você vai fazer?

Ficamos de pé na porta do quarto, no topo da escada, cercados pelo silêncio e pela noite, olhando um para o outro.

— Mas você não se importa. Certo, Eddie?

— Foda-se — resmunguei, descendo a escada e saindo pela porta.

— Você não se importa mesmo, não é?

8

Semana do ódio.

Aurora do dia 20 de dezembro de 1974, sexta-feira.

Acordei no chão do quarto 27, coberto por uma nevasca de papéis com listas anotadas em vermelho.

Listas, listas que eu fazia desde o momento em que saí da casa de Paula.

Uma grande caneta vermelha em minha mão esquerda, a cabeça cheia de perguntas, com listas ilegíveis no verso do papel de parede.

Listas de nomes.

Listas de datas.

Listas de lugares.

Listas de garotas.

Listas de garotos.

Listas de corruptos, dos que já tinham sido envolvidos e dos corruptíveis.

Listas da polícia.

Listas de testemunhas.

Listas de famílias.

Listas de desaparecidos.

Listas de acusados.

Listas de mortos.

Eu estava mergulhado em listas, mergulhado em informação.

E a ponto de escrever uma lista de jornalistas, mas cortei o papel em malditos confetes, cortando minha mão esquerda e com a direita adormecida.

NÃO DIGA QUE EU NÃO ME IMPORTO, PORRA!

De costas, eu pensava nas listas de mulheres que comi.

Aurora do dia 20 de dezembro de 1974, sexta-feira.

Semana do ódio.

Trazendo a dor à tona.

Nove da manhã, no estacionamento da Westgate Station, Wakefield.

Fiquei sentado no Viva, congelando, observando o Rover 2000 púrpura escuro entrando ali, com uma única foto em preto e branco no envelope pardo ao meu lado.

O Rover estacionou na vaga mais distante da entrada.

Deixei que ele ficasse esperando enquanto eu ouvia a rádio, as notícias do cessar-fogo do IRA, dos esforços contínuos de Michael John Myshkin para ajudar a polícia em seus inquéritos, de imagens do ministro John Stonehouse em Cuba e do casamento falido de Reggie Bosanquet.

Ninguém se movia no interior do Rover.

Acendi mais um maldito cigarro e, só para mostrar quem era a porra do chefe por ali, subi o volume de *Little drummer boy*, da Petula.

O motor do Rover estava ligado.

Coloquei a foto no bolso do meu paletó, liguei o gravador e abri a porta.

O motor do Rover foi desligado, e eu me aproximei, sob aquela luz cinzenta.

Bati no vidro do lado do passageiro e abri a porta.

Olhei para o banco de trás vazio e entrei, fechando a porta.

— Olhe para a frente, conselheiro.

O carro estava quente, era caro e cheirava a cachorro.

— O que você quer? — ele perguntou, e não soava nervoso nem com medo, apenas resignado.

Eu também fiquei olhando para a frente, tentando não olhar para aquela figura magra, cinzenta e respeitável, com suas luvas para dirigir agarrando o volante de um carro estacionado.

— Eu perguntei o que você quer — ele disse, olhando para mim.

— Continue olhando para a frente, conselheiro — eu disse, tirando a foto do bolso e colocando-a no painel, na frente dele.

Com uma das mãos, William Shaw pegou a foto de BJ chupando seu pau.

— Sinto muito, é uma foto e tanto — eu disse, sorrindo.

Shaw atirou a foto no chão, bem ao lado dos meus pés.

— Isso não prova nada.

— Quem disse que eu quero provar alguma coisa? — perguntei, pegando a foto.

— Poderia ser qualquer um.

— Poderia. Mas não é, certo?

— Mas o que você quer?

Eu me inclinei para a frente e peguei o acendedor de cigarros logo abaixo do rádio do carro.

— Esse homem na foto, quantas vezes vocês se encontraram?

— Por quê? Por que você quer saber isso?

— Quantas vezes? — repeti.

Shaw apertou as luvas no volante.

— Três ou quatro vezes.

Acendi e apaguei o isqueiro, e Shaw tremeu.

— Dez vezes, talvez mais.

Pus um cigarro na boca e o acendi, agradecendo a Deus, mais uma vez, por ter ajudado este homem de um braço só.

— Como vocês se encontraram?

O conselheiro fechou os olhos e disse:

— Ele se apresentou.

— Quando? Onde?

— Num bar de Londres.

— Londres?

— Numa conferência do governo local, em agosto.

Eles te enrolaram, conselheiro, pensei: “Eles te enrolaram direitinho”.

— E depois o encontrou novamente aqui?

Ele fez que sim.

— E esse homem te chantageou?

Mais uma vez, ele fez que sim.

— Quanto?

— Quem é você?

Olhei para o estacionamento, os anúncios da estação ecoando acima dos carros vazios.

— Quanto você deu a ele?

— Algumas centenas de libras.

— E o que ele disse?

Shaw suspirou.

— Que era para uma operação.

— Mencionou algo mais?

— Disse que alguns homens queriam me fazer mal e que ele me protegeria.

Olhei para o painel do carro, tinha medo de olhar novamente para ele.

— Quem?

— Não disse nomes.

— E disse por que queriam te fazer mal?

— Não precisou dizer.

— Quero que me conte.

O conselheiro soltou o volante, olhando em volta:

— Primeiro me diga quem é você.

Eu me virei rapidamente, colocando a foto bem na cara dele, esfregando sua bochecha direita contra o vidro da porta do motorista.

Mas não soltei, pressionei ainda mais, murmurando no ouvido dele:

— Eu sou um homem que poderia te fazer mal bem rapidamente, porra. Comece a responder às minhas perguntas.

O conselheiro William Shaw balançava as mãos sobre as coxas, resignado.

— Vai me contar tudo agora, veado maldito.

Deixei a foto cair no chão e me recostei no banco.

Shaw inclinou o corpo em direção ao volante, passando as luvas contra o rosto, com lágrimas e veias saltando nos olhos.

Após quase um minuto, ele disse:

— O que você quer saber?

Ao longe, do outro lado do estacionamento, eu podia ver um pequeno trem local entrando na Westgate Station, jorrando seus pequenos passageiros na fria plataforma.

Fechei os olhos e disse:

— Preciso saber por que eles queriam chantageá-lo.

— Você sabia — disse Shaw, fungando o nariz e se recostando no banco.

Eu me virei abruptamente, batendo em sua bochecha:

— Diga, porra!

— Por conta dos acordos que eu fiz. Por conta das pessoas com as quais fiz acordos. Por conta do maldito dinheiro.

— O dinheiro — eu repeti, sorrindo. — Sempre o dinheiro.

— Eles querem o dinheiro. Você quer números, datas? — Shaw estava histérico, tapando o rosto.

— Eu não dou a mínima para essas chantagens de merda, não quero saber das suas fraquezas nem dos seus malditos acordos, mas quero ouvir você falando sobre tudo isso.

— Falando sobre o quê? O que você quer que eu diga?

— Nomes. Quero que me diga os malditos nomes!

— Foster, Donald Richard Foster. É isso o que você quer?

— Vá em frente.

— John Dawson.

— Ninguém mais?

— Esses são todos os que importam.

— E quem quer entrar?

Em tom calmo e lentamente, Shaw perguntou:

— Você é um maldito jornalista, não é?

— Você conheceu um cara chamado Barry Gannon?

— Não — gritou Shaw, batendo a cabeça contra o volante.

— Você é um mentiroso. Quando o encontrou?

Shaw manteve a cabeça contra o volante, tremendo.

De repente, sirenes tocaram por Wakefield.

Eu fiquei paralisado, com um nó na barriga e no saco.

As sirenes pararam.

— Eu não sabia que ele era jornalista — murmurou Shaw.

Engoli em seco e disse:

— Quando?

— Duas vezes apenas.

— Quando?

— No mês passado, em algum momento do mês passado, depois uma semana atrás, na última sexta-feira.

— E contou isso a Foster?

— Tive que contar. Não poderia seguir em frente, simplesmente não poderia.

— O que ele disse?

Shaw ergueu os olhos, o branco de seus olhos estava vermelho.

— Quem?

— Foster. Disse que lidaria com isso.

Olhei para o outro lado do estacionamento, para o trem de Londres, que chegava, pensando nos apartamentos com vista para o mar e nas meninas do sul.

— Ele está morto.

— Eu sei — murmurou Shaw. — O que você vai fazer?

Fiquei de boca fechada e abri a porta do carro.

O conselheiro estava com a foto nas mãos, segurando-a na minha direção.

— Fique com ela, é sua — eu disse, saindo do carro.

— Ele está tão branco! — disse William Shaw, sozinho em seu carro caríssimo, olhando para a fotografia.

— O que você disse?

Shaw curvou o corpo para fechar a porta.

— Nada.

Eu me inclinei para dentro do carro, segurando a porta ainda aberta, gritando:

— Que merda você acabou de dizer?

— Eu disse que ele parece diferente, só isso. Mais pálido.

Eu bati a porta, cruzando o estacionamento, pensando no maldito Jimmy James Ashworth.

Cento e quarenta quilômetros por hora.

Uma das mãos no porta-luvas, a mão enfaixada sobre o volante, buscando entre as pílulas e os mapas, os esfarrapados e os gays.

Tocava The Sweet no rádio.

Olhadelas nervosas no retrovisor.

Busquei o gravador, que tirei do bolso, substituindo a fita por outra.

Rebobinar.

Play.

“Era como se ela tivesse rolado ou algo assim.”

Para a frente.

Play.

“Eu não acreditava que era ela.”

Ouvir.

“Ela parecia diferente, tão branca.”

Para.

Fitzwilliam.

Newstead View, número 69, luzes da televisão acesas.

Quarenta quilômetros por hora, subindo o jardim.

Bato, bato, bato, bato na porta.

— O que você quer? — perguntou a senhora Ashworth, tentando fechar a porta na minha cara.

Eu meti um pé na porta, forçando-a.

— Você não pode simplesmente ir entrando na casa das pessoas.

— Onde ele está? — perguntei, passando de raspão num dos seios dela.

— Ele não está aqui. Venha, volte aqui.

Subi a escada, abrindo as portas.

— Estou chamando a polícia — gritou a senhora Ashworth, do sopé da escada.

— Faça como quiser, querida — eu disse, olhando para a cama desfeita e um pôster do Leeds United, sentindo o cheiro de umidade do inverno e punhetas adolescentes.

— Estou avisando — ela gritou.

— Cadê ele? — perguntei ao descer a escada.

— Está no trabalho.

— Em Wakefield?

— Não sei, ele nunca diz.

Olhei para o relógio de meu pai.

— A que horas ele sai?

— A van veio às quinze para as sete, como sempre.

— Ele é amigo de Michael Myshkin, certo?

A senhora Ashworth deixou a porta aberta, com os lábios apertados.

— Senhora Ashworth, eu sei que eles são amigos.

— Jimmy sempre teve muita pena dele. Ele é assim, é o seu caráter.

— Muito comovente, com certeza — eu disse, saindo pela porta.

— Isso não significa nada — ela gritou.

Abri a porta da rua e olhei para o destruído número 54.

— Espero que seus vizinhos concordem.

— Você está sempre dizendo coisas sem sentido, você e seus amigos — ela gritou, batendo a porta.

Desci a Barnsley Road em direção a Wakefield. Olhadelas no espelho retrovisor.

Rádio ligado.

Jimmy Young e o arcebispo de Canterbury debatendo *Estupro anal* e *O exorcista*.

"Deveriam banir os dois. Nojentos, é o que eles são."

Passando pelas luzes de Natal e pelos primeiros pingos de chuva, pela prefeitura e pela administração do condado.

"O exorcismo, como praticado pela Igreja Anglicana, é um profundo rito religioso e não algo que deva ser tratado levianamente. Este filme cria uma impressão totalmente falsa do exorcismo."

Estacionei em frente ao Lumbs Dairy, ao lado da biblioteca Drury Lane, e a chuva caía fria, cinzenta e pesada.

"Se você tirar a culpa do sexo, tira a culpa da sociedade, e eu não acho que a sociedade possa funcionar sem culpa."

Desliguei o rádio.

Fiquei sentado no carro, fumando, observando os caminhões de leite vazios retornando às centrais.

Pouco mais de onze e meia.

Passei correndo na frente da prisão, em direção ao edifício com a placa Foster's Construction brilhando sob a chuva.

Abri a porta de uma casa inacabada, o rádio tocava *Tubular bells.*

Três homens grandalhões, fedendo e fumando.

— Porra, de novo, não — disse um dos grandalhões, com um sanduíche na boca e um recipiente de chá na mão.

Eu disse:

— Estou procurando Jimmy Ashworth.

— Ele não está aqui — disse o outro grandalhão, com as costas de sua jaqueta NCB viradas para mim.

— E Terry Jones?

— Também não — respondeu o cara da jaqueta, fazendo os demais sorrir.

— Vocês sabem onde eles estão?

— Não — disse o homem com o sanduíche.

— E Gaffer, está por aqui?

— Hoje não é o seu dia de sorte.

— Obrigado — eu disse, pensando: “Foda-se, babaca”.

— Não mencione isso — disse o homem com o sanduíche, que sorria enquanto eu ia embora.

Levantei a lapela de meu paletó e meti a mão enfaixada no bolso, bem fundo. Lá dentro, junto ao isqueiro de Paul e velhas moedas, encontrei uma pena.

Caminhei entre pilhas de tijolos baratos e casas ainda sendo construídas em direção a Devil’s Ditch, pensando na última fotografia escolar de Clare, com seu sorriso bonito e nervoso, presa em minha parede no Redbeck.

Ergui os olhos, tinha a pluma entre os dedos.

Jimmy Ashworth corria pelo terreno baldio na minha direção, grandes gotas de sangue pingavam de seu nariz e depois no peito branco e magro.

— Que merda está acontecendo? — gritei.

Ele passou a caminhar mais devagar ao aproximar-se de mim, fingindo que nada acontecera.

— O que aconteceu com você?

— Cale a boca, por favor.

A distância, Terry Jones surgia logo atrás de Jimmy, vindo de Devil’s Ditch.

Agarrei o braço de Jimmy.

— O que ele te disse?

Ele tentou se livrar de mim, gritando:

— Me solta!

Agarrei o outro braço de seu paletó.

— Você a tinha visto antes, certo?

— Não fode!

Terry Jones corria, dando adeus em nossa direção.

— Você contou a Michael Myshkin sobre ela, certo?

— Foda-se — gritou Jimmy, conseguindo soltar seu paletó e mão e começando a correr.

Eu também corri, derrubando-o na lama.

Ele caiu bem na minha frente.

Eu o prendi no chão, gritando:

— Onde você viu essa menina, porra?

— Foda-se! — gritava Jimmy, sem parar, olhando para o céu cinzento acima de nós dois, o céu que molhava tudo aquilo, criando a lama que sujava seu rosto.

— Quero que me diga onde.

— Não.

Bati com a mão enfaixada em seu rosto, sentindo uma dor subindo pelo meu braço em direção ao meu coração, gritando:

— Fala!

— Deixe o Jimmy em paz — disse Terry Jones, puxando-me para trás ao agarrar o colarinho do meu paletó.

— Vai se foder — eu disse, esticando os braços na tentativa de atingir Terry Jones.

Jimmy Ashworth, livre do peso das minhas pernas, conseguiu se levantar, e com o peito exposto correu em direção às casas, sob a chuva, atravessando a lama, com sangue escorrendo sobre suas costas nuas.

— Jimmy! — eu gritei, lutando contra Terry Jones.

— Deixa isso pra lá — disse Jones.

Ao lado das casas, três homens grandalhões estavam de pé, sorrindo quando Jimmy passou perto deles.

— Ele a viu antes.

— Deixa isso pra lá!

Jimmy Ashworth não parava de correr.

Os três grandalhões pararam de sorrir e começaram a andar na minha direção e na de Terry Jones.

Ele me soltou, murmurando:

— Melhor cair fora.

— Eu vou te pegar, Terry Jones.

Terry Jones pegou a camisa e o paletó de Jimmy Ashworth.

— Vai perder o seu tempo.

— Sério?

— Sério — ele disse, com um sorriso triste.

Virei de costas e caminhei em direção a Devil’s Ditch, limpando a lama das mãos na calça.

Ouvi um tiro e busquei Terry Jones, que tinha os braços erguidos e levava os três grandalhões de volta à casa semiconstruída.

Nenhum sinal de Jimmy Ashworth.

Fiquei de pé ao lado do Ditch, olhando para os carrinhos de bebê e bicicletas jogadas por ali, para os fogões e geladeiras, pensando que toda a vida moderna estava presente ali, incluindo Clare Kemplay, de dez anos.

Meus dedos estavam pretos de sujeira, e peguei a pequena pena branca do bolso.

No Devil's Ditch, olhei para o céu escuro e coloquei a pena sobre meus lábios, pensando... se não tivesse sido ela...

Strafford Arms, Bullring, Wakefield.

O centro morto de Wakefield, sexta-feira anterior ao Natal.

Homem da Lama, subi a escada e entrei.

Somente para membros.

— Tudo bem, Grace, ele está comigo — disse Box à mulher que trabalhava no bar.

Derek Box e Paul estavam no bar, com uísques e charutos nas mãos.

Elvis cantava no juke-box.

Apenas Derek, Paul, Grace, Elvis e eu.

Box se levantou e caminhou em direção a uma mesa ao lado da janela.

— Você está uma merda. O que aconteceu?

Eu me sentei na frente dele, dando as costas para Paul e para a porta, olhando para fora, para uma Wakefield molhada.

— Fui a Devil's Ditch.

— Imaginei que outra pessoa estivesse fazendo isso.

— É verdade.

— Melhor deixar para lá algumas coisas — disse Derek Box, examinando o final de seu charuto.

— Como o conselheiro Shaw?

Box voltou a acender o charuto.

— Você se encontrou com ele?

— Sim.

Paul me serviu cerveja e uísque.

Misturei um pouco do uísque na cerveja.

— E?

— Enquanto a gente conversa, ele deve estar com Donald Foster.

— Ótimo.

— Ótimo? Foster matou Barry.

— Provavelmente.

— Provavelmente?

— Barry ficou ambicioso.

— Do que você está falando?

— Você sabe do que estou falando. Barry tinha suas prioridades.

— E daí? Foster deve estar louco. Não podemos deixar essa história pra lá. Precisamos fazer alguma coisa.

— Ele não é louco — disse Box. — Só está motivado.

— Você o conhece bem, ou algo do tipo?

— Estivemos juntos no Quênia.

— A negócios?

— Negócios de Sua Majestade. Fizemos a merda do serviço militar no Highlands, protegendo putas gordas como eu sou agora, lutando contra os malditos Mau-Maus.

— Porra!

— É... Eles desciam as colinas como uma tribo de pele vermelha, estuprando as mulheres, cortando o pau dos homens, dependurando-os em postes.

— Você está brincando?

— Eu pareço estar brincando?

— Não.

— Não éramos anjos, senhor Dunford. Eu estava com Don Foster quando armamos uma cilada com uma maldita Festa de Guerra. Atiramos nos joelhos dos inimigos com uma arma calibre 303, e assim nos divertimos um pouco.

— Caralho.

— Foster foi com calma. Gravou os gritos, o latido dos cães, dizendo que isso o ajudaria a dormir.

Coloquei o isqueiro de Paul em cima da mesa e acendi um cigarro.

Paul trouxe mais duas doses de uísque para mim.

— Era uma guerra, senhor Dunford. Exatamente como agora.

Eu peguei o copo.

Box suava enquanto bebia, com os olhos mergulhados na escuridão, perdidos.

— Um ano atrás, queriam trazer o racionamento de volta. Agora a inflação está a 25%.

Eu tomei um bom gole de uísque, bêbado, assustado e de saco cheio.

— O que isso tem a ver com Barry ou Don Foster?

Box acendeu outro charuto e suspirou.

— O problema com a sua geração é que vocês não sabem de nada. Por que acham que o homem com a barra venceu o homem com o cachimbo em 1970?

— Wilson foi complacente.

— Complacente é o caralho — disse Box, sorrindo.

— Por quê, então?

— Porque caras como Cecil King, Norman Collins, Lord Renwick, Shawcross, Paul Chambers do ICI, Lickwood da EMI e McFadden da Shell, e outros como eles, se sentaram e decidiram que já era hora.

— E daí?

— Esses homens têm poder, poder de construir ou destruir os demais.

— E o que isso tem a ver com Foster?

— Você não está me escutando, porra!

— Por favor...

— O poder é como cola. Ele une homens como nós, mantém tudo em seu devido lugar.

— Você e Foster são...

— Somos farinha do mesmo saco, eu e ele. Gostamos de foder e ganhar dinheiro e não somos muito exigentes na maneira de fazer isso. Mas ele ficou grande demais, dá passos maiores que as pernas, e está me jogando para escanteio, e isso me deixa puto.

— Por isso usou a mim e a Barry para chantagear seus amigos?

— Nós tínhamos um acordo... eu, Barry e outro homem. Esse outro homem está morto. Esperaram sua volta da Austrália e o pegaram quando saía do apartamento da mãe, em Blackpool. Amarraram seus braços atrás do corpo com uma toalha e depois amarraram seu corpo com fita isolante, dos ombros à cintura. Colocaram na mala do carro e o levaram a Moors. Ao amanhecer, três homens o seguraram e um quarto afundou uma faca no coração dele, cinco vezes.

Eu olhava para baixo, para meu copo de uísque, sentindo aquela sala girar

lentamente.

— Eles mataram meu irmão. Ele voltava para casa naquele maldito dia.

— Sinto muito.

— No funeral, havia um cartão. Sem nome, dizia apenas: *Três podem manter um segredo, se dois estiverem mortos.*

— Não quero me envolver nisso — eu disse, calmo.

Box fez um sinal para Paul, dizendo que se aproximasse, e falou:

— Parece que te supervalorizamos, senhor Dunford.

— Sou apenas um jornalista.

Paul surgiu logo atrás de mim, pousando sua mão firme em meu ombro.

— Você vai fazer o que dissermos, senhor Dunford, e conseguirá sua história. Deixe o resto conosco.

Eu disse mais uma vez:

— Não quero fazer parte disso.

Box estalou os dedos e disse, sorrindo:

— Não diga merda. Você já faz parte disso.

Paul me ergueu pelo colarinho.

— Agora dê o fora daqui!

Homem de Lama correndo.

Voltando para Westgate.

Merda, merda, merda.

Barry e Clare.

A pequena e morta Clare Kemplay beijou esse menino e o fez chorar.

Clare e Barry.

Maldito Barry; quando era bom, era muito, muito bom, mas quando era mau, era muito, muito mau.

Um policial estava de pé na porta, evitando a chuva. Eu, louco de vontade de atirar-me a seus pés, rezando para que fosse um bom homem, e assim poder contar a maldita e triste história para ele, protegendo-me da chuva.

Mas contar o quê?

Contar que eu estava perdido, sujo de lama e bêbado como um gambá?

Homem de Lama, direto para Leeds, com a sujeira estalando enquanto eu dirigia.

Homem de Lama, direto ao pântano da redação, envolto na merda.

Um rosto limpo e uma mão limpa, um terno sujo e um curativo preto, sentado em minha mesa, às três da tarde do dia 20 de dezembro de 1974, sexta-feira.

— Bonito terno, Eddie.

— Vai se foder, George.

— Feliz Natal para você também.

Recados e cartões tomavam conta da minha mesa. O sargento Fraser ligara duas vezes naquela manhã, Bill Hadden exigia minha presença o mais cedo possível.

Eu me recostei na cadeira, George Greaves peidava, para o aplauso dos poucos que tinham voltado do almoço.

Eu sorri e peguei os cartões. Três de Dows South, e outro com o meu nome escrito num pedaço de fita de identificação em alto-relevo colado num envelope.

Do outro lado da redação, Gaz recolhia apostas para o jogo entre Newscatle e Leeds.

Abri o envelope e, usando os dentes e a mão esquerda, peguei o cartão.

— Quer participar, Eddie? — gritou Gaz.

O cartão estampava uma cabana de madeira num campo nevado.

— Dez no Lorimer — eu respondi, abrindo o cartão.

— Jack já fez essa aposta.

Além da mensagem de Natal, encontrei mais dois pedaços de fita de identificação em alto-relevo.

Em tom calmo, eu disse:

— No Yorath, então.

Na primeira fita estava escrita a mensagem: BATA NA PORTA DO...

— O quê?

Na segunda fita: APARTAMENTO 405, CITY HEIGHTS.

— Yorath — eu disse, olhando para o cartão.

— De alguém que eu conheça?

Ergui os olhos.

Jack Whitehead disse:

— Espero que tenha sido enviado por uma mulher.

— O que você quer dizer?

— Ouvi dizer que você esteve por aí com um jovenzinho — disse Jack, sorrindo.

Coloquei o cartão no bolso do paletó.

— Sério?

— Sério. Com cabelo laranja.

— E ouviu isso de quem, Jack?

— De um passarinho.

— Você fede a bebida.

— Você também.

— É Natal.

— Não por muito tempo — disse Jack, com um sorriso amarelo. — O chefe quer te ver.

— Eu sei — respondi, sem me mover.

— Ele me pediu que viesse te chamar. Não queria perdê-lo de vista novamente.

— Vai me levar de mão dada?

— Você não é o meu tipo.

— Bobagem.

— Foda-se, Jack. Ouça.

Apertei o *play* novamente:

"Eu não acreditava que era ela. Parecia tão diferente. Tão branca."

— Bobagem — disse Jack mais uma vez. — Ele está falando sobre fotos nos jornais, na televisão.

— Eu não sei.

— O rosto dela estava por todo lado.

— Ashworth sabe mais do que isso.

— O idiota do Myshkin confessou.

— Isso significa *foda-se tudo,* e você sabe disso.

Bill Hadden sentou-se atrás de sua mesa, com os óculos caídos no meio do nariz, coçando a barba, mudo.

— Você precisa ver toda a merda que pegaram no quarto daquele pervertido.

— O quê, por exemplo?

— Fotos de meninas, caixas de fotos.

Olhei para Hadden e disse:

— Não foi Myshkin.

Pausadamente, ele perguntou:

— Mas por que usariam esse cara?

— Por que você acha? Tradição.

— Trinta anos — disse Jack. — Trinta anos, e eu sei que os bombeiros nunca mentem, embora os policiais costumem mentir. Mas não desta vez.

— Eles sabem que não foi ele, e você também sabe.

— Foi ele. Ele confessou.

— E daí?

— Você nunca ouviu a palavra forense?

— Isso é bobagem. Eles não têm nada.

— Senhores, senhores — disse Hadden, inclinando o corpo na poltrona. — Acho que já conversamos sobre isso antes.

— Exatamente — murmurou Jack.

— Não, antes eu achava que Myshkin fosse o culpado, mas...

Hadden ergueu as mãos.

— Edward, por favor.

— Sinto muito — eu disse, olhando para os cartões na mesa.

Ele perguntou:

— Quando o interrogarão novamente?

— Vai ser a primeira coisa a ser feita na segunda-feira — disse Jack.

— Novas acusações?

— Ele já confessou Jeanette Garland e o Rochdale...

— Susan Ridyard — eu disse.

— Dizem que vem mais por aí.

— Ele falou alguma coisa sobre onde estão os corpos? — perguntei.

— No quintal da casa dele, Senhor Furo.

— Certo — disse Hadden, bancando o pai. — Edward, prepare o pano de fundo sobre Myshkin para segunda-feira. Jack, você cuida da custódia.

— Certo, chefe — disse Jack, levantando-se.

— Bom texto aquele sobre os dois policiais — disse Hadden, agora bancando o pai orgulhoso.

— Obrigado. Eram caras legais. Eu os conheço há algum tempo — disse Jack, já na porta.

— Nos vemos amanhã à noite, Jack — disse Hadden.

— Certo. Até mais, Senhor Furo — disse Jack, sorrindo ao ir embora.

— Adeus. — Fiquei de pé, ainda olhando para os cartões na mesa de Hadden.

— Sente-se um momento — disse Hadden, levantando-se.

Eu me sentei.

— Edward, quero que tire o resto do mês de folga.

— O quê?

Hadden estava de costas para mim, olhando para o céu escuro do lado de fora.

— Não entendi — eu disse, embora o tivesse entendido perfeitamente, e focava num pequeno cartão entre os demais.

— Não quero que venha ao meu escritório assim.

— Assim como?

— Assim — ele disse, girando o corpo e apontando para mim.

— Estive num canteiro de obras esta manhã, em busca de uma história.

— Que história?

— Clare Kemplay.

— Está terminada.

Olhei para a mesa, para aquele cartão, vendo mais uma cabana de madeira em meio a um campo nevado.

— Tire o resto do mês livre. Vai cuidar dessa mão — disse Hadden, sentando-se novamente, perguntando:

Eu me levantei.

— Você ainda quer o texto sobre Myshkin?

— Ah, claro. Escreva e entregue-o a Jack.

Eu abri a porta, pensando: “Que se fodam todos”.

— Você conhece os Foster?

Hadden não ergueu os olhos da mesa.

— O conselheiro William Shaw?

Ele ergueu os olhos.

— Sinto muito, Edward. Sinto mesmo.

— Não. Você tem razão — eu disse. — Preciso de ajuda.

Na minha mesa pela última vez, pensando: “Leve isso ao cenário nacional, meta tudo

numa bolsa suja do Co-op, sem ligar para quem note a minha falta".

O maldito Jack Whitehead abriu o *Evening News* em sua mesa vazia, gritando:

— Algo para sermos lembrados.

Eu olhei para Jack, contando de trás para a frente.

A redação ficou em silêncio, todos os olhos pregados em mim.

Jack Whitehead olhava para mim, sem piscar.

Olhei para o jornal aberto em minha mesa, para a manchete: CONTINÊNCIA PARA VOCÊ.

— Leia.

Um telefone tocava do outro lado da sala, mas ninguém atendia.

Olhei para a metade inferior da página, para uma foto de dois policiais uniformizados apertando a mão do delegado Angus.

Dois policiais uniformizados:

O mais alto com barba, o mais baixo, sem.

Olhei para o jornal, para a foto, e para as palavras logo abaixo da foto:

O delegado Angus dá os parabéns ao sargento Bob Craven e a Bob Douglas pelo trabalho bem-feito:

"São ótimos policiais que merecem o nosso sincero agradecimento."

Peguei o jornal e dobrei-o em dois, metendo na bolsa e piscando um olho:

— Obrigado, Jack.

Jack Whitehead não respondeu.

Peguei a bolsa e saí da redação silenciosa.

George Greaves olhava para fora da janela, Gaz do "Esportes" olhava para a própria caneta.

O telefone começou a tocar em minha mesa.

Jack Whitehead atendeu.

Na porta, Gorda Steph, cheia de pastas nas mãos, sorriu e disse:

— Sinto muito, querido.

— É o sargento Fraser — gritou Jack, da minha mesa.

— Diga a ele que vá se foder. Eu fui demitido.

— Ele foi demitido — disse Jack, desligando.

Um, dois, três, quatro, escada abaixo em direção à porta.

Press Club, apenas para membros, quase cinco horas.

Postei-me no bar, pois eu era membro até então, com um uísque nas mãos, o telefone na outra.

— Alô. Poderia falar com Kathryn, por favor?

Yesterday Once More no juke-box, meu dinheiro.

— Sabe quando volta?

Fodam-se os Carpenters, eu tinha os olhos pregados em minha própria fumaça.

— Poderia dizer a ela que Edward Dunford ligou?

Desliguei, tomei o uísque e acendi mais um cigarro.

— Mais uma dose, meu amor.

— E outra para mim, Beth.

Dei uma olhada em volta.

O maldito Jack Whitehead.

— Você está brincando comigo ou algo parecido?

— Não.

— Então o que você quer, porra?

— Temos que conversar.

— Por quê?

Beth serviu duas doses.

— Sério? Grandes novidades, Jack?

Ele me ofereceu um cigarro.

— Quem foi, então, Senhor Furo?

— Que tal começarmos com os seus amigos, os Dois Policiais?

Jack acendeu um cigarro para si mesmo e murmurou:

— O que é isso?

Ergui minha mão direita, passando a atadura no rosto dele, inclinando o corpo para a frente e gritando:

— O que é isso? O que você acha que é?

Jack se afastou, agarrando minha mão enfaixada.

— Eles fizeram isso com você? — perguntou, colocando-me de volta no assento, com os olhos fixos na atadura preta e no final do meu braço.

— Sim, além de queimar acampamentos ciganos, roubar fotos de autópsias e conseguir confissões de um retardado.

— Do que você está falando?

— Isso é apenas a nova Polícia Metropolitana de West Yorkshire fazendo o seu trabalho, apoiada pelo bom e velho *Yorkshire Post*, amigo dos policiais.

— Você está completamente louco.

Eu tomei o uísque.

— É o que todos dizem.

— Melhor escutar o que dizem, então.

— Foda-se, Jack.

— Eddie?

— O quê?

— Pense em sua mãe.

— O que minha mãe tem a ver com isso?

— Ela já não sofreu o bastante? Nem passou uma semana do enterro de seu pai.

Ergui o corpo e coloquei dois dedos contra o peito dele.

— Não meta a minha família nisso.

Eu me levantei e peguei as chaves do carro.

— Você não pode dirigir.

— E você não pode escrever, mas escreve.

Ele se levantou, segurando meus braços.

— Você está sendo envolvido, exatamente como Barry foi envolvido.

— Me solta, porra.

— Derek Box é o cara mais barra-pesada que eu conheço.

— Me solta.

Ele me soltou.

— Não diga que não avisei.

— Foda-se — eu disse, subindo a escada, odiando aquelas mentiras e o mundo sujo no qual ele vivia.

A M1, sentido sul, saindo de Leeds, sete horas, trânsito, começava a cair granizo no para-brisa.

Always on my Mind no rádio.

Seguia na faixa mais rápida, olhando pelo espelho retrovisor, para a esquerda, para o acampamento cigano que desaparecera.

Passeava entre as estações de rádio, evitando as notícias.

De repente chegou a entrada para Castleford, com suas luzes mais fortes que os faróis de um caminhão.

Cruzei três pistas, com buzinas tocando para mim, rostos fantasmagóricos nos carros me xingando.

Muito perto da morte, pensando: “Venha”.

Venha.

Venha.

Bati na porta de...

— Você está bêbado.

— Só quero conversar — disse na frente do número 11, esperando que a porta vermelha fosse batida na minha cara.

— Melhor entrar.

A mulher gorda e escocesa, que vivia duas casas mais abaixo, estava sentada no sofá, vendo *Opportunity Knocks*, olhando para mim.

— Ele tomou algumas... — disse Paula, fechando a porta.

— Não há nada de errado nisso — sorriu a escocesa.

— Sinto muito — eu disse, sentando-me no sofá ao lado dela.

Paula disse:

— Vou preparar um chá.

— Obrigado.

— Você quer outro, Clare?

— Não, eu vou embora — disse ela, seguindo Paula até a cozinha.

Eu me sentei no sofá, em frente à televisão, escutando os murmúrios do cômodo ao lado, vendo uma menina sapateando nos corações e casas de milhões de pessoas. Logo acima dela, no topo da televisão, Jeanette sorria para mim, com seu sorriso amarelo.

— Nos vemos, Eddie — disse a Clare escocesa, na porta.

Pensei em me levantar, mas fiquei sentado e murmurei:

— Certo, boa noite.

— Fique bem — ela disse, fechando a porta.

Houve um aplauso na tela.

Paula me ofereceu uma xícara de chá.

— Aqui está.

Eu disse:

— Sinto muito sobre tudo isso. Sobre ontem à noite.

Ela se sentou ao meu lado no sofá.

— Esquece.

— Fico remoendo toda aquela droga que eu disse ontem. Não queria dizer nada daquilo.

— Está tudo bem, esquece. Não precisa dizer nada.

Robôs alienígenas comiam purê comprado pronto na televisão.

— Eu me importo.

— Eu sei.

Queria perguntar sobre Johnny, mas deixei o chá na mesa e me aproximei dela, tocando seu rosto com a mão esquerda.

— Como vai sua mão? — ela murmurou.

— Tudo bem — respondi, beijando seus lábios, seu queixo e sua bochechas.

— Você não precisa fazer isso — ela disse.

— Eu quero.

— Por quê?

Um macaco com boné na cabeça bebia uma xícara de chá na televisão.

— Porque eu te amo.

— Por favor, não diga coisas que não são verdade.

— Mas isso é verdade.

— Então repete.

— Eu te amo.

Paula me afastou e pegou minha mão, desligando a televisão e me levando para o andar de cima, pela escada.

Quarto da Mamãe e Papai. Estava tão frio que eu via o vapor de minha respiração.

Paula se sentou na cama e começou a abrir a blusa, com sua pele nua totalmente coberta de pelinhos translúcidos.

Fiz com que ela se deitasse, tirando meus sapatos com dois puxões decididos.

Ela se movia sobre mim, tentando se livrar da calça.

Levantei sua blusa e tirei seu sutiã preto, começando a sugar seus mamilos marrom-pálidos, mordiscando-os.

Ela tirava meu paletó e baixava minha calça.

— Você está sujo — ela disse, rindo

— Obrigado — respondi, notando sua risada.

— Eu te amo — ela disse, passando as mãos pelos meus cabelos, empurrando minha cabeça.

Segui para onde ela pediu, abrindo o zíper de sua calça e arrancando junto sua calcinha de algodão azul.

Paula Garland guiou minha cabeça à sua boceta, envolvendo suas pernas nas minhas costas.

Meu queixo ficou molhado.

Ela me puxou com mais força.

Eu obedeci.

— Eu te amo — ela disse.

— Eu te amo — murmurei, com o rosto enfiado em sua boceta.

Ela me puxou para cima, em direção aos seus peitos.

Eu beijava seu corpo, beijava seus lábios com o gosto de seu corpo.

Sua língua na minha, as duas com gosto de boceta.

Eu me levantei, com dor no braço, e deitei-a de costas.

Paula ficou deitada, com o rosto enterrado no travesseiro, vestindo apenas sutiã.

Olhei para o meu pau.

Paula ergueu a bunda um pouquinho, depois voltou a descer.

Eu afastei seus cabelos e beijei sua nuca e orelhas, trabalhando entre suas pernas.

Ela voltou a erguer a bunda, que estava molhada de suor e desejo.

Comecei a esfregar meu pau nos lábios de sua boceta, passando as ataduras em seus cabelos, minha mão esquerda em suas costas.

Ela ergueu a bunda ainda mais alto, aproximando sua boceta do meu pau.

O meu pau tocou a sua bunda.

Ela agarrou meu pau, guiando-o da bunda em direção à boceta.

Dentro e fora, dentro e fora.

Paula, abrindo e fechando as mãos na cama.

Dentro e fora, dentro e fora.

Paula, com o rosto para baixo, punhos cerrados.

Saí rapidamente de seu corpo.

Paula, com os punhos abertos, suspirando.
O meu pau roçou a sua bunda.
Paula, tentando olhar em volta.
Minha mão enfaixada por trás de seu pescoço.
Paula, com uma das mãos buscando meu pau.
O meu pau muito perto do seu cu.
Paula, gritando no travesseiro.
Com força.
Paula Garland, gritando e gritando no travesseiro.
Minha mão enfaixada empurrando sua cabeça, outra acariciando seu ventre.
Paula Garland, tentando livrar-se do meu pau.
Eu, comendo sua bunda com força.
Paula tremendo, em lágrimas.
Dentro e fora, dentro e fora.
Paula, com sangue na bunda.
Dentro e fora, dentro e fora, sangue no meu pau.
Paula Garland, chorando.
Gozando, gozando e gozando novamente.
Paula, chamando por Jeanette.
Eu, gozando novamente.

Cães mortos, monstros e ratos com pequenas asas.

Havia alguém caminhando sobre minha cabeça, acendendo uma lanterna e usando botas pesadas.

Ela estava na rua, apertando um cardigã vermelho ao redor do corpo, sorrindo para mim.

De repente, um pássaro preto enorme desceu do céu e embrenhou-se entre seus cabelos, perseguindo-a pela rua, arrancando grandes tufos de cabelos loiros que sangravam na raiz.

Ela estava caída no meio da rua, com sua calcinha de algodão azul à mostra, como um cão atropelado por um caminhão.

Acordei e voltei a dormir, pensando: “Estou bem agora, estou bem agora, volte a dormir”.

Cães mortos, monstros e ratos com pequenas asas.

Havia alguém caminhando sobre minha cabeça, com uma lanterna e botas pesadas.

Eu estava sentado numa cabana de madeira, olhando para uma árvore de Natal, com o cheiro de comida boa tomando conta da casa.

Peguei uma caixa grande, embrulhada em papel-jornal, que estava sob a árvore, e abri a fita vermelha.

Tirei o papel com cuidado, para que pudesse ler mais tarde.

Olhei para a pequena caixa de madeira sob meus joelhos, acima do papel-jornal e da fita vermelha.

Fechei os olhos e abri a caixa, com as batidas do meu coração tomando conta da casa.

— O que é isso? — ela perguntou, aproximando-se de mim e tocando em meu ombro.

Cobri a caixa com a mão enfaixada.

Ela pegou a caixa das minhas mãos e olhou lá dentro.

A caixa caiu no chão, a casa tinha cheiro de comida boa, as batidas do meu coração, e ela gritando.

Vi aquilo saindo da caixa, rolando pelo chão, escrevendo mensagens com seu rastro sangrento.

— Livre-se disso — ela gritou. — Livre-se disso agora!

Acordei e voltei a dormir, pensando: “Estou bem agora, estou bem agora, volte a dormir”.

Cães mortos, monstros e ratos com pequenas asas.

Havia alguém rondando minha cabeça, com uma lanterna acesa e botas pesadas.

Eu estava acordado, deitado sob uma porta, congelando.

Logo acima de mim, ouvia o som surdo de uma televisão, *Opportunity Knocks.*

Olhei para a escuridão, raios finos de luz se aproximavam.

Acima de mim, eu podia ouvir o som abafado de um telefone tocando e asas batendo.

Olhei para a escuridão, ratos com asas pequenas parecidos com esquilos, com seus rostos peludos e palavras maldosas.

Acima de mim, eu podia ouvir o som abafado de um disco tocando *The Little Drummer Boy.*

Os ratos estavam em meu ouvido, murmurando palavras duras, xingando, quebrando meus ossos. Era pior do que ser atingido por pedaços de madeira ou pedras.

Ao meu lado, o som abafado de crianças chorando.

Pulei para acender a luz, mas ela já estava acesa.

Eu estava acordado, deitado no carpete, congelando.

9

— Que merda é essa?

Um jornal aberto sobre meu rosto me acordou.

Sábado, 21 de dezembro de 1974.

— Você diz que me ama, que se importa, e depois come meu cu e escreve essa merda.

Eu me sentei na cama, coçando o rosto com a mão enfaixada.

Sim, sábado, 21 de dezembro de 1974.

A senhora Paula Garland vestia jeans azul e suéter de lã vermelho, e estava de pé ao lado da cama.

A manchete do *Yorkshire Post* era clara:

CESSAR-FOGO DE NATAL DO IRA: ONZE DIAS.

— O que foi?

— Não me diga isso, seu merda.

— Eu não sei do que você está falando.

Ela pegou o jornal, abriu e começou a ler:

Uma súplica materna, por Edward Dunford

> A senhora Paula Garland, irmã da estrela da liga de rúgbi, Johnny Kelly, chorou ao contar a história de sua vida antes do desaparecimento de sua filha, Jeanette, cinco anos atrás.
>
> “Eu perdi tudo desde aquele dia”, disse a senhora Garland, referindo-se a seu marido Geoff, que se suicidou em 1971, logo após a infrutífera investigação policial sobre o paradeiro de sua filha desaparecida.
>
> “Eu só queria que tudo isso chegasse ao fim”, disse a senhora Garland. “E talvez agora possa chegar.”

Paula parou de ler.

— Continuo?

Eu me sentei na beira da cama, com um lençol tapando o saco, olhando a luz do sol radiante do lado de fora, banhando o fino carpete de flores.

— Eu não escrevi isso.

— Por Edward Dunford.

— Eu não escrevi isso.

> A prisão de um homem de Fitzwilliam, em conexão com o desaparecimento e assassinato de Clare Kemplay, trouxe de volta uma trágica esperança à senhora Garland.
>
> "Nunca imaginei que fosse dizer isso, após todo esse tempo, eu só quero saber o que aconteceu", disse ela, chorando. "E se isso significa saber o pior, tentarei conviver com isso."

— Eu não escrevi isso.

— Por Edward Dunford — ela repetiu.

— Eu não escrevi isso.

— Mentiroso! — gritou Paula Garland, agarrando-me pelos cabelos e me arrastando para fora da cama.

Eu caí nu sobre o fino carpete de flores, repetindo:

— Eu não escrevi isso.

— Vai embora daqui!

— Por favor, Paula — eu disse, buscando minha calça.

Ela me empurrou quando tentei me levantar, gritando:

— Sai daqui! Sai daqui!

— Porra, Paula, me escuta!

— Não! — ela gritou mais uma vez, arrancando um pedaço de carne da minha orelha com a unha.

— Porra — eu gritei, empurrando-a, pegando minhas roupas.

Ela caiu ao lado do guarda-roupa, contorcendo-se e soluçando.

— Eu te odeio.

Vesti minha calça e camisa, com sangue saindo da orelha, e peguei meu paletó.

— Não quero voltar a te ver — ela murmurou.

— Não se preocupe, não será preciso — devolvi, descendo a escada e saindo da casa.

Puta.

O relógio do carro se aproximava das nove; uma brilhante luz invernal me cegava um pouco enquanto eu dirigia.

Puta maldita.

A manhã era clara na A655, com campos planos e marrons até onde meu olhar alcançava.

Puta maldita e ordinária.

O rádio ligado, *The Little Drummer Boy*, de Lulu, com o banco traseiro cheio de bolsas.

Puta maldita ordinária estúpida.

Apitos de hora cheia, meu ouvido ainda afiado, chegavam as notícias:

"A polícia de West Yorkshire lançou uma investigação de assassinato após o descobrimento do corpo de uma mulher num apartamento, ontem, no bairro de St. John desta cidade."

O sangue morria em meus braços, frio.

"A mulher foi identificada como Mandy Denizili, de 36 anos."

Carne estrangulando osso, fora da estrada e seguindo no acostamento.

"A senhora Denizili trabalhava como médium usando o nome de Wymer, e ficou nacionalmente conhecida ao ajudar a polícia em várias investigações. Mais recentemente, a senhora Denizili disse ter levado a polícia até o corpo da estudante Clare Kemplay, o que foi negado com veemência pelo detetive superintendente Peter Noble, o homem que liderava as investigações."

Eu tinha a testa sobre o volante, as mãos na boca.

"Embora a polícia esteja, neste momento, liberando poucos detalhes sobre o crime, acredita-se ter sido perpretado de forma particularmente brutal."

Lutei contra a porta e as ataduras, com a bile descendo pelo banco e chegando ao chão.

“A polícia lançou um apelo a todos os que conhecem a senhora Denizili para que, por favor, entrem em contato com máxima urgência.”

Puta, maldita, ordinária, estúpida, louca.

Do lado de fora do carro, de joelhos, com a bile descendo pelo meu queixo, em direção à sujeira.

Puta, maldita, ordinária.

Cuspindo bile e saliva, aquele grito em meus ouvidos quando ela caiu de bunda no chão, aqueles braços e pernas esticados, aquela saia campestre subindo.

Puta maldita.

Cascalhos na palma de minhas mãos, terra na minha testa, olhando para a grama e as rachaduras na estrada.

Puta.

Diretamente das páginas do *Yorkshire Life*.

Trinta minutos mais tarde, com o rosto sujo de poeira e as mãos cheias de grama, estava de pé na recepção do Redbeck Motel, com a mão enfaixada agarrada ao telefone.

— Sargento Fraser, por favor.

Os amarelos, os marrons, o cheiro de cigarro — era quase como estar em casa, ou bem parecido.

— Sargento Fraser falando.

Pensei nos corvos dependurados nos fios de telefone, engoli em seco e disse:

— Aqui é Edward Dunford.

Silêncio, apenas o ruído da linha à espera de palavras.

O barulho dos tacos de sinuca atrás das portas de vidro, imaginando que dia da semana seria, imaginando se era dia escolar, pensando nos corvos nos fios de telefone e imaginando o que Fraser estaria pensando.

— Você está fodido, Dunford — disse Fraser.

— Preciso te encontrar.

— Vai se foder. Você terá que vir aqui.

— O quê?

— Você ouviu muito bem. Querem te interrogar.

— Por quê?

— Por causa da morte de Mandy Wymer.

— Porra.

— Onde você está?

— Escute...

— Não, escute você. Estou tentando encontrá-lo há dois dias...

— Escute, por favor...

Novo silêncio, apenas o ruído da linha esperando por palavras dele ou minhas.

O barulho dos tacos de sinuca atrás das portas de vidro, imaginando se seria sempre o mesmo jogo, se se preocupavam em marcar os pontos, pensando nos corvos sobre os fios novamente e imaginando se Fraser estaria gravando aquela conversa.

— Vá em frente — disse Fraser.

— Vou te dar nomes e datas, toda a informação que tenho sobre Barry Gannon e sobre tudo o que ele descobriu.

— Vá em frente.

— Mas preciso saber tudo o que você descobriu sobre o que está acontecendo com Michael Myshkin, o que ele está dizendo sobre Jeanette Garland e Susan Ridyard. E quero a confissão que fez.

— Vá em frente.

— Nos encontramos ao meio-dia. Vou lhe dizer o que eu tenho, você me dirá o que você tem. E quero sua promessa de que não vai tentar me enganar.

— Vá em frente.

— Se me prender, vou envolvê-lo nisso tudo.

— Vá em frente.

— Preciso de um tempo, até o meio-dia, depois eu apareço.

Silêncio, só o zumbido esperando uma resposta.

O barulho dos tacos de sinuca atrás das portas de vidro, imaginando onde estaria a velha fedorenta, imaginando se ela estaria morta no quarto sem que ninguém soubesse, pensando nos corvos nos fios e se Fraser me entregara na Casa de Repouso Hartley.

— Onde? — murmurou o sargento Fraser.

— Tem um posto de gasolina desativado no cruzamento da A655 com a B6134, no caminho para Featherstone.

— Ao meio-dia.

— Sim, meio-dia.

A linha ficou muda, o ruído desaparecera, eu me sentia praticamente igual.

O barulho dos tacos de sinuca atrás das portas de vidro.

No chão do quarto 27, esvaziando bolsos e bolsas, olhando para as pequenas fitas cassete marcadas com BOX e SHAW, e apertando o *play*:

“Eu não sou nenhum anjo, sou um homem de negócios.”

Transcrevia as minhas palavras e as deles com a mão machucada.

“Persuadir o conselheiro de que ele deveria abrir mão de todas as coisas erradas que faz no âmbito público.”

Colocando uma foto ao lado.

“Hora do almoço de amanhã, no andar de cima do Strafford Arms.”

Mudando de fita, apertando o *play*:

“Por conta do maldito dinheiro.”

Escrevendo em maiúsculas.

“Foster. Donald Richard Foster. É isso o que você quer?

Escutando mentiras.

“Eu não sabia que ele era jornalista.”

Virando a fita.

“Todos os demais sobre os lindos novos carpetes.”

Voltando a fita.

“Não me toque!”

Apertando o botão de gravar para apagar.

“Você cheira a lembranças ruins, um cheiro forte.”

No chão do quarto 27, enchendo um envelope pardo com coisas de Barry e outras coisas que eu descobri, lambendo para fechar o envelope e escrevendo o nome de Fraser na frente.

“Você não sentiu que ele faria isso?”

Na porta do meu quarto do Redbeck, engolindo uma pílula e acendendo um cigarro, com um envelope pardo na mão e um cartão de Natal no bolso.

“Eu sou médium, não adivinho o futuro.”

Faltava uma porta.

Meio-dia.

Sábado, 21 de dezembro de 1974.

Entre um caminhão e um ônibus, passando pelo posto Shell abandonado, no cruzamento da A655 com a B6134.

Um Maxi amarelo-mostarda no átrio, o sargento Fraser curvado sob o capuz.

Segui mais alguns metros e estacionei, abri a janela, mudei o carro de direção, liguei o gravador e dirigi de volta.

Parando ao lado do Maxi, disse:

— Entre.

O sargento Fraser, com uma capa de chuva por cima do uniforme, circundou o Maxi e entrou.

Eu desci o átrio, girei à esquerda na B6134 para Feather- stone.

O sargento Fraser, com os braços cruzados, olhava para a frente.

Por um momento, senti como se entrasse num mundo paralelo em direção ao maldito Doutor Who, onde eu era o policial, e não Fraser, onde eu era bom, e ele, não.

— Para onde vamos? — ele perguntou.

— Já chegamos— eu respondi, parando logo depois de um trailer vendendo chá e bolos.

Desliguei o carro e disse:

— Você quer algo?

— Não. Você está bem?

— Eu? Você conhece o sargento Craven e seu parceiro?

— Sim. Todos os conhecemos.

— Você os conhece bem?

— Por reputação.

Olhei para fora da janela amarronzada pela sujeira, para as planícies também marrons, que dividiam os campos marrons com suas árvores marrons.

— Por quê? — perguntou Fraser.

Tirei do bolso uma foto de Clare Kemplay, uma foto dela deitada numa maca de necrotério, com asas de cisne pregadas a suas costas.

Ofereci a foto a Fraser:

— Acho que Craven ou seu parceiro me deram isso.

— Porra. Por quê?

— Eles estão me envolvendo.

— Por quê?

Apontei para a sacola aos pés de Fraser.

— Está tudo aí dentro.

— Sério?

— Sério. Transcrições, documentos, fotografias. Tudo o que você precisa.

— Transcrições?

— Eu tenho as fitas originais e vou entregá-las quando você precisar delas. Não se preocupe, está tudo guardado.

— Melhor que esteja — disse Fraser, olhando dentro da sacola.

Peguei dois pedaços de papel no paletó e ofereci um deles a Fraser.

— Bata nessa porta.

— Apartamento 5, Spencer Moon, número 3, Chapeltown — leu Fraser.

Coloquei o outro papel no bolso.

— Exatamente.

— Quem mora lá?

— Barry James Anderson. Um conhecido de Barry Gannon e estrela de algumas fotos e fitas que encontrará na sacola.

— Por que está me dando o endereço dele?

Olhei para os campos marrons do lado de fora, para o céu azul ficando branco.

— Não tenho mais nada a oferecer.

Fraser tomou o papel e colocou-o no bolso, pegando então um bloco de notas.

— O que você tem para mim?

— Não muito — disse Fraser, abrindo o bloco.

— A confissão?

— Não foi gravada.

— Detalhes?

— Não tenho nenhum.

— O que ele disse sobre Jeanette Garland?

— Ele foi acusado, só isso.

— Susan Ridyard?

— A mesma coisa.

— Merda.

— Pois é — disse o sargento Fraser.

— Você acha que foi ele?

— Ele confessou.

— E disse onde fez tudo isso?

— Em seu Reino Subterrâneo.

— Não foi ele.

— Quem foi? — perguntou Fraser, suspirando.

No carro verde, ao lado do campo marrom, sob o céu branco, perguntei:

— É isso?

O sargento Fraser olhou para seu bloco de anotações e disse:

— Mandy Wymer.

— Merda.

— Um vizinho a encontrou ontem, às nove da manhã, mais ou menos. Ela foi estuprada, teve o couro cabeludo arrancado e foi enforcada com o cabo de um luminária.

— Teve o couro cabeludo arrancado?

— Como fazem os índios.

— Caralho.

— Não contaram isso aos seus colegas — sorriu Fraser.

— O couro cabeludo arrancado — murmurei.

— Os gatos também. Um verdadeiro show de horrores.

— Merda.

— O seu ex-chefe falou no seu nome — disse Fraser, fechando o caderno.

— Eles acham que eu fiz isso?

— Não.

— Por que não?

— Porque você é um jornalista.

— E daí?

— E daí que eles acham que você deve saber quem fez isso.

— Por que eu?

— Porque você deve ter sido uma das últimas pessoas que a viram viva, só isso.

— Merda.

— Mencionaram o marido?

— Não disseram nada.

O sargento Fraser voltou a abrir o caderno.

— Os vizinhos nos disseram que a senhorita Wymer esteve envolvida em algum tipo de discussão na terça-feira à tarde. De acordo com o seu antigo chefe, deve ter sido pouco antes ou pouco depois de ter se encontrado com você.

— Eu não sei nada sobre isso.

O sargento Fraser me encarou, fechando mais uma vez o bloco de anotações.

Ele disse:

— Eu acho que você está mentindo.

— Por que eu mentiria?

— Não sei, força do hábito.

Girei o rosto e fiquei olhando para o campo marrom e suas árvores mortas, também marrons.

— O que ela disse sobre Clare Kemplay? — perguntou Fraser, em tom calmo.

— Nada de mais.

— O quê, por exemplo?

— Você acha que pode existir alguma ligação?

— Obviamente.

— Como? — perguntei, com a boca seca e o coração a mil.

— Merda, como você acha que poderiam estar conectados? Ela trabalhava nos casos.

— Noble e seu amigo negam isso.

— E daí? Todos sabemos que ela trabalhava.

— E?

— E depois vem você.

— Eu?

— O elo perdido.

— E é isso o que fez tudo ficar conectado?

— O que você acha?

Eu respondi:

— Você devia ser jornalista.

— Você também — disse Fraser.

— Vai se foder — eu disse, olhando para o carro.

— Tudo está conectado — disse o sargento Fraser.

Olhei duas vezes pelo retrovisor e acelerei.

No cruzamento da B6134 com a A655, Fraser disse:

— Meio-dia?

Eu fiz que sim e parei ao lado do Maxi, no pátio do posto abandonado.

— Vá para Morley — disse o sargento Fraser, pegando a sacola ao sair.

— Sim. Por que não?

Com mais uma carta na mão, olhei pelo retrovisor e acelerei.

City Heights, Leeds.

Tranquei o carro sob o céu branco cada vez mais cinza, com sua ameaça de chuva, nunca de neve, pensando que as coisas deveriam ficar calmas por ali no verão.

Construções espaçosas dos anos sessenta: pintura amarela e azul cor do céu, corrimão começando a enferrujar.

Subia a escada em direção ao quarto andar, a batida de uma bola contra a parede, crianças gritavam ao vento, pensei nos Beatles e nas capas de seus discos, na limpeza, na piedade divina e nas crianças.

No quarto andar, caminhei por uma passagem aberta, passei pelas janelas da cozinha e ouvi sons abafados de rádios, até chegar à porta amarela do número 405.

Bati na porta do apartamento 405, City Heights, Leeds, e esperei.

Após um momento, toquei a campainha.

Nada.

Eu me agachei e movi a aba de metal da entrada de cartas.

Senti um calor em meus olhos e pude ouvir o som de corrida de cavalos na televisão.

— Olá! — gritei para dentro.

O barulho da televisão cessou.

— Olá!

Vi um par de meias brancas vindo na minha direção.

— Sei que você está aí — eu disse, me levantando.

— O que você quer? — perguntou um homem.

— Só uma palavra.

— Sobre o quê?

Atirando a última carta que eu tinha nas mãos, disse:

— A sua irmã.

Uma chave girou, e a porta se abriu.

— Sobre ela? O quê? — perguntou Johnny Kelly.

— Isso — eu disse, erguendo minha mão direita enfaixada.

Johnny Kelly, de calça jeans e suéter, o pulso quebrado e o rosto irlandês arrebentado, repetiu:

— Sobre ela? O quê?

— Você deveria entrar em contato. Ela está preocupada.

— E quem é você?

— Edward Dunford.

— Eu te conheço?

— Não.

— Como você descobriu que estou aqui?

Peguei o cartão de Natal que tinha no bolso e entreguei-o a ele.

— Feliz Natal.

— Que estúpida — disse Kelly, abrindo o cartão e olhando as duas tiras de fita com mensagem em alto-relevo.

— Posso entrar?

Johnny Kelly entrou no apartamento, e eu o segui por um corredor estreito, depois passando por um banheiro e um quarto, até a sala de estar.

Kelly sentou-se numa poltrona de vinil, mexendo no próprio pulso.

Eu me sentei em outra, de frente para a televisão em cores cheia de cavalos correndo e saltando traves, em mais uma tarde de inverno em Leeds.

Acima do aparelho de gás uma menina polinésia sorria em vários tons de laranja e marrom, com uma flor no cabelo, e eu pensava nas meninas ciganas de cabelos castanhos e nas rosas que sempre seriam rosas, onde quer que estivessem.

Os números apareciam embaixo dos cavalos: Leeds perdia para Newcastle.

— Paula está bem, não está?

— O que você acha? — perguntei, fazendo que sim e olhando para o jornal aberto na mesa de fórmica.

Johnny Kelly inclinou-se para a frente, olhando para o jornal.

— Você é do jornal, não é?

— Eu conheço Paul.

— Foi você quem escreveu aquela merda? — perguntou Kelly, voltando a recostar-se.

— Eu não escrevi aquilo.

— Mas você é do maldito *Post.*

— Não mais.

— Merda — disse Kelly, sacudindo a cabeça.

— Ouça, eu não vou dizer nada.

— Certo — sorriu Kelly.

— Só quero que nos diga o que aconteceu, e eu prometo que não vou contar nada.

Johnny Kelly se levantou.

— Você é um maldito jornalista.

— Não mais.

— Eu não acredito em você — ele disse.

— Tudo bem, vamos supor que eu seja. Eu poderia escrever qualquer porcaria, não podia?

— É o que faz, normalmente.

— Certo, então apenas converse comigo.

Johnny Kelly estava atrás de mim, olhando para fora daquela enorme janela fria, em direção àquela enorme cidade fria.

— Se já não é jornalista, por que está aqui?

— Para tentar ajudar Paula.

Johnny Kelly recostou-se na poltrona de vinil, coçando o punho, e sorriu.

— Outra vez não.

A sala escurecia, o fogo a gás brilhava.

— Como isso aconteceu? — eu perguntei.

— Acidente de carro.

— Sério?

— Sério — disse ele.

— Você dirigia?

— Ela dirigia.

— Quem?

— Quem você acha?

— A senhora Patricia Foster?

— Bingo.

— O que aconteceu?

— Tínhamos saído, e voltávamos...

— Quando?

— Sexta-feira à noite.

— Vá em frente — eu disse, pensando em papel e caneta, fitas e gravadores.

— Paramos um pouco, e ela disse que preferia dirigir, pois eu já estava levando o carro havia muito tempo. Enfim, descíamos a Dewsbury Road e, eu não sei, estávamos brincando, eu acho, e um cara apareceu na estrada, e *pá*, a gente bateu nele.

— Onde?

— Pernas, peito, eu não sei.

— Não, não. Em que ponto da Dewsbury Road?

— Assim que entra em Wakey, perto da prisão.

— Perto de onde estão agora as novas casas de Foster?

— Sim, acho que sim — sorriu Johnny Kelly.

Pensando que tudo está conectado, que a sorte não existe, que tudo está planejado, e por isso existe um Deus, engoli em seco e perguntei:

— Você sabe que encontraram Clare Kemplay lá perto?

— Sério?

— Sério.

Kelly olhava para além de mim.

— Eu não sabia disso.

— O que aconteceu, então?

— Acho que só olhamos rapidamente para ele, mas fazia muito frio, e o carro derrapou, e ela perdeu o controle.

Fiquei sentado com minhas roupas de poliéster, no assento de vinil, olhando para a mesa de fórmica, naquele apartamento de concreto, pensando no plástico e no metal, no couro e no vidro.

O sangue.

— Devemos ter atingido o meio-fio, depois o poste, ou algo parecido.

— E quanto ao homem que vocês atropelaram?

— Não sei. Como eu disse, só me lembro de ter batido nele.

— Você olhou? — perguntei, oferecendo um cigarro.

— Estávamos fodidos — disse Kelly, acendendo um cigarro.

— E depois?

— Eu a tirei do carro e verifiquei se estava bem. O pescoço parecia um pouco estranho, mas nada estava quebrado. Foi só uma contusão. Voltamos para dentro do carro, e eu a levei para casa.

— O carro estava bem, então?

— Não, mas fomos mesmo assim.

— O que Foster disse?

— Eu não esperei para saber.

— Então você veio para cá?

— Precisava sair de cena um pouco. Queria me tranquilizar.

— Ele sabe que você está aqui?

— Claro que sabe — disse Kelly, coçando o rosto. E pegou um cartão branco que estava na mesa de fórmica, atirando-o na minha direção. — O idiota me enviou um convite para uma maldita festa de Natal.

— Como ele o encontrou? — perguntei, segurando o cartão no escuro.

— Ele também anda por estes lados.

— Então por que veio para cá?

— Porque, no final das contas, ele não poderia fazer muita coisa, não acha?

Tive a sensação de ter perdido algo importante.

— Não entendo.

— Bem, ele transava com minha irmã todos os domingos, desde os meus dezessete anos.

E eu pensava: “Não era por isso”.

— Não que esteja reclamando.

Ergui os olhos.

Johnny Kelly olhou para baixo.

Eu me lembrei daquela merda.

A sala estava escura, o fogo brilhava.

— Não fique com essa cara de chocado. Você não é o primeiro que tenta ajudá-la, e não será o último.

Eu me levantei, o sangue nas minhas pernas era frio e úmido.

— Você vai à festa? — ele perguntou, sorrindo, fazendo um sinal para o convite em

minhas mãos.

Eu me virei de costas e desci o corredor estreito, pensando: “Que se fodam todos”.

— Não se esqueça de desejar um maldito feliz Natal em nome de Johnny Kelly, certo?

Eu pensava: “Que ela se foda”.

Oi, amor.

Dez segundos mais tarde, estacionando em frente a uma loja paquistanesa, gastei o que restara do meu dinheiro em bebidas, com bolsas no chão do carro, o rádio gritando sobre uma bomba na Harrods, um cigarro no cinzeiro, outro na minha mão, pegando pílulas no porta-luvas.

Bêbado e dirigindo.

A mais de 140 quilômetros por hora, me acabando no uísque, tomando todas, evitando meninas do sul e apartamentos com vista para o mar, sem querer pensar nas Kathryns e Karens e em todas as que vieram antes, seguindo as lanternas de freio e meninas em idade escolar, esbarrando em amores sob o volante, girando com os pneus.

Um ditador num bunker criado por mim mesmo, gritando: EU NUNCA FIZ NADA RUIM.

Motorway One, pisando fundo e sendo malvado, desafiando a noite, suas bombas e conchas, sentindo o vento do meu carro e os dentes da minha boca, tentando, implorando e morrendo por mais um beijo, pela sua maneira de falar e caminhar, oferecendo rezas sem acordos, amor com tramas, implorando-lhe que amasse novamente, vivesse novamente, AQUI POR MIM AGORA.

A Rádio 2 ficou repentinamente em silêncio, as luzes brancas da estrada ficaram douradas, homens vestindo farrapos, homens usando coroas, alguns homens com asas, outros sem, freando rapidamente para desviar de um berço de madeira e palha.

Com o ombro endurecido, luzes de emergência acesas.

Adeus, amor.

Número 11, Brunt Street, tudo escuro.

Luzes para despertar o morto, fora do Viva verde, chutando a merda da porta vermelha.

Número 11, Brunt Street, o retorno.

Contornei as casas, pulei o muro, atirei a tampa de uma lixeira na janela da cozinha,

livrando-me dos cacos de vidro com meu paletó ao entrar.

Oi, amor, cheguei.

Número 11, Brunt Street, silêncio sepulcral.

Dentro, pensando: “Quando chegar em casa vou lhe mostrar o que posso fazer”, e peguei uma faca na gaveta da cozinha (onde eu sabia que haveria).

Era isso o que você queria?

Subindo a escada, chegando ao Quarto da Mamãe e do Papai, abrindo o edredom, as gavetas, encontrando merdas aqui e ali, maquiagem e calcinhas baratas, absorventes e pérolas falsas, vendo Geoff engolindo o cano da arma, pensando: “NÃO LIGUE, a sua filha está morta, a sua esposa é uma puta que fode com o chefe do irmão e tudo o mais, atirando uma cadeira no espelho, POIS NÃO PODERIA HAVER PIOR AZAR DO QUE ESSA MALDITA SORTE”.

Oferecendo tudo o que você sempre quis.

Atravessei o corredor e abri a porta do quarto de Jeanette.

Tão quieto e frio, parecia uma igreja. Eu me sentei na pequena cama rosa próxima à sua congregação de bichos de pelúcia e bonecas e, afundando a cabeça entre as mãos, deixei a faca cair no chão. O sangue nas minhas mãos e as lágrimas no meu rosto congelavam antes que atingissem a faca.

Pela primeira vez minhas orações não eram por mim, mas por qualquer outra pessoa, para todas aquelas coisas em minhas anotações, nas minhas fitas, em todos aqueles envelopes e bolsas no meu quarto, para que nada daquilo fosse verdade, para que os mortos estivessem vivos e os desaparecidos fossem encontrados, e para que todas aquelas vidas pudessem renascer. Depois rezei por minha mãe e minha irmã, por meus tios e tias, pelos amigos que eu tivera, pelos bons e maus, e finalmente por meu pai, seja lá onde ele estivesse, amém.

Fiquei um tempo sentado, com a cabeça baixa, esfregando as mãos, ouvindo os sons da casa e do meu coração, confundindo um com o outro.

Passado um tempo, eu me levantei da cama de Jeanette, fechando a porta do quarto, e voltei ao quarto da Mamãe e do Papai, vendo o estrago que fizera. Arrumei o edredom e fechei as gavetas, colocando a maquiagem em ordem e também as roupas íntimas, os absorventes e as joias, afastando os cacos de vidro do espelho com os pés e arrumando a cadeira.

Desci a escada e entrei na cozinha, colocando a tampa na lixeira e fechando todas as

portas dos armários, agradecendo a Deus por ninguém ter chamado os malditos policiais. Coloquei água para ferver e servi leite numa caneca, com cinco colheradas de açúcar. Tomei o chá na sala da frente, liguei a televisão, vi ambulâncias brancas atravessando a noite escura e molhada, levando embora os atingidos pela bomba, vi um maldito Papai Noel e um policial de certa idade tentando imaginar por que alguém faria aquilo, tão perto do Natal.

Acendi um cigarro, vendo os resultados do futebol e xingando o Leeds United, imaginando qual jogo seria a partida do dia e quais seriam as apostas no *Parkinson.*

Bateram na janela da frente, depois chutaram a porta, e fiquei gelado de repente, lembrando-me de onde estava e do que fizera.

— Quem é? — perguntei, me levantando, no meio da sala.

— Sou Clare. Quem é?

— Clare? — Fui abrir a porta, com o coração a mil por hora.

— Ah, é você, Eddie?

— Sim.

— Paula está em casa? — perguntou a escocesa.

— Não.

— Ah, certo. Eu vi a luz acesa e imaginei que poderia ter voltado. Sinto muito — ela desculpou-se, sorrindo, a Clare escocesa, banhada pela luz.

— Ela ainda não voltou, sinto muito.

— Tudo bem. Volto amanhã.

— Certo, eu digo que esteve aqui.

— Você está bem, meu querido?

— Sim.

— Certo. Até mais, então.

— Boa noite — eu disse, com a respiração entrecortada, enquanto fechava a porta.

Clare disse algo que eu não entendi, e depois seus passos se afastaram da casa, descendo a rua.

Voltei a me sentar no sofá, olhando para a foto escolar de Jeanette em cima da televisão. Havia dois cartões ao lado dela, um estampando uma casa de madeira no meio de um campo nevado, o outro, branco.

Peguei o convite branco de Johnny Kelly do bolso e segui em direção à televisão.

Desliguei Max Wall e Emerson Fittipaldi e saí para a noite escura.

Um estalo.

De volta às grandes casas.

Wood Lane, Sandal, Wakefield.

A rua estava lotada de carros estacionados. Consegui driblar os Jaguar, os Rover, os Merc e as BMW.

Trinity View, tudo bem iluminado e com aspecto festivo.

Uma enorme árvore de Natal à entrada, com luzes brancas e enfeites.

Segui em direção à festa, no rastro de Johnny Mathis e Rod Stewart.

A porta da frente estava aberta desta vez, e fiquei um momento parado, observando as mulheres com seus vestidos longos, carregando bandejas de papel com comidas de um cômodo a outro, formando filas na escada, querendo usar o banheiro, enquanto homens em ternos de veludo lilás caminhavam por ali, com garrafas de uísque e charutos gordos.

À esquerda da porta eu podia ver a senhora Patricia Foster, sem coleira, enchendo os copos de um grupo de homens grandalhões com seus rostos avermelhados.

Entrei na sala e disse:

— Estou procurando por Paula.

A sala ficou muda.

A senhora Foster abriu a boca, mas não foi capaz de dizer nada, com seus olhos de águia observando a sala.

— Você quer sair, meu filho? — disse uma voz bem atrás de mim.

Virei o corpo e vi o rosto sorridente de Don Foster.

— Estou procurando por Paula.

— Já ouvi. Vamos lá fora conversar sobre isso.

Dois homens grandalhões com bigode ficaram de pé atrás de Foster, os três vestindo terno e gravatas-borboleta.

— Estou aqui por Paula.

— Mas você não foi convidado. Vamos.

— Maldito feliz Natal, de Johnny Kelly — eu disse, apresentando o convite de Kelly a Foster.

Ele olhou para a esposa e depois para um dos homens, murmurando:

— Para fora.

Um dos homens veio em minha direção e ergueu meus braços, me arrastando em direção à porta.

Girando o corpo, eu disse:

— Obrigado pelo cartão de Natal, Pat.

Observei a mulher engolir em seco e olhar para o carpete.

Um dos homens, gentilmente, me empurrou para o hall.

— Está tudo bem, Don? — perguntou um homem com cabelos cinzentos e um copo cheio de uísque.

— Sim. Aquele senhor estava de saída — respondeu Foster.

O homem balançou a cabeça na minha direção.

— Eu te conheço?

— Provavelmente — eu disse. — Costumava trabalhar para aquele cara lá, o de barba.

O delegado Ronald Angus girou o corpo e olhou para outra sala, onde Bill Hadden estava de pé, conversando, de costas para a porta.

— Sério? Que interessante! — disse o delegado Angus, tomando mais um bom gole de uísque e voltando à festa.

Donald Foster segurava a porta aberta para mim, e eu recebi mais um puxão pelas costas.

Seguiu-se uma risada, vinda de um quarto no andar de cima; a risada de uma mulher.

Eu saí da casa, com os dois homens ao meu lado, Foster atrás de mim. Pensei em sair correndo, imaginando se tentariam me deter na frente de todos e sabendo que tentariam.

— Para onde vamos?

— Siga em frente, só isso — disse um dos homens, o que vestia uma camisa cor de vinho tinto.

Estávamos no final do jardim, e eu podia ver um homem vindo em nossa direção, correndo um pouco, depois caminhando.

— Merda — disse Don Foster.

Todos paramos.

Os dois homens olharam para Foster, esperando uma ordem.

— É sempre assim — murmurou Foster.

O conselheiro Shaw estava sem fôlego, gritando:

— Don!

Foster se adiantou para encontrá-lo, com os braços abertos, as palmas para cima.

— Bill, que bom te ver.

— Você atirou no meu cachorro! Você atirou na porra do meu cachorro!

Shaw balançava a cabeça, chorando, empurrando Foster.

Foster o abraçou forte, acariciando-o.

— Você atirou no meu cachorro! — gritou Shaw, soltando-se do abraço.

Foster o tomou nos braços mais uma vez, enterrando a cabeça do homem em seu terno de veludo.

Atrás de nós, os degraus que levavam à porta, e a senhora Foster e mais alguns convidados estavam ali, de pé, tremendo.

— O que foi, querido? — ela perguntou, com os dentes e o copo tremendo.

— Nada. Voltem todos para dentro e divirtam-se.

Mas eles ficaram parados ali, congelando.

— Anda. É Natal — gritou Foster, o próprio Papai Noel.

— Quem quer dançar comigo? — perguntou Pat Foster, sorrindo, balançando suas tetas minúsculas e fazendo com que todos olhassem para dentro.

Dancing Machine soou através da porta, e voltaram a diversão e as brincadeiras.

Shaw ficou parado ali, soluçando em meio ao paletó de Foster.

Foster murmurava:

— Não é hora para isso, Bill.

— E ele? — disse o homem com a camisa cor de vinho.

— Tire-o daqui, só isso.

O homem com camisa vermelha agarrou meu cotovelo e me levou embora.

Foster não olhou para cima, murmurando no ouvido de Shaw:

— Isso é especial, especial para John.

Passamos ao lado deles, seguindo para a rua.

— Você veio dirigindo?

— Vim.

— Me dê suas chaves — disse Cor de Vinho.

Eu fiz o que me pediram.

— É seu? — disse o Vermelho, apontando para o Viva estacionado por ali.

— É.

Os dois sorriram.

Cor de Vinho abriu a porta do passageiro e levantou o banco.

— Para onde?

— Casas novas.

Fiquei sentado no banco de trás, imaginando por que nem tentei fugir, pensando que não seria pior do que a surra que recebi na casa de repouso, quando Vermelho me bateu com tanta força que minha cabeça se chocou contra a janela de plástico.

— Cale essa boca de merda — ele disse, sorrindo, me agarrando pelos cabelos e forçando minha cabeça entre os joelhos.

— Se ele fosse veado, você teria que chupar o pau dele — disse Cor de Vinho no banco da frente.

— Vamos ouvir música — disse Vermelho, ainda forçando minha cabeça.

Rebel Rebel tomou conta do carro.

— Aumenta — gritou Vermelho, levantando meu corpo pelos cabelos, murmurando: — Maldito veado.

— Ele está sangrando? — gritou Cor de Vinho, tentando vencer a música.

— Não o suficiente.

Ele me puxou em direção à janela, agarrando meu pescoço com a mão esquerda e dando um soco bem no meio do meu nariz, lançando sangue quente pelo carro.

— Melhor assim — ele disse, deixando minha cabeça cair sobre os cacos de vidro.

Olhei para o centro de Wakefield, naquele sábado anterior ao Natal de 1974, com sangue quente escorrendo do nariz em direção ao queixo, pensando que tudo estava muito tranquilo para um sábado à noite.

— Ele está fora de si? — perguntou Cor de Vinho.

— Sim — respondeu Vermelho.

Bowie abriu espaço para Lulu ou Petula ou Sandy ou Cilla, *The Little Drummer Boy* me atingia, as luzes de Natal se transformaram em luzes de prisão, e o carro parou num terreno da Foster’s Construction.

— Aqui?

— Por que não?

O carro parou, *The Little Drummer Boy* desapareceu.

Cor de Vinho saiu do carro e levantou o banco do motorista, depois Vermelho me

atirou contra o chão.

— Ele morreu, Mick.

— Ai, sinto muito... quer dizer...

Fiquei deitado com o rosto para baixo entre eles dois, me fingindo de morto.

— O que deveríamos fazer? Deixá-lo aí?

— Não, porra.

— O quê, então?

— Vamos nos divertir um pouco.

— Hoje não, Mick, não posso ser pego com isso.

— Só um pouquinho, certo?

Cada um pegou um dos meus braços e me arrastou pelo chão, fazendo com que minha calça terminasse nos joelhos.

— Aqui?

— Sim.

Me arrastaram até o chão de madeira de uma casa ainda em construção, com unhas e pregos roçando meus joelhos.

Me sentaram numa cadeira e amarraram minhas mãos atrás do corpo, tirando minha calça sem antes tirar meus sapatos.

— Traga o carro aqui e acenda os faróis.

— Vão nos ver.

— Quem?

Ouvi um deles ir para o lado de fora e o outro se aproximar. Ele pôs a mão dentro da minha cueca.

— Ouvi dizer que você gosta de boceta — disse Vermelho, apertando meu saco.

Escutei o motor do carro se aproximando, e a casa ficou de repente banhada pela luz de faróis, uma luz branca, tipo *Kung Fu Fighting.*

— Vamos terminar com isso — disse Cor de Vinho.

— Joe Bugner! — disse, um soco no intestino.

— Coon Conteh! — disse, outro.

— O maldito George Foreman — disse mais um, dessa vez no queixo.

— Estilo Ali.

Uma pausa, eu esperei, e veio um soco no lado esquerdo, e outro no direito.

— O maldito Bruce Lee!

Voei da cadeira para o chão, com o peito arrasado.

— Maldito veado — disse Cor de Vinho, curvando-se e cuspindo no meu rosto.

— Devíamos enterrar essa puta.

Cor de Vinho gargalhava.

— Melhor não mexer nas fundações de George.

— Odeio esses bacacas inteligentes.

— Deixe-o. Vamos.

— Acabou?

— Porra, vamos embora.

— Com o carro?

— Pare um táxi em Westgate.

— Que inferno.

Recebi mais um chute na cabeça.

Um pé em cima de minha mão direita.

As luzes foram apagadas.

O frio me despertou.

Tudo estava absolutamente escuro, com contornos púrpura.

Chutei a cadeira para longe e soltei minhas mãos da corda.

E me sentei no chão, vestindo apenas uma cueca, com a cabeça arrasada, o corpo destruído.

Me arrastei pelo chão e consegui pegar a calça. Estava molhada e cheirava a mijo de outro homem.

Vesti sem tirar os sapatos.

Lentamente, eu me levantei.

Caí uma vez, mas consegui sair da casa em construção.

O carro estava parado na escuridão, com as portas fechadas.

Tentei abrir as duas.

Trancadas.

Peguei um tijolo quebrado, fui até a janela do passageiro e atirei o tijolo.

Coloquei a mão do lado de dentro e abri a porta.

Guardei o tijolo no porta-luvas.

Peguei o mapa, roupas molhadas e a chave reserva.

Fui ao lado do motorista, abri a porta e entrei.

Sentei no carro, olhando para as casas vazias e escuras, lembrando do que mais gostava de brincar com meu pai.

Huddersfield jogava contra Everton. A cidade conseguiu um pênalti na área de Everton. Vic Metcalfe surge por ali, atira a bola contra a parede, Jimmy Glazzard salta. Gol. Mas o juiz anula, não me lembro por quê, pedindo que repetisse. Metcalfe volta a se colocar em posição, atira a bola à parede, Glazzard salta. Gol, e a multidão vai à loucura.

8 a 2.

— Os jornais vão ter um dia e tanto. Nós acabamos com eles — disse meu pai, sorrindo.

Liguei o carro e voltei para Ossett.

Dirigindo pela Wesley Street, busquei o relógio de meu pai.

Desaparecera.

Deviam ser três da manhã, mais ou menos.

“Merda”, pensei, ao abrir a porta. Uma luz acesa na parte de trás.

Merda, devo ao menos dizer oi. Livre-se disso.

Ela estava na cadeira de balanço, vestida, mas dormindo.

Fechei a porta e subi a escada, um degrau de cada vez.

Deitei na cama com minhas roupas mijadas, olhando para o pôster de Peter Lorimer no escuro, pensando que isso partiria o coração de meu pai.

A cento e quarenta por hora.

PARTE 3

NÓS SOMOS OS MORTOS

10

Domingo, 22 de dezembro de 1974.

Às cinco da manhã, dez policiais, liderados pelo detetive superintendente Noble, apareceram na porta da casa da minha mãe com malhos, e a xingaram quando ela entrou no hall e correu, subindo a escada, fugindo dos disparos, depois me arrancaram da cama, puxando meus cabelos, fazendo com que eu descesse a escada sendo chutado, batendo em mim ao chegar no último degrau, arrastando-me para fora da porta e me enfiando na parte de trás de uma van preta.

Bateram as portas e foram embora.

Na parte de trás da van eles me batiam, e eu estava insconsciente, depois me deram um tapa na cara e mijaram em mim, até que eu voltasse à consciência.

Quando a van parou, o detetive superintendente Noble abriu a porta de trás e me arrastou pelos cabelos, atirando-me no estacionamento dos fundos da delegacia de Wakefield, em Wood Street.

Dois policiais uniformizados me puxaram pelos pés, subindo os degraus de pedra, para dentro da delegacia, onde os corredores estavam repletos de corpos negros, batendo, chutando e cuspindo em mim ao me arrastarem de joelhos, uma e outra vez, para cima e para baixo, para cima e para baixo, pelos corredores amarelados.

Tiraram fotos, me deixaram nu, cortaram as ataduras da minha mão, tiraram mais fotos e também minhas impressões digitais.

Um doutor paquistanês colocou uma lanterna em meus olhos, uma espátula na minha boca e mexeu debaixo das minhas unhas.

Me atiraram nu em uma sala de interrogatórios com luzes brancas e sem janelas, me sentaram atrás de uma mesa e prenderam minhas mãos nas costas.

Depois me deixaram sozinho.

Algum tempo depois, abriram a porta e atiraram um balde de mijo e merda na minha cara.

Me deixaram sozinho mais uma vez.

Algum tempo depois, abriram a porta e atiraram água gelada até que meu corpo caísse da cadeira.

E me deixaram sozinho, deitado no chão, amarrado à cadeira.

Eu podia ouvir gritos na sala ao lado.

Silêncio.

Deitei no chão e ouvi o ruído das lâmpadas.

Algum tempo depois, a porta se abriu, e dois homens grandalhões, usando ternos de boa qualidade, entraram carregando cadeiras.

Eles me soltaram e pegaram as cadeiras.

Um deles tinha costeletas e bigode e mais ou menos quarenta anos. O outro tinha cabelos cor de areia, e seu bafo cheirava a vômito.

O Areia disse:

— Sente-se e coloque as palmas das mãos abertas em cima da mesa.

Eu me sentei e fiz o que pediram.

Areia entregou as algemas pro Bigode e sentou-se na minha frente.

Bigode caminhava atrás de mim, brincando com as algemas.

Olhei para minha mão direita, aberta em cima da mesa, com os cinco dedos transformados em um e cheia de manchas amarelas e vermelhas.

Bigode sentou-se e olhou para mim, colocando as algemas no próprio pulso, como se fosse um soco inglês.

De repente, ele saltou e cravou as algemas em cima da minha mão direita.

Eu gritei.

— Coloque as mãos na mesa.

Eu coloquei.

— Abertas.

Tentei abri-las.

— Asqueroso.

— Você precisava ver isso...

Bigode estava sentado na minha frente, sorrindo.

Areia se levantou e saiu da sala.

Bigode não disse nada, apenas sorriu.

Minha mão direita pulsava de sangue e pus.

Areia voltou com um lençol, que colocou sobre meus ombros.

Ele se sentou e pegou um maço de JPS, oferecendo um cigarro a Bigode.

Bigode pegou um isqueiro e acendeu os dois cigarros.

Eles se sentaram e jogaram a fumaça em cima de mim.

Minhas mãos se moviam.

Bigode inclinou o corpo e passou o cigarro na minha mão direita, entre meus dedos.

Afastei um pouco a minha mão.

De repente, ele se inclinou e agarrou meu pulso com uma das mãos, usando a outra para cravar o cigarro na minha palma.

Eu gritei.

Ele me soltou e se recostou na cadeira.

— Coloque suas mãos na mesa.

Eu coloquei.

Minha pele queimada fedia.

— Mais uma vez? — perguntou Areia.

— Não se importa se eu fizer — disse ele, pegando outro JPS.

Acendeu o cigarro e olhou para mim.

Inclinou o corpo e começou a passar o cigarro pela minha mão.

Eu me levantei.

— O que vocês querem?

— Senta.

— Diga o que vocês querem!

— Senta.

Eu me sentei.

Eles se levantaram.

— Levanta.

Eu me levantei.

— Com os olhos para a frente.

Eu podia ouvir um cão latindo.

Eu me encolhi.

— Não se mexa.

Eles moveram as cadeiras e mesas em direção às paredes e saíram da sala.

Fiquei de pé no centro da sala, olhando para a parede branca, imóvel.

Podia ouvir os gritos e o cão latindo em outra sala.

Os gritos e os latidos seguiram pelo que pareceu ser uma hora, depois pararam.

Silêncio.

Fiquei de pé no centro da sala, querendo mijar, ouvindo o ruído das lâmpadas.

Algum tempo depois, a porta se abriu, e dois homens grandalhões, com ternos de qualidade, entraram.

Um deles tinha cabelos grisalhos e penteados para trás com gel e cerca de cinquenta anos. O outro era mais jovem e tinha cabelos castanhos e gravata laranja.

Os dois cheiravam a bebida.

Grisalho e Castanho caminharam ao meu redor, em silêncio.

Depois Grisalho e Castanho trouxeram os móveis de volta ao centro da sala.

Grisalho colocou uma cadeira atrás de mim.

— Senta.

— Eu me sentei.

Grisalho pegou a toalha do chão e colocou sobre meus ombros.

— Coloque suas palmas abertas em cima da mesa — disse Castanho, acendendo um cigarro.

— Por favor, diga o que vocês querem.

— Coloque suas mãos abertas na mesa.

Eu fiz o que pediram.

Castanho se sentou na minha frente, enquanto Grisalho caminhava pela sala.

Castanho deixou uma pistola em cima da mesa, entre nós dois, e sorriu.

Grisalho parou de caminhar e ficou bem atrás de mim.

— Os olhos para a frente.

De repente, Castanho saltou e prendeu meus pulsos, ao mesmo tempo que Grisalho pegou a toalha e a enrolou na minha cara.

Eu caí para a frente na cadeira, soluçando e tremendo, incapaz de respirar.

Eles continuaram prendendo meus pulsos e mantinham a toalha na minha cara.

Eu me ajoelhei no chão, soluçando e tremendo, incapaz de respirar.

De repente, Castanho soltou meus pulsos, e eu girei o corpo, batendo contra a parede.

Crack.

Castanho tirou a toalha de cima de mim e me pegou pelos cabelos, me arrastando contra a parede.

— Vire o corpo e mantenha os olhos para a frente.

Eu girei o corpo.

Castanho tinha a pistola na mão direita, e Grisalho, algumas balas, que atirava para cima e depois voltava a pegar.

— O chefe disse que tudo bem se atirarmos nele.

Castanho tinha a pistola nas mãos, apontando para minha cabeça.

Fechei os olhos.

Um clique, e nada aconteceu.

— Merda.

Castanho girou o corpo, movendo a pistola.

Mijo corria pelas minhas pernas.

— Eu consertei. Vai funcionar dessa vez.

Castanho apontou a pistola novamente.

Eu fechei os olhos.

Um barulho alto.

Imaginei que estivesse morto.

Abri os olhos e vi a pistola.

Algo preto escorria do cano da arma, caindo no chão.

Castanho e Grisalho sorriam.

— O que vocês querem?

Grisalho deu um passo à frente e chutou meu saco.

Eu caí no chão.

— O que vocês querem?

— Levanta.

Eu me levantei.

— Na ponta dos pés.

— Por favor, digam.

Grisalho aproximou-se mais uma vez e voltou a chutar o meu saco. Eu caí no chão.

Castanho se aproximou, bateu no meu peito e depois prendeu minhas mãos nas minhas costas, empurrando meu rosto contra o chão.

— Você não gosta de cachorros, gosta?

Engoli em seco.

— O que vocês querem?

A porta se abriu, e um policial uniformizado entrou com um pastor-alemão numa coleira.

Grisalho me puxou pelos cabelos.

O cachorro olhava para mim, ofegante, com a língua para fora.

— Pega, pega.

O cão rosnava, latia e forçava a coleira.

Grisalho puxou minha cabeça para a frente.

— Ele está com fome.

— Não é o único.

— Cuidado.

O cachorro se aproximava.

Eu lutava, chorava, tentava me soltar.

Grisalho me puxou para ainda mais perto.

Eu lutava, chorava, tentava me soltar.

O cão estava a um passo de distância.

Eu podia ver seus caninos, sua baba, sentia o cheiro de sua boca, seu hálito.

O cão rosnava, latia e forçava a coleira.

Merda caiu da minha bunda.

A baba do cão chegou ao meu rosto.

Tudo ficou preto.

— O que eu fiz?

— Mais uma vez.

O cão estava a centímetros de distância.

Eu fechei os olhos.

— O que eu fiz?

— Mais uma vez.

— O que eu fiz?

— Bom menino.

Tudo ficou preto, e o cão foi embora.

Eu abri os olhos.

O detetive superintendente Noble estava sentado do outro lado da mesa.

Eu estava nu, tremendo, sentado em cima do meu próprio cocô.

O detetive superintendente Noble acendeu um cigarro.
Eu me encolhi.
— Por quê?
Meus olhos estavam cheios de água.
— Por que fez isso?
— Sinto muito.
— Bom menino.
O detetive superintendente Noble me passou seu cigarro.
Eu aceitei.
Ele acendeu outro.
— Só quero que me diga por quê.
— Eu não sei.
— Posso te ajudar.
— Sim.
— Sim, o quê?
— Sim, senhor.
— Você a comeu, certo?
— Sim, senhor.
— Comeu muito, certo?
— Sim, senhor.
— Mas ela não queria te dar nada, certo?
— Não, senhor.
— O que ela não queria te dar?
— Ela não queria me dar nada.
— Ela não queria dar nada, certo?
— Não, senhor.
— Mas você comeu mesmo assim, certo?
— Sim, senhor.
— O que você comeu?
— Eu comi assim mesmo.
— Meteu na boceta dela, certo?
— Sim, senhor.
— Meteu na boca dela, certo?

— Sim, senhor.
— Meteu no cu dela, certo?
— Sim, senhor.
— O que você fez?
— Meti na boceta.
— E?
— Meti na boca.
— E?
— Meti no cu.
— E não se importou, certo?
— Não, senhor.
— Ela não se calava, certo?
— Não, senhor.
— E então?
— Ela não se calava.
— Ela queria contar à polícia, certo?
— Sim, senhor.
— O que ela disse?
— Que contaria à polícia.
— Mas nós não poderíamos saber, certo?
— Não, senhor.
— Então você a calou, certo?
— Sim, senhor.
— Você a estrangulou, certo?
— Sim, senhor.
— O que você fez?
— Eu a estrangulei.
— Mas ela ainda olhava para você, certo?
— Sim, senhor.
— Então você arrancou os cabelos dela, certo?
— Sim, senhor.
— O que você fez?
— Eu arranquei os cabelos dela.

— Por quê?
— Eu arranquei os cabelos dela.
O detetive superintendente Noble pegou meu cigarro.
— Porque ela ainda olhava para você, certo?
— Sim, senhor.
— E o que você fez?
— Eu arranquei os cabelos dela.
— Por quê?
— Porque ela continuava olhando para mim.
— Bom menino.
O detetive superintendente Noble atirou o cigarro no chão.
Acendeu outro e me deu.
Eu peguei.
— Você a comeu, certo?
— Sim, senhor.
— Mas ela não queria te dar, certo?
— Não, senhor.
— Então o que você fez?
— Eu a comi assim mesmo.
— E o que você fez?
— Meti na boceta.
— E?
— Meti na boca.
— E?
— Meti no cu.
— E depois?
— Ela não se calava.
— E o que ela disse?
— Que contaria à polícia.
— E o que você fez?
— Eu a estrangulei.
— E depois, o que você fez?
— Arranquei os cabelos dela.

— Por quê?

— Ela continuava olhando para mim.

— Assim como a outra?

— Sim, senhor.

— Como quem?

— Como a outra.

— Você queria confessar, certo?

— Sim, senhor.

— O que você quer fazer?

— Quero fazer uma confissão.

— Bom menino.

O detetive superintendente Noble se levantou.

E me deixou sozinho.

Algum tempo depois, um policial abriu a porta e me arrastou para o corredor amarelado, em direção a uma sala com chuveiro e vaso sanitário.

O policial me deu um sabonete, e água quente começou a sair do chuveiro.

Fiquei de pé embaixo do chuveiro e comecei a me lavar.

Merda voltou a escorrer entre minhas pernas.

O policial não disse nada.

Ele me deu mais um sabonete e deixou um pouco mais de água quente correr.

Fiquei de pé no chuveiro e me lavei mais uma vez.

O policial me deu uma toalha.

Eu me sequei.

Depois o policial me deu um macacão azul.

Eu vesti.

Depois o policial me levou de volta ao corredor amarelo, depois a uma sala de interrogatórios, com quadro cadeiras e uma mesa.

— Senta.

Eu fiz o que ele me pedira.

Depois o policial me deixou sozinho.

Algum tempo depois, a porta se abriu, e três homens grandalhões, em ternos caros, entraram: o detetive-chefe superintendente Oldman, o detetive superintendente Noble e o homem com cabelos cor de areia.

Todos se sentaram à minha frente.

O detetive-chefe superintendente Oldman sentou-se em sua cadeira, com os braços cruzados.

O detetive, superintendente Noble colocou duas pastas de papelão sobre a mesa e começou a mexer nos papéis e grandes fotografias em preto e branco.

Areia tinha um bloco A4 aberto nos joelhos.

— Você quer fazer uma confissão, certo? — perguntou o detetive-chefe superintendente Oldman.

— Sim, senhor.

— Vá em frente, então.

Silêncio.

Eu me sentei na cadeira, ouvindo o ruído das lâmpadas.

— Você a comeu, certo? — perguntou o detetive superintendente Noble, passando uma foto ao chefe.

— Sim, senhor.

— O quê?

— Eu a comi.

Areia começou a escrever.

O detetive-chefe superintendente Oldman olhava para a foto e sorria.

— Vá em frente — ele disse.

— Ela não queria me dar.

O detetive-chefe superintendente Oldman olhou para mim.

— E? — perguntou o detetive superintendente Noble.

— Eu comi assim mesmo.

— Por que fez isso? — perguntou Oldman.

— Eu meti na boceta.

— E? — perguntou Noble, passando outra foto a Oldman.

— Meti na boca.

— E?

— Meti no cu.

— E depois, o que aconteceu?

— Ela não calava a boca.

— E o que ela dizia?

— Disse que contaria tudo à polícia.

— E o que você fez?

Noble passou mais uma foto a Oldman.

— Eu a estrangulei.

— E depois?

— Arranquei os seus cabelos.

O detetive-chefe superintendente Oldman desviou os olhos da última foto e perguntou:

— Por que você fez isso?

— Ela não parava de olhar para mim.

— Assim como a outra? — perguntou o detetive superintendente Noble.

— Assim como a outra — eu respondi.

O detetive-chefe superintendente Oldman olhou as fotografias, depois devolveu-as a Noble.

Oldman se recostou na cadeira, com os braços cruzados e fazendo um sinal com a cabeça para Areia.

Areia olhou para o papel e começou a ler:

— Eu a comi, mas ela não queria me dar, então eu comi assim mesmo. Meti na boceta, na boca e no cu. Mas ela não calava a boca. Disse que contaria à polícia, então eu a estrangulei. Depois arranquei os seus cabelos, pois ela não parava de olhar para mim. Assim como a outra.

O detetive-chefe superintendente Oldman se levantou e disse:

— Edward Leslie Dunford, você é acusado, em primeiro lugar, de, no dia 17 de dezembro de 1974, ter estuprado e em seguida assassinado a senhora Mandy Denizili, na Blenheim Road, número 28, apartamento 5, em Wakefield. Em segundo lugar, é acusado de, no dia 21 de dezembro de 1974, sábado, ter estuprado e em seguida assassinado a senhora Paula Garland, no número 11 da Brunt Street, Castleford.

Silêncio.

O detetive superintendente Noble e Areia se levantaram.

Os três saíram da sala, e eu acho que comecei a chorar.

Algum tempo depois, um policial abriu a porta e me levou pelo corredor amarelo.

Pela porta aberta de outra sala eu vi Clare, a escocesa que vivia duas casas abaixo.

Ela olhou para mim, abriu a boca.

O policial me levou por outro corredor amarelo, em direção a uma cela de pedra.

Abaixo da porta havia uma forca.

— Entra.

Fiz o que ele me pediu.

No chão da cela havia um copo de papel com chá e um prato de papel com um pedaço de torta de presunto.

Ele fechou a porta.

Tudo ficou preto.

Eu me sentei no chão, chutando o chá.

Encontrei a torta e comecei a mordiscá-la.

Fechei os olhos.

Algum tempo depois, dois policiais abriram a porta e atiraram roupas e um par de sapatos na cela.

— Vista.

Eu fiz o que me pediram.

Eram minhas roupas e meus sapatos, com cheiro de mijo e cobertos de lama.

— Mantenha as mãos nas costas.

Eu fiz o que me pediram.

Um dos policiais entrou na cela e colocou uma algema em mim.

— Tape-o.

O policial colocou uma toalha na minha cabeça.

— Anda.

O policial empurrou minhas costas.

Comecei a andar.

De repente, agarraram meu braço. Através do lençol eu só via amarelo.

— Deixa comigo, eu ainda nem toquei nele.

— Tire-o daqui.

Bati a cabeça numa porta e estava do lado de fora.

Eu caí.

Eles me pegaram.

Imaginei que estivesse dentro de uma van.

Ouvi portas batendo e um motor sendo ligado.

Ainda estava debaixo da toalha, mas na caçamba de uma van, com mais dois ou três homens.

— Idiota.

— Não vai dormir.

Bateram na minha cabeça.

— Não se preocupe, eu vou me certificar disso.

— Maldito idiota.

Outro soco.

— Mantenha essa merda de cabeça erguida.

— Maldito idiota.

Senti o cheiro de fumaça de cigarro.

— Ele tossiu, eu não acredito nisso.

— Eu sei, que idiota.

Bateram no meu queixo.

— Devíamos apertar o saco dele.

— Maldito estuprador.

Eu fiquei gelado.

— Vamos fazer o que fizemos com os outros.

— Sim, dois idiotas malditos.

Bati com a cabeça no chão da van.

— Maldito idiota.

— E aqui?

Ouvi um barulho dentro da van.

— Atire esse maldito idiota para fora.

— Aqui?

A van, de repente, parecia mais fria.

Eles tiraram o lençol da minha cabeça.

Eu estava sozinho com Bigode, Grisalho e Castanho.

As portas da carroceria da van se abriram.

Do lado de fora, parecia amanhecer.

— Tire a algema desse idiota.

Bigode me puxou pelos cabelos e tirou a algema dos meus pulsos.

Eu podia ver campos marrons passando ao nosso lado.

— Ajoelhe-o aqui — disse Castanho.

Bigode e Grisalho me atiraram em direção às portas da van, ajoelhando-me de costas para os campos que passavam lá fora.

Castanho se ajoelhou na minha frente.

— É isso.

Ele pegou um revólver.

— Abre a boca.

Eu vi Paula deitada nua, com o rosto para baixo, na sua cama, com a boceta e o cu sangrando, e os cabelos completamente arrancados.

— Abre a boca!

Eu abri a boca.

Ele meteu o cano da arma na minha boca.

— Vou estourar sua maldita cabeça.

Eu fechei os olhos.

Seguiu-se um clique.

Eu abri os olhos.

— Tem alguma coisa estragando isso — ele riu.

— Maldito idiota de sorte — disse Bigode.

— Termine com isso — disse Grisalho.

— Vou tentar novamente.

Eu podia sentir o ar, o frio, os campos atrás de mim.

— Abre a boca.

Eu vi Paula deitada nua, com o rosto para baixo, na sua cama, com a boceta e o cu sangrando, e os cabelos completamente arrancados.

Eu abri a boca.

Castanho meteu o cano da arma na minha boca.

Eu fechei os olhos.

Seguiu-se um clique.

— Esse maldito idiota deve estar com o corpo fechado.

Eu abri os olhos.

Ele tirou a arma da minha boca.

— Terceira vez é sorte, hein?

— Foda-se — disse Bigode, agarrando o revolver e afastando Castanho.

Ele segurou o cano da arma, levantando-a acima da sua cabeça.

Eu vi Paula deitada nua, com o rosto para baixo, na sua cama, com a boceta e o cu sangrando, e os cabelos completamente arrancados.

Ele voltou a colocar a arma na minha cabeça.

— ESTAMOS NO NORTE. AQUI A GENTE FAZ O QUE QUER.

Eu caí para trás, vendo Paula deitada nua na estrada, com a boceta e o cu sangrando, e os cabelos completamente arrancados.

11

Nós pulávamos num rio, de mãos dadas.

A água estava fria.

Eu soltei sua mão.

Abri os olhos.

Aquilo tinha gosto de manhã.

Eu estava deitado ao lado da estrada, sob a chuva, e Paula estava morta.

Eu me sentei, com a cabeça quebrada, o corpo dormente.

Um homem saía de um carro parado um pouco adiante.

Olhei para os campos marrons e vazios e tentei me levantar.

O homem veio correndo na minha direção.

— Eu quase te matei!

— Onde estou?

— O que aconteceu com você?

Uma mulher estava de pé na porta do passageiro, olhando para nós.

— Um acidente. Onde estou?

— Doncaster Road. Você quer que a gente chame uma ambulância ou algo parecido?

— Não.

— A polícia?

— Não.

— Você não parece estar nada bem.

— Pode me dar uma carona?

O homem olhou para a mulher de pé ao lado do carro.

— Para onde?

— Conhece o Redbeck Café, no caminho para Wakefield?

— Sim — ele disse, olhando para mim, depois novamente para o carro. — Tudo bem.

— Obrigado.

E caminhamos lentamente em direção ao carro.

Eu entrei na parte de trás.

A mulher estava sentada na frente, olhando para a frente. Seus cabelos eram loiros, parecidos com os de Paula, porém mais compridos.

— Ele sofreu um acidente. Vamos levá-lo mais à frente — disse o homem à mulher, ligando o carro.

O relógio do carro marcava seis horas.

— Desculpe — eu disse. — Que dia é hoje?

— Segunda-feira — disse a mulher, sem olhar para trás.

Eu olhei para os campos marrons e vazios.

Segunda-feira, 23 de dezembro de 1974.

— Então amanhã é véspera de Natal?

— É — ela respondeu.

O homem me olhava pelo retrovisor.

Eu olhei para os campos marrons e vazios.

— Aqui? — perguntou o homem, parando na frente do Redbeck.

— Sim. Obrigado.

— Tem certeza de que não quer ir a um médico ou algo parecido?

— Sim, tenho certeza. Obrigado — respondi, saindo do carro.

— Adeus, então — disse o homem.

— Adeus, e muito obrigado — eu disse, fechando a porta.

A mulher continuava olhando para a frente enquanto se afastavam.

Atravessei o estacionamento, driblando as poças de lama com água de chuva e óleo, seguindo em direção aos quartos do hotel.

A porta do quarto 27 estava com uma fresta aberta.

Eu fiquei de pé, ouvindo.

Silêncio.

Abri a porta.

O sargento Fraser, de uniforme, dormia em meio a papéis e pastas, fitas e fotografias.

Eu fechei a porta.

Ele abriu os olhos, olhou para cima e se levantou.

— Porra — ele disse, olhando para o relógio.

— Eu sei.

Ele olhou para mim.

— Porra.

— Eu sei.

Ele foi à pia e deixou a água correr.

— É melhor você se sentar — ele disse, afastando-se da pia e chegando à base da cama.

Contornei os papéis e pastas, fotos e mapas, e me sentei na ponta da cama.

— O que você está fazendo aqui?

— Vou ser afastado.

— O que você fez?

— Te conheci.

— E daí?

— E daí que não quero ser afastado.

Eu ouvia a chuva caindo com força lá fora, caminhões dando ré e estacionando, caminhoneiros correndo em busca de cobertura.

— Como veio parar aqui?

— Sou policial.

— Sério? — perguntei, segurando minha cabeça.

— Ah, sério — ele respondeu, tirando o paletó e subindo as mangas da camisa.

— Você já esteve aqui antes?

— Não. Por quê?

— Por nada — respondi.

Fraser molhou na pia a única toalha que havia por ali e atirou-a em cima de mim.

Eu coloquei-a no meu rosto, passei-a pelos meus cabelos.

Ela saiu suja.

— Eu não fiz isso.

— Não perguntei.

Fraser pegou um lençol cinza e começou a rasgar tiras.

— Por que me deixaram ir embora?

— Não sei.

O quarto estava ficando preto, a camisa de Fraser, cinza.

Eu me levantei.

— Senta.

— Foi Foster, não foi?

— Senta.

— Foi Don Foster, eu sei, porra.

— Eddie...

— Eles sabem disso, não?

— Por que Foster?

— Porque ele está ligado a tudo isso.

— Você acha que Foster matou Clare Kemplay?

— Acho.

— Por quê?

— Por que não?

— Merda. E Jeanette Garland e Susan Ridyard?

— Também.

— E Mandy Wymer e Paula Garland?

— Também.

— Então por que pararia? E Sandra Rivett? Talvez não tenha sido Lucan, no final das contas, mas sim Don Foster. E a bomba em Birmingham?

— Vai se foder. Ela está morta. Todos estão mortos.

— Mas por quê? Por que Don Foster? Você não me deu nenhuma razão.

Eu me sentei na cama, com a cabeça entre as mãos, o quarto preto, nada fazia sentido.

Fraser me ofereceu duas tiras de lençol cinza.

Amarrei as tiras na minha mão direita, com força.

— Eles eram amantes.

— E daí?

— Eu preciso vê-lo.

— Você vai acusá-lo?

— Preciso conversar com ele sobre algumas coisas. Coisas que só ele sabe.

Fraser pegou seu paletó.

— Vou te levar.

— Você será afastado.

— Eu já te disse, vou ser afastado de qualquer maneira.

— Me dá as chaves, só isso.

— Por que eu te daria?

— Porque você é tudo o que eu tenho.

— Então você está fodido.

— Sim. Mas deixa eu resolver sozinho.

Ele parecia a ponto de vomitar, mas atirou as chaves para mim.

— Obrigado.

— Não fale nada sobre isso.

Fui até a pia e limpei o sangue do rosto.

— Você viu BJ? — perguntei.

— Não.

— Não foi ao apartamento?

— Fui ao apartamento.

— E?

— Ele foi embora ou sabe Deus o quê.

Ouvi cães latindo e homens gritando.

— Eu deveria ligar para minha mãe.

O sargento Fraser olhou para cima.

— O quê?

Eu estava de pé na porta, com as chaves na mão.

— Que carro é?

— O Maxi amarelo — ele disse.

Eu abri a porta.

— Tchau, então.

— Tchau.

— Obrigado — falei como se nunca mais fosse vê-lo.

Fechei a porta do quarto 27 e segui em direção ao estacionamento, em direção ao Maxi amarelo estacionado entre dois caminhões Findus.

Ao sair do Redbeck Café liguei o rádio. O IRA explodira a Harrods, o senhor Heath não fora atingido por minutos, Aston Martin explodiu, Lucan fora visto na Rodésia, e havia um novo Mastermind.

Eram quase oito, e eu estacionei ao lado dos altos muros da Trinity View.

Saí do carro e caminhei em direção aos portões.

Estavam abertos, as luzes brancas na árvore ainda acesas.

Eu olhei para a entrada.

— Merda — disse em voz alta, correndo em direção à casa.

Logo acima, um Rover atingira a traseira de um Jaguar.

Eu atravessei o gramado, escorregando no orvalho gelado.

A senhora Foster, num casaco de pele, estava curvada sobre algo na porta da frente.

Ela gritava.

Eu a agarrei, passando os braços sobre ela.

Ela gritava em todas as direções, com toda a força que podia. Eu tentava puxá-la. Para dentro de casa, para qualquer lugar.

Quando olhei para ele, olhei bem:

Gordo e branco, amarrado com um cabo preto que corria de seu pescoço e prendia suas mãos às costas, vestindo um macacão branco surrado, com os cabelos raspados, com a nuca vermelha.

— Não, não, não! — gritava a senhora Foster.

Os olhos de seu marido estavam arregalados.

A senhora Foster, com o casaco de pele encharcado pela chuva, correu novamente em direção ao corpo.

Eu a agarrei com força, ainda olhando para Donald Foster, para suas pernas brancas e gordas cheias de lama, para seus joelhos cheios de sangue, para as queimaduras triangulares nas suas costas, para sua cabeça.

— Entre! — eu gritei, agarrando-a com força, puxando-a pela porta da frente.

— Não, cubra-o.

— Senhora Foster, por favor...

— Por favor, cubra-o! — ela gritava, atirando seu casaco.

Estávamos dentro da casa, ao pé da escadaria.

Eu a puxei em direção ao primeiro degrau.

— Espere aqui.

Peguei o casaco de pele e fui para o lado de fora.

Atirei o casaco sobre Donald Foster.

E voltei a entrar.

A senhora Foster continuava no primeiro degrau.

Eu servi duas doses de uísque de um decantador de cristal que havia na sala de estar.

— Onde você estava? — ofereci uma boa dose de uísque para ela.

— Com Johnny.

— Onde está Johnny?

— Não sei.

— Quem fez isso?

Ela ergueu os olhos.

— Não sei.

— Johnny?

— Meu Deus, não!

— Quem, então?

— Eu já disse, não sei.

— Em quem vocês bateram naquela noite na Dewsbury Road?

— Por que quer saber isso?

— Diga!

— Quero que me diga por que isso importa agora.

Caindo, agarrando, prendendo. Como se os mortos estivessem vivos, e os vivos mortos, dizendo:

— Porque eu acho que eles mataram Clare Kemplay, e seja lá quem tenha matado Clare, matou também Susan Ridyard, e seja lá quem tenha sido, matou também Jeanette Garland.

— Jeanette Garland?

— É.

Ela arregalou os olhos de repente, e eu fiquei encarando aqueles olhos de panda, cheios de lágrimas e segredos, segredos que ela não podia conter.

Apontei para o lado de fora.

— Foi ele?

— Não, claro que não.

— Quem foi, então?

— Não sei. — Sua boca e mãos tremiam.

— Sabe, sim.

O copo estava solto em suas mãos, deixando cair uísque no vestido e na escada.

— Não sei.

— Sabe, sim — eu disse, olhando para o corpo de seu marido, que surgia no vão da porta com aquela enorme e maldita árvore de Natal. — Diga!

— Não toque nela, porra!

Johnny Kelly estava de pé no topo da escadaria, coberto de sangue e lama, com um martelo na mão.

Patricia Foster, parecendo distante de tudo aquilo, nem se moveu.

Eu segui para a porta.

— Você o matou?

— Ele matou Paula e Jeanette.

Queria que ele estivesse com a razão, mas sabia que não estava. E disse:

— Não, ele não matou.

— O que você sabe sobre isso? — Kelly descia a escada.

— Você o matou?

Ele continuava descendo, olhando diretamente para mim, com lágrimas nos olhos e bochechas, e um martelo na mão.

Eu dei outro passo para trás, vendo aquelas lágrimas.

— Você sabe que ele não fez isso.

Ele continuou se aproximando, as lágrimas também.

— Johnny, eu sei que você fez coisas ruins, coisas terríveis, mas sei que você não fez isso.

Ele parou no sopé da escadaria, com o martelo a centímetros dos cabelos da senhora Foster.

Eu caminhei em sua direção.

Ele deixou cair o martelo.

Eu me aproximei e peguei o martelo, limpando-o com um lenço cinza e sujo, como faziam os caras de Kojak.

Kelly olhava para ela.

Eu deixei o martelo cair.

Ele acariciou seus cabelos, misturando aquele sangue, que era de outra pessoa, em seus cachos.

Ela não se movia.

Eu me afastei.

Não queria saber de mais nada. Queria comprar drogas, bebida, e sumir dali.

Ele me encarou e disse:

— Melhor você dar o fora daqui.

Mas eu não podia.

— E você também — eu disse.

— Eles vão te matar.

— Johnny — eu disse, agarrando seu ombro. — Em quem vocês bateram na Dewsbury Road?

— Eles vão te matar, você será o próximo.

— Em quem? — perguntei, colocando-o literalmente contra a parede.

Ele não disse nada.

— Você sabe quem fez isso, não sabe? Você sabe quem matou Jeanette e as outras duas.

Ele apontou para fora da casa:

— Ele.

Atingi Kelly com força.

O astro da liga de rúgbi caiu.

— Merda.

— Não. Você estragou tudo.

Eu estava curvado sobre ele, tentando fazer com que revelasse seus malditos segredos.

Ele estava deitado no chão, aos pés dela, olhando para cima, como se tivesse apenas dez anos, e a senhora Foster balançava o corpo para a frente e para trás, como se tudo aquilo estivesse acontecendo na televisão de alguém.

— Diga!

— Foi ele — murmurou Kelly.

— Você é um mentiroso — eu disse, pegando o martelo que estava logo atrás de mim.

Kelly escapou entre minhas pernas, seguindo uma trilha de uísque até a porta de entrada.

— Você gostaria que fosse ele.

— Não.

Agarrei o colarinho dele, movendo seu rosto em direção ao meu.

— Você queria que fosse ele. Queria que fosse fácil.

— Foi ele, foi ele.

— Não foi, você sabe que não foi.

— Não.

— Você quer uma maldita vingança, me diga quem foi, quem fez aquilo naquela maldita noite.

— Não, não, não.

— Você não vai fazer nada quanto a isso. Então me diga, ou eu esmago essa sua cabeça de merda.

Ele afastava minha cabeça com as mãos.

— Está tudo acabado.

— Você queria que fosse ele, para terminar logo com isso. Mas você sabe que não terminou — gritei, atirando o martelo na escadaria.

Ela soluçava.

Ele soluçava.

Eu soluçava.

— Isso não vai terminar até você me contar em quem vocês bateram.

— Não!

— Não terminou.

— Não!

— Não terminou.

— Não!

— Isso não terminou, Johnny.

Ele soluçava, entre lágrimas e ódio.

— Terminou, sim.

— Diga, seu merda.

— Não posso.

Eu vi a lua durante o dia, o sol à noite, eu fodendo com ela, ela fodendo com ele, o rosto de Jeanette em todos os corpos.

Agarrei Kelly pela garganta e cabelos, com o martelo na minha mão enfaixada.

— Você transou com sua irmã.

— Não.

— Você era o maldito pai de Jeanette, certo?

— Não!

— Você era o pai de Jeanette.

Os lábios de Kelly se moviam, saía sangue deles.

Eu me aproximei do seu rosto.

Atrás de mim, ela disse:

— George Marsh.

Eu girei o corpo, agarrando-a e aproximando-a de nós dois.

— Repete.

— George Marsh — ela murmurou.

— O que tem ele?

— Na Dewsbury Road. Era George Marsh.

— George Marsh?

— Um dos capatazes de Donny.

“Debaixo desses lindos novos carpetes. Sobre a grama que cresce entre as rachaduras e pedras.”

— Onde ele está?

— Não sei.

Eu soltei os dois e ergui o corpo. O hall, de repente, parecia muito maior e mais iluminado.

Fechei os olhos.

Ouvi o barulho do martelo caindo no chão, os dentes de Kelly trincando, depois tudo ficou pequeno e escuro mais uma vez.

Fui ao telefone e peguei a lista telefônica. Procurei senhor e senhora Marsh e encontrei G. Marsh. Havia um em Netherton, no número 16 da Maple Well Drive. O telefone era 3657. Fechei a lista.

Peguei uma agenda telefônica e procurei.

George 3657, ali estava, com caneta-tinteiro.

Bingo.

Fechei a agenda.

Johnny Kelly tinha a cabeça entre as mãos.

A senhora Foster olhava para mim.

“Debaixo dessas lindas novas casas. Entre as rachaduras e pedras.”

— Há quanto tempo você sabe?

Aqueles olhos de águia estavam de volta:

— Eu não sabia — ela respondeu.

— Mentirosa.

A senhora Patricia Foster engoliu em seco.

— E quanto a nós?

— O quê?

— O que você vai fazer com a gente?

— Vou rezar para que Deus desculpe a merda que fizeram.

Caminhei em direção à porta de entrada e o corpo de Donald Foster.

— Aonde vai?

— Terminar tudo isso.

Johnny Kelly ergueu os olhos, com impressões digitais sangrentas pelo rosto.

— É tarde demais.

Deixei a porta aberta.

"Debaixo desses lindos novos carpetes, entre as rachaduras e pedras."

Segui com o Maxi de Fraser de volta a Wakefield, passando por Horbury, e a chuva voltou a cair com força.

Cantei as canções natalinas da Rádio 2, depois mudei para a Rádio 3, para evitar as Notícias das Dez, ouvindo a Inglaterra perder para Ashes na Austrália, repassando minhas próprias notícias das dez: Don Foster está morto.

Dois malditos assassinos, talvez três.

Eu seria o próximo?

Contando os assassinos.

Virando o Maxi em direção a Netherton, e a chuva caindo forte mais uma vez.

Contando os mortos.

Sentindo o gosto de arma na boca, sentindo o cheiro da minha própria merda.

Cães latiam, homens gritavam.

Paula morta.

Coisas que eu deveria fazer, coisas que eu deveria terminar.

"Debaixo desses lindos novos carpetes, entre as rachaduras e pedras."

Perguntei nos correios de Netherton, e uma senhora, que não trabalhava lá, me disse onde ficava a Maple Well Drive.

O número 16 era uma casa baixa, como todas as outras da rua, muito parecida com a de Enid Sheard e a de Goldthorpe. Um pequeno jardim bem cuidado, com cerca baixa e casa de pássaros.

Fosse lá o que tivesse feito George Marsh, não teria feito ali.

Abri o pequeno portão de metal e subi para o jardim. Podia ver as sombras da televisão.

Bati na porta de vidro, com o ar me ferindo.

Uma mulher gorda, com cabelos grisalhos e permanente, um pano de prato nas mãos, abriu a porta.

— Senhora Marsh?

— Sim.

— Esposa de George Marsh?

— Sim.

Eu abri a porta com força, no rosto dela.

— Que merda é essa? — ela perguntou, caindo de bunda no chão da casa.

Passei entre as botas de plástico e os sapatos de jardinagem.

— Cadê ele?

Ela estava com o pano de prato em cima do rosto.

— Cadê ele?

— Eu não o vi — ela respondeu, tentando se levantar.

Eu bati na cara dela.

Ela voltou a cair no chão.

— Cadê ele?

— Eu não vi.

Aquela puta, dona daquele rosto duro, estava com os olhos arregalados, tentando vencer as lágrimas.

Levantei a mão novamente.

— Cadê?

— O que ele fez? — Havia um talho sobre seus olhos, e o lábio inferior já sangrava.

— Você sabe.

Ela sorriu, um sorriso maldito.

— Diga, onde.

Ela ficou caída entre os sapatos e os guarda-chuvas, olhando para minha cara, com a

boca suja aberta num meio sorriso, como se estivéssemos pensando numa transa rápida.

— Onde?

— No galpão.

Eu sabia o que encontraria.

— Onde fica?

Ela continuava a sorrir. Ela sabia o que eu encontraria.

— Onde?

Ela ergueu o pano de prato.

— Não posso...

— Mostre — gritei, agarrando seu braço.

— Não!

Eu a levantei.

— Não!

Segui para a porta de trás.

— Não!

Arrastei-a para o jardim, e sua nuca estava ficando vermelha sob os cabelos grisalhos com permanente.

— Não!

— Para onde? — perguntei, já no portão.

— Não, não, não.

— Para que lado, porra? — perguntei, apertando com mais força.

Ela virou-se, olhando para trás, para trás da casa.

Eu a levei de volta para dentro, e fomos para os fundos da Maple Well Drive.

Havia um campo marrom e vazio atrás das casas, um campo que se erguia logo abaixo do céu branco e sujo. Uma porta e um caminho de trator, onde o campo encontrava o céu. Eu vi vários galpões escuros.

— Não!

Puxei-a contra a parede escura de pedra.

— Não, não, não.

— Cale essa boca maldita, puta. — E tapei sua boca com a mão esquerda, tapando também grande parte de seu rosto.

Ela tremia, mas não chorava.

— Lá em cima?

Ela me encarou, depois fez que sim.

— Caso ele não esteja por lá ou escute a nossa aproximação, vou te matar, entendeu?

Ela me encarava, e mais uma vez fez que sim.

Soltei sua boca, com maquiagem e batom em meus dedos.

Ela ficou parada contra o muro de pedra, não se movia.

Tomei seu braço e a fiz entrar.

Ela olhou para a linha de galpões escuros.

— Anda — eu disse, empurrando suas costas.

Ficamos parados no caminho do trator, com os sulcos deixados por suas rodas tomados de água preta, o ar cheirando a bosta de animais.

Ela fraquejou, caiu e voltou a levantar.

Eu olhei para Netherton, exatamente como Ossett, exatamente como todos os outros lugares.

Vi as casas baixas e as casas geminadas de dois andares, as lojas e as garagens.

Ela fraquejou, caiu e voltou a levantar.

Eu vi tudo aquilo.

Vi uma van branca subindo por ali, agitando sua pequena carga na parte traseira.

Vi uma van branca descendo por ali, com sua pequena carga silenciosa, parada.

Vi a senhora Marsh na pia da cozinha, com aquele maldito pano de prato nas mãos, observando a van chegar e ir embora.

Ela fraquejou, caiu e voltou a levantar.

Estávamos quase no topo da colina, quase chegando nos galpões. Eles pareciam um vilarejo de pedra da Idade Média, construídos com barro.

— Qual?

Ela apontou para o último, para um caminho de sacos de fertilizantes, ferros retorcidos e tijolos de construção.

Eu segui em frente, arrastando-a atrás de mim.

— Esta — murmurei, apontando para a porta de madeira preta com um saco de cimento, fazendo as vezes de janela.

Ela fez que sim.

— Abra.

Ela abriu a porta.

Eu a atirei lá dentro.

Havia uma mesa de trabalho e ferramentas, sacos de fertilizante e cimento, vasos de plantas. Sacos de plástico vazios cobriam o chão.

Cheirava a terra.

— Cadê ele?

A senhora Marsh soltava risadinhas, com o pano de prato sobre o nariz e a boca.

Eu me aproximei e dei um soco em cima do pano.

Ela se curvou e caiu de joelhos.

Eu agarrei seus cabelos grisalhos com permanente e a puxei em direção à mesa, pressionando seu rosto contra a madeira.

— Ha-ha-ha. Ha-ha-ha.

Ela gargalhava e gritava, seu corpo tremia inteiro, com uma das mãos caída sobre os sacos plásticos no chão, a outra levantando a saia até a altura da boceta.

Peguei uma espécie de cinzel, ou cortador de papel de parede.

— Cadê ele?

— Ha-ha-ha. Ha-ha-ha.

Seus gritos eram um zumbido, suas risadas também.

— Cadê ele? — E coloquei o cinzel sobre a sua garganta gorda.

— Ha-ha-ha. Ha-ha-ha.

Ela voltou a empurrar os sacos plásticos com os joelhos e os pés.

Eu dei uma olhada nos sacos e vi um pedaço de corda suja de lama.

Soltei seu rosto e deixei que se afastasse.

Mexi nos sacos e encontrei uma grande tampa de ralo e uma corda preta e suja.

Enrolei a corda entre minhas mãos e puxei a tampa, arrastando-a para o lado.

A senhora Marsh estava sentada no chão, sorrindo sob a mesa, movendo os joelhos histericamente.

Eu olhei pelo buraco, era um estreito buraco de pedra com uma escada de metal que descia por uns quinze metros. Uma descida sombria.

Seria uma espécie de buraco para drenagem ou a ventilação de uma mina.

— Ele está lá embaixo?

Ela batia os pés, cada vez com mais velocidade, com sangue ainda jorrando do nariz, caindo sobre sua boca. De repente, ela esticou as pernas e começou a esfregar o

pano de prato na parte superior das coxas e na calcinha vermelha.

Eu a agarrei debaixo da mesa e arrastei-a para fora.

— Ha-ha-ha. Ha-ha-ha.

Peguei um pedaço da corda que havia em cima da mesa. Passei pelo pescoço dela, depois desci em direção aos pulsos, finalmente dando um nó duplo na perna da mesa.

A senhora Marsh fez xixi na calças

Olhei para o buraco, girei o corpo e meti um dos pés na escuridão.

Desci, sentindo a escada, a fria escada de metal, as paredes de tijolos escorregadias.

Desci uns três metros.

Podia ouvir o som de água corrente além dos gritos da senhora Marsh.

Desci, seis metros.

Um círculo de luz cinza e loucura acima de mim.

Desci, dez metros, e as risadas e o pranto se perdiam na distância.

Eu podia sentir água lá embaixo, imaginando minas cheias de água escura e corpos com a boca aberta.

Desci, em direção à luz, sem olhar para cima, com uma única certeza: eu descia.

De repente, uma das paredes laterais do buraco desaparecera, e eu estava lá, sob a luz.

Virei-me, olhando para a boca amarela de uma passagem horizontal que se abria à minha direita.

Segui um pouco mais e depois me virei, colocando meus cotovelos na boca do buraco.

A luz era brilhante, o túnel estreito, em zigue-zague.

Incapaz de me manter de pé, arrastei minha barriga e cotovelos contra os tijolos duros, seguindo em direção à luz.

Eu suava, estava cansado e louco para me levantar.

Segui em frente, perdendo a noção da distância.

De repente, o teto ficou mais alto, e eu consegui ficar de joelhos, pensando em montanhas de lixo sobre minha cabeça, até que meus joelhos e canelas ficaram em carne viva e se rebelaram.

Eu podia ouvir coisas se movendo na luz fraca, ratos, ratazanas, pés de crianças.

Meti a mão num buraco e peguei um sapato: uma sandália infantil.

Deitei sobre os tijolos, sobre toda a poeira e lixo, e lutei contra as lágrimas,

agarrado ao calçado, incapaz de jogá-lo fora, incapaz de soltá-lo.

Ergui o corpo de repente e voltei a me mexer, movendo as costas em espasmos, um metro aqui, um pé ali.

Depois o ar se transformou, e o som da água desapareceu. Eu podia sentir o cheiro de morte e ouvir seus gemidos.

O teto ficou mais alto novamente, e havia toras de madeira acima da minha cabeça, depois dobrei numa esquina, e lá estava eu.

De pé na entrada de um grande túnel, sob a luz de dez lâmpadas Davy, ofegante, suando, morto de sede, tentando digerir tudo aquilo.

Era a maldita caverna do Papai Noel.

Deixei o sapato cair no chão, com lágrimas rolando em meu rosto sujo.

O túnel era interrompido por tijolos cinco metros à frente, com os tijolos pintados de azul com nuvens brancas, o chão coberto de tecidos rústicos e penas brancas.

Contra as duas paredes laterais, mais ou menos dez espelhos finos alinhados.

Anjos, estrelas e fadas de árvores de Natal dependurados nas vigas, tudo brilhando sob as luzes.

Havia caixas e bolsas, roupas e ferramentas.

Câmeras e luzes, gravadores e fitas.

E, sob a parede azul no extremo da sala, tapado por um tecido rústico, estava George Marsh.

Numa cama de rosas vermelhas mortas.

Atravessei as penas brancas, seguindo em sua direção.

Ele estava virado para a luz, com os olhos vazados, a boca aberta. Seu rosto era uma máscara de sangue vermelho e preto.

Marsh abriu e fechou a boca, com sangue escapando entre os lábios e o uivo de um cão convalescente surgindo de dentro de sua barriga.

Eu me curvei e olhei pelos buracos onde antes estavam seus olhos, pela boca onde sua língua antes falava.

Ergui o corpo e tirei o tecido rústico de cima dele.

George Marsh estava nu, morrendo.

Seu torso era púrpura, verde e preto, cheirava a cocô, lama, sangue queimado.

Seu pau e saco tinham sido cortados, deixando pele solta e bolsas de sangue.

Ele torcia o corpo e se aproximava de mim, seu dedo mindinho e polegar eram tudo

o que restava.

Voltei a cobri-lo.

Ele estava deitado ali, com a cabeça erguida, rezando por um fim. E o murmurar baixo de um homem que pedia pela morte tomava conta da caverna.

Fui às bolsas e caixas, tirando roupas e enfeites cintilantes de dentro delas, bolas de Natal e facas, coroas de papel e alfinetes gigantes, buscando livros, buscando palavras.

Encontrei fotos.

Caixas de fotos.

Fotos de meninas em idade escolar, fotos de seus rostos sorridentes, seus sorrisos brancos e abertos, seus grandes olhos azuis e peles rosadas.

Depois vi tudo novamente.

Fotos em preto e branco de Jeanette e Susan, joelhos sujos, mãos pequenas sobre olhos fechados, grandes flashes tomando conta da sala.

Os sorrisos adultos e os olhos das crianças, joelhos sujos em roupas de anjo, pequenas mãos em buracos sangrentos, gargalhadas brancas tomando conta da sala.

Vi um homem com coroa de papel e nada mais, comendo meninas pequenas naquele subterrâneo.

Vi sua esposa alinhavando roupas de anjo, beijando-as.

Vi um menino polonês deficiente roubando fotos e revelando outras.

Vi homens construindo casas, observando meninas brincando na rua, tirando fotos delas e tomando notas, construindo novas casas ao lado das antigas.

E então olhei para George Marsh mais uma vez, o Gaffer, agonizando em sua cama de rosas vermelhas mortas.

“George Marsh. Um bom homem.”

Mas não era suficiente.

Vi Johnny Kelly, com um martelo nas mãos, um trabalho pela metade.

Mas não era suficiente.

Vi um homem envolto em papéis e plantas arquitetônicas, consumido por visões obscuras de anjos, desenhando casas feitas de cisnes, implorando por silêncio.

Mas não era suficiente.

Vi o mesmo homem ajoelhado, numa esquina escura, gritando: Faça isso por mim, George, pois EU QUERO MAIS E QUERO AGORA.

Vi John Dawson.

E aquilo era muito, muito, aquilo era demais.

Saí correndo da sala, voltando ao túnel, engatinhando, ouvindo mais uma vez o som da água e do poço enquanto seguia em direção ao galpão, com seus gritos tomando conta da escuridão, tomando conta da minha cabeça:

“Tínhamos uma linda vista antes de construírem as novas casas.”

Cheguei à escada e subi, roçando minhas costas em busca da luz.

Eu subi, subi.

Cheguei ao topo, ao galpão.

Ela ainda estava ali, atada à mesa.

Eu me deitei sobre os sacos plásticos, ofegante, suando, morrendo de medo.

Ela sorriu para mim, com sangue no queixo e mijo nas coxas.

Eu peguei uma faca na mesa e cortei as cordas.

Empurrei-a em direção ao buraco e meti sua cabeça lá dentro, com a faca em seu pescoço.

— Você vai descer.

Girei o corpo dela e empurrei suas pernas ao vazio.

— Você pode descer ou cair. Eu não dou a mínima.

Ela colocou um dos pés nos degraus e começou a descer, olhando para mim.

— Até que a morte os separe — eu disse.

Seus olhos brilhavam no escuro, sem piscar.

Virei-me, peguei a corda preta e voltei a colocar a tampa na boca do buraco.

Peguei um saco de cimento e coloquei-o em cima da tampa, depois outro, outro e mais outro.

Depois peguei sacos de fertilizante e coloquei em cima dos sacos de cimento.

Sentei nos sacos e senti minhas pernas e pés congelados.

E me levantei, peguei um cadeado e uma chave na mesa.

Saí do galpão, fechando a porta e trancando-a com a chave.

Corri para fora, atirando a chave na lama.

A porta do número 16 continuava aberta, Crown Court na televisão.

Entrei e caguei.

Desliguei a televisão.

Sentei no sofá e pensei em Paula.

Depois fui ao quarto deles e mexi em todas as gavetas.

Encontrei uma pistola no armário e caixas de balas. Coloquei tudo numa bolsa grande e segui para o carro. Guardei a arma e as balas no porta-malas do Maxi.

Voltei à casa e dei uma última olhada, depois tranquei a porta e desci pelo jardim.

Fiquei parado no muro, olhando para as casas, com a chuva batendo na minha cara, eu coberto de lama.

Entrei no carro e fui embora.

4 LUV.

Tudo por amor.

Shangri-lá, pingos de chuva caindo de suas calhas. Eu, sozinho contra o céu cinzento.

Estacionei em outro ponto sujo de outra estrada deserta e subi mais uma rua triste.

Chovia granizo, e mais uma vez imaginei se para os gigantes peixes amarelos do lago aquilo fazia alguma diferença. Eu sabia que George Marsh sofria e que Don Foster também deve ter sofrido, mas não sabia como aquilo me fazia sentir.

Quis me aproximar e ver aqueles peixes grandes e brilhantes, mas segui em frente.

Não havia carros na entrada da casa, apenas duas garrafas molhadas de leite na porta, numa cesta branca.

Eu me senti mal e com medo.

Olhei para baixo.

Eu tinha uma arma na mão.

Toquei a campainha e ouvi o eco em Shangri-lá, pensando no maldito pau de George Marsh e nos joelhos de Don Foster.

Ninguém atendeu.

Toquei mais uma vez e comecei a bater com o nó dos dedos na porta.

Nada.

Tentei abrir.

Estava aberta.

Entrei.

— Oi?

A casa estava fria e praticamente em silêncio.

Fiquei parado na entrada e disse novamente:

— Oi?

Ouvi um ruído baixinho, seguido de um estalo seco.

Virei para a esquerda na grande sala de estar branca.

Acima de uma lareira que não era usada, uma grande fotografia ampliada de um cisne saindo de um lago.

Ela não estava sozinha:

Em todas as mesas, em todas as prateleiras, em todos os parapeitos de janelas, havia cisnes de madeira, de vidro, cisnes chineses.

Cisnes voando, cisnes dormindo, e dois cisnes gigantes se beijando, com os pescoços e bicos formando um grande coração.

Dois cisnes nadando.

Bingo.

Mesmo na proteção da lareira que não era usada.

Eu fiquei de pé, observando os cisnes, ouvindo o ruído e os cliques.

A sala estava congelada.

Caminhei em direção a uma grande caixa de madeira, deixando as marcas dos meus pés no carpete. Baixei a arma e levantei a tampa da caixa, tirando a agulha do disco. Era Mahler.

Songs for dead children.

Me virei rapidamente, olhando para fora, imaginando ter ouvido um carro se aproximar.

Mas era apenas o vento.

Fui até a janela e fiquei olhando para fora.

Havia algo por lá, algo no jardim.

Por um momento, imaginei ver uma menina cigana de cabelos castanhos sentada, com os pés descalços e galhos entre os cabelos.

Fechei os olhos, depois voltei a abrir, e a menina tinha ido embora.

Ouvi um barulho baixinho.

Voltei a pisar no carpete cor de creme e profundo, chutando um copo que estava no chão. Peguei o copo e coloquei-o num descanso para copos em formato de cisne que havia na mesa de centro, ao lado de um jornal.

Era o jornal do dia, o meu jornal.

Duas linhas de manchete, em letras graúdas, dois dias antes do Natal:

IRMÃ DE ESTRELA DO RÚGBI ASSASSINADA.

CONSELHEIRO PEDE DEMISSÃO.

Dois rostos, dois olhos pretos me encarando.
Duas matérias, do maldito Jack Whitehead e de George Greaves.
Peguei o jornal, sentei no grande sofá cor de creme e li as notícias:

> O corpo de Paula Garland foi encontrado pela polícia em sua casa de Castleford, no início da manhã de domingo, após os vizinhos terem alegado ouvir gritos.
>
> A senhora Garland, de 32 anos, era irmã do ex-jogador do Wakefield Trinity, Johnny Kelly. Em 1969, a filha da senhora Garland, Jeanette, de oito anos, desapareceu em seu caminho de volta à casa, vinda do colégio, e mesmo após uma enorme operação policial nunca foi encontrada. Dois anos mais tarde, em 1971, o marido da senhora Garland, Geoff, se suicidou.
>
> Fontes policiais disseram a este repórter que eles estão tratando a morte da senhora Garland como assassinato e que várias pessoas estão ajudando a polícia com seus depoimentos. Uma coletiva de imprensa foi marcada para amanhã de manhã, bem cedo.
>
> Johnny Kelly, de 28 anos, não foi localizado.

Os olhos escuros da imagem impressa, Paula não sorria, parecia já estar morta.

> William Shaw, líder do Partido Trabalhista e presidente do novo Conselho Metropolitano Distrital de Wakefield, pediu demissão no domingo, chocando a cidade.
>
> Num comunicado breve, Shaw, de 58 anos, alegou problemas crescentes de saúde como a razão por trás de sua decisão.
>
> William Shaw, irmão mais velho do ministro de Estado do Home Office, Robert Shaw, entrou na política trabalhista após passar pelo Sindicato dos Trabalhadores do Transporte. Chegou a ser gerente regional e representou o sindicato no Comitê Executivo Nacional do Partido Trabalhista.
>
> Ex-vereador e ativo há vários anos na política do West Riding, Shaw era também um líder na defesa das reformas no governo local e foi membro do

comitê Redcliff-Maud.

A eleição de Shaw como presidente do primeiro Conselho Metropolitano Distrital de Wakefield foi muito bem recebida, vista como a garantia de uma suave transição durante as mudanças que sofreriam o antigo West Riding.

Ontem à noite, fontes do governo local expressaram consternação diante do momento escolhido pelo senhor Shaw para pedir demissão.

O senhor Shaw também é o ativo presidente da Autoridade policial de West Yorkhsire, e não está claro se continuará sendo.

O ministro de Estado do Home Office, Robert Shaw, não foi encontrado e não opinou sobre o pedido de demissão do irmão. Dizem que o senhor Shaw está com amigos na França.

Dois outros olhos escuros no jornal. Shaw não sorria, parecia já estar morto.

Ah, menino maldito.

"E o grande público britânico teve a verdade que merece."

E eu tive a minha.

Larguei o jornal e fechei os olhos.

Enxerguei os dois em suas máquinas de escrever, Jack e George, cheirando a uísque, cientes de seus segredos, contando suas mentiras.

Vi Hadden lendo suas mentiras, ciente de seus segredos, servindo uísque para eles.

Eu queria passar uma centena de anos dormindo, acordar quando pessoas como eles tivessem desaparecido, quando eu já não tivesse sua tinta escura e suja nos dedos, em meu sangue.

Mas aquela maldita casa não me deixava, as teclas da máquina de escrever se misturavam a um barulho distante, tomando conta dos meus ouvidos, ensurdecendo meu crânio e ossos.

Eu abri os olhos. No sofá ao meu lado havia grandes rolos de papel, plantas de arquitetos.

Abri uma delas sobre a mesa de centro, em cima das fotos de Paula e Shaw.

Era a planta de um shopping center, The Swan Centre.

A ser construído na saída da M1 para Hunslet e Beeston.

Fechei os olhos novamente, a minha menina cigana estava de pé em seu círculo de fogo.

“Por conta do maldito dinheiro.”

The Swan Centre:

Shaw, Dawson, Foster.

Os Irmãos Box querendo entrar.

Foster fodendo os Irmãos Box.

Shaw e Dawson colocando seus vários prazeres à frente dos negócios.

Foster como diretor do circo, tentando manter o maldito circo em andamento.

Todos fora de sua liga, de sua árvore, ou seja lá do que fosse.

Todos fodidos.

“Por conta do maldito dinheiro.”

Eu me levantei e saí da sala de estar, entrando na cozinha fria e cheia de luz.

Uma torneira ligada numa pia de aço inoxidável vazia. Desliguei.

Ainda podia ouvir o barulho.

Havia uma porta que dava no jardim de trás da casa e outra para a garagem.

O barulho vinha da segunda porta.

Tentei abrir, mas não abria.

Debaixo da porta eu vi quatro magros pingos de água.

Tentei abrir mais uma vez, mas não abria.

Fui à porta dos fundos e corri para a frente da casa.

Não havia janelas na garagem.

Tentei abrir a porta da garagem, mas não abria.

Voltei para dentro da casa pela porta da frente.

Várias chaves dependuradas na fechadura pelo lado de dentro.

Peguei as chaves, voltando à cozinha e ao barulho.

Tentei a maior, a menor, outra.

A fechadura destrancou.

Eu abri uma fresta da porta e inalei fumaça de escapamento.

Merda.

Um Jaguar, com o motor ligado, sozinho na escuridão, no canto mais distante da garagem para dois carros.

Merda.

Peguei uma cadeira da cozinha e forcei a porta, chutando uma pilha de panos de prato úmidos.

Corri pela garagem, com a luz da cozinha iluminando duas pessoas sentadas nos bancos dianteiros e um tubo conectado ao escapamento e metido no vidro traseiro.

O rádio do carro estava ligado bem alto, Elton destilava Goodbye Yellow Brick Road.

Tirei o cano e mais toalhas úmidas do cano do escapamento e tentei abrir a porta do motorista.

Trancada.

Dei a volta e abri a porta do passageiro, recebendo uma grande baforada de monóxido de carbono e o corpo da senhora Marjorie Dawson, que ainda se parecia com minha mãe, com uma maldita bolsa térmica vermelha posta em volta da cabeça ao cair aos meus joelhos.

Tentei colocá-la de pé, curvando meu corpo sobre o dela, para desligar a ignição.

John Dawson estava caído sobre o volante, com outra bolsa térmica na cabeça, e as mãos amarradas à frente do corpo.

“Aí vamos nós outra vez. Conversas perigosas custam vidas.”

Os dois estavam azuis e mortos.

Merda.

Desliguei o motor, e Elton calou a boca, depois me sentei no chão da garagem, trazendo a senhora Dawson comigo, com sua cabeça metida na bolsa térmica sobre o meu colo, nós dois olhando para o marido dela.

O arquiteto.

John Dawson, finalmente, mas tarde demais, com o rosto metido numa bolsa térmica.

O maldito John Dawson, sempre um fantasma, naquele momento literalmente, um fantasma numa bolsa térmica.

O puto John Dawson, apenas com seus trabalhos restantes, iminente e perturbador, deixando-me tão fodido quanto os demais. Sem nenhuma chance de algum dia descobrir e sem a esperanca que isso poderia trazer, sentado a sua frente, com sua mulher em meus braços, desesperado para poder ressuscitar os mortos por um segundo, desesperado para reviver os mortos para apenas uma palavra.

Silêncio.

Ergui o corpo da senhora Dawson como pude, colocando-o no Jaguar, sobre o marido, com suas bolsas térmicas bem juntas, num crescente maldito silêncio.

Merda.

“Conversas perigosas custam vidas.”

Peguei meu lenço cinza e sujo e comecei a me limpar.

Cinco minutos mais tarde, fechei a porta da cozinha e voltei à casa.

E me sentei no sofá, próximo às plantas, os esquemas, os malditos sonhos, e pensei em meu sonho, com uma pistola no colo.

A casa estava em silêncio.

Eu me levantei e saí pela porta da frente de Shangri-lá.

Voltei ao Redbeck, com o rádio desligado, os limpadores de para-brisa movendo-se como ratos na escuridão.

Estacionei numa poça de água e peguei o saco de lixo preto no porta-malas. Segui pelo estacionamento, com as pernas doloridas de minha viagem subterrânea.

Abri a porta e saí da chuva.

O quarto 27 estava frio e vazio, o sargento Fraser fora embora.

Eu me sentei no chão, com as luzes apagadas, ouvindo os caminhões entrando e saindo, pensando em Paula e nas danças com pés descalços ao som do Top of the Pops, alguns dias atrás, como se fosse uma lembrança de outra era.

Pensei em BJ e Jimmy Ashworth, em adolescentes agachados nos armários gigantes e salas úmidas.

Pensei nos Myshkin e nos Marsh, nos Dawson e nos Shaw, nos Foster e nos Box, em suas vidas e crimes.

Depois pensei nos homens no subterrâneo, nas crianças que eles roubaram e nas mães que abandonaram.

E, quando já não podia chorar, pensei em minha própria mãe e me levantei.

As luzes amarelas da recepção estavam mais brilhantes que nunca, o fedor, mais forte.

Peguei o fone, disquei e segurei uma moeda.

— Alô?

Deixei cair a moeda.

— Sou eu.

— O que você quer?

Do outro lado das portas de vidro, a sala de bilhar estava vazia.

— Quero dizer que sinto muito.

— O que eles fizeram com você?

Olhei em volta, olhei para as poltronas marrons da recepção, buscando a velha.

— Nada.

— Um deles me bateu, você sabe.

Eu podia sentir meus olhos queimando.

— Na minha casa, Edward!

— Sinto muito.

Ela chorava. Eu podia ouvir a voz de minha irmã ao fundo. Ela gritava com minha mãe. Li os nomes e promessas, ameaças e números, tudo escrito no telefone.

— Por favor, venha para casa.

— Não posso.

— Edward!

— Sinto muito, mãe. Mesmo.

— Por favor!

— Eu te amo.

E desliguei.

Voltei a pegar o fone, tentei ligar para o número de Kathryn, mas não conseguia me lembrar, desliguei outra vez e corri de volta ao quarto 27.

O céu acima de mim era limpo e azul, sem nenhuma nuvem.

Ela estava do lado de fora, na rua, apertando um cardigã vermelho ao redor do corpo, sorrindo.

Seus cabelos eram loiros e voavam na brisa.

Ela veio na minha direção, passando os braços ao redor do meu pescoço e ombros.

— Não sou um anjo — ela murmurou entre os meus cabelos.

Nos beijamos, com sua língua contra a minha.

Eu acariciei suas costas com minhas mãos, pressionando nossos corpos um contra o outro.

O vento jogava seus cabelos no meu rosto.

Ela se afastou quando eu gozei.

Acordei no chão, com porra na calça.

De cueca na pia do meu quarto no Redbeck, com água morna caindo sobre meu peito e o chão, querendo ir para casa, mas não querendo ser o filho de ninguém, não

querendo ver fotos de filhas sorridentes no espelho.

De pernas cruzadas, no chão do meu quarto no Redbeck, desenrolava as ataduras pretas da minha mão, parando junto à carne e às feridas, cortando um tecido com os dentes e enrolando-o na minha mão, com feridas piores arreganhando os dentes na parede logo acima.

De volta às minhas roupas enlameadas, na porta do meu quarto no Redbeck, engolindo pílulas e acendendo cigarros, querendo dormir, mas não querendo sonhar, pensando que aquele seria o dia da minha morte, com fotos de Paula dando adeus.

12

Uma hora da manhã.

Rock On.

Terça-feira, 24 de dezembro de 1974.

Maldita noite de Natal.

Os sinos estão tocando, você escuta?

Eu descia a Barnsley Road, em direção a Wakefield, com as casas apagando suas luzes de Natal, The Good Old Days terminado.

Levava a pistola na mala do carro.

Atravessei o Calder, passei pelo mercado, entrando na Bullring, com a catedral sob o céu escuro.

Tudo estava morto.

Parei na frente de uma loja de sapatos.

Abri a mala.

Tirei a pistola de dentro do saco de lixo preto.

Carreguei a pistola ainda na mala do carro.

Coloquei mais algumas balas em meu bolso.

Tirei a pistola da mala.

Fechei a mala do carro.

Caminhei pela Bullring.

No primeiro piso do Strafford, as luzes estavam acesas, na parte de baixo estava tudo escuro.

Abri a porta e subi a escada, um degrau de cada vez.

Eles estavam no bar, com uísques e charutos por todos os lados:

Derek Box e Paul, o sargento Craven e o policial Douglas.

Rock and Roll Part 2 tocava no juke-box.

Barry James Andersen, com seu rosto preto e azul, dançava sozinho num canto.

Eu tinha uma das mãos no cano, a outra no gatilho.

Eles ergueram os olhos.

— Puta que o pariu — disse Paul.

— Abaixe essa arma — disse um dos policiais.

Derek Box sorria:

— Boa noite, Eddie.

Eu lhe perguntei o que ele já sabia:

— Você matou Mandy Wymer?

Box girou o corpo e deu uma boa tragada num charuto gordo.

— Sério?

— E Donald Foster?

— E daí?

— Quero saber por quê.

— O jornalista, como sempre. Por que não tenta imaginar, Senhor Furo?

— Por causa de um maldito shopping center?

— Sim, por causa de um maldito shopping center.

— O que Mandy Wymer tinha a ver com um shopping center?

— Quer que eu diga?

— Sim, quero que diga.

— Sem arquiteto, não tem shopping center.

— Então ela sabia?

Ele gargalhava.

— Quem sabe?

Vi meninas pequenas e novas plantas de shopping, mulheres mortas com os cabelos arrancados e a chuva batendo em suas cabeças.

Eu disse:

— Você se divertiu.

— Eu te avisei desde o princípio. A gente ia conseguir o que queria.

— E o que era?

— Vingança e dinheiro. A combinação perfeita.

— Eu não queria vingança.

— Você queria fama — disse Box. — É a mesma coisa.

Lágrimas corriam pelo meu rosto, em direção aos meus lábios.

— E Paula? Por quê?

Box deu outra tragada em seu charuto gordo.

— Como eu disse, não sou nenhum anjo...

Eu atirei no peito dele.

Ele caiu em cima de Paul.

Rock’n’ Roll.

Eu carreguei a arma.

Atirei novamente e atingi o flanco de Paul, fazendo-o cair.

Rock’n’ Roll.

Os dois policiais ficaram parados, olhando.

Voltei a carregar a arma e atirei.

Atingi o policial mais baixo no ombro.

Comecei a recarregar, mas o policial mais alto, o de barba, deu um passo à frente.

Eu virei a arma, pondo o cano ao lado de seu rosto.

Ele ficou parado, olhando para mim, com sua cabeça pendendo para um lado, com um pequeno fio de sangue escorrendo de sua orelha e caindo no paletó.

Rock’n’ Roll.

A sala ficou cheia de fumaça e do cheiro forte dos tiros.

A mulher atrás do bar gritava, havia sangue em sua blusa.

Um homem numa mesa perto da janela tinha a boca aberta e as mãos para cima.

O policial mais alto continuava de pé, com os olhos vazios, e o mais baixo engatinhava em direção ao banheiro.

Paul estava caído de costas, olhando para o teto, abrindo a boca e fechando os olhos.

Derek Box estava morto.

BJ parara de dançar.

Apontei a arma para ele, com o peito aberto.

E perguntei:

— Por que eu?

— Você veio muito bem recomendado.

Joguei a arma no chão e voltei a descer a escada.

Voltei a Ossett.

Estacionei o Maxi de Fraser num supermercado e caminhei de volta a Wesley

Street.

O Viva estava parado na porta, a casa da minha mãe no escuro, adormecida.

Entrei no carro e liguei o motor e o rádio.

Acendi meu último cigarro e rezei.

Clare, essa é para você.

Susan, essa é para você.

Jeanette, essa é para você.

Paula, todas são para você.

E para os não nascidos.

Fiquei sentado ali, cantando The Little Drummer Boy, com aqueles dias de folga, aqueles dias abençoados, descendo.

Esperando as luzes azuis.

A cento e quarenta por hora.

COPYRIGHT © 1999 DAVID PEACE
TÍTULO ORIGINAL: NINETEEN SEVENTY FOUR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

DIRETOR EDITORIAL: THALES GUARACY
GERENTE EDITORIAL: ROGÉRIO EDUARDO ALVES
EDITORA: DÉBORA GUTERMAN
EDITORES-ASSISTENTES: JOHANNES C. BERGMANN, PAULA CARVALHO
ASSISTENTE EDITORIAL: LUIZA DEL MONACO
DIREITOS AUTORAIS: RENATO ABRAMOVICIUS
EDIÇÃO DE ARTE E CAPA: CARLOS RENATO
SERVIÇOS EDITORIAIS: LUCIANA OLIVEIRA

IMAGEM DA CAPA: IMAGE SOURCE/GETTY IMAGES KAMIL VOJNAR/GETTY IMAGES

PREPARAÇÃO: LUCIANA ARAUJO
REVISÃO: PEDRO PAULO DA SILVA E LAILA GUILHERME

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P37m
v.1
Peace, David
1974 [recurso eletrônico] / David Peace ; tradução Rodrigo Peixoto. - São Paulo : Benvirá, 2012.
438 p., recurso digital (Red riding ; n.1)
Tradução de: Nineteen seventy-four
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Continua com: 1977
ISBN 978-85-64065-55-0 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Mil novecentos e setenta e quatro. III. Série.
12-8913. CDD: 823
CDU: 821.111-3
05.12.12 11.12.12
041293

1ª EDIÇÃO, 2012

NENHUMA PARTE DESTA PUBLICAÇÃO PODERÁ SER REPRODUZIDA POR QUALQUER MEIO OU FORMA SEM A PRÉVIA AUTORIZAÇÃO DA SARAIVA S/A LIVREIROS EDITORES. A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS É CRIME ESTABELECIDO NA LEI NO 9.610/98 E PUNIDO PELO ARTIGO 184 DO CÓDIGO PENAL.

BENVIRÁ, UM SELO DA EDITORA SARAIVA.
RUA HENRIQUE SCHAUMANN, 270 | 8º ANDAR
CEP 05413-010 | PINHEIROS | SÃO PAULO | SP
WWW.BENVIRA.COM.BR